



The Dark Divine

BREE DESPAIN





Tradução

Juliana Dias

Mariana Dal Chico

Grupo Shadows Secrets

Revisão

Thaís Fernandes

Grupo Shadows Secrets



Sinopse

Grace Divine, filha do pastor local, sempre soube que algo terrível aconteceu na noite em que Daniel Kalbi desapareceu - na noite em que ela encontrou seu irmão Jude caído na varanda, coberto do seu próprio sangue - mas ela não tem idéia de que segredo verdadeiramente monstruoso aquela noite guarda.

As memórias que sua família tentaram enterrar voltam a tona quando Daniel retorna, três anos depois, e se matricula no colégio de Grace e Jude. Apesar de prometer a Jude que ela vai ficar afastada, Grace não pode negar sua atração pelas chocantes habilidades artísticas de Daniel, pelo seu modo de fazer com que ela olhe para o mundo de novos ângulos, e pelo estranho e faminto brilho em seus olhos.

Quanto mais perto Grace fica de Daniel, mais ela arrisca a própria vida, enquanto suas ações provocam ressentimento em Jude e levam-no a abraçar o antigo mal que Daniel desatou naquela noite terrível. Grace deve descobrir a verdade por trás do segredo do garoto sombrio... e a cura que pode salvar quem ela ama. Mas ela pode ter de estabelecer o sacrifício final para fazer isso - sua alma.

Sumário

Sacrifício	6
Capítulo Um - Pródigo	7
Capítulo Dois – Promessas, Promessas.....	17
Capítulo Três – Tábula Rasa	22
Capítulo Quatro – Interação Divina	25
Capítulo Cinco – A Caridade Nunca Falha	39
Capítulo Seis – Operador de Milagres	47
Capítulo Sete – Obrigações	57
Capítulo Oito – Tentação	66
Capítulo Nove – Ação de Graças	82
Capítulo Dez – Inesperado	92
Capítulo Onze – Revelações	97
Capítulo Doze – Perguntas Não Respondidas.....	112
Capítulo Treze – Cães do Céu	120
Capítulo Quatorze – Alturas Tão Grandes.....	126
Capítulo Quinze – A Ovelha Perdida	137
Capítulo Dezesseis – Desfeita.....	148
Capítulo Dezesete – Lobo em Pele de Cordeiro.....	151
Capítulo Dezoito – Livro dos Segredos	162
Capítulo Dezenove – Escolhas	171
Capítulo Vinte – Medos.....	180
Capítulo Vinte e Um – Sem Esperanças.....	184
Capítulo Vinte e Dois – Alfa e Ômega	193

Capítulo Vinte e Três – Verdade.....	198
Capítulo Vinte e Quatro – Sempre.....	200
Capítulo Vinte e Cinco – O Outro.....	210
Capítulo Vinte e Seis – Herói.....	222
Capítulo Vinte e Sete – Melancólico	235
Capítulo Vinte e Oito – Redenção.....	242

Sacrifício

Sangue enche a minha boca. Fogo queima nas minhas veias. Eu engoli um uivo. A faca prateada desliza – a escolha é minha.

Eu sou morte ou vida. Eu sou salvação ou destruição. Anjo ou demônio.

Eu sou graça.

Eu mergulho na faca.

Este é meu sacrifício –

Eu sou o monstro.

Capítulo Um

Pródigo

DEPOIS DO ALMOÇO

“Grace! Você tem que ver o cara novo.” April pulou em mim no corredor. Às vezes ela me lembrava um cocker spainel¹ que eu tinha – ela tremia de excitação por qualquer coisa.

“O cara mais quente que já existiu?” Eu quase larguei minha mochila. Combinação de armário estúpida.

“Sem chance. Esse cara é totalmente nojento. Ele foi chutado das suas últimas duas escolas e Brett Johnson disse que ele está em liberdade condicional.” April sorriu. “Além do mais, todos sabem que o Jude é o cara mais quente que já existiu.” Ela me deu uma cotovelada do lado.

Eu tirei minha mochila. Minha caixa de lápis de cera caiu aos meus pés. “Eu não saberia.” Eu resmunguei e agachei para pegar meus lápis de cera quebrados. “Jude é meu irmão, lembra?”

April rolou seus olhos. “Ele perguntou de mim no almoço, certo?”

“Sim” – eu peguei os pedaços de giz – “ele disse, ‘Como está a April?’ e eu disse, ‘Ela está bem,’ então ele me deu metade do seu sanduíche de peru.” Eu juro, que se ela tivesse um osso desleal em seu corpo, eu me preocuparia por April ser minha amiga apenas para ficar perto do meu irmão – como metade das outras garotas na escola.

“Se apresse,” ela disse, olhando por cima do seu ombro.

“Você poderia ajudar.” Eu sinalizei com um giz quebrado para ela. “Eu comprei estes na volta do meu café.”

¹ Raça de cão.

April agachou e pegou um azul. “Aliás, por que estes? Eu achei que você estava trabalhando com lápis de carvão.”

“Não consigo fazê-lo parecer bom.” Eu puxei o pedaço de giz dos seus dedos e coloquei de volta na caixa. “Estou começando novamente.”

“Mas o prazo é amanhã.”

“Eu não posso entregá-lo se não parecer bom.”

“Eu não acho que parece tão ruim,” April disse. “Além do mais, esse cara novo parece ter gostado.”

“O que?”

April saltou para cima. Ela agarrou meu braço. “Vamos. Você tem que ver isso.” Ela foi em direção à sala de arte, me puxando com ela.

Agarrei-me aos meus lápis de cera. “Você é tão estranha.”

April riu e acelerou o passo.

“Aí vem ela,” Lynn Bishop falou quando nós viramos no corredor do departamento de arte. Um grupo de estudantes estava congregados na frente da porta. Eles foram para o lado quando nós nos aproximamos. Jenny Wilson olhou para mim e sussurrou alguma coisa para Lynn.

“Qual é o problema?” Eu perguntei.

April apontou. “Ali.”

Eu parei e encarei ele. Esse cara ultrapassou todos os limites do código de vestimenta do Holy Trinity usando uma camiseta cheia de buracos da Wolfsbane² e um jeans escuro e sujo, rasgado nos joelhos. Seu cabelo desganhado e pintado de preto escondia seu rosto, ele segurava uma folha de papel grande em suas mãos pálidas. Era meu desenho a carvão e ele estava sentado no meu lugar.

Eu deixei o grupo de espectadores e fui para a mesa. “Com licença, você está no meu lugar.”

“Então você deve ser a Grace,” ele disse sem olhar para cima. Alguma coisa em sua voz grossa fez os pelos do meu braço se arrepiarem.

² Banda inglesa de heavy metal.

Eu dei um passo para trás. “Como você sabe meu nome?”

Ele apontou para a etiqueta com o nome na cesta de suprimentos que eu deixei durante o almoço. “Grace Divine.” Ele bufou. “Seus pais devem ter algum complexo de Deus. Eu aposto que seu pai é ministro.”

“Pastor. Mas isso não é da sua conta.”

Ele segurou meu desenho na sua frente. “Grace Divine. Eles devem esperar ótimas coisas de você.”

“Eles esperam. Agora se mexa.”

“Este desenho não é nada ótimo,” ele disse. “Estes ramos estão errados e esses laços deveriam estar virados para cima, não para baixo.” Ele pegou um dos meus lápis de carvão entre seus dedos finos e desenhou no papel.

Eu estava possuída por sua audácia, mas eu não podia acreditar na facilidade que ele tinha para traçar linhas grossas e finas pretas em impressionantes ramos de carvão. A mesma árvore que eu tinha agonizado durante toda a semana ganhou vida no papel. Ele usou o lado do seu dedo mínimo para manchar o carvão do tronco – um grande ‘não’ na aula do Barlow, mas a mistura bruta deu o efeito certo nas cascas das árvores. Eu o observei fazer a sombra na parte inferior dos ramos, então ele começou a arrumar o nó da mais baixa. Como ele sabia como aquele nó deveria ser?

“Pare,” eu disse. “Isso é meu. Devolva.” Eu tentei pegar o papel, mas ele o colocou longe. “Me dá!”

“Beije-me,” ele disse;

Eu ouvi April ganir.

“O que?” Eu perguntei.

Ele se inclinou sobre o desenho. Seu rosto ainda estava obscurecido por seu cabelo desgrenhado, mas um pingente de pedra preto escapou da sua camiseta. “Beije-me e eu te devolvo.”

Eu agarrei sua mão que segurava o carvão. “Mas quem você pensa que é?”

“Então você não me reconheceu?” Ele olhou para cima e tirou o cabelo do seu rosto. Suas bochechas eram pálidas e escavadas, mas seus olhos me fizeram engasgar. Os mesmos olhos escuros que eu costumava chamar de ‘torta de lama’.

“Daniel?” Eu soltei sua mão. O lápis de carvão caiu na mesa. Um milhão de perguntas se debateram no meu cérebro. “O Jude sabe que você está aqui?”

Daniel passou seus dedos em volta do pingente negro que estava pendurado no seu pescoço; Seus lábios se abriram como se ele fosse falar.

O Sr. Barlow veio até nós, os braços cruzados em frente do seu peito de barril. “Eu disse para você reportar ao escritório do conselheiro antes de se juntar a essa aula,” ele disse para o Daniel. “Se você não pode me respeitar, jovem, então talvez você não pertença a este lugar.”

“Eu estava saindo.” Daniel empurrou a cadeira para trás e esbarrou ao passar por mim, seu cabelo tingido velando seus olhos. “Vejo você mais tarde, Gracie.”

Eu olhei para o desenho a carvão que ele deixou para trás. As linhas pretas laçadas juntas em uma silhueta solitária e familiar de uma árvore. Eu passei pelo Sr. Barlow e o grupo de estudantes na porta. “Daniel!” Eu gritei. Mas o corredor estava deserto.

Daniel era bom em desaparecer. Era o que ele fazia de melhor.

JANTAR

Eu escutei os garfos e facas tilintando nos pratos e temendo minha vez no infame ritual diário da família Divine – o ‘então, o que você fez hoje?’ parte do jantar.

Papai foi o primeiro. Ele estava bastante animado com a campanha de caridade patrocinado pelos paroquianos. Tenho certeza que foi uma mudança boa para ele. Ultimamente ele ficou tão entocado no seu gabinete que Jude e eu brincamos que ele deveria estar tentando criar sua própria religião. Mamãe nos disse sobre seu novo interno na clínica e que o Bebê James tinha aprendido as palavras ervilhas, maçã e tartaruga na creche. Charity relatou que ela tirou um A na sua prova de ciência.

“A maioria dos meus amigos vão doar casacos para a campanha de roupas,” Jude anunciou quando ele terminou de cortar o pedaço de carne do Bebê James em pequenos pedacinhos.

Eu não estava surpresa. Algumas pessoas na Rose Crest tentaram alegar que a bondade de Jude era apenas um ato, mas ele era realmente uma pessoa boa. Quero dizer, quem mais ia desistir da liberdade do último ano para fazer um estudo independente na paróquia três tardes por semana? Ou deixar de fazer parte da equipe de hockey com todos

seus amigos porque ele não estava disposto a ser agressivo o suficiente. Às vezes era difícil ser sua irmã mais nova, mas era quase impossível não amar o Jude.

Eu odiava o pensamento do que minhas novidades poderiam fazer com ele.

“Isso é ótimo,” Papai disse para o Jude.

“Sim.” Ele sorriu. “Ontem, eu disse para todos que eu estava doando um casaco e os encorajei a ajudarem.”

“Qual casaco você está doando?” Mamãe perguntou. “O vermelho.”

“O seu North Face³? Mas esse é praticamente novo.”

“Porque eu mal usei nos últimos três anos. Parece-me egoísta manter no meu armário quando alguém poderia usá-lo.”

“Jude está certo,” Papai disse. “Nós precisamos de roupas de boa qualidade. Ainda nem é o dia de Ação de Graças e já está previsto outra quebra de recorde para o inverno.”

“Sim!” Charity aplaudiu. Mamãe resmungou. Ela nunca entendeu por que as pessoas que nascem no Minnesota lutam para quebra de recorde do frio.

Eu estava mexendo meu purê de batata pelo meu prato com o garfo quando Papai virou para mim e fez a pergunta que eu não queria responder. “Esta noite você está particularmente quieta, Grace. Como foi seu dia?”

Eu abaixei meu garfo. O pedaço de bolo de carne na minha boca pareceu isopor quando eu engoli. “Hoje eu vi o Daniel.”

Mamãe ergueu o olhar da tentativa de evitar que o James espalhasse sua comida pela mesa. O olhar dizia, nós não mencionamos este nome em nossa casa, passou por seus olhos.

Nós conversamos sobre tudo em volta da nossa mesa da cozinha: morte, gravidez na adolescência, política, até a injustiça religiosa no Sudão – mas tem um tópico que nós nunca falamos mais: Daniel.

Papai limpou sua boca com o guardanapo. “Grace e Jude, vocês dois poderiam ajudar amanhã à tarde na campanha. Nós tivemos uma ótima resposta a campanha de

³ Marca de jaqueta.

caridade. Eu nem posso colocar mais coisas no escritório, está cheio de milho em conserva.” Ele deu uma risada discreta.

Eu limpei a garganta. “Eu falei com ele.”

A risada do papai ficou estrangulada, quase como se ele tivesse sufocando.

“Whoa,” Charity disse, seu garfo parou no meio do caminho até sua boca. “Cuidado com as revelações, Grace.”

Jude empurrou sua cadeira. “Vocês me dão licença?” ele perguntou e colocou seu guardanapo na mesa. Ele não esperou por resposta e saiu da cozinha.

Eu olhei para mamãe. Agora olhe o que você fez, seus olhos pareciam dizer.

“Ervilhas!” James gritou. Ele jogou um punhado delas na minha cara.

“Sinto muito,” eu murmurei e sai da mesa.

MAIS TARDE

Eu encontrei o Jude sentado no alpendre, envolvido num cobertor de malha azul do sofá. Seu hálito fazia nuvens brancas no seu rosto.

“Está muito frio, Jude. Venha para dentro.”

“Está tudo bem.”

Eu sabia que ele não estava. Poucas coisas deixavam o Jude chateado. Ele não gostava do jeito que algumas garotas na escola diziam coisas cruéis e depois tentavam amenizar com um ‘brincadeirinha’. Ele odiava quando as pessoas diziam o nome do Senhor em vão, ele absolutamente não tolerava quem dizia que o Wild⁴ nunca ganha a Copa Stanley. Mas Jude nunca grita ou fala alto quando está bravo. Ele fica muito quieto e se fecha em si mesmo.

Eu esfreguei meus braços para aquecer e sentei perto dele nos degraus. “Desculpe por eu ter falado do Daniel. Eu não quis deixar você bravo.”

⁴ Time de hóquei no gelo do estado de Minnesota, EUA.

Jude massageou suas cicatrizes paralelas que estavam no dorso da sua mão esquerda. Isso era uma coisa que ele fazia muito. Eu me perguntei se ele tinha consciência disso. “Não estou bravo,” ele disse finalmente. “Estou preocupado.”

“Com o Daniel?”

“Com você.” Jude olhou nos meus olhos. Nós temos o mesmo nariz romano e cabelos castanhos escuros, mas a semelhança dos nossos olhos violetas sempre me fazia sentir um pouco estranha – especialmente agora, quando eu vi quanta dor estava refletido em seu olhar. “Eu sei como você se sente sobre ele...”

“Sentia. Isso foi há três anos. Eu era apenas uma criança.”

“Você ainda é uma criança.”

Eu quis dizer alguma coisa compatível, como Você também, porque ele era um pouco mais de um ano mais velho que eu. Mas eu sabia que ele não estava querendo dizer o que ele disse. Eu apenas desejava que o Jude percebesse que eu tinha quase dezessete; eu estava saindo com garotos e dirigindo há quase um ano.

O ar gelado passou pela minha blusa fina de algodão. Eu estava para entrar quando o Jude colocou minha mão nas suas.

“Gracie, você me promete uma coisa?”

“O que?”

“Se você vir o Daniel novamente, prometa que você não vai falar com ele?” “Mas-”

“Escute-me,” ele disse. “O Daniel é perigoso. Ele não é mais a pessoa que ele era. Você tem que prometer ficar longe dele.”

Eu torci o dedo num fio do cobertor.

“Estou falando sério Grace. Você tem que prometer.”

“Tudo bem. Eu vou.”

Jude apertou minha mão e olhou para longe. Parecia que ele estava olhando para vários quilômetros de distância, mas eu sabia que seu olhar repousava na noqueira – aquela que eu estava tentando desenhar na aula de arte – que separava nosso quintal do vizinho. Eu me perguntei se ele estava pensando naquela noite, três anos atrás, quando ele viu o Daniel pela última vez – a última vez que qualquer um de nós o tinha visto.

“O que aconteceu?” Eu sussurrei. Já fazia um bom tempo desde que eu tinha coragem para fazer essa pergunta. Minha família agia como se isso não fosse nada. Mas nada não era ruim o suficiente para explicar porque eu e Charity fomos mandadas para a casa de nossos avós por três semanas. Nada não explicava a cicatriz fina e branca – igual àquelas da sua mão – acima do olho esquerdo do meu irmão.

“Nós não devemos dizer coisas ruins sobre os mortos,” Jude murmurou.

Eu chacoalhei minha cabeça. “Daniel não está morto.”

“Ele está para mim.” O rosto do Jude ficou ilegível. Eu nunca o tinha ouvido falar assim antes.

Eu inspirei uma lufada de ar frio e olhei para ele, desejando que eu pudesse ler seus pensamentos por trás daqueles olhos inflexíveis. “Você sabe que pode me contar qualquer coisa?”

“Não, Gracie, eu realmente não posso.”

Suas palavras doeram. Eu puxei minha mão do seu aperto. Eu não sabia o que mais responder.

Jude se levantou. “Deixe isso para lá,” ele disse suavemente enquanto colocava o cobertor em volta dos meus ombros. Ele subiu os degraus e eu escutei a porta de tela se fechar. A luz azul da televisão cintilava através da janela da frente.

Um grande cachorro preto passou pela rua deserta. Parou debaixo da nogueira e olhou na minha direção. A língua do cachorro estava fora da sua boca. Seus olhos fixos em mim brilhavam com a luz azul. Meus ombros desmoronaram com um tremor e eu olhei para a árvore.

Tinha nevado antes do Halloween, mas a neve já tinha derretido poucos dias depois e provavelmente não iria nevar novamente até o Natal. Nesse meio tempo, tudo no jardim estava duro, amarelo e marrom, com exceção da nogueira, que estalava com o vento. Era branco como a cinza e ficava como um fantasma oscilando na luz da lua cheia.

Daniel estava certo sobre o meu desenho. Os galhos estavam todos errados e o nó no mais baixo deveria estar virado para cima. O Sr. Barlow tinha nos pedido para desenhar alguma coisa que lembrasse nossa infância. Tudo o que eu via era a árvore velha quando eu olhava para meu pedaço de papel. Mas nos últimos três anos, eu desviava o olhar quando passava por ela. Doía pensar naquilo – pensar no Daniel. Agora, enquanto

eu estava sentada no alpendre, olhando aquela árvore velha balançar no luar, parecia mexer com as minhas lembranças até que eu não podia deixar de lembrar.

O cobertor escorregou dos meus ombros quando me levantei. Eu olhei para a janela da sala da frente e depois para a árvore. O cachorro tinha ido. Havia muitos sons estranhos, mas eu estava feliz que o cachorro não estava olhando enquanto eu fui para o lado do alpendre e agachei entre os arbustos de uva-espim. Eu arrisquei ganhar um arranhão na minha mão enquanto eu tateei debaixo do alpendre procurando uma coisa que eu nem tinha certeza se ainda estava lá. As pontas dos meus dedos tocaram em alguma coisa gelada. Eu procurei mais longe e o tirei para fora.

A caixa de metal parecia um bloco de gelo em minhas mãos nuas. Ele estava coberto de ferrugem, mas eu ainda podia ver o desenho do Mickey Mouse que estava sumindo enquanto eu limpava a sujeira da tampa. Ela era de uma época que parecia ser muito tempo atrás. Costumava ser uma caixa de tesouros quando eu, Jude e Daniel guardávamos nossas coisas especiais como tazos, cartão de baseball, e aquele dente estranho que encontramos no bosque atrás de casa. Mas agora isso parecia um pequeno caixão de metal – uma caixa que guardava memórias, eu queria morrer.

Eu abri a tampa e tirei um caderno de couro esfarrapado. Eu folhei o livro bolorento até chegar ao último esboço. Era de um rosto que eu tinha desenhado várias vezes porque eu nunca o conseguia fazer direito. Ele tinha o cabelo tão loiro que era quase branco, não desgrenhado, preto sujo. Ele tinha uma covinha no queixo e um sorriso torto quase desonesto. Mas eram seus olhos que sempre me iludiam. Eu nunca capturei sua profundidade com meus traçados simples de lápis. Seus olhos eram tão escuros, tão profundos. Como a lama na beira do lago onde nós afundávamos nossos pés – eles eram os olhos de torta de lama.

MEMÓRIAS

“Você quer isso? Venha e pegue.” Daniel escondeu o frasco de terebintina atrás das suas costas e pulou para o lado como se fosse fugir.

Eu cruzei meus braços e encostei-me ao tronco da árvore. Eu já tinha perseguido-o pela casa, pelo jardim, em volta da nogueira várias vezes – tudo porque ele esgueirou-se pela cozinha enquanto eu estava trabalhando e pegou meu frasco de removedor de tinta sem dizer nada. “Devolva isso, agora.”

“Beije-me,” Daniel disse.

“O que?”

“Beije-me e eu o devolvo.”

Ele se apoiou no nó em forma de lua no galho mais baixo da árvore e me deu um sorriso desonesto. “Você sabe que quer.”

Minhas bochechas queimaram. Eu queria beijá-lo com todo o meu coração ansioso de onze-anos-e-meio-de-idade, e eu sabia que ele sabia disso. Daniel e Jude eram melhores amigos desde que eles tinham dois anos e eu – apenas um ano mais nova – ficava na cola deles desde que eu tinha idade o suficiente para andar. Jude nunca se importou quando eu quis andar junto com ele. Daniel odiou – mas então, apenas uma garota podia ser a Rainha Amidala para o Daniel Anakin e Jude Obi-Wan Kenobi⁵. E apesar de todas as provocações do Daniel ele foi minha primeira paixão.

“Eu vou contar,” eu disse fracamente.

“Não, você não vai.” Daniel inclinou para frente, ainda sorrindo. “Agora me beije.”

“Daniel!” sua mãe guinchou pela janela aberta da sua casa. “É melhor você vir limpar essa tinta”

Daniel ficou reto, seus olhos se arregalaram em pânico. Ele olhou para o frasco em suas mãos. “Por favor, Gracie? Eu preciso dele.”

“Você podia ter pedido primeiro.”

“Venha aqui garoto!” seu pai rosnou pela janela.

Daniel apertou as mãos. “Por favor?”

Eu acenei e ele correu para sua casa. Eu me escondi atrás da árvore e escutei seu pai gritar com ele. Eu não me lembro do que o pai do Daniel disse. Não eram as palavras que me dilacerava; era o som da sua voz – ficando profunda e mais como um rosnado malvado à medida que ele continuava. Eu afundei na grama, com os joelhos puxados em direção ao meu peito e desejando que eu pudesse fazer alguma coisa para ajudar.

Isso foi quase há cinco anos e meio antes de o ver hoje na aula do Barlow. Dois anos e sete meses antes dele desaparecer. Mas apenas um ano antes de ele vir morar conosco. Um ano antes de ele se tornar nosso irmão.

⁵ Personagens dos filmes Star Wars.

Capítulo Dois

Promessas, Promessas

O DIA SEGUINTE, QUARTO PERÍODO

Minha mãe tem essa estranha regra sobre segredos. Quando eu tinha quatro anos, ela me sentou e explicou que eu nunca deveria ter um. Poucos minutos depois eu marchei até Jude e contei a ele que meus pais iriam levá-lo ao Castelo de Lego no seu aniversário. Jude começou a chorar, e Mamãe me sentou e me contou que uma surpresa era algo que todos eventualmente saberiam, e um segredo era algo que ninguém mais deveria descobrir. Ela olhou direto nos meus olhos e me disse num tom realmente sério que segredos eram errados e ninguém tinha o direito de me pedir para guardar um.

Desejei que ela tivesse a mesma regra para promessas.

O problema com promessas é que uma vez que você faz uma, é um laço a ser quebrado. É como uma tácita regra cósmica. Se Papai diz, “Prometa que você não se atrasará para o toque de recolher,” o carro está fadado a quebrar, ou seu relógio vai magicamente parar de trabalhar, e seus pais se recusam a te dar um celular, assim você não pode ligar e dizer a eles que você está correndo.

Sério, ninguém deveria ter o direito de te pedir para manter uma promessa – especialmente se eles não considerarem todos os fatores.

Era completamente injusto Jude me fazer prometer não ter nada com Daniel. Ele não tem em conta que Daniel estava voltando para nossa escola agora. Ele não tinha as mesmas memórias que eu tinha. Eu não tencionava falar com Daniel novamente, mas o único problema era – porque Jude me fez prometer não falar – eu estava com medo do que eu poderia fazer.

O medo prendeu minha respiração no meu peito enquanto eu estava de pé do lado de fora da porta do departamento de arte. Minha palma suada escorregou na maçaneta quando tentei girá-la. Finalmente, abri a porta e olhei para a mesa na fila da frente.

“Hey, Grace,” alguém disse.

Era April. Ela estava sentada no assento próximo à minha cadeira vazia. Ela estourou uma bola de goma de mascar enquanto desempacotava seus pincéis. “Você pegou aquele documentário do Edward Hopper que nós supostamente deveríamos assistir na noite passada? Meu aparelho DVD derreteu totalmente.”

“Não. Acho que eu perdi.” Eu procurei Daniel pelo cômodo. Lynn Bishop estava sentando na última fila, fofocando com Melissa Harris. Sr. Barlow trabalhava no seu último escultura “pró-reciclagem” na sua mesa, e alguns estudantes entravam na sala de aula antes do sino.

“Ah, merda. Você acha que vai ter um exame?” April perguntou.

“Essa é uma aula de arte. Nós pintamos figuras enquanto escutamos rock clássico.” Chequei o cômodo pela última vez. “Duvido que tenham exame.”

“Cara, você está de mau humor hoje.”

“Sinto muito.” Tiro minha cesta de suprimentos dos cubículos e me sento no assento próximo a ela. “Acho que tenho muito coisa na minha cabeça.”

Minha árvore desenhada estava no topo da cesta. Disse a mim mesma para odiá-la. Disse a mim mesma para rasgá-la e jogá-la fora. Em vez disso, peguei-a e tracei as linhas perfeitas, meus dedos acima do papel para que eu não manchasse o carvão.

“Não entendi porque você se importa com ele,” April disse pela sexta vez desde ontem. “Quero dizer, pensei que você tinha dito que esse Daniel era gostoso.”

Fiquei olhando para o desenho. “Ele costumava ser.”

O lento sino tocou. Poucos segundos depois a porta se abre. Olho para cima e espero ver Daniel. Do mesmo modo que eu costumava esperar para correr até ele no shopping ou vê-lo dar uma curva pelo centro depois de desaparecer.

Mas era Pete Bradshaw que veio pela porta. Ele era assessor de gabinete do quarto período. Ele acena para April e para mim enquanto entrega uma nota ao Sr. Barlow.

“Agora ele é fofo,” April sussurra, e acena de volta. “Não posso acreditar que ele seja seu parceiro no laboratório de química.”

Eu estava quase acenando, mas então tive aquela sensação de cair no fundo do meu estômago. Pete deixou a nota na mesa de Barlow e veio até nós.

“Sentimos sua falta na noite passada,” ele disse para mim.

“Noite passada?”

“A biblioteca. Tínhamos um grupo de estudo para o teste de química.” Pete bateu as articulações de seus dedos na mesa. “Você deveria trazer os donuts dessa vez.”

“Eu deveria?” A sensação de cair fica mais forte. Eu fiquei sentada na varanda noite passada, pensando em Daniel, até que eu era praticamente um Picolé, e tinha esquecido tudo sobre nosso grupo de estudo – e o teste. “Sinto muito. Algo apareceu.” Apontei para o desenho.

“Eu só estou satisfeito por você estar bem.” Pete sorriu e puxou um rolo de papeis do seu bolso de trás. “Você pode pegar emprestado minhas notas durante o almoço se você quiser.”

“Obrigado.” Corei. “Vou precisar delas.”

“Mais pintura, menos conversa,” Sr. Barlow fala alto.

“Até mais.” Pete pisca um olho e deixa a sala.

“Ele vai te convidar para a dança de Natal,” April sussurra.

“Sem chance.” Olho para o meu desenho e não posso me lembrar do que eu estava planejando fazer em seguida. “Pete não gosta de mim dessa forma.”

“O quê, você está cega?” April disse um pouco alto demais.

Sr. Barlow olha furioso para ela.

“Lápis colorido é muito superior a carvão,” April disse, tentando acobertar. Ela olha para a mesa do professor e então sussurra, “Pete está muito na sua. Lynn disse que Misty contou a ela que Brett Johnson disse que Pete pensa que você é gostosa e que quer te chamar para sair.” “Sério?”

“Sério.” Ela balança as sobrancelhas. “Você é tão sortuda.”

“Sim. Sortuda.” Olho para as notas de Pete e então para o desenho. Sabia que eu deveria me sentir sortuda. Pete era o que April chamava de uma “ameaça tripla” – um veterano fofo, um jogador de hóquei, e um cérebro total. Sem mencionar que é um dos melhores amigos de Jude. Mas parecia estranho se sentir sortuda por alguém gostar de mim. Sorte não tem nada a ver com isso.

Vinte minutos depois, não houve ainda nenhum sinal de Daniel quando Barlow se levantou de sua mesa e ficou de pé de frente para a classe. Ele acariciou seu bigode, que chegava a suas bochechas. “Acho que vamos tentar algo novo hoje,” disse. “Algo para desafiar suas mentes, juntamente com a criatividade. Que tal termos um exame rápido sobre Edward Hopper⁶?”

Houve um gemido coletivo na classe.

“Ah, droga,” April sussurra.

“Ah, droga,” sussurro de volta.

A PAUSA PARA O ALMOÇO

Sr. Barlow limpou sua garganta repetidamente em irritação enquanto pegava de volta nossos exames. Ele retornou à sua escultura e enrolou com o fio uma Pepsi com movimentos dramáticos. Quando o sino do almoço tocou, ele saiu da sala de arte com o resto dos alunos.

April e eu ficamos para trás. A turma avançada de arte tinha uma aula de dois períodos com uma pausa para o almoço no meio. Mas April e eu éramos apenas do penúltimo ano, então geralmente continuávamos trabalhando durante o almoço para mostrar ao Sr. Barlow que éramos sérias o bastante para estar na sua turma avançada – exceto nos dias em que Jude nos convidava para comer com ele e seus amigos no Rose Crest Cafe (o refúgio de almoço fora do campus para os veteranos populares).

April sentou atrás de mim, aperfeiçoando o sombreamento do seu desenho colorido de patins enquanto eu tentava estudar as notas de Pete. Mas quanto mais eu tentava me concentrar, mais as palavras nas páginas se misturavam numa confusão ininteligível. A sensação de cair que eu tive antes parecia fazer barulho dentro de mim até se transformar numa tremenda raiva e eu não podia pensar em nada mais. Como Daniel ousa aparecer depois de todo esse tempo e desaparecer outra vez. Sem explicações. Sem desculpas. Sem uma conclusão.

Eu sabia que poderiam existir milhões de razões para ele não aparecer hoje, mas eu estava aborrecida e cansada de desculpar seu comportamento. Como quando ele roubava comida do meu almoço, ou sempre quando sua provocação ficava mais intensa, ou

⁶ Pintor norte-americano mais lembrado por suas misteriosas representações realistas da solidão na contemporaneidade.

quando ele se esquecia de me devolver meus suprimentos de arte – eu poderia escrever todas as coisas pelas quais ele passou na sua vida e deixei para lá. Mas eu não iria desculpar como ele entrou na minha vida apenas o tempo suficiente para fazer com que eu decepcione meus pais, irrite meu irmão, dê um fora no Pete, ir mal no exame, e potencialmente falhar no meu teste de química. Eu me sinto estúpida, perdendo meu tempo pensando nele, e agora ele nem teve a decência de aparecer. Agora eu realmente queria vê-lo mais uma vez. Só para mandá-lo cair fora... ou bater no seu rosto... ou algo pior.

O desenho da árvore de Daniel estava sobre a mesa me zombando. Odiei o modo como parecia perfeito, com sua suavidade e linhas embaraçadas que eu nunca pude desenhar. Peguei o desenho, caminhei até a lixeira, e sem cerimônia joguei-o lá dentro.

“Problema resolvido,” digo para o lixeiro.

“Ok, agora você está louca,” April disse. “O prazo é uma hora.”

“Não era meu, de qualquer forma – não mais.”

Capítulo Três

Tabula Rasa

O QUE ACONTECEU APÓS O ALMOÇO

Quando a aula de artes recomeçou, eu puxei uma folha de desenho novíssima e fiz um esboço do meu ursinho de pelúcia favorito quando criança. Não estava exatamente a altura do meu trabalho normal –na verdade, não estava a altura do meu trabalho normal quando eu tinha nove anos - mas o Sr. Barlow tinha uma política de “tolerância zero” de não terminar uma tarefa. Eu imaginei que um trabalho inferior era melhor que trabalho algum, e o escorreguei para baixo da pilha de desenhos na mesa do Barlow antes de deixar a sala. April ficou para trás para discutir seu portfólio, e eu caminhei vagarosamente para meu teste de química com apenas um pouco menos de mau pressentimento. Meu estômago se sentiu melhor assim que eu decidi esquecer que havia visto o Daniel, mas quanto ao teste? Bem, a minha mão não ia ficar feliz. Eu tinha conseguido rever as anotações de Pete algumas vezes antes do almoço acabar, mas mesmo que eu tivesse tido uma noite inteira de estudo, eu teria sorte em conseguir um 7. Eu não sou uma estudante ruim. Eu tenho um GPA de 3.8⁷, mas eu definitivamente uso mais o lado direito do meu cérebro⁸.

Química avançada foi ideia da minha mãe. O pai amava quando eu trabalhava nas minhas pinturas na bancada da cozinha. Ele disse que o lembrava de seus dias na escola de artes antes dele decidir se juntar ao clérigo como seu pai e avó. Mas a mãe queria que eu “mantivesse minhas opções em aberto” – o que queria dizer que ela queria que eu me tornasse uma psicóloga, ou enfermeira como ela.

⁷ GPA é a sigla de 'Grade Point Average', que significa 'Média de Pontos por Nota'. Sistema bastante usado nos Estados Unidos, assim como em outros países, principalmente para se entrar em alguma faculdade. O número máximo que se consegue é 4.0. Como a média da Grace é 3.8, convertendo ela teria uma média aqui de 9,7/9,5.

⁸ O lado direito do cérebro é o responsável pela intuição, visão, sentimentos, etc, ou seja, o lado 'mais criativo'.

Eu escorreguei para o meu assento ao lado de Pete Bradshaw e deu uma longa respiração, preparando-me para soltar um suspiro lânguido para provar que eu não estava nervosa, e fui pega fora de guarda pelo cheiro puro e aromático do meu parceiro de laboratório de química. Pete tinha educação física no quinto período, e seu cabelo ainda estava úmido do chuveiro. Eu havia notado seu cheiro de sabonete cítrico e de desodorante recém-aplicado antes, mas hoje enchia meus sentidos e me fazia querer me aproximar dele. Eu acho que tinha algo a ver com o que a April dissera sobre ele gostar de mim.

Eu tateei meu caderno na minha mochila e derrubei minha caneta três vezes antes de descansá-la primorosamente no alto da minha mesa.

“Sentindo-se com os joelhos um pouco bambos?” Pete perguntou.

“O quê?” Meu livro de química mergulhou da mesa.

“Nervosismo pelo teste?” Pete recuperou meu livro. “Todo mundo está pirando. Você devia ter visto, Brett Johnson só pegou meia pizza supreme⁹ de almoço. Eu achei que isso fosse ruim, mas você parece que acabou de ver o Monstro da Rua Markham.”

Eu estremeci. Aquela piada nunca fora engraçada para mim. Eu peguei o livro das mãos dele, “Não estou nem um pouco nervosa.” Eu respirei profundamente de novo e soltei forçadamente um suspiro longo e calmo.

Pete relampejou um de seus sorrisos “ameaça tripla” para mim, e meu livro atingiu o chão novamente. Eu dei risada enquanto ele o pegava, e eu me senti quente demais em meu suéter quando ele me deu de volta.

Por que eu sou uma garota tão burra? Quero dizer, sério, se controla.

Havia só um outro garoto que podia fazer eu me sentir estúpida assim, mas já que eu não pensaria nele duas vezes, eu voltei meu foco para a Sra. Howell enquanto ela passava sua pilha grossa de testes.

“Ei, Brett e eu vamos jogar boliche no Pullman depois do treino.” Pete se inclinou com seu cheiro hesitante. “Você devia vir.” “Eu?” Eu olhei para a Sra. Howell enquanto ela colocava um teste virado na minha frente.

“É. Você e o Jude. Vai ser divertido.” Pete me cutucou e sorriu. “Você pode me comprar aquela caixa de donuts que me deve.”

⁹ Ingredientes de uma pizza supreme: pepperoni, linguiça italiana, pimentões verdes, cogumelo, e cebola.

“Jude e eu tínhamos que ajudar o pai com suas entregas no abrigo.”

Pete realmente pareceu decepcionado por uma fração de segundos, mas então ele se alegrou. “Bem, que tal eu passar lá para te ajudar depois do treino. Vai levar, o que, umas duas horas? Então podemos jogar boliche.”

“Sério? Seria ótimo.”

“Olhando pra frente,” a Sra. Howell disse. “Seu teste começa” – ela deu um tapinha em seu relógio – “agora.”

Pete sorriu e virou seu teste. Eu virei o meu e escrevi meu nome no alto. Aquela sensação quente e borbulhante que você tem quando sabe que algo novo e excitante está começando varreu o meu corpo.

Capítulo Quatro

Intervenção Divina¹⁰

NO SALÃO PRINCIPAL, NO FIM DA ESCOLA

“Por que você não me contou na aula de Inglês, sua boba?” April deu uns passos em volta de um estande de inscrição para o fundo de arrecadação para o clube espírito de feriado. “Eu te avisei que ele ia te chamar para sair!”

“Não é um encontro,” eu disse com um sorriso.

“Quem te chamou para sair?” Jude perguntou, saindo da sede bem na minha frente e da April. Sua pergunta soou mais como uma acusação e sua expressão era tão nublada como o céu de inverno além das janelas do salão.

“Ninguém,” eu disse.

“Pete Bradshaw!” April praticamente guinchou. “Ele a chamou para um encontro esta noite.”

“Não é um encontro.” Eu rolei os olhos para a April. “Ele ofereceu ajuda na congregação depois do treino da tarde e depois ele quer jogar boliche. Você também está convidado,” eu disse para o Jude.

Jude mexeu as chaves da caminhonete da igreja em sua mão. Eu não sabia como ele se sentia em relação a eu estar interessada em um de seus amigos – especialmente considerando o último amigo dele que eu gostei. Mas a expressão dele ficou radiante enquanto ele sorriu. “Já estava na hora do Pete te convidar.”

“Viu só!” April deu uma cotovelada no meu braço. “Eu disse que ele gosta de você.”

Brincando, Jude deu um soco no braço da April. “Então, dessa vez você vem?”

¹⁰ Divine em português significa divino, aqui foi feito um jogo de palavras com o sobrenome da Grace.

As bochechas da April ficaram vermelhas. “Uh... não. Não posso.” Pequenas manchas vermelhas espalharam-se de seu rosto para suas bochechas. “Eu, uh, tenho que...”

“Trabalhar?” eu ajudei.

Eu sabia por experiência, que nenhuma adulação seria suficiente para fazê-la ir. April ficaria absolutamente mortificada se o Jude pensasse que ela era apenas uma bajuladora. Mesmo levar ela ocasionalmente para almoçar na lanchonete comigo e o Jude era tão difícil como levar um cachorro ao veterinário.

“Trabalho... Sim, um, isso.” April puxou sua mochila rosa da Jan Sport no seu ombro. “Preciso ir andando. Vejo vocês depois,” ela disse e deu o fora pela porta principal.

“Ela é... interessante,” Jude disse enquanto a olhava sair.

“Yep, isso definitivamente ela é.”

“Então...” Jude passou seu braço em volta do meu ombro, levando-me através de uma multidão de pessoas do segundo ano para a saída. “Conte-me mais sobre esse encontro.”

“Não é um encontro.”

UMA HORA E MEIA DEPOIS

“O Pastor Divine é realmente um anjo do Senhor,” Don Mooney disse em admiração enquanto ele olhava para o salão social do templo que estava entulhado. Havia caixas em cima de caixas de comida e roupa – Jude e eu estávamos encarregados de trirar todas elas. “Espero que você ainda precise desses.” Don ajustou uma caixa grande com latas de atum nos seus braços. “Eu as peguei no mercado e até lembrei-me de pagar por elas dessa vez. Você pode ligar para o Sr. Day se você quiser. Mas se você não precisa deles...”

“Obrigada, Don,” Jude disse. “Cada doação ajuda e nós precisamos especialmente de alimentos com alta proteína como o atum. Certo Grace?”

Eu acenei com a cabeça e tentei empacotar o último casaco na caixa marcada homens. Eu desisti e a joguei na caixa meio vazia das mulheres.

“E foi bom você se lembrar de pagar o Sr. Day,” Jude disse para o Don.

Um sorriso enorme espalhou-se pelo rosto do Don. Ele era tão grande quanto um urso pardo e seu sorriso lembrava um rosnado. “Vocês, crianças, são realmente Divine. Assim como o pai de vocês.”

“Não fazemos mais do que qualquer outra pessoa,” Jude disse naquela voz diplomática que ele pegou do Papai o que deixava ele humilde, mas contradizia alguém ao mesmo tempo. Ele resmungou quando tentou pegar a caixa dos braços musculosos do Don. “Uau, você trouxe um monte de sardinha.”

“Qualquer coisa para ajudar os Divines. Vocês são anjos de Deus.”

Don não era o único que tratava nossa família como um grupo de seres celestiais. Papai sempre disse que o pastor da New Hope ensinava a partir do mesmo livro bom que ele, mas quase todos queriam ouvir o evangelho do Pastor Divine.

O que eles achariam se soubessem que nosso sobrenome era Divinovich? Meu tataravô trocou seu sobrenome para Divine quando ele imigrou para a América e meu bisavô achou isso que isso veio a calhar quando ele se juntou ao clérigo.

Eu sempre achei que era um nome difícil para se viver.

“Bem, o que acha de eu deixar você carregar a caixa para fora?” Jude deu um tapinha no braço do Don. “Você pode nos ajudar a carregar o caminhão para o abrigo.”

Don levou sua caixa pesada através do salão social com sua marca registrada que era um rosnado/sorriso no rosto. Jude pegou minha caixa de casacos masculinos e o seguiu em direção a porta dos fundos.

Meus ombros relaxaram depois que o Don tinha saído. Ele sempre estava espreitando por perto da paróquia ‘querendo ajudar’, mas geralmente eu o evitava. Eu não diria isso ao meu pai ou ao meu irmão, mas eu me sentia desconfortável perto do Don. Eu não podia evitar. Ele me lembrava o Lenny do Ratos e Homens¹¹ – o jeito dele ser um pouco lento e bem intencionado, mas poderia quebrar seu pescoço com apenas um movimento de suas mãos do tamanho de uma luva de beisebol.

Eu ainda não conseguia esquecer a memória da violência que viveu naquelas mãos.

¹¹ Of Mice and Men (Ratos e homens na tradução) é um livro escrito por John Steinbeck, publicado originalmente em 1937 e que conta a história trágica de George e Lennie, dois trabalhadores rurais na Califórnia durante a Grande Depressão (1929-1939). A história se passa em um rancho a algumas milhas de Soledad no Salinas Valley.

Cinco anos atrás, eu e Jude (e aquela pessoa cujo nome começa com D e termina com aniel) estávamos ajudando papai limpar o santuário quando Don Mooney entrou tropeçando pelas portas da capela pela primeira vez. Papai o cumprimentou bondosamente apesar das suas roupas sujas e o fedor de azedo, mas Don agarrou meu pai e colocou uma faca manchada em sua garganta exigindo dinheiro – eu estava tão assustada que quase quebrei minha regra principal ‘Grace não chora’. Mas papai não hesitou, nem mesmo quando o sangue começou a rolar em seu pescoço. Ele apontou para o grande vitral da janela da varanda que representava Cristo batendo numa porta de madeira. “Pedi e receberá,” ele disse e prometeu ajudar o Don ter o que ele realmente precisava: um trabalho e um lugar para morar.

Não demorou muito para o Don se transformar em um dos paroquianos mais devotos de papai. Todos os outros pareciam ter esquecido a circunstância que nós o conhecemos. Mas eu não conseguia.

Isso me fazia apenas uma Divinovich em uma família cheia de Divines?

NOITE

“Eu não sei o que te dizer, Grace.” Pete abaixou o capô do Toyota Corolla verde de uma década e meia do meu pai. “Acho que estamos encalhados.”

Não era surpresa nenhuma quando o carro não deu partida novamente. Eu e a Charity regularmente pedíamos para meus pais se desfazerem do Corolla e comprar um Highlander novo, mas papai sempre balançava a cabeça e dizia, ‘O que pareceria se nós tivéssemos um carro novo quando esse ainda funciona?’ claro que papai quis dizer ‘funciona’ de um jeito relativo. Como se você rezasse de coração e promettesse ao Senhor usar o carro para ajudar os necessitados, ele daria partida na terceira ou quarta tentativa. Mas dessa vez eu não sabia se mesmo uma intervenção divina poderia fazer o carro se mover.

“Eu acho que vi um posto de gasolina alguns quarteirões para trás,” Pete disse. “Talvez eu devesse ir até lá e pedir ajuda.”

“Aquele posto de gasolina está fechado.” Eu soltei o ar em minhas mãos geladas. “Está abandonado há algum tempo.”

Pete olhou para frente e para trás da rua. Do lado de fora, não tinha muita coisa visível fora do véu de luz laranja que saía do poste. O céu da noite estava completamente

riscado com nuvens e um vento gelado despenteava o cabelo enferrujado do Pete. “De todas as noites, eu tinha que esquecer-me de carregar meu celular hoje.”

“Pelo menos você tem um,” eu disse. “Meus pais estão seriamente presos no século vinte.”

Pete deu apenas um meio sorriso. “Bem, acho que vou procurar um telefone público,” ele resmungou.

Repentinamente, eu senti como se tudo isso fosse minha culpa. Apenas alguns minutos antes eu e o Pete estávamos brincando sobre os soluços de Brett Johnson durante a prova de química. Pete olhou para mim e nós rimos ao mesmo tempo e nossos olhos se encontraram daquele jeito cósmico. Então o carro fez esse som terrível e cambaleou até parar nesse beco em nosso caminho para o abrigo.

“Eu vou com você.” Eu vacilei ao som de vidro se quebrando numa distância não tão longe dali. “Vai ser uma aventura.”

“Não. Alguém precisa ficar com essa coisa.”

O Corolla estava cheio de caixas que não couberam na caminhonete. Mas eu não sabia se eu é que deveria ficar para trás e o proteger. “Eu vou. Você já fez muita coisa.”

“Sem chance, Grace. Pastor ou não seu pai me mataria se eu deixasse você andar sozinha nessa parte da cidade.” Pete abriu a porta do carro e me empurrou para dentro. “Você vai ficar mais segura – e quente – aqui.”

“Mas...”

“Não.” Pete apontou para o prédio do outro lado da rua. Eu podia ouvir alguns garotos gritando uns com os outros através da janela quebrada. “Vou apenas bater em uma das portas daqueles apartamentos.”

“Yeah, certo,” eu disse. “É melhor você ir até o abrigo. É mais ou menos a uns dois quilômetros naquela direção.” Eu apontei para a rua escura. Nós estávamos parados embaixo da única lâmpada que funcionava no quarteirão. “Ao longo do caminho tem vários apartamentos e alguns bares. Mas fique longe dele a menos que queira um soco na boca.”

Pete sorriu tolamente. “Você passa muito tempo nas ruas?”

“Quase isso.” Eu fiz uma careta. “Rápido... e tome cuidado, okay?”

Pete inclinou na porta com um dos seus sorrisos de ameaça tripla. “Isso sim é um encontro, huh?” ele disse e me deu um beijo na bochecha.

Meu rosto pinicou com o calor. “Então isso é um encontro?”

Pete riu e balançou para trás em seus calcanhares. “Tranque o carro.” Ele fechou a porta e colocou as mãos nos bolsos da jaqueta com seu nome.

Eu tranquei a porta e observei ele chutar uma latinha de cerveja vazia enquanto ele caminhava. Depois que ele deixou a claridade da lâmpada do poste, eu não conseguia mais vê-lo. Eu me afundei no casaco para esquentar mais e suspirei. Isso poderia estar indo mal, mas pelo menos eu estava em um encontro com o Pete Bradshaw.

Sc-rape

Eu sentei mais reta. Isso foram pedrinhas na calçada? O Pete já tinha voltado? Eu olhei em volta. Nada. Eu chequei a porta do lado do passageiro. Estava trancada. Eu encostei e coloquei a mão no taco de hóquei do Pete que estava no meio dos dois bancos da frente.

Eu tinha quase morrido quando o Don Mooney perguntou se ele poderia ir comigo e o Pete no Corolla. Não sei dizer se ele não percebeu nada ou achou que precisávamos de dama de companhia. Ainda bem que o Jude tinha me salvado colocando uma caixa de casacos femininos no banco de trás do carro. “Não tem espaço aqui,” ele disse e convenceu o Don a ir na caminhonete com ele e papai. Eles saíram na frente e eu e o Pete os seguimos, mas eu tinha que deixar uma sacola da farmácia para Maryanne Duke no caminho. Mesmo achando que ela parecia cansada, ela nos convidou para comer uma torta de ruibarbo – ela fazia a melhor do mundo. Mas eu sabia que era uma graduação três vezes pior que minha avó verdadeira, então eu prometi ficar mais tempo da próxima vez que eu voltasse. Então, para recuperar o tempo, quando entramos na cidade, eu peguei um atalho pela Rua Markham uma decisão que lamento muito nesse momento.

As coisas estavam mais calmas nos últimos anos, mas essa área da cidade uma vez foi infame por acontecimentos estranhos e desaparecimentos. Então, mensalmente, corpos começaram a aparecer como margaridas. A polícia e os jornais especularam sobre um serial killer – mas outros falavam sobre uma besta peluda que espreitava a cidade à noite. Eles o chamavam de Monstro da Rua Markham.

Absurdo, não é?

Como eu disse, já faz anos que alguma coisa verdadeiramente esquisita aconteceu por aqui, mas eu ainda me perguntava se agora teria sido melhor se o Don tivesse vindo conosco. Eu me sentiria mais ou menos apreensiva se eu estivesse sozinha com o Don nesse beco?

Mais!

Esse pensamento foi seguido de um aumento imediato de culpa. Eu fechei meus olhos e deixei minha mente vagar, tentando ficar calma. Por alguma razão, eu pensei na época que eu perguntei para meu pai por que ele tinha ajudado alguém que o havia ferido.

“Você sabe o significado do seu nome, não sabe, Grace?”

“Sim. Significa ajuda celeste, orientação, ou piedade,” eu tinha falado, repetindo o que meu pai sempre me dizia.

“Ninguém passa por essa vida sem graça. Todos nós precisamos de ajuda,” ele falou. “Há uma diferença entre as pessoas que fazem coisas para machucar porque são maldosas e pessoas que fazem coisas ruins por suas circunstâncias. Algumas pessoas são desesperadas porque não sabem como pedir por Sua graça.”

“Mas como você sabe se alguém é ruim ou se ele apenas precisa de ajuda?”

“Deus é quem julga a verdade em suas almas. Mas nós somos requisitados a perdoar a todos.”

Meu pai deixou a conversa assim. Para ser honesta, eu estava mais confusa do que nunca. E se a pessoa que te feriu não merecer o perdão? E se o que eles fizeram for tão terrível -?

Sc-rape. Sc-rape.

Era o barulho das pedrinhas no asfalto novamente. Agora dos dois lados do carro? Eu agarrei o taco de hóquei. “Pete?” Nenhuma resposta.

Barulho. Barulho.

A maçaneta da porta?! Eletricidade subiu por minha espinha e se espalhou pelos meus braços. Meu coração martelava no meu peito e meus pulmões queimavam com as respirações pesadas. Eu espiei pela janela. Por que eu não conseguia ver nada? Barulho, barulho, barulho.

O carro balançou. Eu gritei. Um barulho alto e estridente ecoou do lado de fora do carro. As janelas gemiam e chiavam como se estivessem prestes a quebrar. Eu coloquei as mãos nas orelhas e gritei mais alto. O barulho parou. Alguma coisa chiou no asfalto do lado de fora da minha porta. Eu podia ouvir meu pulso nas orelhas – parecia como passos de corrida.

Silêncio.

Cada nervo queimou sob minha pele. Virei e ouvi o barulho novamente. Era apenas meus joelhos tremendo contra o molho de chaves na ignição. Eu deixei sair uma pequena gargalhada e fechei meus olhos. Eu esperei, escutando o silêncio, pelo tempo que consegui segurar minha respiração. Eu a soltei em uma longa expiração e soltei um pouco meu aperto no taco de hóquei.

Tap, tap, tap.

Meus olhos se abriram. Meu braço voou. Eu bati minha cabeça com o taco de hóquei.

Um rosto sombreado me encarava pela janela embaçada.

“Abra o capô,” uma voz abafada disse. Não era o Pete.

“Cai fora!” eu gritei, tentando fazer minha voz soar mais grossa.

“Faça isso,” ele disse. “Vai ficar tudo bem, Gracie. Eu prometo.” Eu coloquei minha mão na boca. Eu conhecia aquele rosto. Antes que eu pudesse me impedir, eu disse, “Tudo bem,” e puxei a alavanca para abrir o capô.

Seus passos arranharam no pavimento gelado enquanto ele dava a volta para ir à frente do carro. Eu abri a porta e vi um pé-de-cabra no chão perto dos meus pés. Senti um arrepio na espinha enquanto eu passava por cima disso e seguia o Daniel. Sua cabeça e ombros desapareceram debaixo do capô, mas eu podia ver que ele usava o mesmo jeans surrado e a camiseta de ontem. Será que ele tem outras roupas?

“O que você está fazendo?” eu perguntei.

“O que parece que estou fazendo?” Daniel torceu uma tampa perto do motor e puxou uma vareta de metal oleosa. “Você está saindo com aquele Bradshaw?” Ele colocou a vareta de volta.

Ele estava sendo tão prático que eu me perguntei se eu tinha sonhado toda aquela agitação. Eu teria caído no sono enquanto esperava pelo Pete? Mas aquele pé-de-cabra não

estava lá antes. “O que acabou de acontecer?” eu perguntei. “De onde você estava me observando?”

“Você não respondeu a minha pergunta.”

“E você não respondeu a minha.” Eu dei um passo em direção a ele. “Você viu o que aconteceu?” Você evitou o que quase aconteceu?

“Talvez.”

Eu inclinei embaixo do capô para que eu pudesse o ver melhor. “Conte-me.”

Daniel limpou as mãos engorduradas na calça. “Apenas uns garotos brincando por aí.”

“Com um pé-de-cabra?”

“É, esses dias eles estão todos com raiva.”

“E você espera que eu acredite nisso?”

Daniel encolheu. “Você pode acreditar no que quiser, mas isso foi tudo o que vi.” Daniel mexeu em mais alguma coisa no motor. “Sua vez,” ele disse. “Você está saindo com o Bradshaw?”

“Talvez.”

“Você escolheu um príncipe de verdade,” ele disse sarcasticamente.

“Pete é um cara legal.”

Daniel bufou. “Eu ficaria de olho naquele idiota se fosse você.”

“Fica quieto!” Eu agarrei um de seus braços nus. Sua pele estava como gelo. “Como você se atreve a falar coisas assim dos meus amigos. Como você se atreve voltar aqui e tentar se enfiar de volta na minha vida! Pare de ficar me seguindo por aí.” Eu o arranquei para fora do carro do meu pai. “Cai fora e me deixe em paz.”

Daniel riu. “A velha Gracie de sempre,” ele disse. “Você está mandona como sempre. Sempre ordenando as pessoas a sua volta. ‘Diga-me.’ ‘Cai fora.’ ‘Devolva.’ ‘Fica quieto.’ Seu pai sabe que você fala assim?” Ele puxou o braço do meu aperto e virou para o motor. “Apenas deixe-me colocar isso pra funcionar e então você nunca mais terá que ver minha cara suja novamente.”

Eu dei um passo para trás e observei seus movimentos. Daniel tinha aquele jeito que poderia me derrubar num instante. Eu esfreguei minhas mãos juntas e pulei para cima e para baixo para gerar algum calor. A maioria das pessoas que nascem no Minnesota tem sangue grosso, mas como o Daniel podia ficar aqui fora de mangas curtas? Eu chutei o pedregulho algumas vezes e recuperei novamente minha coragem. “Diga-me... Quero dizer... Por que você voltou? Por que agora, depois de todo esse tempo?”

Daniel olhou para mim. Seus olhos escuros vasculhando meu rosto. Havia algo diferente nesses olhos tão familiares. Talvez fosse o modo como a luz alaranjada do poste iluminava suas pupilas. Talvez fosse o jeito que ele me encarava sem piscar. Seus olhos o faziam parecer... faminto.

Ele baixou o olhar. “Você não entenderia.”

Eu cruzei os braços. “Não?”

Daniel virou para o motor, hesitando, então olhou de volta para mim. “Você já esteve no MoMA?” ele perguntou.

“Museu de Arte Moderna? Não. Nunca estive em Nova York.”

“Eu estive lá um tempo atrás. Você sabia que eles tem celular, iPods e até mesmo aspiradores de pó no MoMA? Quero dizer, eles são coisas do dia a dia, mas ao mesmo tempo eles são arte.” Sua voz parecia mais macia e menos grossa. “O jeito das linhas, curvas e como as peças se encaixam juntas. É uma arte funcional que você pode ter em mãos e isso muda o jeito que você vive sua vida.”

“E?”

“E?” Ele chegou bem perto de mim. “Alguém desenhou essas coisas. Alguém faz isso para viver.”

Ele chegou ainda mais perto, seu rosto a poucos centímetros do meu. Segurei meu ar.

“É isso que eu quero fazer,” ele disse.

A paixão em sua voz fez meu coração bater mais rápido. Mas seu olhar faminto fez com que eu desse um passo para trás.

Daniel voltou para o motor e tirou algo que estava solto. “Só que agora isso nunca vai acontecer.” Ele se inclinou para frente e seu pingente de pedra preta ficou pendendo em cima do bloco do motor aberto.

“Por quê?”

“Você conhece o Instituto de Arte Trenton?”

Eu confirmei com um aceno de cabeça. Quase todas as pessoas que estão no último ano na minha classe de arte adiantada estavam apostando em uma admissão na Trenton. Geralmente apenas um estudante por ano conseguia isso.

“Eles tem o melhor departamento de desenho industrial do país. Eu levei algumas das minhas pinturas e desenhos lá. Uma mulher, Sra. French, deu uma olhada neles. Ela disse que eu tinha chance – ” sua voz contornou a palavra como se tivesse um gosto amargo – “mas eu precisava de mais treino. Ela disse que se eu pegasse meu diploma e me graduasse com um programa de arte respeitável, ela me daria outra chance de admissão.”

“Isso é ótimo, não é?” eu cheguei mais perto. Como ele sempre fazia isso – me fazia esquecer completamente que eu estava brava com ele tão facilmente?

“O problema é que Holy Trinity tem um dos poucos departamentos de arte que a Trenton considera digno como pré-requisito. É por isso que eu voltei.” Ele olhou para mim. Parecia que ele queria dizer mais alguma coisa, alguma coisa a mais sobre essa história. Ele esfregou o pingente que estava encostado em seu peito. Era uma pedra preta e suave com uma forma oval achatada. “Só que aquele cara, Barlow, deu um chute na minha bunda no primeiro dia.”

“O que?” Eu sabia que o Barlow ficou bravo com o Daniel, mas eu não achei que ele tinha realmente o tirado da aula. “Isso não é muito justo,”

Daniel sorriu daquele jeito zombeteiro dele. “Essa é uma das coisas que sempre amei em você Grace. Você tem esse sentido primordial de que tudo deveria ser justo.”

“Eu não. É que isso não é...” eu inclinei. “Justificado.”

Daniel riu e coçou atrás da orelha. “Você se lembra daquela vez que fomos a fazenda do MacArthur ver os filhotes e um deles tinha apenas três pernas e Rick Mac Arthur disse que eles iam sacrificá-lo porque ninguém o queria? E você disse, ‘Isso não é justo!’ e você levou o filhote para casa sem ao menos pedir.”

“Daisy,” eu disse. “Eu amei aquele cachorro.”

“Eu sei. E ela te amava tanto que ela colocava a cabeça para fora assim que você saía de casa.”

“É. Um dos vizinhos chamou o xerife tantas vezes que meus pais disseram que eu teria que me desfazer dela se acontecesse novamente. Eu sabia que ninguém iria querê-la, então eu a mantinha no meu quarto quando nós saíamos.” Eu limpei meu nariz que estava escorrendo.

“Um dia ela saiu de casa... e alguma coisa a matou. Rasgou sua garganta.” Minha própria garganta doía com a lembrança. “Eu tive pesadelos todas as noites durante um mês.”

“Foi meu pai,” Daniel disse baixinho.

“O que?”

“Foi ele quem chamou a policia todas às vezes.” Daniel limpou seu nariz no ombro. “Ele tinha acordado no meio do dia com aquele seu mau humor e...” Ele agitou levemente uma coisa embaixo do capô a colocando no lugar. “Dê partida no carro.”

Eu me afastei e sentei no banco do motorista. Eu fiz uma pequena oração e virei a chave na ignição. A ignição fez uns sons algumas vezes então fez um som como o de uma tosse asmática. Eu virei a chave mais uma vez e o carro pegou. Eu coloquei as palmas das mãos juntas e agradei ao Senhor.

Daniel fechou o capô. “Você deveria sair daqui.” Ele esfregou suas mãos nos braços, deixando um rastro escuro e oleoso na sua pele. “Tenha uma boa vida.” Ele chutou um dos pneus e foi andando.

Enquanto ele saía da luminosidade do poste eu saltei para fora do carro. “O que significa isso?” eu gritei. “Você vai simplesmente cair fora de novo?”

“Não é isso que você queria?”

“Eu não, quero dizer, você vai voltar para a escola?”

Ele deu de ombros, de costas para mim. “Qual a razão para isso? Sem as aulas de arte...” Ele deu outro passo em direção a escuridão.

“Daniel!” Minha frustração queimava como um forno de cerâmica. Eu sabia que deveria agradecê-lo por arrumar o carro – por vir quando ele o fez. Eu sabia que deveria pelo menos dizer tchau, mas eu não conseguia fazer as palavras saírem.

Ele se virou e olhou para mim, seu corpo estava quase perdido nas sombras.

“Posso te dar uma carona para algum lugar? Eu poderia te deixar no abrigo para você pegar algumas roupas e alguma coisa para comer, talvez.”

“Não sou o tipo de cara de abrigo,” Daniel disse. “Além disso, estou ficando com alguns caras logo ali.” Ele indicou na direção do prédio no outro lado da rua.

“Oh.” Eu olhei para as minhas mãos. Eu pensei que realmente ele estava me seguindo, mas provavelmente ele só estava descendo a rua quando me viu com o Pete. “Espere aí.” Eu voltei para o carro e abri uma das caixas no assento traseiro. Eu cavei e puxei um casaco vermelho e preto. Eu o peguei para Daniel e levei para ele.

Ele o segurou por um tempo, dedilhando o bordado do símbolo da North Face na frente. “Não posso aceitar isso,” ele disse e tentou devolver.

Eu acenei afastando. “Isso não é caridade. Quero dizer, você costumava ser meu irmão.”

Ele vacilou. “Isso é muito bom.”

“Eu te daria outro, mas os outros que estão nesse carro são femininos. O resto está com o Jude, a menos que você queira ir ao abrigo?”

“Não.”

Gritos ecoaram ao fundo. Faróis apareceram na esquina.

“Esse vai dar.” Ele acenou e entrou na escuridão.

Eu parei e observei até ele desaparecer. Eu nem notei que os faróis pararam na frente do meu carro até que ouvi alguém chamar meu nome.

“Grace?” Pete correu até mim. “Você está bem? Por que você não ficou no carro?”

Eu olhei por cima do seu ombro para a caminhonete branca ligado na marcha lenta na escuridão. A luz da cabine mal revelava o rosto do Jude que estava sentado no banco do motorista. Sua expressão era ilegível, rígida como se fosse cravada na pedra.

“Eu liguei o carro,” eu menti.

“Ótimo, mas você está congelando.” Pete passou seus braços em minha volta e me segurou em seu peito. Ele cheirava picante e limpo como sempre, mas dessa vez não me fez querer ficar perto dele.

“Nós podemos pular a parte do boliche essa noite?” eu disse enquanto me afastava. “Está ficando tarde e não estou muito animada para isso. Nós podemos ir outro dia.”

“Claro. Mas você me deve uma.” Ele colocou os braços em volta do meu ombro e me conduziu até a caminhonete. “Está gostoso e quente aqui, você vai com o Jude. Eu levo o Corolla e depois que descarregarmos te levo para casa. Talvez nós podemos fazer uma parada para um café no caminho.”

“Parece bom.” Mas pensar no café me fez sentir mal. E aquele olhar de pedra no rosto do Jude enquanto eu subia na caminhonete me fez querer achar um buraco e enfiar a cabeça dentro.

“Ele não deveria ter deixado você aqui,” Jude disse muito baixo.

“Eu sei.” Eu estiquei meus dedos na saída de ar do aquecedor. “Mas ele achou que estava me mantendo segura.”

“Quem sabe o que poderia ter acontecido?” Jude engatou a caminhonete. Ele não falou novamente durante toda a noite.

Capítulo Cinco

A Caridade Nunca Falha

SÁBADO

Vaguei desinteressada ao redor da casa como um fantasma durante toda a manhã. Exceto que eu era quem me sentia assombrada.

Por toda noite, sonhei com portas de carros barulhentas e aquele barulho estranho e agudo. E então os olhos de Daniel, brilhantes e famintos, olhando par mim através do vidro. Acordei mais de uma vez, com frio e molhada de suor.

De tarde, sentei no meu quarto e tentei escrever um relatório sobre a Guerra de 1812, mas meu olhar – e minha mente – mantinha-se indo saindo pela janela para a nogueira no jardim da frente. Depois de começar a primeira sentença do meu relatório pela décima vez, eu me chutei mentalmente e fui ao andar de baixo para a cozinha, para fazer chá de camomila.

Inspecionei a despensa e encontrei uma garrafa de mel em forma de urso. Era do mesmo tipo que eu amava quando era jovem o suficiente para viver de sanduíches de manteiga de amendoim e mel sem casca. Mas agora ele parece granulado e ruim quando eu o espremo em pequenas gotas na superfície do chá marrom, e então as observo afundarem até as profundezas da minha caneca fumegante.

“Tem mais desse chá?” Papai pergunta.

Pulo ao som de sua voz.

Ele retira suas luvas de couro e desabotoa seu casaco de lã. Seu nariz e suas bochechas brilham vermelhas. “Eu poderia usar um estimulante.”

“Hum, sim.” Limpo a poça que derramei no balcão. “É camomila, entretanto.”

Papai enrugou seu nariz de Rudolph¹².

“Acho que vi hortelã no armário. Vou pegar para você.”

“Obrigado, Gracie.” Ele puxa um banco do balcão.

Tiro a chaleira do fogão e dou uma caneca a ele. “Dia ruim?” Ele estive tão ocupado com a unidade de caridade e o interminável estudo no seu escritório no último mês, que já fazem semanas desde quando conversamos de verdade.

Papai entrelaça suas mãos ao redor de sua caneca. “Maryanne Duke pegou pneumonia de novo. Ao menos acho que era.”

“Ah, não. Eu a vi noite passada. Parecia cansada, mas não pensei... Ela está bem?” Pergunto. Maryanne era a paroquiana mais velha do meu pai. Conheço-a desde sempre, e Jude e eu já estivemos em sua casa desde quando a última de suas filhas se mudou para Wisconsin quando eu tinha doze anos. Ela era praticamente nossa avó substituta.

“Ela se recusa a ir a um médico. Tudo que ela quer é que eu ore por ela.” Papai suspira. Ela parece cansado, enrugado – como se a própria paróquia estivesse sobre seus ombros. “Algumas pessoas esperam milagres.”

Dou a ele o pacote de hortelã. “Não é por isso que Deus inventou os médicos?”

Papai ri. “Agora, o que você diria a Maryanne? Seu irmão não pode nem colocar algum juízo nela, e você sabe como ela o ama. Ele disse a ela que se ela tivesse ido a um médico na última vez, ela provavelmente estaria bem o bastante para cantar o seu solo amanhã.” Pai baixa a cabeça, seu nariz quase na borda de sua caneca. “Não sei onde encontrarei uma substitua tão tarde. E amanhã é o pontapé inicial para a movimentação da bolsa no próximo semestre.”

Papai acredita que todos merecem uma educação Cristã de qualidade, então ele patrocina um fundo bienal para bolsa na paróquia para a Academia da Santíssima Trindade. Maryanne Duke de oito anos de idade sempre cantaria seu infame solo “Santo Padre, na Tua Misericórdia,” e Papai, o diretor e os outros membros da Junta de Regentes conversariam sobre caridade e “fazer aos outros.” Mamãe pensava que Papai deu tanto à comunidade que Jude e eu deveríamos nos qualificar para o fundo de caridade.

¹² Rena protagonista do filme *Rudolph, a Renado Nariz Vermelho*.

“Talvez eu deveria ter optado por um coro de crianças esse ano,” Papai disse antes de tomar um gole. “Lembra-se de como você e Jude se divertiram cantando com seus amigos? Aquele foi o melhor coro de crianças do estado.”

“Sim, foi maravilhoso,” eu disse suavemente. Peguei uma colher e mexi meu chá. Ele ficou frio muito rápido – ou talvez fosse eu. Estava surpresa que o Papai trouxesse o coro de crianças. Jude, Daniel e eu começamos um grupo de canto quando Daniel estava vivendo conosco. Mas só durou apenas alguns meses antes de perdermos nosso principal tenor. Daniel tinha uma voz de um anjo – surpreendentemente profunda e clara para um garoto travesso – antes que se tornasse áspera e amarga como ouvi noite passada. Quando a mãe de Daniel o levou de volta, foi um choque não só para o coro e nossa família, mas também para Daniel, principalmente.

“Você poderia fazer,” Papai disse.

Derramei meu chá de novo. “O quê?”

“Vamos poderia cantar o solo de Maryanne.” Papai sorriu, seus olhos iluminados. “Você tem uma bela voz.”

“Perdi a prática. Eu iria soar como uma rã.”

“Você realmente estaria salvando o dia.” Ele colocou sua mão sobre a minha. “Além disso, você poderia usar uma elevação espiritual.”

Olhei para minha caneca. Odiava quando Papai podia ver dentro da minha alma. Era como se fosse dele, pastor especial com poder divino.

“Vou ajudar,” Charity diz detrás de nós. Ela veio de fora com os braços cheios de livros da biblioteca. “Posso cantar com você, Grave. Poderia ser um dueto.” Charity me dá um sorriso ansioso. Ela amava cantar quando pensava que não tinha ninguém por perto, mas eu sabia que sua tímida voz não poderia carregar um solo completo numa igreja lotada.

“Obrigada. Gostaria disso,” disse a ela.

Papai bateu as mãos. “Caridade nunca falhou,” disse, e abraçou nós duas.

DOMINGO DE MANHÃ

Terminei sentando próxima a Don Mooney nos bancos temporários do coro atrás do altar. Charity se sentou do meu outro lado, apertando uma caderneta em suas mãos. Don berrou “Castelo Forte é Nosso Deus” certa de duas oitavas mais baixas que o resto do coro. Ele cantava com tal exuberância e falta de graça que eu me encontrei quase animando-o pela primeira vez.

“É uma vergonha aquela vidraça,” Don sussurrou para mim enquanto o Diretor Conway dava seu discurso semestral. Don olhou para a vidraça limpa acima da galeria lotada, onde a bela descrição de Cristo bate em algo que costumava ser uma porta.

Quando um incêndio, pouco mais de três anos atrás, destruiu a maior parte da galeria, mas deixou o vitral intacto, eles estavam celebrando como um milagre. De qualquer modo, todos nós lamentamos sua perda, quando uma escada deslocada quebrou o vidro durante a reconstrução. E desde que foi criado há mais de cento e cinquenta anos, não há como substituir o vidro no nosso orçamento.

“Sonhei que tinha uma máquina do tempo e voltava e parava o incêndio,” Don sussurrou. “Desse modo ainda estaria lá.”

O Diretor Conway olhou para nós. Os sussurros de Don eram mais como um grito baixo. Coloquei meu dedo sobre meus lábios. Don corou e caiu sobre o banco.

“Como eu estava dizendo,” o diretor falou, “A Academia Santíssima Trindade pode oferecer esperança e direção à todos os adolescentes de todos os caminhos da vida. De qualquer forma, cabe a nós ajudar os menos afortunados a ter sucesso. Então eu pergunto a cada um de vocês: o que você pode fazer, quanto você pode dar, para trazer graça e salvação a pelo menos uma alma?” O Diretor Conway passou seu lenço sobre seus lábios e tomou seu assento ao lado do meu pai.

O órgão começou a tocar, e eu me sentei perguntando-me se a salvação de alguém pode estar realmente ligada a conseguir uma educação do AST.

Charity puxou minha manga. “É nossa vez,” grasniu.

Ficamos no palanque, e embora tivéssemos ensaiado por mais de três horas ontem, minhas mãos começaram a suar. Olhei para a audiência. Mamãe, Jude, e James estavam sentados na fila da frente, sorrindo para nós. Pete Bradshaw chegou tarde, mas estava sentado com sua mãe poucas filas atrás. Ele me deu um grande sinal de aprovação.

Minha visão foi para a vidraça acima da galeria e ficou lá enquanto Charity e eu cantávamos.

Imaginei o vitral ali, com Cristo do lado de fora numa porta de madeira velha. “Peça e receberás, batei e será aberto para vós,” meu pai uma vez disse para Don Mooney, e isso levou o gigante às lágrimas. Lembrei-me de encontrar Daniel sozinho na capela pouco depois da chegada de Don na área. Ele olhou para a vidraça e fez a mesma pergunta que fiz dias antes – porque meu pai perdoou Don embora ele o tenha machucado.

“Ele não deveria ter falado com alguém ou chamado os policiais?” Daniel perguntou.

Tentei repedir o que meu pai me falou, mas eu ainda estava tão confusa que tenho certeza que saiu tudo errado. “Papai disse que nós temos de perdoar todo mundo. Não importa quão ruim alguém é ou quanto eles te machucaram. Ele diz que as pessoas fazem coisas ruins porque estão desesperadas.”

Daniel fechou seus olhos e secou seu nariz numa manga. Pensei que ele ia chorar, mas então ele deu um soco no meu braço. “Vocês Divines nunca fazem sentido.” Ele colocou suas mãos nos bolsos e mancou até o corredor. Pelo menos sua perna machucada estava melhorando. Parecia que ele mal podia andar há poucas horas quando o pegamos para a igreja. Daniel disse que ele caído de uma noqueira na manhã anterior. Mas sabia que ele estava mentindo. Eu estive todo o dia plantando petúnias com a minha mãe, e sabia que ele não tinha saído de casa.

Queria que ele me pedisse ajuda.

Minha voz vacilou quando cantamos a linha “Abençoa-los, guiá-los, salvá-los.”

Um pensamento me atingiu como um golpe de pintura na tela. E se Daniel, de sua própria maneira, tinha me pedido ajuda na outra noite? Pedido minha ajuda?

Quando a música acabou, sentei-me no meu banco com algo a resolver. Era tarde demais para afastar a ideia.

Eu sabia o que tinha de fazer.

SEGUNDA, ANTES DA ESCOLA

“Sinto muito, Grace, mas não há nada que eu possa fazer.” Sr. Barlow tocou seu bigode.

Eu não podia acreditar em como irracional ele estava sendo. Todo meu plano se baseava nesse fator. Se eu ia ajudar Daniel e conseguir sua vida de volta, teria de consegui-lo de volta à escola primeiro. Então encontrei um modo de fazer as coisas entre ele e meu irmão. “A decisão é sua, Sr. Barlow. Daniel precisa dessa aula.”

“O que esse garoto precisa é de respeito.” Barlow embaralhou uma pilha de papéis sobre a sua mesa. “Crianças como aquela pensam que podem fazer o que querem. Essa é a aula avançada de arte, não um curso fácil.”

“Eu sei, senhor. Ninguém leva essa aula levianament. De fato, acho que é uma honra apenas estar aqui –”

“Exatamente. É por isso que seu amigo não vai se juntar a essa classe. Esse é um lugar de artistas sérios. Falando nisso” – Barlow abriu a gaveta da mesa e tirou um longo pedaço de papel – “quero discutir seu último projeto.” Ele colocou o papel na mesa. Era meu desenho mal feito do urso de pelúcia.

Sentei-me na cadeira. Tanto por brigar pelo lugar de Daniel na classe; era minha própria permanência que estava em perigo agora.

“Devo dizer, fiquei bastante desapontado com vi isso.” Barlow acenou sua mão sobre o desenho. “Mas então eu percebi o que você queria. Uma ideia bem brilhante.”

Eu me sentei mais ereta. “O quê?”

“Diga-me se estiver errado, porque odiaria fazer uma interpretação inapropriada. Pedi à classe para desenhar algo que lembrasse sua infância, mas como você interpretou a tarefa. Esse é claramente um exemplo do seu talento e nível de habilidade como uma criança. Estou impressionado com sua visão artística.”

Assenti, então perguntei-me o que mais iria acontecer.

“Você deveria ter juntado suas duas interpretações. Quase te dei uma nota baixa antes de ver esse.” Barlow puxou um segundo desenho da gaveta e o colocou na mesa. Era o desenho a carvão da nogueira.

Estou quase chocada. No canto do desenho estava meu nome escrito na caligrafia clara de April. “Eu não...” Mas não pude me fazer admitir a verdade quando vi a admiração no rosto de Barlow quando ele olhou para as linhas da árvore.

“Esse é um excelente exemplo de como você cresceu e aumentou sua habilidade com os anos,” Barlow disse. “Para ser honesto, eu não esperava ver esse nível de

habilidade de você antes da graduação.” Ele puxou uma caneta vermelha e marcou um grande A+ no topo do papel. “É uma honra ter você na minha classe,” Barlow disse, e me deu os dois desenhos. “Agora saia daqui para que eu consiga terminar o trabalho.”

Fiquei de pé e comecei a andar. Então parei e me virei. Minha decisão de ontem retornou. “Sr. Barlow?”

Ele olhou para cima. “Sim?”

“Você ama ensinar estudantes que são uma promessa, como o que você viu nesse desenho? Você até falou que era uma honra.”

“Sim, eu falei.” Sr. Barlow acariciou o bigode e entortou os olhos. “Onde você quer chegar?”

Voltei para a sua mesa, respirei fundo e então falei, “Eu não fiz isso.” Deu a ele o desenho da árvore, “Daniel fez.”

Sr. Barlow cuspiu. “Você está transformando num trabalho dele!”

“Não. Esse desenho é meu.” Eu mostrei o desenho do urso de pelúcia. “Esse foi o que fiz. Alguém deve ter colocado esse” – apontei para o desenho nas mãos dele – “na pilha por acidente. Sinto muito. Deveria ter te falado isso na hora.”

Barlow pegou seus lápis coloridos e os colocou, um por um, de volta na caneca artesanal. Ele colocou a caneca sobre a pilha de arquivos e então se inclinou para sua cadeira. “Você diz que Daniel fez esse desenho?”

“Sim. Ele está tentando entrar no Trenton.”

Barlow assentiu.

“Ele realmente precisa dessa aula.”

“Bem, você quem sabe. Se você e seu amigo me encontrarem aqui às sete e vinte e cinco em ponto, amanhã de manhã, vou ter uma conversa com ele e ver o que posso fazer.”

Dei pulinhos. “Obrigada, Sr. Barlow.”

“Se Daniel faltar outro dia de aula, ele vai perder sua bolsa.” Ele balançou sua cabeça e resmungou, “Como ele conseguiu a bolsa, em primeiro lugar, está além de mim.”

Balancei a cabeça e sorri. “Você é muito legal, Sr. Barlow.”

Dois estudantes entraram na sala quando o primeiro sino tocou.

Sr. Barlow olhou para eles. “Não conte a muitas pessoas,” disse. “E espero ver uma representação de qualidade sua na segunda.”

Capítulo Seis

Operador de Milagres

DEPOIS DA ESCOLA

Até o almoço com April na sala de arte, não havia percebido o maior problema do meu plano brilhante: precisava encontrar Daniel de algum modo para dizer que Barlow estava disposto a dar-lhe uma segunda chance. Tudo o que sabia era em qual prédio ele estava ‘ficando’. Não tinha um número de apartamento ou nem mesmo uma maneira de chegar ao centro da cidade. Meus pais me proibiram terminantemente de ir à cidade sozinha – para não falar da rua Markham. E não sou exatamente uma fã do transporte público – Eu e April fomos roubadas quando pegamos um ônibus para ir ao shopping em Apple Valley no último verão. Então, de alguma maneira, tinha de dar um jeito de conseguir um dos carros dos meus pais e um álibi decente.

Não era uma mentirosa por natureza. Meu peito e pescoço ficavam vermelhos mesmo quando contava uma mentirinha sem importância. Foi bom ninguém me aborrecer para perguntar como fiz o carro andar novamente, ou teria me tornado um rabanete inchado e reluzente. Mas imaginava ser capaz de sair com uma meia mentira quando implorasse pelo carro de minha mãe.

“Preciso encontrar April na biblioteca.” Arranhei-me no grosso cachecol de lã que enrolei no pescoço para esconder a vermelhidão. “Estamos trabalhando na nossa pesquisa de Inglês.” April e eu combinamos de nos encontrar na biblioteca – mas só mais tarde.

Mamãe suspirou. “Acho que posso ir ao mercado amanhã. Temos um monte de sobras.”

“Obrigada. Provavelmente não conseguirei fazer as compras para o jantar. Tenho... Temos muita coisa para fazer.” Fechei meu casaco até o queixo e peguei as chaves do carro que estavam na mesa. Estava pronta para fugir, mas mamãe me alcançou fora de casa e apertou a mão na minha testa.

“Você está se sentindo bem, querida? Parece corada.”

“Só não tenho dormido bem ultimamente.” Não tive noites inteiras de sono desde a primeira vez que vi Daniel na quarta-feira. “Preciso correr.”

“Precisará pegar a minivan.”

Ugh. Uma coisa é rodar na cidade em um sedan velho, outra coisa é aparecer naquela parte da cidade na bolha azul da minha mãe – que April chamava de minivan azul-royal e que parecia uma bola de chiclete sobre rodas e gritava “mãe de meia-idade saindo para comprar mantimentos.” Já podia imaginar o olhar irônico no rosto de Daniel.

CENTRO DA CIDADE

Quase voltei com o carro três vezes. Devia estar louca, pensei enquanto rodava pelo beco próximo do apartamento de Daniel. Encostei embaixo do mesmo poste de sexta-feira à noite e analisei a moradia ilegal do outro lado da rua – não parecia tão ameaçadora na luz pálida da tarde. Foi construída com tijolos amarelos que pareciam linhas de dentes estragados com uma grande brecha no meio, onde as portas da frente estiveram um dia.

Bitucas de cigarro e um lixo imundo bagunçavam a varanda desintegrada.

Estava ansiosa para saber como era o interior do prédio.

O que deveria fazer de qualquer forma? Sair batendo de porta em porta perguntado se alguém conhecia um cara alto, magro, com o aspecto de um fantasma e que respondia pelo nome de Daniel – e ter a esperança de que ninguém queira tirar vantagem de uma garota de aparência inocente?

Sentei-me e assisti as idas e vindas na rua esperando que Daniel simplesmente aparecesse. Contei cinco desabrigados correndo em direção ao abrigo e, pelo menos, sete gatos vagando pela rua como se estivessem ansiosos por encontrar refúgio antes da noite cair. Um Mercedes preto com janelas coloridas se abriu lentamente no meio-fio e pegou o que parecia ser um homem muito alto em uma minissaia que esteve irrequieto e andando de um lado para o outro na esquina das ruas Markham e Vine nos últimos trinta minutos.

A rua foi ficando mais vazia conforme o sol afundava na profundidade atrás da poluição da cidade. Dois caras andando em direções opostas deteram-se brevemente em frente ao prédio de Daniel. Eles não se reconheceram, mas alguma coisa definitivamente passou entre suas mãos antes de continuarem andando. Um deles olhou diretamente para

a minivan. Evitei-o abaixando-me por alguns segundos e espiei pela janela. Markhan agora era apenas um deserto como na outra noite. Chequei o relógio no painel. Era quatro e meia – odeio o quão cedo o sol se põe em novembro – e me atrasaria para encontrar April se não saísse imediatamente.

Estava trocando o carro de marcha quando o vi. Usava um macacão cinza de mecânico e tamborilava os dedos na perna como se estivesse tocando uma música secreta em sua cabeça. Estava quase entrando no prédio, quando desliguei o carro e tirei minha mochila do carro com dificuldade, antes que perdesse minha coragem.

“Daniel” gritei enquanto cruzava a rua.

Ele se voltou, olhou para mim e entrou.

Tropecei na varanda. “Daniel? Sou eu, Grace.”

Daniel começou a subir uma escada mal iluminada. “Não esperava vê-la novamente.” Ele fez um ligeiro sinal de “siga-me” com as mãos.

Arrastei-me pelas escadas atrás dele. O poço da escada fedia como café velho passado num banheiro sujo e as paredes foram pintadas com spray várias e várias vezes, e tinham tantas obscenidades misturadas que pareciam ter recebido um papel de parede feito por um Jackson Polloc¹³ muito descontente.

Daniel parou no terceiro andar e puxou uma chave de seu bolso. “Você não consegue resistir a minha beleza, não é?”

“Se toca. Eu só vim para te dizer uma coisa.”

Daniel empurrou a porta aberta. “Primeiro as damas” disse secamente.

“Tanto faz” eu disse e rocei nele quando passei. Percebi um segundo depois que, talvez, essa poderia não ser uma ideia tão boa. Mamãe não me deixa ter garotos por perto quando não está em casa, e ir a um apartamento de um cara sozinha definitivamente não era algo que ela teria aprovado. Queria ficar perto da porta, mas Daniel continuou andando dentro do apartamento. Segui-o em uma sala suja, povoada apenas por uma Tv sobre uma caixa de papelão e um pequeno sofá marrom. Uma música com batida fraca flutuava de uma sala abaixo do hall e um cara magricelo com a cabeça raspada estava deitado no sofá. Ele olhou para o teto descascado com atenção absorta, sem piscar.

¹³ Paul Jackson Pollock, (Cody, Wyoming, 28 de janeiro de 1912 — 11 de agosto de 1956) foi um pintor dos Estados Unidos da América e referência no movimento do expressionismo abstrato.

“Zed, esta é Grace, Grace este é Zed.” Daniel acenou para o cara. Zed não se moveu. Daniel continuou andando.

Inclinei minha cabeça na direção do teto para ver o que era tão fascinante.

“Grace” Daniel gritou.

Assustei-me e fui com ele. Antes de me dar conta, estava no que presumia ser um quarto. Era mais ou menos do tamanho do closet dos meus pais, com um colchão, coberto por uma colcha cinza e amassada, empurrado num canto perto de uma pequena cômoda, que era mais uma pilha de tábuas Masonite.¹⁴ Daniel chutou a porta fechando-a atrás de nós. Um pequeno formigamento percorreu minha coluna.

Parecia que alguém havia mantido um enorme cachorro naquele quarto. A porta estava arruinada por vários arranhões como feridas profundas – da maneira que Daisy deixara arranhões na porta do meu quarto quando a deixei sozinha, só que esses arranhões eram muito mais extensos e profundos. O batente da porta estava estilhaçado e quebrado. Seja qual for o animal que foi mantido ali, aparentemente tinha saído.

Estava quase perguntando sobre isso quando Daniel se jogou no colchão. Ele tirou seus sapatos e foi para o zíper do macacão. Um flash de pânico passou por meu corpo. Virei à cabeça e baixei meu olhar.

“Não se preocupe, princesa” disse Daniel “Não vou violar seus olhos virgens.”

Seu uniforme enrolado caiu em um monte sobre os meus pés. Olhei, cuidadosamente, e vi que ele estava completamente vestido com um jeans rasgado e uma camiseta esbranquiçada.

“Então o que Vossa Graciosidade precisaria falar comigo” – ele se espalhou no colchão e cruzou as mãos atrás da cabeça – “que a faria vir até aqui em um dia de escola?”

“Esqueça.” Queria atirar minha mochila pesada na sua cabeça. Contudo, abri a mochila e despejei o conteúdo no chão – barras de proteína, latas de sopa, lanche de carne, pacotes de frutas secas e castanhas, meia dúzia de camisetas e três pares de calças que peguei das doações que foram para a igreja ao longo do fim de semana. “Coma alguma coisa. Você está parecendo um cachorro faminto.”

Daniel abaixou-se e examinou a pilha, enquanto eu começava a sair.

¹⁴ Masonite ou Duron, também conhecidas como prancha dura. Masonitee Duron são feitos de material de fibra de madeira pesadamente prensado, é um material frequentemente usado para fazer móveis e escrivaninhas.

“Frango e estrelinhas” ele disse segurando uma das sopas. “Sempre foi minha predileta. Sua mãe sempre preparava.”

“Sei. Eu me lembro.”

Daniel rasgou a embalagem de uma das barras de proteína e a devorou em duas mordidas. Moveu-se para um pacote de carne para lanche. Ele parecia tão ansioso que decidi contar as boas novas, afinal.

“Falei com o Sr. Barlow, hoje. Ele disse que se o encontrar amanhã de manhã, ele poderá te dar uma segunda chance. Mas você tem que estar lá antes das sete e vinte da manhã.” Eu disse enrolando um pouco. “E você deve usar algo respeitável.” Apontei para a pilha. “Tem um par de calças cáqui e uma camisa de botões. Tente não agir como idiota, e ele provavelmente deixará você voltar para a aula.” Coloquei minha mochila vazia nos ombros e esperei por sua resposta.

“Hum.” Daniel pegou outra barra de proteína e encostou-se na parede. “Talvez eu apareça.”

Não sabia o que esperava – talvez que ele pulasse, me abraçasse e dissesse que fiz um milagre? Ou dizer obrigada, na verdade. Mas pude ver gratidão em seus olhos negros e familiares – mesmo que eu o matasse por dizer aquilo.

Enrolei os dedos na alça da mochila. “Hum... acho que deveria ir.”

“Não quer chegar atrasada para o jantar da Divina família.” Daniel atirou uma embalagem no chão. “Bolo de carne hoje?”

“Sobras. Mas eu tenho outros planos.” “Biblioteca” ele disse, como se ele pudesse me resumir com uma palavra.

Suspirei e sai de seu quarto voltando para a sala. Zed continuava deitado no sofá, mas dois outros homens andavam relaxadamente na sala fumando alguma coisa que não tinha cheiro de cigarro. Eles pararam de falar quando me viram. De repente, me senti como um marshmallow no meu casaco branco e fofo. Um dos caras me olhou e depois olhou para Daniel, que saiu do quarto atrás de mim. “Bem, e aí” ele disse e tragou. “Não sabia que gostava deles saudáveis.”

O outro cara disse alguma coisa repugnante que eu não repetiria e, então, ele fez um gesto ainda mais nojento.

Daniel disse a ele mesmo que precisava fazer alguma coisa e pegou meu braço me conduzindo para a porta. “Caia fora daqui” ele disse. “Talvez eu a veja amanhã.”

Não caracterizaria Daniel como sendo do tipo que levaria uma garota até o carro, mas ele me seguiu até as escadas e, quando olhei por cima do ombro, enquanto destrancava a van, vi-o assistindo das sombras da porta inferior de entrada.

MAIS TARDE, NAQUELA NOITE

April Thomas tinha a atenção de uma criança de cinco anos com distúrbio de hiperatividade quando se tratava de computadores e livros ingleses – reality shows, por outro lado poderiam mantê-la ocupada o dia inteiro. Seu programa favorito ultimamente era nas segundas-feiras à noite, então, não fiquei tão surpresa por ela não estar na biblioteca quando cheguei lá. O que era totalmente compreensível, considerando que atrasara quase uma hora e meia. Fiquei presa no trânsito no horário de pico da cidade e estava totalmente escuro quando cheguei à biblioteca. Não estava com ânimo para abordar Emily Dickinson sozinha, então, decidi voltar para casa para jantar.

Entrei subitamente na garagem e puxei o freio quando uma sombra negra precipitou-se sobre a frente do carro. Meu coração pulou contra as costelas quando espreitei pela janela. Jude protegia seus olhos dos faróis. Seu cabelo estava desarrumado e sua boca estava fixa em uma linha fina e apertada.

“Jude, você está bem?” Perguntei e saí do carro. “Quase bati em você.”

Jude agarrou meu braço. “Onde você esteve?”

“Na biblioteca com April. Eu disse para mamãe –”

“Não minta para mim” ele disse através dos dentes cerrados.

“April veio aqui procurando por você. Que bom que eu atendi a porta. Mamãe e papai não podem lidar com isso agora. Onde você estava?” Seus olhos eram mordazes, como se quisesse me rasgar até os ossos – e suas unhas, cravadas no meu cotovelo, pareciam que terminariam o trabalho.

“Vamos” disse e tentei puxar meu braço.

“Diga-me!” ele gritou apertando meu braço ainda mais forte. Raramente o tinha ouvido gritar antes, até mesmo quando éramos crianças. “Você estava com ele, não

estava?” Ele enrugou seu nariz e fez cara de nojo, como se pudesse sentir o cheiro de Daniel em mim.

Eu neguei com a cabeça.

“Não minta!”

“Pare!” Gritei de volta. “Você está me assustando.”

Houve um embaraço na minha voz e, quando Jude ouviu, seus olhos se suavizaram e ele soltou meu braço.

“O que está acontecendo?” Perguntei.

Jude colocou as mãos nos meus ombros. “Desculpe-me.” Seu rosto se contorceu como se tentasse conter uma grande emoção “Desculpe-me. Estive procurando por você em toda parte. É tão horrível. Eu... eu precisava falar com você e quando não consegui encontrá-la –”

“O quê?” Flashes de coisas terríveis acontecendo com James ou com Charity passaram por minha cabeça. “O que aconteceu?”

“Eu a encontrei” ele disse. “Encontrei-a e ela estava azul e gelada... e aquelas feridas... não sabia o que fazer. Papai veio, o xerife, os paramédicos. Mas era muito tarde. Eles disseram que ela partira há horas, há mais de um dia.”

“Quem?!“ Vovó, Tia Carol, quem?

“Maryanne Duke” ele disse. “Eu estava entregando cestas de Ação de Graças para as viúvas a pedido de papai. Maryanne era minha última entrega. E lá estava ela, estatelada na varanda.” O rosto de Jude manchou-se de vermelho. “Um dos paramédicos disse que ela deve ter desmaiado de fraqueza enquanto saía de casa.”

“Papai chamou a filha de Marryanne em Milwaukee. Ela perdeu a cabeça. Disse que foi culpa do papai. Disse que ele deveria ter cuidado melhor da Maryanne, que deveria tê-la feito ir ao médico.” Jude limpou o nariz. “As pessoas esperam que ele faça milagres. Mas como fazer milagres num mundo onde uma senhora fica estendida em sua varanda por mais de vinte e quatro horas e ninguém impede?” Linhas de ruga se formaram em torno de seus olhos. “Ela estava gelada, Grace. Gelada.”

“O quê?” Maryanne vivia em Oak Park. Não era nem de perto tão ruim como o lugar onde Daniel estava morando, mas era definitivamente uma área menos desejável. Minha cabeça parecia ter ficado sobre uma garrafa aberta de solvente por tempo demais.

Quantas pessoas teriam passado por ela? “Ela tem um monte de vasos de plantas na varanda e, com a grade... foi por isso, provavelmente, que ninguém a encontrou.” Ao menos era no que queria acreditar.

“Mas isso não é o pior” disse Jude. “Algo a encontrou. Algum animal ou alguma coisa... algum escavador. Ela tinha todos aqueles cortes nas pernas. E sua garganta, estava aberta até o esôfago. Pensei que foi o que a matou, mas os paramédicos disseram que ela já estava morta e fria bastante tempo antes de isso acontecer. Não havia sangue.”

“O quê?” ofeguei. Minha cadela, Daisy, apareceu em minha cabeça. Sua pequena garganta rasgada. Expulsei o pensamento com meu estômago revirado. Não podia me permitir imaginar Maryanne da mesma maneira.

“Ângela Duke disse que foi culpa do papai, mas não foi.” Jude inclinou a cabeça. “Foi minha culpa.”

“Como isso poderia ser culpa sua?”

“Disse a ela que, se fosse ao médico, provavelmente seria capaz de cantar na programação. Fiz com que se sentisse culpada.” Lágrimas jorravam de seus olhos. “Quando a encontrei, ela estava usando seu vestido verde de domingo e seu chapéu com penas de pavão que sempre usava quando cantava.” Jude escondeu sua testa em meus ombros. “Ela tentou fazer isso pela Igreja. Estava tentando cantar seu solo.” Seu corpo cambaleou contra o meu e ele começou a soluçar.

O mundo girava ainda mais rápido. Não podia acreditar que estava cantando enquanto uma senhora que conheci minha vida inteira estava morrendo no frio – sozinha. Minhas pernas falharam. Afundei no chão. Jude me acompanhou. Sentei no meio da garagem e abriguei a cabeça do meu irmão no meu ombro. Ele continuou a soluçar. Massageava suas costas e lembrei da única vez em que amparamos um ao outro como agora. Só que fui eu quem precisou ser confortada.

QUATRO ANOS E MEIO ATRÁS

Era uma noite quente de maio. Abri minha janela diante da cama e acordei com vozes ecoando, por volta de duas da manhã. Até mesmo nestes momentos, em que não conseguia dormir, continuava a ouvir vozes – como fantasmas sussurrando no vento noturno.

Meu quarto ficava no extremo norte da casa – o lado que dava para a casa de Daniel. Sua janela devia estar aberta também. A gritaria ficou mais alta, ouvi um choque e o barulho de telas rasgando. Não podia ajudar. Não podia ficar parada. Não me conteria até fazer alguma coisa. Então, fui até a única pessoa em quem mais confiava.

“Jude, está acordado?” Espreitei seu quarto.

“Sim.” Ele se sentou na borda da cama.

Naquele tempo, o quarto de Jude era o mais próximo do meu – antes de meus pais o transformarem em um quarto de bebê para James. Aquelas vozes horríveis fluíam através da janela aberta. Não eram tão altas quanto no meu quarto, mas ainda eram frias. O quarto dos meus pais estava no extremo sul da casa. Se sua janela não estivesse aberta, não ouviriam nada.

“Temos de fazer alguma coisa” sussurrei. “Acho que o pai de Daniel bate nele.”

“Ele faz pior” Jude disse baixinho. “Daniel me contou.” Sentei ao lado de Jude na cama. “Então, temos de ajudá-lo.”

“Fiz um juramento de irmão de sangue com Daniel de que não contaria para a mamãe e para o papai.”

“Mas isso é um segredo e segredos são errados. Temos de contar.”

“Mas não posso”. Disse Jude. “Eu prometi.”

Um rugido vicioso irrompeu no fundo seguido pelo barulho alto da madeira quebrando. Ouvi um apelo abafado cortado por um horrível som de pancada – como o barulho que o martelo fazia quando minha mãe batia carne no balcão da cozinha.

Seis pancadas fortes e um choque que parecia um trovão e, em seguida, caiu o silêncio. Tanto silêncio que queria gritar apenas para quebrá-lo. Houve um pequeno som – como um cachorro choramingando.

Eu me agarrei aos braços de Jude e recostei minha cabeça em seu ombro. Ele roçou sua mão através do meu cabelo emaranhado.

“Então, eu vou contar” disse. “Daí você não precisa.” Jude me segurou até eu ter coragem o suficiente para acordar meus pais.

O pai de Daniel partiu antes de a polícia chegar. Mas meu pai persuadiu o juiz a deixar Daniel ficar conosco, enquanto sua mãe arrumava a situação. Daniel ficou conosco

por semanas, depois meses e, então, um pouco mais de um ano. Mas, mesmo com a cura milagrosamente rápida de seu crânio fraturado, ele nunca mais pareceu o mesmo para mim. Algumas vezes estava mais feliz do que jamais havia visto, e a seguir, outras vezes, eu captava aquele penetrante olhar quando estava com Jude – como se soubesse que meu irmão quebrara sua confiança.

JANTAR

Sentei-me na mesa e jantei sozinha pela primeira vez em décadas. Jude dissera que não estava com fome e desceu ao porão, Charity estava em seu quarto, James já tinha ido para a cama e mamãe e papai estavam no escritório com as portas duplas fechadas. Enquanto esburacava meu prato reaquecido de caçarola de macarrão e stroganoff, senti-me repentinamente presunçosa em relação a Daniel, como se ficasse feliz por ele estar errado sobre meus jantares familiares perfeitos. Sabia que aquele pensamento que era errado. Não devia querer que coisas ruins acontecessem com minha família, apenas para provar algo para Daniel. Por que ele me fazia sentir culpada ou estúpida por ter uma família que queria comer junta e falar sobre suas vidas?

Mas nesta noite foi tão silencioso comer. Joguei fora meus restos e fui para cama. Fiquei deitada por um tempo, até aquelas vozes fantasmas acharem o caminho para minha cabeça. Então, percebi que os tons altos vinham da minha própria casa. Meus pais estavam gritando um com o outro lá embaixo, no escritório. Não eram gritos violentos, mas nunca os ouvira brigar antes. A voz de papai estava bastante baixa, mas conseguia ouvir seu desespero, contudo não entendia suas palavras. A voz de mamãe ficou mais alta, nervosa e sarcástica.

“Talvez você esteja certo” ela berrou. “Talvez seja sua culpa. Talvez tenha trazido isto para todos nós. E enquanto estivermos nisso, por que não acrescentamos o aquecimento global à lista? Talvez seja sua culpa também.”

Levantei-me e fechei minha porta por inteiro, escorreguei para baixo das cobertas e coloquei um travesseiro sobre minha cabeça.

Capítulo Sete

Obrigações

MANHÃ DE TERÇA-FEIRA

Papai geralmente fazia cooper de manhã, mas não o escutei sair enquanto me preparava para a escola. A luz estava acesa em seu escritório quando passei pelas portas fechadas no meu caminho para a cozinha. Quase bati, mas desisti antes.

“Acordou cedo” Mamãe disse enquanto jogava com a espátula uma pilha de panquecas de chocolate no meu prato. Ela já tinha feito duas dúzias delas apesar de nenhum de nós – exceto papai – geralmente fazermos nossa descida para o café da manhã por mais de trinta minutos. “Espero que tenha dormido bem.”

Claro, com um travesseiro sobre a cabeça.

“Eu tenho um compromisso com o Sr. Barlow esta manhã.”

“Mm-hmn” disse mamãe. Ela estava ocupada limpando o já brilhante balcão. Seus mocassins refletiam no brilho no chão de linóleo. Mamãe tinha a tendência de desenvolver um pouco de Distúrbio Obsessivo Compulsivo quando estava nervosa. Quanto mais difícil à situação ficava para a família, mais ela tentava fazer as coisas brilharem. Com se tudo estivesse perfeito.

Empurrei meu dedo em um dos bocados de chocolate que formavam uma simétrica carinha risonha na minha panqueca. Mamãe normalmente só fazia suas “panquecas comemorativas” em ocasiões especiais. Perguntava-me se ela estava tentando atenuar o golpe por uma discussão sobre Maryanne – preparando-nos para um dos sermões de papai sobre como a morte é uma parte natural da vida e etc. Isto até eu ver o olhar de culpa em seu rosto quando colocou um copo de suco de laranja na minha frente. As panquecas eram uma oferta de paz pela briga com papai na noite anterior.

“Fresquinho.” Mamãe torceu seu avental com as mãos. “Você prefere uva? Ou talvez uva branca?”

“Este está bom” balbuciei e tomei um gole.

Ela franziu as sobrancelhas.

“Está ótimo” eu disse. “Amo suco de laranja fresco.”

Soube então que papai não sairia de seu escritório essa manhã. Não falaríamos sobre o que aconteceu com Maryanne. E mamãe, com certeza, nãoalaria sobre a briga que tiveram.

Na noite anterior, Daniel me fizera sentir culpada por ter uma família que se sentava em volta da mesa de jantar e discutia suas vidas. Agora percebia que, na verdade, nunca conversamos sobre nada que era um problema em nossa casa. É por isso que o resto da minha família nunca mencionou o nome de Daniel ou discutiu o que aconteceu na noite em que ele desapareceu – não importa quantas vezes tenha perguntado. Falar seria admitir que há alguma coisa errada.

Mamãe sorriu. Parecia melada e falsa como a imitação de glacê no meu café da manhã. Ela voltou ao fogão e virou duas panquecas. Seu rosto se transformou em uma careta novamente e despejou a pilha mais mal dourada no lixo. Ainda estava usando a mesma blusa e calça de ontem sob o avental. Seus dedos estavam vermelhos e rachados por causa de horas de limpeza. Foi o perfeito trabalho a todo vapor, o auge.

Queria perguntar à mamãe por que esconderia sua briga com papai fazendo cinco quilos de panquecas, mas Charity entrou tropeçando na cozinha.

“O que está cheirando tão bem?” ela bocejou.

“Panquecas!” Mamãe enxotou Charity até uma cadeira com sua espátula e a presenteou com um prato lotado. “Tem com glacê, amora, creme batido, geleia de framboesa.”

“Impressionante” Charity cavou com o garfo em uma vasilha de creme batido. “Você é a melhor, mãe.” Charity devorou suas panquecas em segundos. Ela não pareceu notar mamãe na pia praticamente abrindo um buraco na frigideira.

Charity agarrou a geleia de framboesa e então congelou.

De repente seus olhos pareceram brilhantes, como se fosse chorar. O pote escorregou de seus dedos e rolou pela mesa. Peguei-o bem quando estava na borda. Olhei para o rótulo: DA COZINHA DE MARYANNE DUKE.

“Tudo bem” disse e coloquei minha mão no ombro de Charity.

“Eu esqueci...” Charity disse suavemente. “Esqueci que não era um sonho.” Ela empurrou seu prato e levantou-se.

“Estava quase começando a fazer ovos fritos” Mamãe disse enquanto Charity deixava a cozinha.

Olhei para meu prato. Meu café da manhã sorridente me encarava e não sabia se poderia voltar a comer. Tomei outro gole do meu suco de laranja. Pareceu-me azedo. Sabia que convenceria Jude a me dar uma carona para a escola, mas não queria ficar por ali e ver a exibição de mamãe de um começo de dia perfeito novamente quando ele descesse para o café da manhã. Enrolei duas panquecas em um guardanapo e sai da mesa. “Preciso ir” disse “Comerei no caminho.”

Mamãe me olhou da pia. Diria que não ter comido não a ajudou a aliviar sua culpa. Por alguma razão, não me importei.

Andei os poucos quarteirões até a escola no frio e doeí meu café da manhã para um gato perdido que conheci ao longo do caminho.

MAIS TARDE, ANTES DA ESCOLA

O relógio na sala de arte fazia seu caminho para 7:25 a.m. e me amaldiçoava por ter dado a Daniel uma janela de atraso de apenas cinco minutos. Fechei meus olhos e rezei silenciosamente para que viesse, só para provar a Barlow que estava errado sobre ele. Mas, com cada tic-tac, comecei a pensar que seria a única a ficar desapontada.

“Preocupada que eu não aparecesse?” Daniel jogou-se na cadeira próxima a mim bem na hora. Usava a camisa de tecido azul-claro e calça cáqui que deixei para ele, mas suas roupas estavam amarrotadas como se tivesse tirado-as do pacote apenas alguns minutos antes.

“Realmente não me importo com o que você faz.” Senti minúsculas picadas de ardor vermelho em meu pescoço. “É o seu futuro, não o meu.”

Daniel suspirou.

O Sr. Barlow saiu de seu escritório e sentou-se em sua mesa. “Vejo que decidiu se juntar a nós apesar de tudo, Sr. Kalbi.”

“É só Daniel. Sem Kalbi.” Daniel pronunciou seu sobrenome como um palavrão.

Barlow ergueu uma sobrancelha. “Bem, Sr. Kalbi, quando se tornar um músico ou o Papa pode abandonar seu sobrenome. Mas na minha aula será chamado pelo nome que seus pais te deram.” Barlow olhou para Daniel como um crítico avaliando um novo trabalho em uma galeria.

Daniel inclinou-se em sua cadeira e cruzou os braços.

O Sr. Barlow fechou os dedos em cima da mesa. “Você está bem consciente que a sua bolsa de estudos depende do seu comportamento. Você agirá e se vestirá apropriadamente para uma escola cristã. Hoje foi uma boa tentativa, mas poderia investir em um ferro. E eu duvido muito que esta seja a cor natural do seu cabelo. Darei até segunda-feira para fazer a respeito.

“Quanto a minha aula,” Barlow continuou “estará aqui todos os dias, no horário e no seu lugar quando o sinal tocar. Todo o estudante avançado precisa compilar um portfolio de vinte e três trabalhos de um tema específico e mais dez projetos para mostrar sua capacidade. Está entrando nessa aula tarde demais, mas espero que faça o mesmo.” O Sr. Barlow inclinou-se para a frente e encarou os olhos de Daniel como se estivesse desafiando-o – incitando-o a desviar o olhar primeiro.

Daniel não piscou. “Sem problema.”

“Daniel é muito competente” eu disse.

Barlow afagou seu bigode e sabia que estava prestes a entregar o jogo. “Seu portfólio consistirá apenas em trabalhos feitos nessa aula. Monitorarei cada uma de suas tarefas no começo, meio e fim do desenvolvimento. Não usará nada que tenha feito antes dessa data.”

“Impossível” disse. “É quase dezembro e não fiz nem um terço do meu portfólio.”

“É por isso que o Sr. Kalbi se juntará a nós em todas as horas do almoço e virá diretamente à minha classe por uma hora depois da escola, todos os dias.”

Daniel quase perdeu a competição, mas recuperou a compostura. “Bela tentativa, mas tenho um trabalho na cidade depois da escola.”

“Fui informado de que a escola te deu uma quantia para despesas. Você caiu, obviamente, nas boas graças de um membro do conselho, mas não espere nenhum tratamento especial de mim. Estará nessa aula todos os dias depois da escola, ou não ficará aqui de maneira nenhuma.”

Daniel agarrou a borda da carteira e se inclinou para frente. “Você não pode fazer isso. Eu preciso do dinheiro.” Ele finalmente desviou o olhar. “Tenho outras obrigações.”

Senti uma pontada de desespero em sua voz. A palavra ‘obrigações’ fez minha boca secar. “Estas são minhas condições” disse Barlow. “A escolha é sua.” Ele juntou alguns papéis e foi para seu escritório.

Daniel atirou sua cadeira para o lado e arrancou para a fora da sala com a fúria de um urso ameaçado. O segui pelo corredor.

Daniel praguejou e afundou o punho em uma porta de armário. O metal ficou amassado atrás de seus dedos. “Ele não pode fazer isso.” Ele socou a porta novamente e nem mesmo recuou com a dor. “Eu tenho obrigações.”

Ali estava aquela palavra de novo. Não pude deixar de pensar no que significava.

“Ele me quer para ser seu cachorrinho de circo. Até usei essa camisa idiota.” Daniel agarrou sua camisa pesada e despedaçou-a, descobrindo sua pele clara e os vigorosos músculos em seus braços que eu não notara antes. Ele lançou a camisa contra o armário. “Isto é uma mer-”

“Ei!” Agarrei sua mão quando ele recuou-a para outro soco. “É, esses armários também me tiram do sério às vezes” disse e encarei dois calouros embasbacados até eles se apressarem. “Droga, Daniel!” Voltei-me para ele. “Não fale essas coisas na escola. Você será expulso.”

Daniel passou a língua pelos lábios e quase sorriu. Ele descerrou o punho que eu continuava segurando, deixando cair sua camisa azul. Tentei inspecionar sua mão esperando que estivesse roxa, considerando a profunda cavidade no armário. Ele se soltou e enfiou a mão no bolso.

“Que saco” Daniel disse e se recostou no armário maltratado. “Este tal de Barlow não entende.”

“Bem, talvez você possa argumentar com ele. Ou quem sabe se você me contar sobre suas obrigações, eu posso explicar por você...”

Será que poderia ter sido mais óbvia?

Daniel olhou para mim por um longo momento. Seus olhos pareciam refletir as luzes fluorescentes do corredor mal iluminado. “Você quer dar o fora daqui?” ele

finalmente perguntou. “Eu e você.” Ele estendeu sua mão ilesa. “Vamos esquecer esses babacas e fazer alguma coisa divertida.”

Eu era uma aluna honorável, filha de um pastor, ganhadora do prêmio cidadão do mês e membro do Clube Um por Jesus, mas por um breve nanosegundo eu esqueci tudo isso. Desejei pegar sua mão. Mas esse desejo me assustou – me fez odiá-lo.

“Não” disse antes que pudesse mudar de ideia. “Não posso perder a aula, e nem você. Se pular mais um dia, perderá sua bolsa de estudos. Você ainda quer entrar em Trenton, não é?” Daniel fechou a mão em um punho. Ele suspirou profundamente e seu rosto transformou-se em uma fachada fria e imperturbável. Ele puxou um pedaço de papel amarrotado de seu bolso. “Então, princesa, como faço para chegar na aula de geometria?”

Estudei a lista aliviada de que Arte fosse a única aula que teríamos juntos. “A sala 103 é descendo o corredor à esquerda. Depois da cafeteria. Você não pode perdê-la. E não chegue atrasado. A Sra. Croswell ama dar detenção.”

“Bem-vindo” Daniel resmungou. “Esqueci quanto eu odeio esta mer—porcaria.” Ele sorriu para mim e riu para si mesmo.

“É, bem vindo ao lar” eu disse. E dessa vez fui eu quem saiu.

MAIS TARDE

Não sabia quantas pessoas se lembrariam de Daniel Kalbi. Ele tinha apenas um punhado de amigos de infância e se mudou de Holy Trinity antes de seu segundo ano. Independentemente disso, esperava que a aparência de alguém como Daniel despertasse pelo menos alguma polêmica e fofoca. De qualquer modo, havia outro escândalo varrendo os corredores da escola que ofuscava dez vezes mais o retorno de Daniel: a morte repentina e mutilação de Maryanne Duke, devotada professora da Escola Dominical, Babysitter das crianças da vizinhança e – apesar de sua idade avançada e meios escassos – voluntária na maioria das atividades da escola.

Fui a receptora de muitos olhares indiretos e cochichos enquanto fazia meu caminho até a aula. Acostumara-me com as pessoas falando de mim. Me olhando. Era apenas uma parte de ser uma Divine. Mamãe sempre dizia que devia ser cuidadosa com as roupas que usava, até que horas ficava fora, ou quais filmes assistia no cinema, porque as pessoas determinariam seu próprio comportamento pelo que uma filha de pastor estava

autorizada a fazer – como se fosse uma espécie de barômetro de moralidade ambulante. De verdade, pensei que ela estava mais preocupada com o fato das pessoas terem uma razão para criticar a filha do pastor.

Como o tipo de falatório que estava acontecendo hoje. Exceto, porque eram os nomes de Jude e de papai que apareciam nas conversas que cessavam conforme me aproximava. Muitas pessoas tinham a decência de defender meu pai contra as acusações de maus tratos feitas por Ângela Duke, mas as histórias se espalham rápido em uma cidade pequena. Era inevitável que especulações sobre o “envolvimento” da minha família na morte de Maryanne estariam em todos os lugares. Besteiras como “Ouvi que Mike disse que o pastor recusou-se a levar Maryanne para a consulta médica e que a expulsaria se ela não fosse...” Ou esta joia que escutei fora do ginásio: “Disseram que Jude, estava sob o efeito de algum tipo de remédio que o deixou louco com Maryanne por estar doente...” que, envergonho-me de dizer, me fez quebrar a regra que determinei para Daniel sobre não dizer certas coisas na escola.

Mas, além de triste e abalado – e inclinado às más línguas e olhares obscenos – quanto eu estava, poderia apenas imaginar como Jude estava se sentindo. April era a única pessoa atenciosa – ou ignorante – o suficiente para falar comigo pessoalmente sobre tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas.

“Bem” April disse no segundo em que sentei-me perto dela na aula de arte. “Número um: onde diabos você se meteu ontem à noite? Número dois: Que diabos ele está fazendo aqui?” Ela apontou para Daniel, que sentou-se com os pés em cima de uma mesa no fundo da sala. “Número três: o que diabos aconteceu com seu irmão, ele está bem? E número quatro: é melhor os números um, dois e três não terem nada a ver um com o outro.” Ela apertou os lábios e cruzou os braços. “Quero respostas, irmãzinha!”

“Uou” disse “Primeiro, desculpe-me por falhar com você ontem. Fiquei presa no trânsito.”

“Trânsito? Por aqui?” Ela apontou o dedo para Daniel. “Você estava na cidade” ela sussurrou.

“Você estava com ele.”

“Não, não estav —”

“Sei que ele vive no centro da cidade porque o vi no ponto de ônibus da cidade essa manhã.”

“Aquilo poderia significar um monte de coisas...” Mas de verdade, qual a razão de mentir? “Certo, eu estava. Mas não é o que você está pensando.”

“Não é?” April fez aquela vigorosa balançadinha de cabeça que fazia seu cabelo ondulado vibrar como as orelhas de um cocker.

“Não, não é. Estava apenas entregando uma mensagem do Barlow. É sua culpa, de qualquer forma.” Imitei sua postura irritada. “Foi você que entregou o desenho dele e fez o Barlow aceitá-lo na aula.”

“Ah, não. Te coloquei em apuros? Não foi minha intenção. Como ele soube que era do Daniel?”

“Eu contei.”

“O quê? Você está louca?” Os olhos de April se arregalaram. Ela chegou mais perto e cochichou “Você está apaixonada por ele, não está?”

“Pelo Barlow?”

“Você sabe de quem estou falando.” Ela olhou para Daniel, que estava tocando bateria na perna. “Você continua apaixonada por ele.”

“Não estou. Nunca estive, para começar. Era apenas uma quedinha estúpida.” Sabia que ela estava errada, mas senti um ardor percorrer meu pescoço. Agarrei-me à primeira coisa em que pude pensar para mudar de assunto. “Não quer ouvir sobre Jude e Maryanne Duke?”

O comportamento de April mudou imediatamente. Seus olhos se suavizaram e ela passou os dedos pelo cabelo. “Ai meu Deus. Ele parecia tão triste ontem à noite quando fui te procurar na sua casa. E nessa manhã escutei Lynn Bishop – seu irmão era um paramédico em Oak Park – falando sobre Maryanne Duke no corredor. Escutei-a falar que Jude e seu pai tinham alguma coisa a ver com isso. Mas não poderia dizer do que ela estava falando. E estes caras na aula de biologia estavam falando sobre o monstro da rua Markham.”

Balancei minha cabeça. “Você sabe que o monstro é apenas uma história, certo? Além disso, Maryanne não vive – vivia – na Markham.” Sabia que era apenas uma história – que não ouvia desde que era uma criança – mas me deu calafrios ouvir pessoas falando do monstro novamente. E sabia também que não viver na rua Markham não deixava uma pessoa imune a estranhos acontecimentos. Não fui capaz de tirar minha cachorrinha mutilada da cabeça desde que ouvi sobre Maryanne.

“Sim, mas o que aconteceu com Maryanne não foi história” April disse. “E por que todos estão dizendo que Jude estava envolvido?”

Olhei para a janela do escritório de Barlow. Ele estava no telefone e parecia demoraria um tempo. April pareceu verdadeiramente preocupada e eu realmente queria falar com alguém sobre o que aconteceu. Diminui a voz para que ninguém mais (especialmente Lynn) ouvisse e contei a April sobre como Jude encontrou o corpo e como os Dukes culparam meu pai. Contei-lhe também sobre a consequência. Sobre como Jude havia surtado e sobre a briga que meus pais tiveram.

April me abraçou. “Vai ficar tudo bem.”

Mas como ela poderia saber? Ela não sentira quão estranho foi jantar sozinha ou ouvir a maneira como meus pais gritavam um com o outro. Mas imaginava que April saberia como essas coisas nos faziam sentir. Ela se mudou para cá quando seus pais se separaram, quando ela tinha quatorze anos, e as horas de trabalho de sua mãe ficavam cada vez maiores ultimamente. Eu iria convidá-la para nosso jantar de Ação de Graças, assim não passaria o dia sozinha.

Nada disso parecia “bem” para mim.

Barlow saiu do escritório. Ele descarregou uma caixa de latas de Pepsi vazias em sua mesa e foi trabalhar sem passar nenhuma instrução para a classe.

“Você que ir ao café para almoçar hoje?” Perguntei a April. “Jude não ligaria se nós aparecêssemos de repente. Na verdade, acho que apreciaria a mudança.”

April mordeu o lábio. “Certo” ela disse. “Ele provavelmente teria algum consolo.” Ela quase franziu as sobrancelhas, mas estremeceu daquela sua maneira excitada.

Capítulo Oito

Tentação

QUARTA À TARDE, NO FUNERAL

Uma sombra lúgubre lançava-se sobre a paróquia, tocando os corações de todos aqueles que entravam no santuário para o funeral de Maryanne Duke arrastando os pés. A escola tinha até mesmo liberado mais cedo para a cerimônia da tarde.

Todos foram afetados pela melancolia disso tudo – todos exceto minha mãe. Eu conseguia afirmar que ela ainda estava em sobremarcha de perfeição quando ela começou a bater pela cozinha às quatro da manhã para fazer um banquete grande o bastante para mil enlutados. Seu tom entusiasmado assustou mais do que algumas pessoas tristes enquanto ela as cumprimentava antes da cerimônia com o Pastor Clark, e ela convidou todos que pareciam ligeiramente solitários para a espetacular Ação de Graças amanhã na nossa casa.

“Convidem quem quiserem,” ela disse para Charity e eu enquanto carregávamos bandejas de comida para a Bolha Azul. “Eu quero que esse seja a Ação de Graças mais calorosa que seu pai se lembre. Ele realmente podia tirar vantagem de um pouco de companhia.”

Mas eu não tinha certeza se ela estava certa sobre isso. Papai se encolheu de seus deveres maiores antes do funeral e acabou sentado sozinho no único canto deserto da capela, ao invés de tomar seu assento no púlpito como pastor presidente da paróquia. Eu tive uma vontade devastadora de ir até ele, mas eu estava presa nos bancos do coral com a Charity, observando a parte de trás das vestes do Pastor Clark enquanto ele falava em tons melancólicos sobre o coração caloroso de Maryanne e sua natureza doadora, mesmo ele mal a conhecendo. Eu escaneei o santuário e desejei que pudesse mandar uma mensagem telepática ou para minha mãe ou para meu irmão para irem colocar seus braços ao redor do papai, mas a mamãe estava ocupada aprontando o jantar no salão social, e Jude estava aninhando próximo à April na terceira fileira.

Meus olhos voltaram-se para a bainha das vestes do Pastor Clark e ficaram lá até que fosse minha vez de cantar. O órgão cantou as notas da canção, e eu tentei colocar para fora as palavras. Meu rosto começou a tremer. Sabia que estava prestes a chorar, mas empurrei essa vontade bem para baixo como sempre e juntei meus lábios. Eu não podia cantar outra nota ou eu perderia o controle. E a voz de Charity estava tão alta e trêmula que eu nem conseguia afirmar que parte da música ela estava cantando. Eu olhei para fora da janela para o céu sombrio e cheio de névoa – até mesmo as nuvens pareciam que estavam prestes a explodir de emoção – e foi aí que eu o vi.

Daniel estava sentado na parte de trás da varanda lotada com seus braços dobrados e sua cabeça curvada. Ele deve ter sentido o calor do meu encarar porque levantou seu queixo. Mesmo daquela distância, eu conseguia ver que seus olhos estavam vermelhos. Ele olhou para baixo para mim por um momento, como se pudesse ver cada sentimento que eu estava segurando, e então ele abaixou sua cabeça novamente.

Curiosidade substituiu o luto enquanto eu me sentava no meu lugar. Charity enroscou seu braço ao redor dos meus ombros, sem dúvida confundindo minha expressão chocada por extremo sofrimento emocional. O discurso fúnebre monótono da filha dos Duke durou séculos. Ângela Duke até mesmo introduziu alguns golpes bem posicionados no papai.

Quando a cerimônia finalmente terminou, e a procissão daqueles enlutados que se dirigiam para o túmulo tinha saído, eu observei Daniel se mover na direção da escada da varanda que dava para uma saída exterior. Eu pulei do meu assento, dispensando alguém que tentava me agradecer pela minha cantoria – ou pela falta dela – e puxei meu vestido-casaco e luvas de couro cinza-carvão.

“A mãe quer a sua ajuda,” Charity disse.

“Em um segundo.”

Eu caminhei pela nave lateral, contornando hesitantemente senhoras da igreja que murmuram sobre a falta de coração na porção da cerimônia do Pastor Clark. Alguém puxou a minha manga enquanto eu passava e disse o meu nome. Pode ter sido ou não o Pete Bradshaw, mas eu não parei para descobrir. Era como se um fio invisível estivesse enganchado na minha barriga e me atraísse para as portas da paróquia e para o estacionamento. Meu passo se acelerou sem qualquer direção do meu cérebro quando eu vi Daniel montar numa moto no ponto mais longe do estacionamento.

“Daniel!” eu chamei enquanto o motor era ligado.

Ele se deslocou para frente no assento da moto. “Você vem?”

“O quê? Não. Não posso.”

“Então por que está aqui?” Daniel olhou para mim então, seus olhos de bolinho de lama – ainda manchados de vermelhos – procurando meu rosto.

Eu não conseguia impedir – esse fio invisível me puxava diretamente para ele. “Tem um capacete?”

“Essa é a moto do Zed. Você não iria querer usar o capacete dele se ele tivesse um.” Daniel chutou o estribo lateral. “Sabia que você viria.”

“Cala a boca,” eu disse, e subi na parte de trás da moto.

UM BATIMENTO CARDÍACO MAIS TARDE

A bainha do meu vestido preto simples subiu pelas minhas pernas e meus sapatos de salto alto de domingo combinando de repente pareceram sexy enquanto eu os colocava no descanso de pé da moto. O motor rugiu novamente, e a moto foi para frente voando. Eu joguei meus braços ao redor da cintura do Daniel

Ar frio arranhou meu rosto, arrancando lágrimas dos meus olhos. Eu enterrei meu rosto profundamente nas costas de Daniel e respirei uma mistura de cheiros familiares – amêndoas, pintura à óleo, terra, e um traço de verniz? Eu nem mesmo questioneei o por que de eu estar na moto. Eu simplesmente sabia que deveria estar ali.

Nós dirigimos reta e firmemente em direção ao centro. Os ombros de Daniel ficaram tensos e tremerem como se ele desejasse mais velocidade, mas estivesse indo devagar pelo meu bem. O sol estava se afogando num pôr-do-sol carmesim atrás do horizonte da cidade quando finalmente paramos num beco deserto numa parte da cidade desconhecida.

Daniel desligou a ignição. O silêncio seguinte fez meus ouvidos palpitem.

“Quero te mostrar algo,” ele disse, e saiu da moto com facilidade. Ele saltou para a esquina e continuou andando..

Dor de choque agitou-se pelas minhas pernas congeladas quando eu atingi o chão. Eu hesitei e oscilei enquanto seguia, como se fizesse anos desde que eu ficara de pé em chão sólido. Daniel desapareceu contornando uma esquina.

“Espera,” eu chamei, tentando empurrar meu cabelo mais-que-jogado-pelo-vento de volta para o French twist¹⁵ que estava antes de deixarmos a paróquia.

“Não é longe,” sua voz flutuou de volta.

Eu contornei a esquina e fui por uma ruela escura e estreita. Daniel estava parada no fim da passagem em frente a duas pilastras de tijolo e um portão de ferro forjado que bloqueava seu caminho.

“Esse é o meu santuário.” Ela agarrou uma das barras de ferro do portão. Uma placa de latão em uma das pilastras dizia: memorial da família Bordeaux.

“Um cemitério?” eu hesitantemente me aproximei do portão. “Você passa seu tempo num cemitério?”

“A maioria dos meus amigos idolatra vampiros.” Daniel deu de ombros. “Eu já passei o tempo em muitos lugares estranhos.” Eu o encarei, de boca aberta.

Daniel riu. “Isso é um memorial, não um cemitério. Não há covas ou pessoas mortas – a não ser que conte o guarda da segurança. Mas essa é a entrada traseira, então não devemos esbarrar nele.”

“Quer dizer que estamos entrando sorrateiramente?”

“É claro.” Um barulho metálico ecoou da rua atrás de nós. Daniel agarrou meu braço e me puxou para uma alcova obscura do prédio adjacente.

“Eles trancam os portões de noite para afastar os vândalos.”

Seu rosto estava tão próximo do meu que seu hálito esfolou minha bochecha. O arrepio profundo em meus ossos desapareceu e calor formigou pelo meu corpo.

“Teremos que pular o portão e ficar longe dos refletores.” Daniel inclinou sua cabeça de lado para checar se o caminho estava livre.

“Não.” Eu me encolhi de volta na alcova, me sentindo mais gelada que nunca. “Não faço coisas desse tipo. Não arrombo lugares, ou desobedeço leis – mesmo pequeninas.” Pelo menos eu tentava não. Eu realmente tentava. “Não vou fazer isso.”

Daniel se inclinou na minha direção até que seu hálito quente pairasse no meu rosto novamente. “Sabe, alguns eruditos religiosos acreditam que quando defrontados com uma

¹⁵ Penteado em que a ponta do cabelo é enrolada e presa na nuca.

tentação avassaladora” – ele esticou sua mão e tirou uma mecha embaraçada de cabelo do meu pescoço - "você deve cometer um pecado pequeno, só para aliviar um pouquinho a pressão."

Nas sombras, seus olhos pareciam mais escuros do que o normal, e seu encarar não só o fazia parecer com fome - ele estava faminto. Seus lábios estavam quase próximos o bastante para provar.

“Isso é estúpido. E... e... Não preciso que nenhuma pressão seja aliviada.” Eu o empurrei para longe e sai da alcova. “Vou para casa.”

“Faça como quiser,” Daniel disse. “Mas vou entrar ali, e a não ser que saiba dirigir uma moto, terá que esperar um tempão até que possa ir para casa.”

“Então eu ando!”

“Você me enlouquece!” Daniel gritou para as minhas costas. Ele parou por um instante. “Eu só queria te mostrar,” ele disse, seu tom muito mais suave. “Você é uma das únicas pessoas que eu conheço que pode realmente apreciar esse lugar.”

Eu parei. “O que tem ali, de qualquer jeito?” Eu me virei parcialmente na direção dele.

“Você terá que ver por si própria.” Ele juntou suas mãos. “Posso te dar um empurrão, se quiser.”

“Não, valeu.” Eu tirei meus saltos e os arremessei sobre o portão. Eu enfiei minhas luvas nos bolsos do meu casaco e escalei a pilastra de tijolo, achando um apoio para os pés com os meus dedos quase congelados. Eu escalei alguns metros, agarrei um dos ferrões de ferro pontiagudos em formato de flor de lis, e me puxei para o topo da pilastra. “Achava que você não fizesse esse tipo de coisas,” Daniel disse.

“Você sabe que eu podia, sempre escalei mais alto e mais rápido que vocês, garotos.” Eu fiquei de pé no alto da pilastra e tentei não demonstrar que eu estava tão chocada com a minha performance quanto ele. Coloquei minhas mãos nos meus quadris. “Você vem?”

Daniel riu. Seus pés lixaram o tijolo enquanto ele escalava atrás de mim.

Me senti um tiquinho tonta enquanto inspecionava a descida de pelo menos três metros até o outro lado. Porcaria, é alto.

Eu estava me perguntando como eu iria descer quando perdi o equilíbrio e tropecei para fora da pilastra. Antes que eu pudesse berrar, algo duro e apertado se enrolou ao redor do meu braço, puxando-me com violência para parar a poucos centímetros do chão.

Eu parei por um instante, meus pés balançando sobre a terra congelada. Eu tentei recuperar meu fôlego antes de olhar para cima. Mas eu descobri ser ainda mais difícil de respirar quando vi Daniel ajoelhado no alto da pilastra, me segurando com apenas uma mão. Seu rosto estava completamente suave e calmo, não enrugado ou amarrotado por causa da tensão do meu peso.

Seus olhos pareciam muito claros para serem reais enquanto ele me encarava. “Bom saber que você não faz tudo perfeitamente,” ele disse, e ao invés de simplesmente me deixar cair os últimos sessenta centímetros, ele apertou seu agarro ao redor do meu braço e me puxou sem esforço para encontrá-lo no alto da pilastra.

“Como...?” Mas eu fiquei incapaz de falar quando olhei para seus olhos brilhantes.

Daniel envolveu seus braços ao redor do meu corpo tremendo e pulou. Ele conseguiu uma descida perfeita no cascalho dentro do memorial, e me colocou de pé.

“Como... como você fez isso?” Minhas pernas caíram tão suaves quanto um par de borrachas feita de pasta aderente.

Meu coração batia muito rápido. “Não sabia que estava tão próximo atrás de mim.”

Ou que ele fosse tão forte.

Daniel deu de ombros. “Pratiquei muito escalção desde que costumávamos correr até a nogueira.”

É, entrando sorrateiramente em um monte de lugares, sem dúvida.

“Mas como me pegou desse jeito?”

Daniel balançou sua cabeça como se minha pergunta não importasse. Ele enfiou suas mãos nos bolsos de seu casaco e começou a andar por um passadiço estreito que se esticava entre duas cercas vivas altas.

Eu me inclinei e coloquei meus saltos. Minha cabeça ficou um tantinho tonta quando eu me endireitei. “Então o que é tão especial nesse lugar?” “Venha,” Daniel disse.

Nós andamos pela passagem até que se abriu num amplo espaço parecido com um jardim. Árvores, vinhas e arbustos, que eram provavelmente pontilhados com flores na

primavera, enchiam a área aberta. Uma névoa enevoadada serpenteou ao redor de nós enquanto seguíamos a passagem sinuosa jardim adentro.

“Olha ali,” Daniel disse.

Segui seu gesto e me encontrei parada olho-a-olho com um homem de rosto branco. Eu arfei e pulei para trás. O homem não se moveu. A névoa separou-se, e eu percebi que ele era uma estátua. Eu andei até a beirada da passagem e o estudei mais de perto. Ele era um anjo, não tipo um querubim fofo, mas uma figura alta, magra e majestosa, como um príncipe elfo do Senhor dos Anéis. Ele usava vestes, e seu rosto estava entalhado com grandes detalhes. Seu nariz era estreito e sua mandíbula forte, mas seus olhos pareciam como se ele tivesse visto as maravilhas do paraíso.

“Ele é lindo.” Eu corri minha mão por um dos braços esticados da estátua, traçando meu dedo pelas dobras de sua veste.

“Tem mais.” Daniel gesticulou para o resto do jardim.

Através da névoa, eu discerni mais figuras brancas, paradas tão majestosamente como a primeira. Refletoresinhos brilhavam acima de suas cabeças, fazendo-os parecerem particularmente divino na luz noturna turva.

Eu inspirei. “O Jardim dos Anjos. Eu ouvi alguém falando sobre esse lugar uma vez, mas eu nunca soube o que era.” Eu me desloquei pela passagem para a próxima estátua régia. Essa era uma mulher com asas longas e lindas que caíam por suas costas como as tranças de Rapunzel.

Daniel seguia atrás de mim enquanto eu flutuava de anjo para anjo. Alguns tinham aparência velha e anciã.

Outros eram crianças jovens com rostos ávidos, mas ainda eram magros e nobres como o resto. Eu me estiquei na ponta dos pés na beira da passagem para roçar as asas de outro anjo.

Daniel riu. “Você nunca se desvia do caminho, não é?” Ele passou por perto atrás de mim, seu braço roçando pela parte debaixo das minhas costas.

Eu olhei para meus dedos do pé empoleirados na beirada do caminho de cascalho, e balancei nos calcanhares. Se ele ao menos soubesse o quanto eu me sentia imperfeita na maioria dos dias. “Isso não deveria fazer a vida mais fácil?”

“Isso não faz da vida um tédio?” Daniel relampejou um riso malévolo enquanto deslizava entre duas das estátuas e desaparecia na névoa. Alguns instantes mais tarde, ele reemergiu na passagem perto da estátua de um anjo que era mais alto que o resto. “Esse lugar foi construído como um memorial para Carolyn Bordeaux,” Daniel disse, sua voz sendo levada pela corrente de volta para mim. “Ela era rica e mesquinha e escondia sua riqueza, até que um dia, com seus setenta anos, ela pegou um cão vira-lata sem nenhuma razão aparente. Ela disse às pessoas que o cão era um anjo disfarçado, que revelou para ela que ela deveria ajudar as pessoas. Depois disso, ela dedicou o resto de sua vida e fortuna a ajudar os necessitados.”

“Sério?” eu andei para mais perto dele.

Daniel assentiu. “Sua família achou que ela tinha ficado louca. Até tentaram interná-la. Mas no momento que ela morreu, um coro de outro mundo de vozes lindas encheu seu quarto. Sua família achava que os anjos deviam ter retornado para clamar a alma de Carolyn, mas então perceberam que a casa estava cercada pelas crianças cantantes do orfanato onde Carolyn voluntariava. A família Bordeaux ficou tão tocada que construíram esse memorial para ela. Eles dizem que há um anjo para cada uma das pessoas que ela ajudou. Há centenas deles pelo jardim.”

“Uau. Como sabe tudo isso?”

“Diz na placa bem aqui.” Daniel fez careta, tão diabólico como sempre.

Eu ri. “Você me enganou.. Eu estava começando a pensar que você era algum tipo de intelectual, com todo esse conhecimento de história local obscura e citando eruditos religiosos.”

Daniel curvou sua cabeça. “Tive muito tempo para ler onde estava.”

O ar parecia pesado entre nós. O Daniel queria que eu lhe perguntasse onde ele estivera pelos últimos três anos? Eu queria – desde o momento que o vi pela primeira vez. A pergunta era tão importante quanto descobrir o que acontecera entre ele e Jude. Sem dúvida essas duas respostas estavam conectadas.

Eu disse a mim mesma para agarrar a oportunidade—para finalmente achar as respostas que precisava para consertar as coisas de vez.

Eu fechei minhas mãos, afundando minhas unhas nas minhas palmas, e perguntei antes que pudesse mudar de ideia, “Onde você foi? Onde esteve todo esse tempo?”

Daniel suspirou e olhou para a estátua alta perto dele. Esse anjo era um jovem – vinte e poucos, talvez - que estava acompanhado por um cachorro de pedra que sentava atentamente ao seu lado. O cachorro era alto e magro como o anjo, suas orelhas triangulares esticadas até o cotovelo do homem. Ele tinha um focinho longo, e seu pêlo e rabo espesso pareciam ficar perdidos nas dobras complexamente entalhadas das vestes do anjo.

“Eu fui para o leste. Para o sul. Para o oeste. Basicamente para cada outra direção clichê que possa pensar.” Daniel agachou-se e estudou o cachorro. “Eu o conheci quando eu estava no leste. Ele me deu isso.” Ele roçou seu colar de pedra preta com as pontas de seus dedos. “Ele disse que isso me manteria a salvo.” “O cachorro ou o anjo?” eu incitei. I deveria ter sabido melhor, Daniel não daria uma resposta direta para a minha pergunta em relação a seu paradeiro.

Daniel varreu seu cabelo despenteado para longe de seus olhos. “Eu encontrei o homem cuja estátua entalhada pertence. Gabriel. Aprendi muito com ele. Ele falava sobre a Sra. Bordeaux e as coisas que ela fazia pelas outras pessoas.

Foi ele quem me fez querer voltar aqui. Ficar perto desse lugar novamente... e outras coisas.” Daniel ficou de pé e inspirou uma draga profunda de ar enevoadado. “Vir aqui sempre me deu uma embriaguez e tanta.”

“Você quis dizer que costumava vir aqui para ficar embriagado,” eu disse, arriscando um palpite.

“Bom, é.” Daniel riu e sentou num banco de pedra.

Eu instintivamente deu um passo para longe dele.

“Mas não faço mais isso.” Ele deu um tapinha com seus dedos em suas pernas. “Estou limpo por um tempão.”

“Isso é bom.” Eu deixei minhas mãos caírem para o meu lado e tentei parecer casual e inabalável por sua admissão. Eu sabia que ele não era nenhum santo. Eu sabia que sua vida tinha ficado enegrecida muito antes de desaparecer. Eu o tinha visto somente três vezes nos seis meses depois de ter se mudado para Oak Park com sua mãe – os seis meses que levaram para seu desaparecimento completo. A última dessas três vezes foi quando a escola pública de Oak Park ligou para o papai porque o Daniel fora expulso por brigar. Eles não conseguiram achar sua mãe, então papai e eu tínhamos que escoltá-lo. Mas de algumas maneiras era como pensar no meu próprio irmão se drogando ou algo pior.

Eu espiei a estátua alta de Gabriel, o Anjo, olhando para nós. Seus olhos entalhados pareciam descansar no alto da cabeça de Daniel. Essa linha de curiosidade me puxou para o assento perto dele no banco. “Você acredita em anjos? Verdadeiros?”

Ele deu de ombros. “Não acho que tenham asas cobertas de penas ou nada assim. Acho que são pessoas que fazem coisas boas mesmo que não consigam nada com isso. Pessoas como o seu pai... e você.”

Eu olhei para seus olhos cintilantes. Daniel esticou sua mão como se quisesse tocar minha bochecha – fomigamentozinhos faiscaram sob a minha pele – mas ele puxou sua mão e tossiu.

“São todos loucos, se me perguntar,” ele disse.

“Loucos?” Minhas bochechas flamejaram ainda mais quentes.

“Não sei como vocês todos fazem isso,” ele disse. “Como Maryanne Duke. Ela não tinha nada e ainda tentava ajudar pessoas como eu. Acho que ela era um anjo.”

“Foi por isso que foi para o funeral? Por Maryanne?” E não por mim? “Eu costumava ficar com a Maryanne quando as coisas ficavam complicadas entre meus pais. Se eu não estava na sua casa, estava na dela. Ela estava sempre lá pra mim quando os outros não estavam.” Daniel assoou seu nariz com as costas de sua mão. Suas unhas estavam enegrecidas com o que parecia ser tinta de marcador.

“Eu simplesmente sentia que devia demonstrar minha última homenagem...”

“Acho que esqueci. Maryanne tomava conta de muitas pessoas.”

“É, eu sei. Não sou especial nem nada.”

“Não. “Não foi isso que eu quis dizer... Eu simplesmente sinto muito por não ter lembrado.” Coloquei minha mão em seu ombro.

Ele se encolheu, e eu mal conseguia sentir a firmeza de seu corpo sob o tecido de seu casaco.

“As coisas eram realmente difíceis para você. Tenho certeza que Maryanne te fazia sentir—”

“Amado?”

“Acho que sim. Amado, ou pelo menos normal.”

Daniel balançou sua cabeça. “Eu me senti quase amado às vezes. Quando Maryanne me contava histórias de noite, ou quando eu sentava na mesa com a sua família. Não tem nada como um jantar da família Divine para te fazer sentir como se alguém pudesse se importar com você. Mas eu nunca me senti normal. De algum jeito, sempre soube que eu não...”

“Pertencia?” Por alguma razão eu conseguia entender.

“Eu nunca pertenci realmente, não é?” Daniel esticou sua mão e envolveu seus longos dedos ao redor do meu punho. Ele movia como se fosse arrancar minha mão, mas então ele hesitou e virou minha mão, segurando-a entre as duas. “Mas não posso te dizer quantas vezes nos últimos anos eu desejei que pudesse comer na mesa com a sua família. Como se eu pudesse desfazer tudo que fiz, mudar as coisas para que pudesse ser uma parte disso novamente. Mas é impossível, não é?” Ele traçou seus dedos quentes até a linha do coração na minha palma aberta, e deslizou seus dedos entre os meus.

Pode ter sido a luz fraca dos refletores ou o rodopio da névoa, mas por um momento ele parecia o velho Daniel, aquele com o cabelo loiro-branco e olhos arteiros, mas inocentes - como se os anos tivessem derretido e as trevas tivessem sido drenadas dele. E nesse momento, algo - uma energia - passou entre nós. Como se o fio que tinha me puxado para ele fosse agora um condutor energizado, uma linha da vida, que nos unia, e eu precisava puxá-lo para a segurança.

"Nós vamos ter um grande jantar de Ação de Graças amanhã," eu disparei. "Você devia vir. Eu quero que você venha."

Daniel pestanejou. "Você está congelando," ele disse. "Devíamos entrar em algum lugar." Daniel se levantou, ainda segurando minha mão, e me levou até a pista de cascalho. Eu não sabia quando ele ia soltar da minha mão - e eu não queria que ele soltasse. E eu segurei porque sabia que ele precisava de mim.

Ele finalmente soltou enquanto saía do caminho e entrava num pedaço de plantas decompostas. "A cerca não é tão alta se formos por esse caminho," ele disse.

Hesitei por um momento à beira do caminho, vendo-o escapar para a neblina. Eu saí da passagem de cascalho e o segui pelas profundezas do jardim. Quando chegamos à grade de ferro, eu o deixei me ajudar, suas mãos deslizando pela minha cintura e pernas enquanto eu subia. Caminhamos lado a lado enquanto voltávamos para a moto. Nossos dedos roçaram uma vez, e eu ansiei que ele peguessa minha mão na dele novamente. Subi

na parte traseira da moto e captei uma longa respiração do cheiro terrestre de Daniel enquanto a moto partia para a noite da cidade.

ALGUNS MINUTOS MAIS TARDE

A moto parou em frente do prédio de Daniel. Bati nas suas costas e quase voei diretamente para a sarjeta.

Daniel segurou minha coxa e me firmou. "Desculpe por isso," ele murmurou, e deixou sua mão permanecer por um momento.

Daniel desceu da moto, e eu segui. Ele descansou seu braço no meu ombro e me conduziu até a calçada e pela entrada sem porta do prédio de apartamento. Meu coração martelava tão forte enquanto subíamos as escadas que eu temia que Daniel pudesse ouvi-lo. A martelação ficou mais alta e mais pesada à medida que subíamos, e eu percebi que havia música vindo de trás de uma porta no terceiro patamar.

Daniel colocou sua chave no bolso e timidamente abriu sua porta. Som nos engolfou.

Pessoas dançando e girando enchiam a sala da frente, e Zed - parecendo muito mais animado do que parecera antes - cantava (isso é, gritava) em um microfone enquanto alguns outros rapazes batiam em instrumentos musicais com abandono imprudente.

Daniel me levou pela multidão. Eu engasguei com o enjoativo fumo adocicado flutuando no ar. Eu estava tossindo e cuspiendo quando essa pessoa, que parecia mais uma mulher do uma adolescente, emergiu da multidão. Ela veio em nossa direção, movendo-se e tendo convulsões na batida indiscernível da música de Zed. Seu cabelo curto alisava para fora como se ela fosse algum tipo de ave exótica, e sua franja descolorida de branco fazia três triângulos perfeitos em sua testa – as pontas dela foram tingidas de um tom de rosa berrante.

"Danny Boy, você chegou," ela disse em um sotaque que soava ser da Europa Oriental. Ela virou seus olhos traçados espessamente com kohl¹⁶ para mim e arredondou seus lábios vermelho-sangue. Daniel soltou meu ombro.

¹⁶ Cosmético feito tipicamente de galena e outros ingredientes misturados, usando para escurecer as pálpebras e como rímel para os cílios.

"Ah, olha" - ela me captou da cabeça aos pés - "você trouxe gostosuras. Espero que tenha o bastante para compartilhar."

"Grace, essa é Mishka. Nós nos conhecemos há muito tempo," Daniel disse sobre a mulher vestida com uma minissaia de couro preta e o que eu acho que é chamado de bustiê.

"Não faz tanto tempo, Danny Boy." Ela inclinou seus seios contra ele. "Mas você era mais divertido."

Ela traçou uma unha longa, vermelha, e similar a uma garra por sua bochecha. "Você deve vir comigo agora." Ela puxou Daniel para longe do meu lado. "Você me deixou esperando, e Mishka não é uma mulher paciente."

"Venha, Grace." Daniel esticou sua mão para mim. Eu estava prestes a deslizar meus dedos na sua quando Mishka fez uma careta, "Não!" ela disse. "Eu não me apresento para uma audiência. Essa fica aqui."

"Eu não vou deixá-la para trás."

Mishka se inclinou ainda mais perto de Daniel, seus dentes brilhantes roçando em sua orelha enquanto ela falava. "Você e eu somos os únicos jogadores reais aqui. Sua menina vai ficar bem sem você por alguns minutos. Mishka não vai esperá-lo mais, Danny Boy."

Ela puxou seu braço, mas ele não se moveu.

"Você precisa de um lembrete de como eu fico quando você me decepciona?" Ela estreitou seus olhos e lambeu seus lábios.

"Não ... mas Grace...", ele protestou desanimadamente.

Mishka virou seu olhar feio para mim. As íris dos olhos dela pareciam da cor de azeviche na luz escura do apartamento. Ela roçou meu braço com suas garras e seus dentes pareciam horripilantemente afiados enquanto ela sorria.

"Você não se importa se eu pegar emprestado o meu Danny Boy por alguns momentos," ela disse, mas eu poderia ter jurado que seu lábios nunca se mexeram - como se eu tivesse ouvido sua voz dentro da minha cabeça.

"Hum ... não," eu disse, de repente não me importando com muita coisa. Talvez fosse apenas a fumaça enjoativamente doce engolfando a sala, mas enquanto Mishka

olhava nos meus olhos, eu não conseguia pensar, muito menos me importar, em qualquer coisa.

"Que boa menina," Mishka disse. Ela amarrou seu braço pelo de Daniel, e o levou para longe de mim.

Daniel olhou para trás e disse: "Fique aqui. E não fale com ninguém." Pelo menos é o que eu acho que ele disse. Meu cérebro parecia confuso demais e minha língua parecia pesada demais para dizer alguma coisa de volta. Eu fiquei parada lá em estupefação até que eu fosse quase derrubada por alguém. Pestanejei para ela através da minha névoa. Tudo que eu conseguia discernir era uma menina com cabelo verde e mais piercings do que rosto. Ela parou de "dançar" e inclinou-se para frente, apertando seus olhos aparentemente grandes demais. Ela disse algo que eu não entendi, e eu tentei perguntar se nos conhecíamos de algum lugar. Mas o que saiu da minha boca nem sequer soava com palavras. Ela tropeçou para longe, rindo histericamente sozinha.

Recuei para o corredor escuro que levava aos quartos e respirei algumas vezes um ar ligeiramente mais fresco. Eu estava prestes a bater na porta do Daniel quando ouvi Mishka rindo atrás dela.

Meu estômago agitou-se, e enquanto a música nociva de Zed era levada pela correnteza para outra melodia (esta misteriosa e pulsante, com Zed respirando pesadamente no microfone), meus pensamentos brumosos clarearam e eu percebi que tinha sido abandonada. Qualquer momento, ou conexão, ou energia que Daniel e eu tínhamos compartilhado tinha sumido.

"Ora, oi, que'ida," um cara disse enquanto ele se aproximava de mim pela multidão. "Não esperava vê-la 'qui de novo." Ele sorriu, e percebi que ele era um dos caras de boca suja que eu conhecera aqui antes.

"Nem eu." puxei meu casaco de lã para mais perto do meu peito. Qualquer sensualidade que eu sentira em minhas roupas de domingo de repente parecia ingenuidade demasiada.

"Parece que você poderia se divertir um pouco". Sua voz era tão escorregadia como uma serpente. Ele me ofereceu um copo de plástico cheio de bebida alcoólica escura de cor âmbar - algo chiava ameaçadoramente no fundo.

"Eu posso te divertir se você está se sentindo desprezada."

Acenei o copo para longe. "Não, valeu, eu estava justamente saindo."

"Isso é o que você pensa." Ele bateu seu braço na minha frente, bloqueando minha fuga. "Essa festa está apenas começando." Ele tentou roçar sua mão segurando o copo cheio onde não pertencia.

Eu mergulhei debaixo do seu braço e pelo meio da multidão até a porta. A menina de cabelo verde balançava na entrada. Ela me chamou, ininteligivelmente, de um nome horrível enquanto eu passava por ela empurrando. Desci as escadas e fui para fora do edifício. Ouvi atentamente na saída, e quando ouvi passos na escada de metal, escapuli para a Rua Markham.

Minha sorte deve ter virado, porque, enquanto eu chegava no fim da quadra, um ônibus que ia na direção da minha casa parou na calçada. Eu subi os degraus quando as portas se abriram e orei para que tivesse dinheiro suficiente para a tarifa. O motorista reclamou enquanto eu contava meus trocados, mas eu tinha o suficiente, com trinta e cinco centavos sobrando.

O ônibus estava quase vazio, exceto por dois homens grisalhos gritando um com o outro em uma linguagem que me lembrava o sotaque de Mishka, e um cara de quarenta e poucos com óculos fundo de garrafa que embalava uma boneca em seus braços e cantava para ela em tons profundos e paternais.

Eu tomei um assento atrás e abracei meus joelhos ao meu peito. O ônibus balançou e sacudiu levemente e cheirava levemente a urina, mas me senti mais segura lá do que eu tinha me sentido no corredor daquele apartamento.

Eu não podia acreditar que Daniel havia me abandonado com essas pessoas. Não podia acreditar que eu fui com ele em seu apartamento em primeiro lugar. O que poderia ter acontecido se não fosse pela festa? Mas, principalmente, eu estava envergonhada de que parte de mim queria que algo acontecesse.

Mordida pela tentação.

EM CASA NOVAMENTE

Eu andei de ônibus até que ele parou no ponto perto da escola. Eu usei o resto dos meus trocados para ligar para a April de um orelhão, mas ela não respondeu. Não era muito difícil adivinhar quem poderia estar distraído-a no momento.

Eu puxei meu casaco mais apertadamente em volta do meu corpo e fui para casa o mais depressa que pude nos meus saltos - sentindo o tempo todo que aquele cara nojento

da festa estava me seguindo. Eu deslizei para dentro da casa e esperei poder me esgueirar até o meu quarto sem ser notado. Como se eu pudesse fingir que eu estivera na cama o tempo todo. Mas a mamãe deve ter ouvido o clique suave da porta fechando, porque ela me chamou para a cozinha antes que eu tivesse a chance de desaparecer até as escadas.

"Onde você esteve?" ela perguntou, soando mais do que um pouco chateada. Eu a observei rasgar fatias grossas de pão em pedaços para secar durante a noite para fazer recheio de Ação de Graças. "Você tinha que ter ajudado a servir o jantar depois do funeral." Aparentemente, não era tarde o suficiente da noite para ela se preocupar com a minha segurança - mas tarde o bastante para ela ficar irritada pela minha ausência.

"Eu sei," eu murmurei. "Sinto muito."

"Primeiro você desaparece, e então Jude." Ela agarrou outra fatia de pão e rasgou-a com seus dedos. "Você sabe como pareceu ter a metade da nossa família ausente no jantar? E seu pai quase machucou suas costas guardando cadeiras enquanto vocês dois estavam fora andando a esmo com seus amigos."

"Eu sinto muito. Vou te compensar." Me virei para deixar a cozinha.

"Diacho, você vai mesmo. Temos pelo menos vinte pessoas vindo para a Ação de Graças amanhã. Você vai fazer as tortas, e então você vai esfregar o chão. Seu irmão vai ter seu próprio punhado de tarefas".

Por um momento cogitei levantar o assunto do teste de química que eu precisava assinado já que eu já estava encrencada - mas decidi não forçar. Mamãe pode ficar muito elaborada com as atribuições de tarefas quando ela é provocada. "Está bem," eu disse. "Isso é justo."

"Coloque seu alarme para cinco e quarenta e cinco!" Mamãe chamou enquanto me dirigia para a escada.

Sério, como se eu precisasse de outro motivo para amaldiçoar minhas decisões impulsivas naquele momento.

Capítulo Nove

Ação de Graças

QUASE TRÊS ANOS E MEIO ATRÁS

“Eu nunca poderia pintar desse jeito,” eu disse enquanto olhava o projeto que Daniel tinha deixado secar na bancada da cozinha.

Era uma pintura das mãos do meu pai cortando uma maçã verde para o bolo de frutas de aniversário do Daniel. As mãos pareciam vivas – gentis, bondosas, e firmes. O autorretrato em que eu vinha trabalhando parecia tão sem graça em comparação.

“Sim, você pode,” Daniel disse. “Eu te ensino.”

Eu enruguei meu nariz para ele. “Como se você pudesse me ensinar algo.”

Mas eu sabia que ele podia. Essa era a minha primeira nova tentativa com pintura a óleo em quase dois anos, e eu estava pronta para desistir novamente.

“Só porque você é tão teimosa, poxa,” Daniel disse. “Quer aprender ou não como pintar melhor?” Eu achava que sim.

Daniel puxou uma tábua de compensado do seu balde de suprimentos sob a mesa da cozinha. A tábua parecia uma bagunça, manchada com uma dúzia de cores diferentes de tinta a óleo. “Tente isso,” ele disse. “As cores aparecem na medida em que você pinta. Dá mais profundidade ao seu trabalho.”

Ele me instruiu enquanto eu começava meu autorretrato novamente. Eu não conseguia acreditar na diferença. Eu amava o jeito como meus olhos pareciam com manchas verdes e laranjas saindo de trás das íris violetas.

Eles pareciam mais reais do que qualquer coisa que eu já pintara antes.

“Obrigada,” eu disse.

Daniel sorriu. “Quando conseguir mais, vou te mostrar esse truque realmente ótimo com óleo de semente de linho e verniz. Dá a qualidade mais incrível aos tons de pele, e você não acredita no que isso faz para as suas pinceladas.”

“Sério?” Daniel assentiu e voltou a trabalhar em seu próprio retrato. Só que, ao invés de pintar a si mesmo com a Sra. Miller tinha pedido, ele estava pintando um cachorro canela-e-cinza, com olhos no formato dos de uma pessoa.

Eles eram de um marrom profundo e terreno como os seus.

“Daniel.” Mamãe parou na entrada da cozinha. Seu rosto estava pálido. “Alguém está aqui para te ver.”

Daniel inclinou sua cabeça em surpresa. Eu o segui até o vestibulo, e ali estava ela. A mãe de Daniel estava parada na entrada. Seu cabelo estava mais longo e loiro em um ano e dois meses desde que ela tinha vendido a casa deles e deixado Daniel conosco.

“Oi Querido,” ela disse para ele.

“O que você está fazendo aqui?” Sua voz era dura como gelo. Sua mãe não ligava há meses, nem mesmo no aniversário dele.

“Estou te levando para casa,” ela disse. “Tenho um pequeno lugar para nós em Oak Park. Não é como a casa, mas é limpa e legal, e você pode começar no colegial lá no outono.”

“Eu não vou com você,” Daniel disse, sua voz ficando mais alta por causa da raiva, “e eu não vou para uma escola nova.”

“Daniel, eu sou sua mãe. Você deve ir para casa comigo. Você precisa de mim.”

“Não, ele não precisa,” eu praticamente gritei com ela. “Daniel não precisa de você. Ele precisa de nós.”

“Não, eu não preciso,” Daniel disse. “Eu não preciso de vocês.” Ele bateu em mim ao passar, quase me nocauteando. “Eu não preciso de ninguém!” Ele correu passando pela sua mãe e saiu pelo jardim.

A Sra. Kalbi encolheu os ombros. “Eu acredito que o Daniel apenas precise de algum tempo para se ajustar. Espero que vocês entendam se ele não vir sua família por um tempo.” Seus olhos chicotearam em minha direção. “Mais tarde venho buscar as coisas dele.” Ela fechou a porta atrás dela.

MANHÃ DO DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS

Eu acordei cedo com o som do vento batendo na minha janela. Eu estremeci e sacudi na cama. Daniel estava certo. Ele não precisava de ninguém. Eu estava me enganando naquele jardim. Daniel não precisava da minha corda salva vidas. Ele não precisava nenhum pouquinho de mim.

Eu joguei meu cachecol sobre meus ombros e me curvei como uma bola, mas não importava o que eu fizesse, eu não conseguia encontrar calor na minha cama.

O tilintar dos talheres a distância era a evidência de que minha mãe já estava colocando a mesa em antecipação ao jantar de Ação de Graças de hoje à noite para acabar com todos os jantares.

Eu decidi começar cedo para compensar minha ausência de ontem e saí da cama. O sono no meu cérebro sumiu no mesmo segundo que meu pé encostou no chão frio de madeira. Eu corri para o armário e peguei meus chinelos, roupão e desci para o andar de baixo.

Mamãe tinha duas mesas do salão social da paróquia encostadas uma na outra que estavam no vestibulo da sala de jantar. Elas estavam cobertas com uma toalha de linho com sombras de folhas de carvalho, ela estava colocando os lugares para pelo menos vinte e cinco pessoas com sua melhor louça e taças de cristal. Arranjos florais festivos e velas decoradas enfeitavam a mesa no lugar dos peregrinos de papel machê que a ajudei fazer quando eu tinha nove anos de idade.

“Está lindo,” eu disse do último degrau.

Mamãe quase derrubou um prato. Ela firmou-se e o colocou sobre a mesa. “Hmm,” ela disse. “Eu não preciso de você acordada antes das quinze para as seis para começar a fazer as tortas.”

Era evidente que nem tudo tinha sido perdoado ainda, eu suspirei. “De qualquer forma eu já estava acordada.” Eu esfreguei minhas mãos. “Acho que você poderia aumentar o aquecedor.”

“Vai ficar bem quente aqui quando os fornos forem ligados e esse lugar começar a encher de gente. Vamos ter um batalhão esse ano. Estou fazendo dois perus.” Ela colocava os talheres de prata em volta da mesa enquanto falava. “Mas isso significa que as tortas precisam ser feitas no mais tardar as oito. Comprei todos os ingredientes para duas das

suas tortas de maçãs caramelizadas e um pouco de abóbora temperada. Seu pai vai fazer seus famosos croissants, então precisamos acertar o tempo.”

“Graças a Deus pelos dois fornos.”

“Como eu disse, vai ter muito calor aqui.”

“Mas podemos aumentar o aquecedor por alguns minutos?” Eu espiei pelas cortinas da janela e estava surpresa por o gramado ainda estar limpo e morto e não coberto com neve. “Você não tem medo que o Bebê James não congele até a morte?”

Mamãe quase riu. “Não está tão frio assim.” Ela veio e me deu um tapinha na bunda. “Comece cedo aquelas tortas. Ou se você está com tanto frio, você pode suar um pouco ajudando o Jude a limpar o armazém.”

“O armazém?”

“Alguém pode querer fazer um passeio pela casa.” Eu ergui minhas sobrancelhas. “Você não tem que mostrar o armazém a eles.”

Mamãe deu de ombros. “Jude estava procurando por sua penitência há uma hora, e nós duas sabemos que seu pai é o único homem desta família que consegue cozinhar.”

“Oh.” Eu não me incomodei em dizer que ela poderia ter deixado o Jude colocar a mesa porque ela estava reposicionando o arranjo central de flores para ficarem exatamente na mesma distância. “April ainda virá?”

“Sim. Ela não te contou?” Mamãe me deu um olhar inquisidor.

“Parece que ultimamente ela conversa mais com o Jude do que comigo.” Eu sabia que era muito trivial ficar incomodada com April e Jude estarem saindo, mas eu não pude evitar.

Mamãe franziu o nariz. “Isso explica porque você parece ansiosa ultimamente.” Ela estalou a língua.

“Acho que sim.” Eu mexi na faixa do meu roupão. “April é uma pessoa boa.”

“Tenho certeza que ela é.” Mamãe ajustou a dobra de um dos guardanapos de linho. “Tenho certeza que ela é.”

“Um, acho que vou me vestir e começar a cozinhar.”

“Isso seria ótimo,” ela murmurou e começou a endireitar as taças.

TORTAS

Mamãe estava certa. As coisas ficaram bem quentes em casa mais tarde naquela manhã. Tudo começou quando papai disse que ele não fazia ideia que mamãe queria que ele fizesse seus famosos croissants para as festividades.

“Você não me pediu,” papai disse depois de ela ter feito uma observação rude de que ele deveria ter começado a fazer a massa meia hora antes.

“Você os faz todo ano.” Ela bateu uma bandeja com pães secos em cima do balcão. “Eu não deveria ter que pedir.”

“Sim, você deveria. Não estou com humor para fazer pães agora. E eu não estou no clima para este jantar enorme também.”

“O que você quer dizer?” Mamãe jogou as migalhas de pão na tigela e apontou para elas com a colher de pau. “Estou fazendo este grande jantar para você.”

“Você deveria ter me perguntado, Meredith,” ele disse do outro lado do balcão. “Eu não quero todas essas pessoas vindo aqui. Eu não quero um grande jantar chique. Eu nem mesmo sei se gostaria de dar graças hoje.”

“Não diga coisas assim!” Mamãe brandia sua colher de pau. Uma migalha marrom pousou no meu pé. Nenhum dos meus pais pareceu notar que eu ainda estava na cozinha fazendo o recheio da minha torta de maçã caramelizada.

“Se isso é um problema para você,” Mamãe disse, “então eu faço os croissants, os perus, os recheios, a calda de uvas-do-monte, o purê de batata, o guisado de feijão verde e a salada de espinafre. Tudo o que você tem que fazer é dizer a prece e colocar um sorriso no rosto para a multidão.” Mamãe jogou a colher de volta na sua tigela.

“Você é o pastor destas pessoas. Eles não querem ouvir você falando assim.”

Papai bateu com os punhos no balcão. “Assim como, Meredith? Assim como?” Ele saiu da cozinha e entrou no seu escritório antes que mamãe pudesse responder.

“Homem insuportável,” ela murmurou, “acha que ele não vale nada se não puder salvar o mundo todo.” Ela marchou para a geladeira e abriu a porta. Ela procurou nas prateleiras e jurou baixinho.

Eu limpei a garganta e fiz sons altos enquanto raspava minhas maçãs para minhas tortas.

Mamãe endureceu, percebendo que estive ali durante toda a conversa. “Termine estas tortas,” ela disse. “Então vá para o Apple Valley e pegue algumas uvas-do-monte. Não os grãos. Não aquele lixo enlatado.”

Mamãe bateu a porta da geladeira. Seus ombros caíram. “Desculpe. Eu esqueci,” ela disse. “Ontem no Day’s Market não tinha e eu me esqueci de verificar em outros lugares. Eu acho que o Super Target abre as sete por algumas horas.” Ela abriu a geladeira novamente. “Você se importaria de ir até lá pegar algumas coisas?”

“Sem problemas.” Normalmente eu teria resmungado e choramingado por pedirem para sair fazer umas coisas em uma manhã tão fria, mas havia uma cozinha pegando fogo e eu estava ansiosa para dar o fora.

MAIS TARDE NAQUELA MANHÃ

Eu perambulava sem direção pelos corredores do mercado, incapaz de lembrar o que eu tinha ido buscar na loja em primeiro lugar. Eu deixei a casa assim que coloquei as tortas no forno – e, na minha pressa, deixei no balcão a lista de compras com uma dúzia de itens que mamãe tinha ditado para mim.

Essa era a segunda vez na semana que eu tinha ouvido meus pais gritar um com o outro. As coisas estavam mais tensas em casa por mais tempo do que eu percebi? Pensei no papai trancado em seu escritório no último mês. E mamãe se lançando sobre a perfeição não era uma coisa nova. A primeira vez que notei foram alguns dias depois que eu e Charity voltamos para casa depois da nossa viagem não planejada para a casa da Vovó Kramer três anos atrás. Eu encontrei mamãe tentando freneticamente escovar, medir e cortar todas as franjas dos tapetes exatamente do mesmo tamanho. Papai escondeu as tesouras por semanas depois disso. Eu acho que era muito jovem para entender uma pista da estranheza que havia entre eles. E, claro, ninguém falava sobre isso.

Foi assim que começou com a família da April? Foi alguma coisa semelhante para o Daniel e seu lar destruído?

Mas eu sabia que tinha sido muito pior para ele. Meus pais brigando não era nada parecido com o que o Daniel havia vivenciado.

Eu coloquei um pacote de uvas-do-monte dentro da minha cestinha e empurrei os pensamentos sobre Daniel para o lado. Eu olhei pelas prateleiras por mais alguma coisa que pudesse me lembrar da lista, paguei minhas coisas e voltei para casa.

Quando abri a porta, fui abatida por uma parede de mau cheiro. Alguma coisa estava queimando. Eu larguei minhas sacolas de compras e corri para cozinha. Tudo, com exceção de uma das minhas tortas, estavam esfriando no balcão. Eu abri a porta do forno. Uma fumaça preta saiu fazendo com que eu tossisse e engasgasse. Eu abri a janela que ficava em cima da pia e tentei direcionar a fumaça para fora. Mas já era tarde. Da entrada, o detector de fumaça começou a tocar.

Eu cobri minhas orelhas e corri para o escritório do papai. O detector estava bem na frente das portas fechadas. Eu escancarei as portas e fiquei surpresa por papai não estar ali – e mais surpresa que ninguém da família tinha respondido ao som estridente do alarme.

Esforcei-me para abrir a janela do escritório e quase raspei a mão em um prego que estava protuberante no peitoril. Casa velha estúpida. Finalmente eu abri a janela e agarrei um livro de uma pilha da escrivaninha do meu pai. Eu o usei para afastar a fumaça do detector até o alarme parar.

Minhas orelhas ainda estavam zumbindo quando eu coloquei o livro de volta na Torre de babel que costumava ser a escrivaninha do papai – livros e notas estavam espalhados por toda parte em pilhas. O livro que eu estava segurando tinha uma capa de couro gasta e parecia mais velho do que qualquer coisa que eu já tinha visto na Biblioteca Rose Crest. Uma flor delicada estava gravada em prata na capa. O título também foi gravado em prata: Loup-Garou.

Eu nunca tinha ouvido tal palavra. Eu abri o Livro. Era todo em francês, eu acho. Eu olhei o próximo livro na pilha onde encontrei o primeiro. Esse não parecia tão velho, mas estava tão maltratado quanto. Licantropia: Benção ou Maldição? Eu estava quase abrindo quando vi uma caixa longa de veludo fino em cima da pilha de papéis. Parecia uma daquelas caixas de colares de uma joalheria bem chique. Eu abaixei o livro e abri a tampa da caixa. Lá dentro tinha a faca de prata do Don. A que eu tinha trancado no escritório do papai na paróquia. Por que papai a tinha trazido aqui? E por que ele a teria deixado para fora assim com um bebê na casa?

A porta da frente abriu.

“Mas o que?” a voz da mamãe ecoou no corredor.

Eu guardei a caixa da faca na prateleira mais alta da estante de livros e fui me encontrar com ela.

Mamãe tinha James apoiado nos seus quadris e uma sacola do Day's Market na mão. "Ótimo. Eu esqueci uma das tortas, não foi?"

Eu fiz um aceno de cabeça concordando. Porém eu senti como se fosse minha culpa por ter demorado tanto na loja.

"Maravilha!" ela disse. "Eu lembrei de mais alguns mantimentos depois que você saiu, então corri até o Day's... E agora a casa fede. Era tudo o que eu precisava."

Eu contemplei reabrir minha petição por um celular, mas pensei melhor enquanto o James começou a fazer birra quando mamãe começou a colocá-lo no chão. Ele agarrou suas pernas perto dos joelhos e puxou sua camisa. Eu me ofereci para pegá-lo.

Mamãe o arrancou de suas pernas e entregou-o.

"O ar vai sair," eu disse e tentei ajeitar James nos meus quadris.

Por que parecia que eu era a única que estava mantendo todos juntos ultimamente?

James jogou sua manta em uma tentativa desesperada de pular dos meus braços para os da mamãe.

"Manta!" ele guinchou e derrabou lágrimas, chutando seus chinelos do Curioso George nas minhas pernas.

Eu a peguei e segurei como se fosse um fantoche. "Mwah, mwah," eu disse e fingi beijar seu rosto. Seus lamentos se transformaram em risada e ele abraçou sua manta com seus bracinhos magros.

"Vou abrir mais algumas janelas," eu disse para mamãe, "e então vou procurar a Charity para que ela possa distrair o Bebê James enquanto te ajudo a cozinhar."

"Obrigada." Mamãe esfregou suas têmporas. "Charity deve voltar logo. Ela foi até a casa dos Johnson para alimentar seus pássaros. Diga a ela fazer James almoçar daqui a algumas horas. O Jantar é as três, então quero que ele tire um cochilo às duas. Oh, mas nós temos que colocá-lo seu cercadinho no escritório. Tia Carol vai ficar no quarto dele."

Ótimo. Isso era tudo o que meu pai precisava hoje – Tia Carol.

JANTAR

Metade da família da minha mãe era Católica Romana e metade Judia – meio irônico para a esposa de um Pastor Protestante. E mesmo que ela tinha sido criada como Católica, sua família ainda celebrava a Páscoa e o Hanukkah. Eu acho que é daí que eles tinham uma tradição interessante de sempre ter um lugar extra a mesa para ocasiões especiais. De acordo com Tia Carol, era para ser uma expressão de esperança e fé no Messias que viria algum dia. Enquanto eu achava que isso era meio legal, normalmente incomodava papai porque, claro, ele acreditava que o Messias já tinha vindo, na forma de Jesus Cristo e tal tradição era uma afronta em sua devoção por Ele.

Mamãe, tentando apaziguar ele e sua irmã, diria a ele pensar nisso como um lugar a mais para um visitante de última hora. Contudo, hoje papai pareceu achar a tradição da família da mamãe especialmente penosa enquanto ele examinou o grupo ralé de corações solitários, jovens famílias, viúvas, viúvos e mães solteiras que congregavam em volta da nossa mesa de feriado e notou que não havia apenas um lugar vazio, mas dois. Um estava no final da mesa dele. O outro, do meu outro lado da mesa, foi posta com um cálice especial dourado e utensílios dourados.

Papai olhou para o cálice e murmurou alguma coisa baixinho. Então um sorriso quase genial espalhou-se em seu rosto. “Podemos começar?” ele perguntou para a multidão.

Rostos ansiosos concordaram e April na verdade estalou os lábios, mas ela estava olhando para o Jude quando fez isso, então talvez não tenha nada a ver com comida.

“Quem está faltando?” Pete Bradshaw fez um gesto para os dois assentos vazios. Ele e sua mãe sentaram na minha frente. Senti-me mal quando Pete me disse que seu pai tinha cancelado o cruzeiro anual de Ação de Graças deles por causa de uma reunião em Toledo, mas eu estava contente por Pete estar ali para diminuir a distância entre minha mãe e pai – que trocaram olhares quando Pete fez sua pergunta.

“Don Mooney teve que fechar o Day’sMarket,” papai disse. “Meredith não acha que devemos esperar por ele.”

Mamãe tossiu. “Don não confirmou, então não há motivo para esperar se nós não sabemos se ele virá.”

“Tenho certeza que ele estará aqui em breve.” Papai sorriu para ela.

Eu me perguntei se ele estava certo ou se Don ainda estava meditando sobre o encontro com meu pai do outro dia. Na verdade eu tive uma sensação de peso quando eu o imaginei sentado sozinho no seu apartamento atrás da paróquia.

“O outro lugar,” mamãe começou a explicar, “é uma tradição familiar da nossa –”

Papai grunhiu. “Meredith me pediu para fazer uma benção especial sobre a comida.”

Tia Carol deu um olhar maldoso para papai, provavelmente em nome de minha mãe.

Papai estendeu suas mãos para o Jude que estava do seu lado direito e Leroy Maddux na sua esquerda. Todos nós unimos nossas mãos em volta da mesa, meus dedos deslizaram timidamente entre os do Pete. Papai começou sua oração. Sua voz estava equilibrada e ele soava como se ele estivesse falando palavras que tinha ensaiado em seu escritório da paróquia ou onde quer que ele tenha ido até o jantar.

“Estamos reunidos aqui, O Pai, para celebrar tua graça. Tu és generoso e bondoso conosco e desejamos compartilhar isso com os outros. É por isso que deixamos um lugar livre na nossa mesa para qualquer visitante inesperado. Para nos lembrar de abrir nossa casa àqueles que estão em necessidade. E também, para nos lembrar daqueles que deveriam estar aqui: nossa família, meu pai e Maryanne Duke.” Ele parou por um momento então seguiu em frente. “Vamos dar graças por suas bênçãos –”

A campainha tocou. Mamãe se mexeu na cadeira.

“Vamos dar graças por suas bênçãos. Olhe por nós e abençoei este alimento que vai nos nutrir e fortalecer assim como Tu nutre nossas almas. Amém.”

“Amém,” o resto de nós entoou.

Meu assento era no final da mesa que terminava no hall de entrada. Eu pulei, fui para a porta e a abri, esperando encontrar Don. Em vez dele, lá estava esse cara maravilhoso e atraente com cabelo castanho claro curto, vestindo uma calça cáqui, camisa azul de botões, em pé na varanda.

“Desculpe, estou atrasado,” ele disse.

“Daniel?” eu sussurrei.

Capítulo Dez

Inesperado

NA PORTA

Eu fui convidado, não fui?” Daniel disse.

“Eu não esperava... você está tão... diferente.”

“Graças à Mishka,” disse. “Foi por isso que ela estava lá noite passada. Eu precisava de uma mudança para a escola. Não foi possível tirar toda a escuridão, de qualquer forma” – ele passou a mão pelo seu cabelo curto e castanho – “então ficou assim.”

A menção de Mishka me fez querer bater a porta na cara dele. Ah, mas que bom encará-lo agora que ele não está obscurecido com um cabelo longo e preto.

Balancei minha cabeça. “Você deveria ir.”

“Grace, quem é?” Mamãe repetiu enquanto vinha para a porta. “É aquele amigo da escola...” Ela parou meio passo atrás de mim. “Grace, o que isso significa?” Ela aponta um dedo acusador para Daniel, que fica imóvel na varanda. “O que ele está fazendo aqui?”

“Eu o convidei.”

“Você o convidou?” Ela disse alto demais. Eu tinha certeza de que tínhamos audiência naquele momento. “Como você pôde? Como você ousa –”

“Você disse que ela poderia convidar quem ela quisesse,” Papai disse enquanto vinha por trás de nós. “Você devia estar preparada para lidar com as consequências se ela interpretasse sua sugestão literalmente.”

“Você está certa, Grace. Eu deveria ir.” Daniel olhou para o Papai. “Sinto muito, Pastor, isso foi um erro. Vou partir.”

Papai deixou cair seu olhar. “Não,” ele disse. “Você foi convidado; portanto, é bem-vindo.”

Mamãe arfou. Olhei para o meu pai em choque e em temor.

“Se nós dizemos que vamos fazer algo, então o faremos. Certo, Grace?” Papai olhou para Daniel. “Sinto por ter-me esquecido disso.”

Daniel assentiu.

“Ele não pode ficar,” Mamãe disse. “Não há quartos. Ele não era esperado.”

“Não seja boca. Defina um lugar para ele.” Papai se virou para Daniel. “Entre, então, antes que a comida fique fria.”

“Obrigado, Pastor.”

Papai tomou minha mãe pelos ombros e a levou para a mesa. Pensei que ela estava muito chocada para protestar. Eu acenei para Daniel entrar e fechei a porta atrás dele. Ele me seguiu para a mesa, e eu aponte para um assento vazio perto do meu.

Todos sentados ali o olharam, provavelmente tentando imaginar o que estava acontecendo.

“Esse é o Kalbi?” Pete sussurrou para mim.

Assenti e ele se virou e sussurrou alguma coisa para sua mãe.

Daniel cutucou por um tempo o garfo de ouro do lado do seu prato. Ele olhou para mim e deu uma piscadela.

Jude se levantou da cadeira. “Isso é ridículo. Ele não pode ficar. Ele não pertence a este lugar.”

“Ele fica.” Papai colocou uma colherada de purê de batatas no seu prato. “Passe isso para Daniel,” disse, e entregou a tigela para Leroy.

“Então vou embora,” Jude disse. “Vamos, April, vamos sair daqui.” Ele estendeu sua mão para ela.

“Sente-se!” Papai disse. “Sente-se, coma, e seja grato. Sua mãe fez essa refeição fabulosa, e agora nós – todos nós – vamos comê-la.”

April se encolheu na sua cadeira como um filhote de cachorro. Jude parecia por um momento que ia fazer o mesmo. Ele apertou seus punhos e relaxou dentro de sua aparência chateada. “Sinto muito, Mãe,” disse em tom firme. “Eu apenas me lembrei que

me voluntariei para servir o jantar no abrigo. Tenho de ir senão ficarei atrasado.” Ele se esgueirou pelas cadeiras da sala de jantar.

“E o nosso jantar?” Mamãe gritou atrás dele.

Mas Jude continuou. Ele pegou um molho de chaves do gancho e foi para a garagem. “Deixe-o ir,” Papai disse.

Mamãe sorriu para os convidados. “Vocês conhecem Jude. Sempre pensando nos outros primeiro.” Ela apontou a tigela de molho de amoras para Tia Carol. “Comam,” ela disse para todos. Mas quando ela espalhou amoras sobre seu peru, ela olhou para mim de uma forma que fez meu coração se encolher de culpa.

Olhei para o caroço de feijão guisado no meu prato. Não pareceu certo para mim. Muito empapado – cozinhei demais, tenho certeza.

Pete tocou de leve o meu braço. Calor subiu pelo meu rosto.

Senti o pé de alguém cutucando minha perna. Olhei para Daniel, que levantou suas sobrancelhas e sorriu como se fosse completamente inocente. Meu rosto ficou mais vermelho quando notei o quanto gostava de como seus cabelos cor de areia caindo sobre seus olhos escuros quando ele levantou sua taça dourada para mim. Eu olhei de cara feia e voltei para minha comida, sentindo-me como uma criancinha boba.

A refeição continuou num silêncio desconfortável por outros dez minutos ou mais. Literalmente pulei quando houve uma batida alta na porta. A batida ficou mais alta, e a campainha tocou algumas vezes. Todos olharam para mim como se eu também fosse responsável por essa interrupção misteriosa.

“Quem você convidou agora, o Circo Ringling Brothers?” Mamãe perguntou quando eu me levantava da mesa.

Tia Carol riu. Ela sempre ficou de fora da nossa pequena família Divine.

“Pastor? Pastor?” uma voz alta gritou detrás da porta. No segundo em que a abri, Don Mooney entrou rapidamente na casa. Ele quase esbarra em mim. “Pastor Divine!” ele gritou.

Papai se levantou da mesa. “O que foi, Don?”

“Pastor Divine, venha aqui rápido. Você tem de ver.”

“O que está acontecendo?”

“Há sangue. Sangue por toda a varanda.”

“O quê?” Papai voou para a porta, e eu o segui. Havia sangue – uma pequena poça no degrau da varanda e algumas gotas ao redor dela.

“Eu pensei que talvez um de vocês estivesse machucado,” Don disse. “Talvez o monstro –”

“Estamos todos bem,” Papai disse.

Senti Papai quando ele seguiu o rastro de sangue. Nossa varanda continuava ao redor do lado da casa, bem como a trilha – pequenas gotas de sangue em vez de migalhas de pão. Levada ao lado de fora da janela aberta da sala de estudo. Havia um salpico de sangue ali, alguém tinha balançado uma mão machucada. Ou pata. Papai se encurvou para examinar a bagunça. Olhei para dentro da sala de estudo. O colchão do berço de James estava próximo a mesa destrocada do pai.

“Mamãe!” Eu me virei, quase esbarrando em Daniel, que de repente estava atrás de mim. “Mamãe, onde está o bebê James?” Não pude me lembrar dele no jantar.

“Ele ainda está dormindo,” Mamãe disse. Ela apareceu na varanda com a maior parte do grupo do jantar. “Estou surpresa por ele não ter acordado com todo esse barulho...” Ela olhou para o sangue aos seus pés. Seu rosto ficou branco. Ela entrou correndo na casa.

Papai, Carol e Charity a seguiram. Eu não tinha de segui-la. Os gritos de Mamãe foram o bastante para confirmar meus medos.

Daniel examinou a janela. “O vidro estava ausente antes?”

“Sim. Jude a quebrou há dois meses. Nós nos trancamos fora de casa. Ninguém sabia como consertá-la.”

A voz da Mamãe ficou mais aguda do lado de fora da janela. Papai tentou acalmá-la.

“Talvez James estava vagando por aí,” velho Leroy disse. “Todos, vamos procurar no quintal.” Leroy saiu da varanda. “James?” ele gritou enquanto andava.

Pete e April o seguiram.

Dr. Connors, amigo da Mamãe da clínica, passou sua filhinha para sua esposa. “Fique aqui. Vou descer a pista.” Ele e a maioria dos nossos outros convidados se espalharam no quintal. Todos eles gritavam por James.

“Você acha que foi o monstro, Senhorita Grace?” Don perguntou. “Se eu só tivesse minha faca... poderia tê-lo matado... caçado-o como meu tatara-tatara-avô.”

“Não existe coisas como monstros,” eu disse.

Daniel recuou. Ele tinha encontrado a unha com a qual quase esbarrei mais cedo. Seu dedo estava manchado de sangue – mas não dele. Ele o trouxe para seu nariz e fungou. Fechou os olhos, como se para pensar, e cheirou o sangue de novo.

Don fez um barulho de choro. Parecia com a minha mãe.

“Há algum lugar que James adore ir?” Daniel perguntou a mim.

“Não sei. Ele realmente gosta de cavalos nos estábulos dos MacArthurs.”

“Bom,” Daniel disse. “Vá conseguir o maior número de pessoas que puder e procurem na rota para a fazenda dos MacArthurs.”

Eu sabia que deveria ir, mas esperei por Daniel.

Ele limpou o sangue na sua manga. “Pastor,” ele chamou a janela aberta.

Papai segurou Mamãe no seu peito. “Ele vai ficar bem,” ele disse, e colocou a sua mão na nuca dela.

Mamãe geralmente estava acima das coisas. Vê-la agir tão desolada me fez tremer de ansiedade.

“Pastor,” Daniel disse.

Papai olhou para nós. “Um de vocês vai chamar a polícia. Ele vai organizar um grupo de busca.” Eu comecei a me mexer.

Daniel agarrou meu braço. “Não.” Ele olhou para meu pai. “A polícia não pode nos ajudar.” Mamãe choramingou.

Daniel soltou meu braço. “Vou encontrá-lo para você.” Papai assentiu. “Vá.”

Capítulo Onze

Revelações

NA FLORESTA

Daniel lançou-se pela grade da varanda e fez uma volta até o quintal. Eu tropecei pelos degraus e fui atrás dele. Pete e Leroy inspecionaram a cerca de madeira que papai tinha instalado após Daisy ser morta. Ela protegia nosso jardim dos limites da floresta. Daniel parou onde a cerca acabava em uma abertura estreita. Era a mesma seção que era derrubada sempre que havia uma tempestade de vento como a dessa manhã. Ele escaneou o chão como se procurasse por trilhas. Eu não vi nenhuma.

Daniel passou espremido pela abertura. “Vá ajudar Don a procurar a caminho dos Mac Arthurs,” ele disse pela cerca. Parecia uma ordem direta para nós três.

Eu comecei a ir atrás de Daniel. “Grace?” Pete perguntou.

“Vá ligar para o abrigo,” eu disse. “Diga a eles para mandarem Jude para casa assim que ele chegar lá. Então pegue Leroy e ajude o Don.” Pete assentiu.

Eu deslizei pela cerca.

Daniel estava lá na frente. Ele raspou a terra perto da trilha de caminhada que costumávamos explorar quando crianças.

Eu esfreguei meus braços para fazer calor, desejando ter pego meu casaco. Meu suéter fino e calça de algodão iam ter que ser o bastante.

“Você realmente acha que ele está na floresta?” eu perguntei.

Daniel limpou sua mãos e grunhiu. “Sim.”

“Então por que mandou todos para a fazenda? Não precisamos deles aqui?”

“Não quero eles sujando a trilha.”

“O quê?”

Daniel agarrou minha mão. “Esse caminho não leva até o riacho?”

Eu engoli em seco. “Sim.”

Daniel entrelaçou seus dedos ao redor dos meus. “Com sorte, estará seco agora.”

Nós corremos pela trilha pelo que pareceu oitocentos metros. Quanto mais andávamos floresta adentro, mais a trilha ficava enlameada. E quanto mais meus pés afundavam na terra, mais eu duvidava que James poderia ter andado até aqui.

Daniel parou. Ele virou-se num círculo pequeno, como se tivesse perdido seu senso de orientação.

“Deveríamos voltar.” Tirei uma das minhas sapatilhas, e agradei aos céus por não ter usado aqueles ridículos saltos de cinto centímetros que a mamãe queria que eu usasse no jantar.

“Por aqui.” Daniel saiu do caminho estreito para ir para o mato. Ele inspirou e fechou seus olhos, como se saboreando o gosto. “James está por aqui.”

“Isso não é possível.” Eu flexionei meu pé. “Ele nem mesmo tem dois anos ainda. Não tem jeito dele ter podido vir tão longe.”

Daniel encarou a escuridão da floresta. “Sozinho, não.” Ele balançou-se sobre seus calcanhares.

“Fique,” ele sussurrou, e correu para o bosque cerrado. Ele estava aqui e então sumiu.

“O qu... Espera!”

Mas ele continuou se movendo.

E eu aparentemente não sou muito boa em fazer o que me é mandado.

“Ele é meu irmão!” eu gritei, e comprimi meu pé no meu sapato.

Eu mal conseguia ver Daniel enquanto seguia. Apenas relampejos de suas costas à distância enquanto ele contorcia-se pelas árvores. Ele era como um animal, correndo instintivamente sem nem mesmo olhar onde seus pés pousavam. Eu, por outro lado, movia-me pesadamente e batia em árvores que parecia saltar bem na minha frente. Galhos

quebravam sob meus sapatos, e eu tropeçava em pedras e raízes enquanto tentava alcançá-lo.

Parecia que ele tinha captado um odor ou algo assim. Isso ao menos era possível? Tudo que eu conseguia sentir com cada respiração penetrante eram folhas em decomposição e de pinheiro. Aqueles cheiros me lembravam de somente uma coisa – era quase inverno. E se Daniel estivesse certo, o bebê James estava aqui em algum lugar.

A temperatura caiu enquanto o sol afundava por trás dos altos pinheiros. Sombras avultantes dificultavam ainda mais que eu caminhasse pela floresta. Eu preendi meu calcanhar na raiz de um pinheiro grande e tombei para frente. Dor golpeou meus braços enquanto eu atingia o chão. Eu me levantei e limpei minhas mãos na minha calça, deixando uma mancha sangrenta no tecido.

Eu olhei ao redor. Daniel não estava em lugar algum. E mais alguns passos teriam me levado para uma ravina profunda. Se eu não tivesse tropeçado, eu teria caído uns nove metros diretos. Fora isso que acontecera com Daniel, ou ele desviara para esquerda ou para a direita? Eu agarrei um galho de uma árvore próxima e me inclinei sobre um declive escarpado. Eu só conseguia ver mais pedras e terra e samambaias grossas no fundo.

"Daniel!" eu gritei. Tudo que consegui em retorno fora meu eco. Eu não teria ouvido algo se Daniel tivesse caído? Eu não teria sido capaz de distinguir sua trilha se ele tivesse descido? Uma meia-luz nasceria em breve para substituir o sol. Eu não tinha uma lanterna, e eu nunca tinha me aventurado tão profundamente na floresta antes. Como eu encontraria James, ou Daniel, ou até mesmo meu caminho de volta?

Talvez eu merecesse estar perdida. Fora a minha torta que queimara, e fora eu quem abrira aquela janela. Estava tão abafado em casa com os dois fornos ligados o dia todo; Charity não teria notado que ainda estava aberta quando ela colocou o bebê para tirar uma soneca.

Como posso ir para casa sem o James?

Um uivo encheu o vazio abaixo, ecoando pelas paredes da ravina. Só um animal poderia ter feito esse barulho. Mas era um grito de frustração. Como um lobo ansioso para capturar sua presa. Eu tinha que encontrar um jeito de descer. Eu tinha que encontrar meu irmão antes daquele animal.

Partes da parede da ravina eram muito mais escarpadas que as outras - um declínio gradual em alguns lugares, mas onde eu estava parecia com um tipo de inclinação factível de ser descida. Eu agarrei as raízes protuberantes da colina corroída e descí, de costas para o

espaço aberto, na lateral do declive escarpado. A ponta do meu sapato deslizou na lama, e meu peito bateu na parede feita de terra, arrancando um grito de mim. Eu deslizei por diversos metros antes de ser capaz de fechar minhas mãos num amontoado de raízes acima da minha cabeça. Eu me segurei com uma força desesperada, as raízes queimando como um raio na minha mão machucada. Eu tentei determinar com meu pé balançando o quão distante eu estava do fundo. Por favor, seja só poucos metros. Eu não conseguia segurar por muito mais.

“Você está a salvo,” Daniel gritou de algum lugar abaixo de mim. “Empurre e se solte, e eu te pegarei.”

“Não posso,” eu digo. Sua voz soa muito distante – muito distante para se cair. Eu não conseguia olhar.

“É exatamente como pular do portão no Jardim dos Anjos.”

Eu ofego nos meus braços trêmulos. “Eu quase me matei lá também.”

“E eu te peguei lá também.” A voz do Daniel parecia muito mais perto agora. “Confie em mim.”

“Está bem.”

Eu me empurrei e caí. Daniel chicoteou seus braços ao redor do meu peito, me parando antes que eu atingisse o chão repleto de pedras. Ele me puxou apertadamente contra si.

Eu não conseguia respirar.

“Então que parte de ‘fique’ você não entendeu?” ele sussurrou. Seu hálito quente roçou meu pescoço como dedos acariciando. Calor circulou meu corpo todo.

“Bem, já que não sou um golden retriever...” Daniel me colocou no chão gentilmente. Eu me virei na direção dele. Minhas pernas balançaram enquanto eu me movia. Sua camisa e calça azuis ainda estava impecáveis. Somente seus antebraços, onde ele tinha me pego, estavam sujos com lama.

“Como você...?” Mas então notei o que estava na sua mão. Pequeno, marrom, macio, e familiar demais. Um dos chinelos do George, o Curioso, do James.

“Onde achou isso?” perguntei, arrancando-o de sua mão. Estranhamente, o chinelo estava quase completamente limpo, não empastado de lama como meus sapatos, por vagar na floresta.

“Ali,” Daniel disse. Apontando para um amontoado de samambaias em decomposição entre duas pedras a cerca de seis metros de onde estávamos. “Eu achei com certeza que...” Daniel recuou, olhando ao redor para o chão como se procurando por algum tipo de trilha.

"James!" eu berrei, minha voz ecoando pela ravina como centenas de gritos desesperados.

“James, você está aqui?”

Daniel continuou vasculhando o chão. Seu rosto tornou-se rígido com frustração. Eu o segui enquanto cruzávamos para o outro lado da ravina, o lado oposto onde eu tinha escorregado. Ele se agachou, esparramando algumas samambaias com suas mãos, e inalou profundamente. “Eu achei com certeza que estava na trilha certa.”

“Como se tivesse seguido seu cheiro?” eu perguntei.

Daniel inclinou levemente sua cabeça, como se escutando. Ele levantou-se de supetão e girou ao redor, encarando a parede da ravina, cerca de trinta metros de onde estávamos. Então eu ouvi algo também.

Um grito distante em algum lugar acima, na cadeia de montanhas. O chinelo de macaco caiu dos meus dedos.

E meu coração parou de bater enquanto eu observei algo que parecia como um fantasma branco no crepúsculo andar de trás de uma pedra, e diretamente para a ponta do penhasco. James!

"Guei-ci!" ele choramingou com seus braços esticados para mim.

“Pare!” eu gritei. “James, pare!” Mas suas perninhas continuaram se movendo. “Guei-ci, Guei-ci!” Então Daniel se moveu. Correndo pelo chão da ravina na direção de James – mais rápido do que eu achei ser possível.

James deu outro passo, escorregou na lama, e tombou na beirada.

"James!" eu berrei enquanto ele caía como uma boneca frouxa.

Daniel caiu de quatro e saltou de uma pedra como um leão da montanha. Ele navegou pelo ar na direção de James – pelo menos a seis metros de altura. Eu observei com estupefação paralisante enquanto ele capturava James no ar e embrulhava-o em seus braços, girando simultaneamente até que suas costas batessem com uma força de quebrar ossos nas pedras irregulares da parede da ravina. Naquela fração de segundo eu vi um

olhar de dor cortar o rosto de Daniel, mas ele apertou o bebê James mais para perto enquanto eles ricocheteavam pela parede e começaram a cair, girando sem controle, pelos últimos seis metros.

“Não!” eu fechei meus olhos e fiz a mais rápida das orações. Eu esperei pelos sons pavorosos de um impacto de quebrar crânios. Mas ao invés, tudo que escutei foi um deslocamento de pedras e a trituração de um galho, como se alguém tivesse pulado alguns meros centímetros em cima deles.

Eu abri meus olhos e vi Daniel de pé no chão com o bebê James apegado em seu peito como um carcajuzinho. Minha boca se abriu.

“Putá mer...”

NO CAMINHO PARA CASA

“Bela palavra para se ensinar ao seu irmão caçula,” Daniel disse enquanto puxava James de seus braços.

O bebê James batia suas mãos e repetia minha expletiva com seu cecear feliz de bebê. Ele acariciou meu rosto com suas mãos congeladas. Seu macacão e seu único chinelo do George, o Curioso, estavam empastados de lama.

Seus lábios estavam de um tom horripilante de azul, e ele estremecia nos meus braços. Mas felizmente, ele parecia não estar ferido.

“O que mais você queria que eu dissesse?” Eu abracei James apertadamente, esperando compartilhar um pouco daquele calor de pânico que tinha queimado pelo meu corpo quando eu os observei cair. “Como pode ser? Que é isso? Mas que milagre porreta.”

“Poeta,” James disse.

“Como você fez aquilo?”

“Milagre,” Daniel disse dando de ombros. Ele estremeceu. Foi quando notei o rasgão sangrento em sua camiseta nas costas de seu ombro direito. Eu me lembrei da cara de dor em seu rosto quando ele bateu na parede de ravina.

“Você está machucado.” Eu toquei seu braço. “Deixe-me olhar.”

“Não é nada,” Daniel disse, e se virou.

“Não, não é. E o que você fez não foi nada.” Eu escutara algumas pessoas fazendo coisas extraordinárias quando cheias de adrenalina – mas eu não conseguia acreditar no que tinha acabado de ver, não importava quais fossem as circunstâncias. “Me diga como o pegou daquele jeito.”

“Mais tarde. Precisamos ir.”

“Não,” eu disse. “Estou cansada de todos esquivando-se das minhas perguntas. Me diga o que está acontecendo.” “Gracie, James está congelando. Ele vai ficar hipotérmico se não o levarmos para casa.” Daniel agarrou a minha mão que não estava machucada e me puxou para um montinho de lama.

Ela apontou para algumas pegadas de animal. Elas obviamente pertenciam a algo grande e poderoso.

“São frescas,” Daniel disse.

Eu me lembrei daquele estranho uivo animal. Eu abracei James ainda mais apertado.

“Precisamos cair fora daqui.” Daniel desabotoou sua camisa oxford de manga comprida e a tirou, revelando sua camiseta desbotada do Wolfsbane por baixo. Ele amarrou juntas as duas longas mangas da camisa nos punhos.

“O que está fazendo?”

“Fazendo uma tipoia.”

“Achei que seu ombro não estava–”

“Não é pra mim, é para o James.” Ele fez mais alguns nós em sua camiseta. “Se colocá-lo na frente, será mais fácil sairmos correndo.” Daniel puxou sua tipoia caseira sobre seu ombro e tirou James dos meus braços. O bebê gritou enquanto Daniel o colocava nas dobras do tecido, mas certamente, a camiseta fez um perfeito assentozinho para ele contra o peito de Daniel. “Estive aqui antes. Essa ravina faz uma curva nos fundos na direção da sua vizinhança.” Daniel pegou minha mão novamente.

Ele começou a correr, me puxando com ele.

“Mas como vamos sair da ravina?” eu perguntei. “Minha mão está destruída. Não acho que consigo subir.”

“Deixe isso comigo,” Daniel disse, e recompôs seu passo.

Eu tive que correr para alcançá-lo. Eu não conseguia acreditar que ele corria tão rápido, especialmente enquanto levava James. Daniel nunca errou um passo, apesar de estar bem escuro – nós provavelmente estávamos longe de casa por mais de uma hora. Eu tinha que me concentrar arduamente nos meus passos só para que não escorregasse na lama ou tropeçasse nas pedras. Toda vez que meus pés vacilavam, Daniel me puxava antes que eu pudesse cair. Sua mão retorcia-se enquanto ele segurava a minha. Eu podia afirmar que seus ombros estavam se apertando e relaxando como tinham feito quando andamos de moto. Ele desejava mais velocidade.

Mas eu estava grata por ele não me puxar mais rápido. Eu estava respirando tão arduamente que não conseguia nem falar.

A ravina se curvava na direção leste, e parecia que estávamos correndo por pelo menos um quilometro e meio.

Meus pés queimavam com as bolhas. Minhas pernas e pulmões ardiam. Eu não conseguia ver nada agora no escuro, então fechei meus olhos. Eu escutei meu coração martelando nos meus ouvidos, e a respiração do Daniel. A dele soava tão neutra comparada a minha. Bem quando achei que não pudesse ir mais longe, aconteceu: Senti uma onda de energia passar da mão de Daniel para a minha. Aquela conexão, aquela corda de salvamento, do Jardim dos Anjos estava nos unindo novamente. Só que dessa vez a energia correu pelo meu corpo, e eu senti uma liberação repentina, e soube que podia confiar que Daniel me manteria a salvo enquanto eu corria cegamente. Eu me liberei e deixei seus movimentos graciosos fluírem por mim, deixei-o ser meu guia na escuridão, enquanto corríamos com total abandono na noite.

Nunca me senti tão livre.

Eu quase esqueci onde estava até que Daniel inclinou-se sobre mim. “Quase lá,” ele disse. Ele soltou a minha mão e deslizou seus dedos no meu braço. Em um movimento fluído, ele me agarrou apertadamente sob meus braços, e me levantou do chão para suas costas. “Se segura!”

Eu preendi meus braços ao redor do pescoço do Daniel e enrolei minhas pernas ao redor de seus quadris de garoto quase não-existent. James deu risada e puxou meu cabelo. Tenho certeza que eu parecia engraçada. Daniel repentinamente pegou velocidade. Nós fomos para frente, e eu abri meus olhos bem a tempo de perceber que ele estava correndo precipitadamente para a parede da ravina. Ele pulou numa árvore caída e saltou.

Daniel agarrou uma raiz, mas ele mal tocou-a. Ele chutou a parede e voou mais dois metros pela inclinação. Seus pés tocaram uma pedra aflorada. Ele pulou novamente. Eu deslizei para seus quadris. Meus dedos cravaram sua garganta. James se agarrou aos meus braços. Daniel segurou um galho de árvore e caiu em cima do penhasco – com apenas uma mão. E então estávamos acima e no alto.

Salvos.

Daniel correu mais alguns passos até a árvore e então se inclinou para frente, arfando. Eu escorreguei das suas costas, e nós três caímos no chão comprimido de terra. Eu me deitei próxima ao Daniel por um instante, meu corpo chacoalhando com choque e muito assombro. “Isso... foi... foi...”

Eu uma vez passara duas semanas assistindo online vídeos de parkour porque minha colega no acampamento de arte, Adlen, estivera totalmente apaixonada por um corredor livre francês. Mas comparado aqueles vídeos, as coisas que Daniel tinha feito hoje – enquanto carregava duas pessoas, nada menos – não eram humanamente possíveis.

Daniel me olhou, seus olhos brilhando na luz do luar.

James bateu palmas e gritou, “Mais!”

Daniel inspirou profundamente. “Mas estamos em casa, rapazinho.” Ele tirou James da tipóia e apontou pela floresta para onde as luzes dos meus vizinhos nos chamavam como faróis na distância.

James fez um bico de decepção, e eu me senti da mesma forma.

Daniel rolou sobre seu estômago, ainda respirando arduamente. Eu tateei o rasgo em sua camiseta e percebi que apesar do rasgo estar coberto de sangue, não havia um corte na sua pele. Apenas uma longa cicatriz recortada onde um ferimento de sangue deveria estar. Eu rocei minha ponta do dedo pela marca quente e rosa. Daniel começou a recuar, mas então ele suspirou, como se meu toque fosse aliviador para sua pele.

“Como...? Quero dizer... O que é você?” eu perguntei. Daniel riu – uma risada real. Não bufou nem deu uma risadinha sarcástica. Ele se levantou e me ofereceu sua mão. “Acho que é melhor se andarmos a partir daqui,” ele disse, e me puxou de pé. Ele pegou James e fez menção para que continuássemos indo em direção a minha casa.

Eu franzi a testa. Ele realmente esperava que eu simplesmente fosse?

“Me conte, por favor. Isso não foi nada normal. Como você fez aquilo?”

“Vamos levar seu irmão pra casa antes. Conversaremos quando tudo isso acabar. Eu prometo.”

“As promessas não são sempre quebradas?”

Daniel esticou a mão e roçou minha bochecha.

James tossiu. Sua respiração fez uma névoa fora de seus lábios. Eu estava tão quente por ter corrido tão rápido que tinha esquecido completamente que estava frio. Senti um arrepio arrastando-se pelos meus braços suados, e soube que James devia estar com ainda mais frio. Mas eu também sabia que uma vez que passássemos pela cerca para o meu quintal, a magia – a conexão – que eu sentira enquanto corria com Daniel desapareceria. E a minha chance de conseguir respostas poderia nunca vir.

E se Daniel decidisse desaparecer novamente?

Mas eu sabia que James tinha que vir primeiro, então engoli minhas perguntas e segui Daniel pela floresta até que chegamos na cerca atrás da minha casa. Eu escalei a abertura.

DE VOLTA NO QUINTAL

Luzes azuis e vermelhas relampejavam pela rua, iluminando o telhado remendado da casa. Sirenes e gritos e muito movimento encheram as sombras jogadas pela luz. Parecia que metade de Rose Crest, incluindo o xerife e o delegado, tinha convergido na vizinhança.

“Parece que eles organizaram uma equipe de busca, de qualquer maneira,” eu disse.

Daniel enrijeceu enquanto passava pela cerca. “Eu deveria ir. Pegue o James. Diga a eles que você mesma o encontrou.”

“De jeito nenhum.” eu agarrei sua mão. “Você é o herói aqui. Não vou tirar seu crédito,” eu arrastei Daniel na direção do jardim. “Mãe, pai!” eu gritei. “Estamos aqui. Estamos com o James.”

“James!” Mamãe triturou os degraus da varanda.

“Como você... ? Onde você... ? Meu bebê.” Ela tentou tirar James de Daniel.

James gritou e prendeu seus bracinhos ao redor do pescoço de Daniel. Daniel ficou rosa. Mas isso pode ter simplesmente sido o brilho relampejante das luzes policiais.

“Daniel o salvou, mãe.” Eu toquei o cotovelo de Daniel. “Acho que o bebê James está um pouco ligado a seu herói.”

“Está bem, rapazinho. Me deixe respirar.” Daniel puxou James de sua garganta. “Aposto que está com fome. Quer um pouco de peru e um pedaço de torta?”

James assentiu.

Daniel passou James para a minha mãe. Ela abraçou-o tão apertadamente que ele choramingou, e ela o beijou por todo seu rosto.

“James?” Papai veio da entrada.

O xerife seguiu.

Daniel se deslocou ligeiramente atrás de mim.

O delegado tentou barrar nossos vizinhos de que entrassem no quintal, mas ele deixou o papai e o xerife passarem.

Papai agarrou James e o balançou. Ele olhou para Daniel. “Muito bem,” ele disse, e colocou seu braço ao redor do ombro de Daniel. “Muito bem, meu filho.”

“Eu não quero estragar essa reuniãozinha,” o xerife disse, “mas precisarei do seu depoimento.”

Ele olhou para Daniel.

“Não há muito o que se depor.” Daniel deu de ombros. “Eu o achei vagando na floresta, e o trouxe para casa. Ele deve ter derrubado seu berço e decidido sair numaaventurazinha.”

Eu o encarei. É isso? Acho que não esperei que ele contasse a verdade – ele sentiu o cheiro do bebê pela floresta, capturou James no ar quando ele caiu de um penhasco de nove metros, e então usou seus próprios poderes sobre-humanos para nos tirar da ravina – mas ele soou tão indiferente. Sem drama nenhum.

“Não foi só isso que aconteceu!” Eu praticamente berrei. Daniel me lançou um olhar arregalado, como se tivesse medo de que eu contasse a todos seus segredos - o que eu totalmente não faria. Minha mente fechou-se na primeira mentira plausível, mas a mais

longe da situação real, em que pude pensar. “Ele impediu que James caísse no riacho!” Mamãe gritou e puxou James dos braços do papai.

Eu fiquei feliz por estar escuro demais para que alguém visse as “marcas de mentira” se espalhando nas minhas bochechas. “Daniel é um herói. Ele salvou a vida de James.” Eu queria que as pessoas soubessem da verdade, mesmo que Daniel não quisesse que elas ouvissem a história verdadeira.

“E o bebê estava sozinho? Não ferido?” O xerife levantou suas sobrancelhas e gesticulou para o rasgo sangrento na tipoia-camiseta caseira de Daniel. Daniel e eu assentimos.

“Então como explica o sangue na varanda?” O rosto de Daniel ficou vazio.

“Não é trabalho dele explicar,” papai disse. “Pode ter sido qualquer coisa – provavelmente um dos gatos da vizinhança. Você não tem um laboratório criminal para te dizer com certeza?”

O xerife bufou.

“O Departamento de Xerife de Rose Crest é um trailer atrás do posto Gas ‘n’ Go. Farei com o Delegado Marsh pegue uma amostra e mande para o laboratório na cidade. Levará um tempo antes que saibamos de algo.” Ele olhou para mim. “E não há nada mais que você gostaria de acrescentar? Nada mais que consiga se lembrar?”

“Daniel salvou a vida do meu irmão,” eu disse. “É tudo que há para se saber.”

Um carro apareceu com força na entrada, espalhando um grupo de expectadores para o gramado.

“Mãe. Pai.” Jude pulou da minivan e empurrou a multidão. Nem mesmo o delegado conseguiu impedi-lo. “Eu trouxe a cavalaria! Tenho metade dos voluntários do abrigo vindo para nos ajudar—” Ele parou. O olhar de triunfo em seu rosto mudou para um vazio petrificado.

Segui seu olhar duro de James, nos braços da minha mãe, para a visão de papai segurando Daniel em um abraço paterno.

“James está salvo,” mamãe disse.

“Graças a Daniel.” Papai apertou o ombro de Daniel. “James estaria perdido sem ele.”

O xerife estendeu sua mão na direção de Daniel. Daniel recuou – então encarou em descrença enquanto o xerife lhe dava um aperto de mão sincero.

“Muito bem,” o xerife disse. Ele iluminou sua lanterna pela cerca traseira. “Você deveria consertar aquilo,” ele disse para o papai. “Você tem sorte desse caso ter terminado bem. Se não fosse pelo seu filho aqui...” De primeira, achei que ele estava falando do Jude, mas então percebi que ele sorria para Daniel.

Papai não o corrigiu. “Nós vamos acabar algumas coisas aqui e então sairemos de cima.” O xerife deu um tapinha nas costas de Daniel. “Minha esposa teve um acesso de raiva quando deixei o jantar, mais cedo. Seus pais estão na cidade. Eles queriam que ela se casasse com um contador.”

“Vamos trabalhar nessa cerca imediatamente,” papai disse, e apertou a mão do xerife.

“Daniel, você é jeitoso, não é?”

Daniel assentiu.

“Vou levar James para dentro.” Mamãe sorriu ligeiramente e apertou o braço de Daniel. Acho que era sua maneira de dizer obrigado.

Não consegui evitar sorrir. Pode ter sido preciso um retorcimento da verdade, mas meu plano de ajudar Daniel a conseguir sua vida de volta estava funcionando – a linha da vida que eu oferecera parecia estar chamando-o.

Mas então ouvi um murmúrio profundo vindo da direção do meu irmão mais velho. Ele estava categoricamente tremendo.

“Ju--”

Jude saltou em Daniel. “Você fez isso!” ele berrou, e enfiou seu punho no rosto de Daniel.

Daniel caiu para trás, me derrubando no chão com ele. Jude foi dar outro soco, praticamente pisando em mim para chegar em Daniel, mas então o xerife ficou em cima dele. Ele puxou Jude de volta.

Mamãe gritou.

Jude debateu-se e gritou, “Ele fez isso! Ele fez isso! Vocês não vêem?”

Daniel arrastou-se da grama. "Jude?" Ele esticou a mão para seu antigo melhor amigo. "Juro que não fiz isso."

Jude saiu com violência do aperto do xerife e tentou voar para cima de Daniel novamente. Papai entrou entre eles. O xerife agarrou Jude por trás.

"Acalme-se," papai disse.

"Ele fez isso. Ele roubou o James." Jude olhou para o xerife. "Prenda-o. Pegue-o antes que ele fuja!"

Daniel recuou. Eu sabia que ele poderia estar a quatrocentos metros daqui agora, mas ele não fez tentativa alguma de escapar. Ele deixou o Delegado Marsh agarrar seu braço.

"Pare," eu berrei para Jude, e tentei ficar de pé, minhas pernas doendo. "Pare de mentir. Daniel salvou o James. Ele salvou-o de se afogar no riacho."

"Pare você de mentir!" O rosto de Jude pareceu distorcido, como ficara na noite em que encontrara o corpo de Maryanne e então não conseguira me achar. Tive medo que ele fosse me socar também – mesmo eu não sabendo que ele era capaz de acertar alguém até agora.

"O riacho está seco e você sabe disso," ele disse.

Mamãe arfou. O barulho foi ecoado pelos espectadores que tinham se aproximado de nós quando o delegado deixou seu posto. O xerife deve ter relaxado seu aperto, porque Jude se desvencilhou.

"Prenda-o," Jude disse. "Prenda esse monstro." Ele saltou em Daniel.

"Pare!" Papai agarrou o braço de Jude e o jogou para longe.

Jude tropeçou em seus calcanhares e caiu no chão.

Papai ficou sobre ele, um pé plantado em cada lado do corpo prostrado de Jude. Eu nunca vira papai parecer tão dominador. "Pare com isso!" ele comandou. "Pare com essas mentiras agora."

Jude gemeu e rolou de lado. Foi como se atingindo o chão isso lhe tivesse feito ganhar um pouco de juízo. Seu rosto e punhos relaxaram.

"O que quer que façamos?" o Delegado Marsh perguntou. Ele ainda pegava Daniel pelo braço. "Podemos levar esse aqui para a delegacia se quiser."

“Sob que acusações?” Papai virou-se para a multidão, sua voz levantada. “O bebê simplesmente saiu vagueando. Daniel o trouxe de volta para nós. É tudo que há para se saber.” Ele inclinou sua cabeça para o delegado, dizendo-o para que soltasse Daniel. “Obrigado a todos por nos ajudarem quando precisamos,” ele disse em sua melhor voz pastoral. “Tenho certeza que todos tem suas festividades esperando. E se não se importam, minha família tem algumas coisas as quais atender.”

Papai virou-se para a minha mãe. “Meredith, leve James para dentro. Vou ver o que posso fazer com a cerca. Daniel, Jude, venham comigo.”

Jude estava de pé agora, mas se afastou do toque do papai. Ele balançou sua cabeça e então correu para dentro da casa. April apareceu da multidão e andou atrás dele.

“Daniel?” papai perguntou.

Algo estava muito errado com o olhar nos olhos do meu pai.

Daniel deu um ligeiro aceno e foi com ele.

Papai deve ter sentido minha vontade de seguir. “Gracie, vá ajudar sua mãe,” ele disse. Sua voz estava tão tensa que parecia que ele estava segurando seu fôlego enquanto falava.

Eu fiquei de pé na grama e observei eles darem a volta atrás da casa. O delegado e o xerife resmungaram e andaram com dificuldade até seu carro. Nossos amigos e vizinhos afastaram-se—exatamente como a minha esperança de consertar Daniel e Jude.

Capítulo Doze

Perguntas Não Respondidas

NA CASA, CERCA DE VINTE MINUTOS DEPOIS

Minha mãe se transformou rapidamente em uma Florence Nightingale.¹⁷ Ela se recusou a deixar o xerife levar James para o hospital em Oak Park, insistindo que ela e Dr. Connors eram capazes de cuidar dele. Após uma análise muito minuciosa do médico, ela finalmente deixou James sair de seus braços e ordenou a Charity para começar um banho quente para aquecê-lo. Então ela colocou band-aids do Superman sobre os arranhões. Don Mooney, de alguma forma levantou seus braços e enviou os últimos convidados remanescentes para casa com as sobras do nosso jantar abandonado. Eu estava prestes a passar sorrateiramente pela porta dos fundos para tentar encontrar Daniel quando mamãe me chamou para a mesa da cozinha.

“Vamos dar uma olhada na sua mão.”

Eu estremeci enquanto ela retirava algumas pedras do corte.

Ela fez um barulho com a língua. – Você tem sorte de não precisar de pontos.

Eu deixei que ela lavasse minha mão e tentei não me contorcer. Eu imaginei que quanto menos eu protestasse, mais rápido eu chegaria ao Daniel. Ele tinha prometido me explicar as coisas. Mas, e se ele decidisse se separar? Eu tinha visto as coisas que ele podia fazer e com as falsas acusações de Jude ele poderia estar fora do estado antes mesmo de eu começar a procurar por ele.

Mamãe colocou minha mão em uma bacia com peróxido de hidrogênio. “Apenas relaxe por um minuto,” ela disse e desempacotou a gaze e o esparadrapo de seu kit de primeiros socorros.

¹⁷ Florence Nightingale (1820-1910) enfermeira britânica famosa pelo seu tratamento dos doentes.

Pequenas bolhas formigaram em toda a minha pele. Minha mente vagou repetindo as coisas que Daniel havia feito na floresta – e como tinha sido correr com ele no escuro. Eu nem notei quando minha mãe secou minha mão e a envolveu com uma gaze.

Ela deu um tapinha sobre a última fita de esparadrapo e segurou minha mão por um instante. “Gracie,” ela disse sem olhar para mim. “Por favor, não convide aquele garoto para a nossa casa novamente.” Ela colocou minha mão sobre a mesa entre nós e se ocupou em guardar as coisas novamente dentro de seu kit.

Eu assenti com a cabeça mesmo ela provavelmente não me vendo.

“Mãe” Charity chamou escada abaixo. “James se recusa a sair da banheira enquanto não tiver seu cobertor.”

“Eu pego!” eu disse, feliz pela distração momentânea.

Mamãe assentiu com a cabeça. “Eu estarei aí em cima em um minuto,” ela gritou de volta pra Charity.

Eu chequei o quarto de James primeiro, mas tia Carol estava dormindo na cama de hóspedes no quarto dele. Ela se desculpou com uma dor de cabeça assim que o Dr. Connors anunciou que James estava em perfeita saúde. Eu lembrei que o cobertor de James provavelmente ainda estava no escritório.

As portas estavam ligeiramente entreabertas quando eu entrei. O berço portátil do James ainda estava ao seu lado. Eu a tirei e encontrei o pequeno cobertor. O peguei e já estava prestes a correr pro banheiro no andar de cima quando um pensamento repentino me parou. Se James realmente tivesse se afastado, ele não teria levado isto com ele? Esse pedaço azul de manta de crochê ia a todo lugar onde meu irmão fosse. Ele nunca o deixaria para trás.

As palavras de Daniel quando eu disse que James não poderia ter ido muito longe na floresta ecoaram em minha mente: por ele mesmo, não.

Foi um erro mandar o xerife embora? Parecia que eles haviam acabado de chegar quando eu e Daniel retornamos com James. Eles haviam tirado fotos ou procurado por alguma pista? Jude havia acusado Daniel, mas isso não podia ser. Meu pai insistiu que havia sido apenas um acidente. Mas Daniel – ele estava com medo de alguma coisa.

Eu olhei ao redor do escritório, notando realmente algumas coisas pela primeira vez desde que eu havia entrado. Os livros e papéis do papai estavam espalhados em todo o chão. Sua luminária havia sido derrubada e a gaveta da mesa estava aberta. Parecia que

um pequeno terremoto havia passado dentro dela. Um intruso havia estado aqui procurando por alguma coisa? Como nós não ouvimos isso da sala de jantar? Teria mamãe começado a atirar as coisas enquanto estava tão perturbada? Muitos livros estavam faltando na estante. A estante!

Eu me estiquei e passei meus dedos sobre ela. Passei-os até a prateleira de cima, para trás e para frente. A caixa preta de veludo – a que havia guardado a adaga de prata do Don – havia desaparecido.

NO SEGUNDO ANDAR

Meu primeiro instinto foi contar ao papai sobre seu escritório, mas aí eu percebi que ele já havia estado lá com a mamãe. Será que eles já viram toda essa bagunça? E, além disso, foi ele quem mandou o xerife embora. Foi ele quem insistiu que nada fora do comum havia acontecido. Talvez ele e mamãe houvessem feito a bagunça e ele queria poupá-la de qualquer questionamento da polícia. Não seria bom para seu TOC¹⁸ ter o Detetive Adjunto Marsh mexendo nas coisas e vasculhando a casa. Mas, por que aquela faca estava desaparecida? Papai pelo menos sabia disso? Eu não havia dito a ele que eu havia mexido.

“Grace, nós precisamos do cobertor!” Charity gritou escada abaixo.

Eu fechei as portas do escritório atrás de mim e corri para o banheiro. “Aqui” eu entreguei o cobertor para mamãe.

“Cobertor!” James ficou de pé na banheira. Bolhas escorriam em seu corpo.

“Finalmente,” Charity disse e o tirou de dentro da banheira. Ela o enrolou em uma toalha e o entregou para mamãe.

Ele esfregou o cobertor no rosto. Mamãe o abraçou com força. Eu decidi não mencionar nada sobre o escritório a ela. Eu não sabia de que modo ela poderia ficar se eu dissesse qualquer coisa que a preocupasse. Eu perguntaria ao papai depois.

Mas a pessoa com a qual eu realmente queria falar era Daniel. O que ele sabia sobre tudo isso? Por que ele parecia tão assustado? Isso estava de alguma forma relacionada às coisas que ele podia fazer?

¹⁸ Transtorno obsessivo compulsivo.

“O banheiro é todo seu,” mamãe disse. “Limpe antes de fazer qualquer outra coisa.” Ela balançou a cabeça indicando o barro endurecido em meu suéter e minha calça.

“Você cheira como um cachorro que esteve correndo no frio.” Charity disse fazendo uma cara engasgada.

“Uta êda,” James resmungou.

Mamãe piscou para mim. “O que ele acabou de dizer?”

“Não tenho a mínima ideia,” Eu disse e os enxotei do banheiro.

Eu tomei um banho rápido. Tão rápido o quanto eu pude sem molhar minha bandagem.

E se eu não conseguisse encontrar Daniel antes dele terminar de ajudar meu pai?

Eu me enrolei em uma toalha e limpei o vapor da janela do banheiro com a mão. Eu olhei através do vidro embaçado. Tudo que eu podia ver era uma pequena abertura no contorno branco do muro. Deixei sair a luz do banheiro e pude ver o que parecia ser meu pai ajoelhado ao lado das roseiras decadentes. Parecia que ele estava rezando, talvez dando graças pelo retorno de James. Mas então ele balançou pra frente e pra trás sobre seus joelhos e levou sua mão ao seu rosto. Seus ombros balançaram para cima e para baixo em um estranho e forçado jeito.

Eu agarrei meu roupão. Papai precisava de mim perto dele. Mas alguém saiu das sombras perto da cerca. Ele ajoelhou ao lado do meu pai, hesitando por um momento e depois colocou seus longos braços magros nos ombros do papai que tremiam. Eu recuei e pisquei através da janela embaçada.

Agarrei com força a gola do meu roupão, descendo correndo as escadas e dando de encontro com a minha mãe.

“Onde você pensa que vai assim, mocinha?” – Ela apontou para o meu roupão e para a sala de estar onde Don estava contando a Charity uma história sobre seu avô. “Nós ainda temos convidados em casa!”

“Mas o pa...” Eu vi o olhar irritado em seu rosto e lembrei de como ela havia gritado sarcasticamente com o papai por ter se culpado pela morte de Maryann. “Eu só preciso fazer uma coisa rápida.”

“Vai vestir alguma coisa decente.”

Eu resmunguei e comecei a subir as escadas para uma rápida troca de roupas.

“E você tirou as roupas enlameadas para a lavanderia ou deixou no chão do banheiro?”

“Eu farei isso depois. Eu preciso...”

“O que você precisa é colocar uma roupa e colocar sua roupa suja para lavar antes que elas estejam arruinadas. Dinheiro não aparece aqui como mágica.”

“Mas...”

“Agora!”

E eu juro que ela me deu aquela olhada como se soubesse que eu estava pensando em fazer algo que ela não aprovaria.

“Está bem!”

Minhas pernas doeram e protestaram assim que eu subi as escadas pro meu quarto. Toda aquela corrida no bosque tinha tirado suas forças. Puxei a primeira roupa que eu pude encontrar – uma camiseta de mangas compridas e um macacão com tinta que minha mãe particularmente odiava. Eu peguei minha roupa suja do chão do banheiro e eficientemente a levei para o porão.

Eu estava ocupada culpando mentalmente minha mãe por potencialmente arruinar minhas chances de falar com Daniel e meu pai quando ouvi vozes baixas vindo do quarto de Jude. Pude ouvir a voz dela de fundo e a respiração da Cocker Spaniel de April como segurança. Agarrei minha gola com força e avancei em direção a porta de Jude.

“Não é justo!” eu o ouvi dizer.

“Por quê?” April perguntou.

“Você não entende. Eles não entendem.” ele reduziu a voz. “Como eles não conseguem ver o que ele está fazendo?”

April disse alguma coisa que eu não consegui entender.

“É errado. Ele é errado. Tudo sobre ele está errado.” Jude disse. “Eu sou o bom. Eu sou o que faz tudo o que essa família precisa. Eu sou o que está aqui todos os dias por eles e agora ele está de volta por algumas horas e eles acreditam nele ao invés de mim.” A voz dele se acentuou. “Como pode papai acreditar nele após o que ele fez.”

“O quê?” April perguntou. “O que ele fez?”

Jude suspirou.

Qualquer pontada de culpa que eu sentia por estar espionando morreu com o meu desejo de ouvir essa resposta – e a queimação de ciúmes por ele contar a April o que recusou me contar por três anos.

Jude sussurrou algo e eu me inclinei mais para conseguir ouvir.

“Grace!” mamãe gritou escada abaixo. “Certifique-se de usar o spray antimanchas!”

Eu saltei de perto da porta e derrubei minhas roupas. A voz de Jude parou, seguida de diferentes barulhos atrás da porta. Eu juntei minha roupa do chão e corri para a lavanderia.

MAIS TARDE, NAQUELA NOITE

Quando eu saí, Daniel já tinha ido. Ele não estava no jardim da frente ou atrás. Nem o papai. Tinha passado apenas quinze minutos desde que eu os havia visto através da janela do banheiro, então eu decidi pegar o carro e tentar localizá-lo indo até seu apartamento – pegá-lo com minhas perguntas antes que ele pudesse deixar a cidade – mas não havia nenhuma chave no claviculário. Papai deixou o caminhão na paróquia, Jude ainda devia estar com as chaves da van, mas estranhamente o Corolla não estava na garagem.

Resignei-me ao fato de que mais pesquisa seria inútil e decidi ajudar a mamãe e Don Mooney a limpar a sala de jantar. Não me espantei com o fato de Dooney permanecer por perto. Ele provavelmente pediria para ficar com o quarto de Jude quando meu irmão fosse para a faculdade no próximo ano. No entanto, a ideia da ajuda de Don envolvia comer a comida esquecida nos pratos das pessoas.

Eu estiquei a mão para uma taça meio vazia que estava na frente dele. Ele parou de mexer no band-aid do seu braço e me deu um sorriso tipo ‘tem peru no seu dente’.

“Você parece muito bonita hoje, senhorita Grace.”

Eu enrolei meus cachos molhados com os dedos e me perguntei se eu havia ganhado um novo admirador por tê-lo ajudado com meu pai outro dia. “Obrigada, Don,” eu estiquei o braço e peguei a taça.

“Você também foi muito valente, ao entrar na floresta para encontrar seu irmão.” ele disse. “Eu queria ter estado lá. Eu a protegeria do monstro. Meu avô me disse como. Ele era um grande herói.”

Ele esfregou o braço machucado contra o peito.

Eu sorri. Mas aí eu pensei nos objetos espalhados no escritório do papai. Mamãe tinha levado uma pilha de louças para a cozinha, mas eu reduzi a voz só por precaução.

“Don, enquanto todos estavam procurando pelo James, você entrou no escritório?”

Seus olhos rolaram para o lado. “Eu, eu, só estava procurando por algo. Eu não quis fazer uma bagunça. Todos voltaram para dentro antes que eu pudesse arrumar.” ele se balançou em sua cadeira como se estivesse prestes a entrar em parafuso.

Um alívio tomou conta de mim. “Está tudo bem, Don.” Eu sorri para ele. “Eu não vou contar a ninguém, mas você realmente deveria colocar a faca no lugar.”

Don abaixou suas pálpebras. “Sim, senhorita Grace.”

Mamãe retornou e percebeu que eu estava me atrapalhando com a bandagem e seus pratos de porcelana chinesa, me mandando de volta para a cama. Eu fui sem protestar, mesmo sabendo que eu não tinha muitas esperanças de conseguir dormir – ou fazer qualquer outra coisa. Mamãe estava triste comigo por ter convidado Daniel para vir aqui. O medidor de desespero do papai estava em velocidade máxima e meu irmão mais velho estava à beira do desespero por si só e Daniel estava na maior parte sumido. Ao menos eu sabia onde a faca estava e que não tinha sido roubada por algum intruso sinistro.

Estranho – foi a primeira vez em que eu pensei em Don como inofensivo.

Eu deitei em minha cama com a minha cabeça rodando sobre todas as coisas que haviam acontecido ao longo do dia até que a casa ficou escura e silenciosa. Pareciam que haviam se passado horas desde que eu ouvi Don se despedir em alto e bom tom. Eu ainda estava vestindo minhas roupas, então eu decidi me levantar e trocá-las. Tirei meu macacão e minha camisa e achei um pijama confortável. Flanela branca com pequenos patinhos de borracha amarelos. Eu estava em pé com as calças do pijama e sutiã rosa quando ouvi um barulho atrás de mim.

Virei-me e vi uma silhueta escura do lado de fora da minha janela no segundo andar. Eu pulei e quase gritei. Imagens da janela do escritório manchada de sangue correram através da minha mente.

“Grace,” uma voz abafada soou através do vidro. A sombra se aproximou da janela. Era Daniel. Constrangimento substituindo o medo. Eu cruzei meus braços formigando através do meu peito – não que eu tivesse muito a esconder, mas ainda assim. Virei de costas para ele e agarrei meu roupão. Ele ainda estava úmido do banho, mas puxei-o de qualquer jeito. Fui até a janela e abri.

“O que você está fazendo aqui?”

Daniel equilibrou-se no telhado inclinado do lado de fora da minha janela.

“Eu prometi que falaria.” Ele olhou para mim através do fino vidro. “Posso entrar?”

Capítulo Treze

Cães do Céu

TOPO DO TELHADO

Rubor sobre meus braços e peito. Tenho certeza de que estou tão rosa quando o sutiã. Eu apertei mais o robe em minha volta. “Eu... eu não posso deixar você entrar.”

Mamãe não me fez prometer, mas sentia como se eu devesse respeitar seu desejo de não convidar Daniel para dentro de casa novamente. É o mínimo que podia fazer por ela agora.

“Então você vai ter de sair.” Com uma pancada de sua mão, ele empurrou o vidro da minha janela. Ele caiu aos meus pés, parecendo perfeitamente intocado. Nem rachado e quebrado como na vez em que Jude quebrou o vidro da janela do escritório abaixo de nós. “Venha.” Ele entendeu a mão para mim através da janela.

Antes eu pudesse pensar, pus minha mão na dele. Ele me puxou para fora e para seus braços. Ele me segurou contra ele, seus dedos tocando a faixa do meu robe contra minhas costas.

“Eu pensei que você tinha ido embora,” sussurrei.

“Uma promessa é uma promessa.” Sua respiração esquentava meu cabelo úmido. Ele segurou minhas duas mãos e me abaixou para eu me sentar ao seu lado no beiral estreito do telhado. Ele usava jeans agora e o casaco preto e vermelho que dei a ele. Ele não estava usando-o quando apareceu mais cedo para o jantar.

Meu robe não era tão quente quanto o casaco, e meus pés estavam descalços, mas não me importei. “Estou feliz por você ter voltado.”

Daniel sorriu. Era quase uma careta – dolorosa. É quando eu notei, na luz turva do meu quarto, o hematoma arroxado na sua bochecha.

“Você está machucado.” Toquei seu rosto.

Ele inclinou sua bochecha para a minha mão.

“Sinto muito. Você está machucado por minha causa. Fui eu quem inventou a história sobre o riacho. Fui eu que fez Jude –”

“Não sinta. Nada disso é culpa sua.” Daniel colocou sua mão sobre a minha. “Ficarei bem logo, de qualquer forma.”

Ele fechou suas mãos e pressionou minha mão enfaixada contra sua bochecha. Sua pele ficou mais quente sob meu toque. Minha palma começou a suar. Sua pele estava queimando. Quando senti que ia me queimar, o calor se foi. Daniel deixou sua mão cair, e eu puxei minha mão de volta.

Sua pele estava nua. Sem hematomas ou marcas de qualquer tipo.

“Você é um super-herói,” sussurrei.

Daniel se inclinou contra a casa. Seus pés balançavam no lado do telhado. “Não sou nada do tipo.”

“Como você pode dizer isso. Eu vi as coisas que você pode fazer. Você podia totalmente ajudar as pessoas. E você salvou James.” Cocei meu curativo. Minhas mãos e pés latejavam, e eu sentia dor em todos os lugares. O poder de cura a mim mesma seria bem útil para mim agora. “Queria poder fazer algumas dessas coisas.”

Ele apertou seus dedos ao redor do seu colar de pedra lisa. “Você não gostaria dos efeitos colaterais.”

“Você está brincando? Eu faria qualquer coisa para ser como você.”

“Não, você não faria.” Daniel me encarou. Seus olhos brilhavam com aquela fome. “É o que te faz tão especial.”

Um arrepio assustador correu pelo meu corpo. Parte de mim queria subir de volta para meu quarto e trancar a janela. Mas a maior parte de mim queria que ele me tomasse nos seus braços e me levasse para longe de tudo e de todos.

“Você é especial, sabe,” Daniel disse, e roçou meu braço.

“Daniel, eu...”

Daniel se contraiu e se afastou. Ele agarrou o colar preto com mais força e murmurou algo que não pude entender entre respirações afiadas.

“Você está bem?” Estendi minha mão para ele.

“Por favor, não.” Ele se afastou do meu toque e recuou contra o lado da casa. Ele puxou suas pernas para seu peito, como se criasse uma barreira entre nós. Seu corpo tremia. Ele fechou seus olhos, ofegando. Seu tremor parou, mas ele ainda segurava seu pingente com o punho rígido.

“É isso que te dá suas... habilidades? O colar?”

Daniel mantém seus olhos fechados. “Não.” “Então como? O quê?”

Ele deixa o ar sair entre seus dentes. “Eu deveria te deixar.”

“Mas eu quero saber de tudo.”

“Sinto muito, Grace. Eu realmente deveria ir.”

Eu cruzo meus braços. “Você não vai se safar dessa tão facilmente. Uma promessa é uma promessa, se lembra,” digo com um tom mandão.

Daniel parou e sua boca se torceu em um sorriso. “Você não tem idéia do que fazer comigo.”

Corei, mas não ia deixá-lo me distrair. “É por isso que você deixou a cidade? Ou isso aconteceu enquanto você esteve fora? Como você se tornou o que é? Conte-me, por favor.”

“Nada aconteceu comigo. Não exatamente. Acho que você pode dizer que nasci assim.”

“Eu não me lembro de você ser... assim.” Mas então me lembrei de todas aquelas vezes em que ele, ainda criança, parecia ter hematomas de manhã e de tarde não tinha mais nada, ou machucados que desapareciam misteriosamente. Eu me lembro do quanto confuso o médico de Daniel ficou quando sua fratura no crânio curou em questão de semanas em vez de meses.

“Isso se desenvolve com a idade... e com experiências.”

“Super-poderes são um pouco mais intensos do que pelos nas axilas e espinhas,” eu disse.

Daniel riu. “É meio que coisa de família,” Ele baixou sua voz. “Você sabe o que seu pai diz em seus sermões sobre como o diabo trabalha – entre outras coisas – através de lisonja, inveja e complacência?”

Assenti. Esse era um dos assuntos favoritos do papai.

“Bem, o diabo nem sempre foi tão sutil. No começo, ele usava demônios, vampiros e outros espíritos malignos para cumprir suas ordens. Monstros de verdade que vão-acabar-algumas-coisas-de-noite.” Daniel procurou pela minha reação.

Não sei o que dizer – ou até pensar. Ele estava falando sério? Ele realmente queria que eu acreditasse que monstros existiam? Mas então, até hoje, eu pensava que pessoas com super força e habilidade de se curar eram personagens de histórias em quadrinhos.

Quando eu não respondi. Daniel continuou. “Com demônios soltos na Terra, Deus decidiu que precisava ‘combater fogo contra fogo’, por assim dizer. Minha família – a família Kalbi – data de antes da língua escrita. Antes da real civilização existir. Minha família era parte de uma tribo de guerreiros. Eles eram fortes defensores de suas terras, mas eles também eram partidários da crença de Deus e seguiam seus ensinamentos. Ele decidiu recompensá-los – abençoando-os com habilidades especiais. Ele os infundiu com a essência do animal mais poderoso das suas florestas montanhosas, dando-lhes maior velocidade, agilidade, força, esperteza e capacidade de seguir trilhas.” Ele esfregou sua mão dela bochecha. “Não tenho certeza de quando a habilidade de curar veio – deve ter sido parte do pacote de benefícios.”

“Então Deus fez o último soldado na Sua luta contra o mal?” Minha pergunta parecia tão lógica, Embora eu ainda não pudesse acreditar no que estava ouvindo.

“Exatamente. Ele até os marcou com cabelo quase branco como os anjos.” Ele passou os dedos seu cabelo despenteado marrom cor-de-areia. “Cães do Céu. É como Ele os chama. Ou algo assim – a palavra verdadeira foi perdida. O mais próximo que conheço é a palavra suméria Ubat. Era o trabalho deles caçar demônios. Manter os mortais a salvo da ira do diabo.”

“Esses... Ubat... o que aconteceu com eles? Por que eu nunca ouvi falar deles antes?”

Daniel encolheu os ombros. “Ele deram boas vindas ao mundo mortal. Há apenas um punhado de parentes deles hoje. Eles preferem viver em grupos – bandos, na verdade. Muitos deles são artistas como eu. Deve ser aquela conexão animal com a natureza. Há um grupo a oeste. Eles vivem num tipo de colônia de artistas. Fique lá por um tempo. Foi onde conheci Gabriel.”

“O anjo do jardim? Você disse que ele te deu o colar. O que é?”

Daniel tocou a pedra negra. “Um pedaço da lua.”

“O quê?” Não sei por que aquilo pareceu mais impossível do que acreditar em sua história.

Daniel sorriu ao meu olhar curioso. Ele envolveu seus braços pelas minhas costas e me deixou segurar a pedra e lisa que estava pendurada no seu pescoço. Era surpreendentemente quente e não tão lisa quanto parecia. Ele levemente áspera, como uma rocha magmática. Pressionei a ponta do dedo na pequeno crescente entalhado no meio.

“Ele me ajuda a controlar as coisas que faço.” Ele roçou seus dedos nos meus.

Inclinei minha cabeça contra seu peito e fiquei surpresa ao ouvir as batidas de seu coração através do casaco. Sua respiração era profunda e estável, mas seu batimento cardíaco parecia errático. Rápido demais, mas devagar demais ao mesmo tempo – quase como se dois corações batessem dentro dele. Ambos me dizendo para acreditar nas suas palavras.

Daniel me apertou em seu abraço. Ele traçou sua mão ao longo do colarinho do meu robe, seus dedos arranhando minha pele. Um dos seus corações ficou mais rápido, vibrando com a pulsação.

Eu deixo o pingente de pedra cair. Ele bate levemente contra o peito dele. “Daniel? Se pessoas como você – esses Ubat – ainda existem, isso significa que monstros também?”

Daniel vira seu rosto para longe. “Eu deveria ir agora.” Ele me puxa para cima quando se levanta.

Meus pés parecem desequilibrados na inclinação do teto. Daniel me segura. Não quero que ele vá embora. Eu o teria mantido comigo toda a noite, se pudesse. Mas eu sabia que ele não ficaria. Ele não responderia mais nenhuma pergunta essa noite.

Ele me ajudou a passar pela janela e colocou o tela de volta ao lugar. “Boa noite, Grace.”

“Vou ver você de novo?” Coloco minha mão no tela que nos separa. “Você não vai desaparecer agora que sua identidade secreta foi descoberta?”

Ele coloca sua mão contra a minha, o metal fino entra nossa pele. “Amanhã. Estarei aqui amanhã. Eu disse ao seu pai que iria consertar a cerca.” Ele não fez nenhuma garantia além dessa.

“Então te vejo amanhã.”

Daniel tira sua mão.

“Espere,” digo.

Ele para.

“Obrigada. Pelo que você fez pelo meu pai... no quintal.”

Daniel morde o lábio. “Você viu aquilo?” Assenti.

Seu rosto cora levemente. “Não se preocupe com isso, Gracie. Seu pai estava apenas sentindo os efeitos do que aconteceu hoje – pensando que tinha perdido seu filho para sempre.” Daniel dá um passo para o extremo do telhado. Ele fica sobre as pontas dos dedos. “Tranque sua janela,” disse, e pulou do telhado.

Capítulo Quatorze

Alturas Tão Grandes

NA CAMA

Enrolei-me com minha manta e tentei acalmar minha mente, mas eu não podia parar de pensar em Daniel: como me sentia quando era envolvida pelos seus braços, a alegria e liberdade de correr com ele pela floresta, o que me disse sobre seus antepassados... sobre ele mesmo. Mas acima de tudo, eu não conseguia parar de me perguntar por que Daniel não tinha respondido à minha pergunta sobre a existência de monstros.

Eu tenho que admitir, eu não sabia muito sobre esse tipo de coisa - monstros, demônios, vampiros. Muitas pessoas na paróquia pensavam que era um pecado ler livros ou assistir filmes sobre tais coisas. Meus pais controlavam os shows que podíamos assistir, e eu tinha amigos que foram proibidos de ler os livros do Harry Potter porque supostamente celebravam a bruxaria. Eu sempre achei que fosse bobagem, afinal essas coisas eram só faz-de-conta mesmo.

Pelo menos era o que eu acreditava.

Restrições não impediram as pessoas em Rose Crest de falarem. Eu sempre acreditei que o Monstro da Rua Markham era apenas uma espécie de conto para fazer com que nós crianças nos comportássemos. As histórias começavam com apenas sinais de algum tipo de animal peludo em Markham Street, então pessoas dessa parte da cidade desapareciam. Na maioria dos casos eram moradores de abrigos, prostitutas e crianças que eram abandonadas, por isso ninguém parecia se preocupar. Isso é, até que seus corpos mutilados começarem a aparecer em Markham uma vez por mês. Pelo menos eram esses os boatos que ouvi quando criança. As coisas mais perto de Rose Crest não foram tão ruins. Na maioria das vezes, animais mortos-como minha cachorrinha Daisy, rasgada em pedaços. Papai disse que era provavelmente algum Guaxinim da floresta, mas sempre

temi algo pior. E se eu estivesse certa? E se foi mesmo o Monstro da Rua Markham? E se ele tivesse passado perto do meu jardim?

Essas coisas estranhas pararam anos atrás - antes de Daniel ter deixado a cidade - mas agora estavam acontecendo novamente. Maryanne havia morrido de resfriado, mas seu corpo foi abusado da mesma forma que os achados na Rua Markham. Depois James desapareceu... o sangue na varanda. Eu não conseguia esquecer o que ocorreu em Rua Markham enquanto eu estava lá. O que poderia ter acontecido se Daniel não tivesse aparecido?

Poderia ser realmente uma coincidência que nenhuma dessas coisas começou a acontecer novamente apenas depois que Daniel tinha vindo para casa? Poderia o monstro tê-lo seguido até aqui? Ou talvez ele fosse o único que estava o seguindo.

Daniel disse que havia retornado por causa da escola de arte, mas eu sentia que era por um motivo maior. Era isso? O Monstro de Markham Street estava de volta? Daniel estaria aqui para nos proteger dele?

MANHÃ

Eu devo ter acabado dormindo, acordei assustada por um barulho estranho fora do meu quarto. Rolei até a beirada da cama e olhei para o relógio eram 6:00. Eu ouvi o barulho novamente, então eu deslizei para fora da cama e fui investigar. Ainda estava escuro, mas pude ver que aquela parte do jardim estava vazia. O barulho continuou, parecia vir do quintal. Minhas pernas estavam tão duras que praticamente tive que descer as escadas deslizando com minha bunda.

Eu estava na cozinha quando vi Daniel no quintal. Ele estava construindo um cercado de madeira - com suas mãos nuas. Eu não poderia dizer com certeza por que ele estava de costas para mim, mas parecia que segurava a coluna de madeira com uma das mãos, e com a outra batia na parte de cima como se fosse uma marreta. Não consegui ver nenhum tipo de ferramenta próximo a ele. Daniel deveria ter chegado muito cedo, assim faria do seu jeito.

Eu estava prestes a sair e juntar-me a ele, quando passei a mão pelo meu cabelo e percebi que estava muito embaraçado. Vi Daniel fazer outro movimento, fincando a coluna a uns três centímetros no solo. Então, dei-me conta que deveria me limpar e vestir algo mais adequado que o pijama de patinhos que estava vestindo.

Maquiei-me, passei chapinha no cabelo e troquei meu suéter três vezes - Por que as roupas que eu tinha eram tão quadradas? — Charity estava na cozinha folheando um de seus livros de ciência e comendo cereal açucarado do seu estoque particular. O que significava que mamãe ainda não estava acordada. O barulho havia cessado, esperei que mamãe e James dormissem por mais um bom tempo.

Eu olhei para fora da janela. “Você viu aonde Daniel foi?”

“Não,” resmungou Charity. “Eu estava a ponto de estrangulá-lo por causa daquele barulho, mas ele já tinha ido embora quando cheguei aqui.”

“Desculpa.” Eu disse, como se tudo que Daniel fizesse fosse culpa minha.

“Meh.” Ela de ombros. “De qualquer forma, eu iria acordar cedo mesmo. Eu tenho que escrever um rascunho completo do meu trabalho de pesquisa nesse final de semana.”

“Oh.” Eu olhei novamente pela janela. “Eu me pergunto onde ele foi.”

“O Corolla não está aqui. Talvez papai tenha levado ele para a loja e ferragens ou algo assim.”

Ou talvez quem quer que seja que pegou o carro na noite passada ainda não voltou para casa. Eu não ouvi o barulho da porta da garagem e só dormi depois das três da manhã. Se Daniel não estava com o papai, onde teria ido então?

Sentei-me em uma cadeira. Talvez o motivo para Daniel ter consertado a cerca tão cedo era porque não queria me ver novamente.

“Posso?” Peguei o maço de Lucky Charms

Ela assentiu. “Você ouviu a respeito da neta do Senhor Day.”

“Jessica ou Kristy?”

“Jess. Ela está desaparecida.”

Um trevo de quatro folhas congeladas caiu na minha tigela. Eu não via Jessica há anos. Ela estudava com Daniel e Jude, mas a família dela mudou-se para outra cidade quando ela estava no segundo ano. “Será que ela não está passando uns dois meses fora?”

“Mas ela nunca perdeu um feriado antes. Quando ela não apareceu para o dia de ação de graças, os pais dela chamaram a polícia. Os amigos disseram que estavam com ela em uma festa no centro na noite anterior. Disseram que em um minuto ela estava lá e no

outro já tinha ido. Isso estava no jornal.” Charity raspava o resto de cereal da tigela. “O monstro da Rua Markham ataca novamente.”

Deixei a caixa de cereal cair. “É isso que eles estão dizendo.”

“Sim. Tinha ainda um pequeno trecho no final do artigo sobre James estar sumido. Eu não sei de onde vieram essas informações. Eles dizem que o monstro talvez tenha tentado pegá-lo.” Houve uma parada súbita na voz dela, então olhou para mim por sobre a caixa de cereal. “Você não acha —”

“Eles estão apenas tentando assustar as pessoas para aumentar as vendas.” Eu queria acreditar no que estava dizendo, mas eu sabia que o artigo poderia estar certo. “Afinal, onde está o jornal?”

“Jude apareceu há alguns minutos. Ele levou de volta.” Disse Charity. “O Jornal dizia que a policia está esperando pelos resultados dos testes como sangue achado, para assim dar uma declaração.”

Meu coração deu uma pequena palpação. O que eles descobririam com os resultados dos testes? Eu empurrei a tigela de cereal.

Charity virou a página do seu livro. Um grande lobo cinza-prateado que estava na página olhava para mim. Não consegui deixar de estremecer quando lembrei-me que aqueles animais andavam pela ravina.

TARDE

Eu disse a mim mesma que não estava esperando por Daniel. Eu estava na varanda, fazendo o trabalho de desenho do Sr. Barlow, em novembro, onde eu poderia ver Daniel se ele decidisse voltar. Permaneci sentada no balanço da parte lateral, onde eu podia ver a nogueira e a rua - mas, como eu disse, eu não estava sentada à esperar um rapaz.

Talvez tenha sido a falta de foco, mas não importava quanto eu tentasse, meus desenhos da nogueira não estavam saindo bons. Eu estava lutando contra a minha vontade de jogar meu lápis de carvão na varanda, nesse momento ouvi alguém chegando próximo a mim.

“Eu estou feliz em ver que você não desistiu de mim.” Disse Daniel.

“Você demorou bastante.” Eu disse, tentando não revelar que eu estava preocupada em relação a ele não aparecer. “Afinal, para onde você tinha ido?”

“Marianne Duke”

Eu olhei para ele.

“Aparentemente, ela deixou a casa dela para a paróquia. Seu pai deixou eu ficar no porão até eu resolver algumas coisas. Eu levei minhas coisas para lá esta manhã.”

“Tenho certeza que as filhas de Maryanne devem está doidas por causa disso.”

Daniel sorriu e sentou ao meu lado no balanço.

“Você viu o jornal de hoje?” Eu perguntei, tentando parecer indiferente. A expressão de Daniel se tornou de desgosto.

“Você acha que eles estão certos? Que o monstro da Rua Markham é o responsável pelo que aconteceu à filha do Sr. Day?” Ele balançou a cabeça.

“Mas você foi o único que disse que James não poderia ter ido tão longe por conta própria. E como o chinelo dele desceu aquele desfiladeiro?”

Daniel apenas olhou para as palmas de suas mãos, como se de alguma forma, esperasse que a resposta estivesse escrita ali.

“Monstros são reais.” Eu disse. “Eles ainda existem aqui em Minnesota, em Iowa e no Utah. Não existem?”

Daniel coçou atrás da orelha. “Sim, Gracie. Meu povo não continuaria a existir se os monstros não existissem.

De repente estremeci mesmo sentados ao sol. Eu não tenho certeza se eu queria estar com a verdade. “Isso tudo era muita coisa para minha cabeça. Para pensar que por quase dezessete anos eu estive andando alheia ao que o mundo realmente é. Quero dizer, posso ter passado por algum monstro sem nem saber disso.”

“Você conheceu um.” Disse Daniel. “Na outra noite.”

“Sério?” Então minha mente voltou à festa no apartamento de Daniel. “Mishka.” Eu disse pensando nos seus olhos negros e no quanto minha mente ficou confusa perto dela. “E você é amigo dela?”

“É complicado.” Disse Daniel. “Mas ela só representa perigo quando ela não consegue o que quer. Por isso que fui com ela. Eu não te abandonei só para cortar o cabelo. Eu sabia que se escolhesse você no lugar dela, ela talvez decidisse ir atrás de você.”

Meu coração parecia que iria dar um nó. “Você não acha que isso aconteceu, acha? Talvez ela tenha te seguido até aqui e decidiu ir atrás do meu irmão-”

“Não, isso não aconteceu.”

“Então o que foi?”

“Eu não sei.” Ele murmurou. Ele ficou calado por um momento, e depois ele olhou para o desenho que estava no meu colo. “Eu posso te ajudar com isso.”

“Você está fazendo isso de novo.” Eu murmurei.

“O que?”

“Esquivando-se das minhas perguntas, como todos os outros. Eu não sou estúpida nem frágil, você sabe disso.”

“Eu sei, Grace. Você não é nada disso. Eu não estou me esquivando das suas perguntas, só não tenho mais nenhuma resposta a te dar.” Ele tocou o meu caderno de desenho com um de seus longos dedos. “Então, você quer ajuda com seu trabalho, ou não?”

“Não, obrigada. Eu já tive problema o suficiente, por causa da ultima vez que você ‘consertou’ um dos meus desenhos.”

“Essa não foi minha intenção.” Ele disse. “Ficarei todos os dias após a aula para trabalhar na sala de artes. Eu poderia ter sua companhia. Ajudaria a manter aquele tal de Barlow longe de mim. Nós poderíamos começar hoje, eu poderia te mostrar algumas técnicas que aprendi ao passar dos anos.”

“Aposto que sim.” Eu suspirei, percebendo que a nossa discussão sobre monstros havia acabado - pelo menos por agora. “Mas esse desenho não tem jeito.” Rasquei a folha do meu caderno e estava para amassá-la.

“Não.” Daniel tomou-a de mim, analisou por um momento. “Por que você está desenhando isso?”. Ele apontou para o meu projeto de árvore.

Dei de ombros. “Porque Barlow quer que desenhemos algo que nos lembre a nossa infância. Isso foi tudo no que consegui pensar.”

“Mas, por quê?” Daniel perguntou. “O que você quer expressar com relação a essa árvore?” O que ela faz você se sentir? O que ela faz você querer?”

Eu olhei para a árvore no quintal. Lembranças percorreram minha mente. Você, eu pensei, ela me faz querer-te. Olhei para o meu caderno de desenhos, esperava que ler mentes não fosse mais um talento de Daniel, o caçador de demônios.

“Você se lembra de quando apostávamos corrida até aquela árvore — ver quem conseguia ir mais rápido?” Eu perguntei. “E nos pendurávamos nos galhos, de onde podíamos ver toda a vizinhança? Parecia que se subíssemos um pouco mais, poderíamos tocar as nuvens com os dedos.” Eu rolei o lápis entre as mãos. “Eu acho que é isso que precisamos sentir de novo.”

“Então por que estamos aqui?” Daniel pegou meu lápis e enfiou meu caderno em baixo do braço. “Vamos lá.”

Ele me puxou do balanço e descemos a varanda em direção à nogueira. Num piscar de olhos, ele já tinha tirado os sapatos e já havia subido metade da árvore. “Você vem?” Ele fez um gesto me chamando.

“Você enlouqueceu.” Eu gritei para ele.

“Você está perdendo!” Ele pulou para um galho mais alto.

“Você está trapaceando!” Eu segurei o galho mais baixo e tentei subir, minhas pernas doeram, me pendurei em outro galho e consegui subir mais um pouco. Isso era muito menos assustador que o desfiladeiro, mas muito mais difícil que o pilar de pedras no Jardim dos Anjos. Minha mão machucada não ajudava em nada

“Entre no ritmo, lentinha” Daniel gritou para mim, como se fôssemos crianças de novo. Ele havia subido tão alto na árvore como eu nunca tinha subido antes.

“Cale-se, senão vai perder um apêndice.”

Meus pés raspavam a casca cinzenta da árvore à medida que eu subia. Eu estava um pouco abaixo de Daniel quando os galhos começaram a parecer muito finos e balançantes para me suportar. Eu me estiquei para alcançá-lo - para alcançar o céu, como queria quando pequena. Eu escorreguei um pouco e me abracei ao galho mais próximo. Daniel desceu um pouco para me encontrar, a árvore tremeu quando ele chegou. Eu me abracei mais fortemente ao galho. Daniel nem piscou, foi logo sentando numa parte da árvore e ficou balançando as pernas no ar.

“Então, o que você vê?” Ele perguntou.

Eu tive uma bela vista da vizinhança - como se tivesse vendo o mundo através dos olhos de um pássaro. Eu podia ver o topo das casas, a fumaça saindo da lareira dos Headrickses. Crianças jogavam hóquei na rua sem saída onde Jude, Daniel e eu costumávamos correr com nossos sabres de luz. Onde Daniel, depois de eu ter relutado muito, me ensinou a andar de skate. Eu olhei para cima, três galhos balançavam sobre mim, dançando no céu azul manchado de nuvens.

“Eu vejo tudo.” Eu disse. “Eu vejo—”

“Não me diga, mostre-me.” Ele tirou meu caderno de desenhos para fora da camisa. “Desenhe aquilo que você vê.” Ele tentava me entregar minhas coisas.

“Daqui de cima?” Eu ainda estava abraçada ao meu galho. Como ela achava que podia desenhar sem cair? “Eu não consigo.”

“Não fique com medo.” Ele encostou-se no tronco. “Venha cá.”

Eu vagorosamente me desloquei até ele. Ele me ajudou a sentar, e depois me deu as minhas coisas. Eu encostei minhas costas no peito dele, e ele abraçou a minha cintura.

“Desenhe, eu vou te segurar até você terminar.” Ele disse.

Eu coloquei o lápis de carvão no papel. Eu hesitei por um momento. O que era que eu queria desenhar? Eu olhei pelo quintal por outra direção. Daqui, os galhos dificultavam a visão da maior parte da minha casa em estilo Craftsman, mas a vista era a mesma de quando sentava aqui na minha infância. Estava velha, mas era sólida, segura e acolhedora. Minha mão começou a mover-se e a desenhar o que eu via. Vislumbrava casa da minha infância do meu poleiro na árvore.

“Ótimo.” Disse Daniel vendo meu progresso. Ele permaneceu calado a maior parte do tempo, exceto quando queria destacar algum ponto aqui ou ali. “Está vendo como o sol reluz no cata-vento? Desenhe a parte escura, não a luz em si.”

Eu desenhiei, deixando as linhas de carvão fluírem de dentro de mim até minha mão cansar. Parei para me esticar, e Daniel tirou o caderno do meu colo. “Está bom, muito bom.” Ele esfregou o nariz na minha cabeça. “Você deveria fazer isso em óleo.”

“Neeem.” Eu me inclinei para frente.

Daniel percorreu minha espinha com os dedos. “Ainda não é uma fã?”

“Há muito tempo não tento óleo.” Não desde o dia que a mãe dele o levou.

“Você nunca vai chegar a um lugar como Trenton, se você não tiver prática com ele.”

“Eu sei, Barllow tem me falado isso o ano todo”

“Não seria a mesma coisa sem você lá.”

Eu me afastei dele e suspendi minhas pernas ao longo do galho. Daniel estava pensando a respeito de estarmos juntos na faculdade? Parecia estranho pensar sobre o futuro - nosso futuro - quando coisas muito estranhas estavam acontecendo. Afinal, o que estávamos fazendo aqui em cima? Mãos dadas, contatos de pele, conversas até altas horas da noite. O que significava isso tudo?

“Você nunca me mostrou a técnica com óleo de linhaça e verniz.” Disse eu. Esse era o “truque” que ele prometeu me ensinar antes de ir embora com a mãe.

Daniel pigarreou e esticou-se até os pés. “Você se lembra disso?”

“Eu tentei esquecer.” Eu admiti. “Tentei esquecer tudo sobre você.”

“Você me odiava tanto assim?”

“Não.” Segurei-me em um galho e peguei impulso para subir, ainda de costas para ele. “Eu senti muito a sua falta.”

Daniel deslizou seus dedos pelos meus cabelos, fazendo minhas costas ficarem um pouco arrepiadas. “Só Deus sabe as coisas que fiz para tirar você da minha cabeça.”

“Eu?”

“Grace, eu... você...” Daniel colocou as mãos no meu ombro. Ele suspirou, eu sabia que ele estava para mudar de assunto.

Afaste-me para fora do seu alcance, irritada porque eu não saberia o que ele quis dizer antes.

Daniel riu constrangido. “Eu ainda posso ver o interior do seu quarto daqui.”

“O que?”

Com certeza, eu podia ver através da janela do meu quarto. Estava de tarde, então a janela refletia a luz do sol, mas se fosse noite e a luz estivesse acesa, daria para ver tudo. “Seu pervertido!”

“Eu só estou brincando.” Ele disse. “Quero dizer, eu costumava sentar aqui e ver sua família, mas eu não-”

Mas então, algo – alguém - se moveu atrás da minha janela, inclinei-me para frente, para ver quem estava no meu quarto.

“Cuidado.” Disse Daniel.

Meu pé escorregou, o galho que eu segurava estava se rompendo, minha reação foi de gritar.

Daniel me pegou pela cintura, me girou e agora eu estava na parte mais grossa do galho, ele ficou onde eu estava. Ele me apertou contra o seu pescoço.

Sou eu quem está balançando tanto ou é ele?

Daniel descansou seu queixo sobre a minha cabeça e permanecemos juntos, de forma arriscada a uma altura tão grande. A única coisa que me segurava para não cair era Daniel. De qualquer forma, ele não tentava se equilibrar - ele não precisava disso.

“Você tem que parar com isso.” Ele disse sobre minha quase queda. “Eu não me lembro de você ser tão desastrada.”

Nem eu - pelo menos não até ele voltar. “Você é o único que está sempre me fazendo subir em coisas.” Eu beijei o peito dele. “Quem sabia que sair com você poderia ser tão perigoso?”

“Você não tem ideia.” Ele murmurou no meu cabelo.

Olhei para minha mão sobre o peitoral dele. “Por você vale a pena.”

“Gracie.” Daniel sussurrou. Ele levantou meu queixo e meu olhar foi de encontro ao dele. Ele cobriu meu rosto com as duas mãos. Seus olhos estavam brilhando com o sol, então ele inclinou a cabeça.

Todos os meus medos em relação aos monstros, todas as minhas preocupações a respeito do meu irmão mais velho, todas as minhas dúvidas sobre Daniel estavam esquecidas naquele momento.

“Grace, Daniel.” Alguém gritou. Daniel tirou as mãos do meu rosto e afastou-se.

A decepção tomou conta de mim, me inundando com as dúvidas que retornavam. Suspirei e olhei para minha casa. Pelo mais breve segundo, eu pensei ter visto Jude nos vendo pela minha janela. Mas não foi ele quem chamou-nos, foi meu pai.

Ele estava na base da árvore, vestindo as mesmas roupas de ontem. Parecia que tinha uma caixa de madeira debaixo do braço. O Corolla estava estacionado na entrada da garagem.

Daniel moveu-se para o mais longe possível de mim.

“Oi, pai.” Eu acenei. Papai abaixou-se e pegou meu caderno de desenhos que estava sobre a grama. Deve ter caído quando Daniel me pegou. Ele olhou para o desenho e depois para cima, onde estávamos.

“Nós estávamos apenas trabalhando em um trabalho para a escola.” Eu disse.

Me pai protegeu os olhos do sol. “Desça agora.” Ele disse, parecendo tão cansado como jamais vi.

“Você está bem?” Eu perguntei.

Ele olhou para Daniel. “Precisamos conversar.”

Daniel assentiu. Ele virou para mim e disse baixinho: “Encontre-me na varanda depois do jantar. Nós vamos para a loja comprar um pouco de óleo de linhaça e verniz.”

“Podemos apostar uma corrida depois?”

Ele acariciou meu queixo. “Tudo o que você quiser.”

Capítulo Quinze

A Ovelha Perdida

FINAL DA TARDE

“Grace!” Charity chamou da porta da frente.

Eu vim da cozinha. Ela estava estirada no sofá, assistindo TV.

“O quê?”

“Telefone.” Ela sacudiu o telefone sem fio sobre a cabeça.

Eu o peguei. Estava para colocá-lo ao meu ouvido quando percebi dois lobos na tela da TV. Eles estavam mordendo ossos novos e sangrentos.

Eu cobri o microfone. “Nossa. O que você está assistindo?”

“É para a escola.” Ela baixou um pouco o volume. “Estou fazendo minha redação sobre lobos. Você sabia que não houve nenhum deles no nosso país por mais de cinquenta anos?”

“Verdade?”

Um dos lobos uivou. Soou como o que eu tinha ouvido na ravina.

Assisti quando um terceiro e menor lobo se aproximou do par que estava comendo. Ele tentou arrebatá-lo um pedaço da carcaça sangrenta. Os dois outros lobos grunhiram. Um deles empurrou o terceiro, agarrando e rosnando. O lobo menor recuou alguns metros e observou ansiosamente enquanto os dois lobos maiores devoravam a comida.

“Por que eles não o deixam levar um pedaço?” pergunto. “Há muito para dividir.”

“Esse é o Omega.” Charity apontou para o lobo menor. “Ele é o mais baixo membro do bando. Eles o tratam como um bode expiatório.”

“Isso é muito injusto.”

“Pelo menos o alfa desse bando não é totalmente brutal. Ele vai deixar o Omega comer, eventualmente.”

O lobo maior mostrou seus dentes quando o menor tentou se aproximar novamente. Ele pulou na garganta do Omega.

Eu me virei. Eu odiaria ver um alfa mais brutal que aquele.

“Não se esqueça do seu namorado.” Charity apontou para o telefone.

“Ah.” Eu sabia que ela estava implicando, mas me perguntei se algum dia serei capaz de chamar Daniel assim. Caminhei até a cozinha. “Olá?” disse no telefone.

“Grace?” Não era Daniel.

“Ah, hey, Pete.”

“Hey, minha mãe queria saber como James estava.” “Ele está bem.”

“Bom.” Pete parou. “Espero que você não me odeie por não me despedir ontem. Minha mãe não estava se sentindo muito bem depois do que aconteceu.”

“Sem problemas.” Disse. Para ser honesta, eu nem tinha pensando em Pete desde que entrei na floresta com Daniel. “Então, o que há?”

“Eu to ligando para te cobrar uma dívida.”

“Cobrar uma dívida?”

“Boliche. Você ainda me deve um encontro.” Podia dizer pelo som da voz dele que ele estava usando seu sorriso “ameaça-tripla”. “Hoje à noite?”

“Sim. Vamos fazer dupla com Jude e April,” disse, como se o encontro já fosse confirmado. “Jantar, boliche, e então festa no Justin Wright’s.”

“Ah.”

Imaginei se deveria ir. Não por Pete, mas por Jude. Eu não falei com ele desde que ele enlouqueceu noite passada. O fato de ele querer sair e se divertir com seus amigos é um sinal bom, mas surpreendente. Como ele se sentiria se soubesse que eu estava rejeitando passar o tempo com ele e April para poder ficar com a pessoa que ele mais odiava? Mas por mais que eu sentisse que deveria ir, nada poderia me tirar a chance de correr com Daniel.

“Sinto muito, mas já tenho planos para hoje à noite.”

“Então mude-os,” Pete disse.

“Não posso.” Tentei soar arrependida. “Tenho de ir. Eu te vejo na igreja, ok?”

“Sim, ok.” Sua voz estava dura. Sem nenhum sorriso.

JANTAR NAQUELA NOITE

Todos os anos, no dia depois da Ação de Graças, minha mãe fazia seu famoso peru a La rei. É um molho cremoso com pedaços de peru restantes e vegetais frescos que ela servia em pequenas xícaras. E visto que é apenas uma vez ao ano, ninguém na minha família faltou a essa refeição.

Exceto que Charity, Don e James eram os únicos sentados comigo à mesa quando mamãe trouxe a panela quente do fogão. Don e Charity seguravam seus garfos e facas sobre a mesa em feliz antecipação.

“Deixe um pouco para os outros,” mamãe disse enquanto Don colocava sua segunda colher de molho cremoso na sua xícara.

“Sem chance!” Charity agarrou a concha de Don.

“Quem perde são eles,” digo, e passei a salada para minha mãe.

“Aonde Jude foi, afinal?” mamãe perguntou com uma ponta de irritação. “Não é comum ele faltar a essa refeição.”

“Ele tem um encontro com April.” Mamãe franziu o cenho.

“Onde está o Pastor Divine?” Don perguntou.

“Não voltou ainda,” mamãe disse. “Ele vai estar de volta logo... eu espero.”

James bate sua mão em seu a la rei, mandando ervilhas e respingos de molho pela mesa. Ele riu e gritou sua nova palavra favorita de quatro letras.

“James!” mamãe ficou um pouco vermelha. “Onde ele poderia ter aprendido isso?”

Charity riu.

“Não tenho idéia,” digo, tentando manter meu rosto sério. Daniel teria rido se estivesse aqui. Na verdade, é uma pena ele não estar. Essa é uma das suas refeições

favoritas, também. Eu chequei o conteúdo da panela, e então coloquei uma porção um pouco maior para mim que o normal.

Depois que todo mundo terminou e se foi, eu guardei numa Tupperware as sobras para Daniel. Ele merecia – especialmente se os outros não iam mostrar que tinham gostado. Ele engordou desde a primeira vez em que o vi na última semana – como um vira-lata vivendo agora sob os cuidados de um novo dono. Ele ainda estava magro, mas seu rosto era menos esquelético. Minhas doações de comida deviam fazer bem para ele, mas o peru a La rei de Meredith Divine seria verdadeiramente apreciado.

Eu guardo o recipiente atrás do leite, decidindo guardá-lo para fazer uma surpresa depois da nossa corrida, e então fui entrar Daniel.

TARDE

Eu podia ver rangendo e se balançando com o vento, então decidi esperar por Daniel da porta da frente. Eu me sentei no sofá com meu livro de história – Daniel estava sempre atrasado, apesar de tudo – e usei a oportunidade para fazer alguma atividade de casa. Mas depois que terminei a leitura para toda a semana, eu não podia afastar a sensação de que Daniel não ia aparecer – algo estava errado.

A casa estava silenciosa. Mamãe e James foram para cama há horas, papai tinha finalmente chegado em casa e ido direto para seu escritório, e Charity tinha ido dormir na casa da sua amiga, Mimi Dutton, na casa vizinha. Mas eu não podia me concentrar mais, não com o barulho na minha cabeça me dizendo que até Daniel saberia que dez da noite era tarde demais para ser considerado “depois do almoço”. Eu teria chamado de a noite e ido para cama se não tivesse a sensação estranha que acompanhava aquele pensamento.

Eu me levantei e fui para a janela quando notei algo se movendo na grama próxima a nogueira. O movimento aconteceu novamente, e me perguntei se o gato dos Duttons tinha saído. Eu odiava a idéia de algo acontecer ao gato de Mimi – como o que aconteceu a Daisy – então decidi fazer algo. Enrolei meus ombros com uma manta e saí.

Eu escapei em direção a lateral, para não assustar o gato. Mas quando eu me aproximei, percebi que a massa sob as árvores era grande demais para não ser humano.

“Daniel?”

Ele estava usando as mesmas roupas de mais cedo – jeans pretos e uma camisa vermelha de mangas compridas que dei a ele. Ele estava sentado com seus joelhos

encostados no seu peito e meus braços ao redor de suas pernas. Ele me encarava, sem piscar, a frente de sua antiga casa.

“Daniel, o que você está fazendo? Eu estava esperando por você.”

“Estou apenas olhando,” disse. “Eu gosto mais dessa casa em azul Amarelo sempre me fez sentir como se estivesse apodrecendo.”

“Onde está o seu casaco?” tive um calafrio, desejando que eu tivesse o meu. Era definitivamente quase dezembro.

Daniel não respondeu. Seu olhar nunca deixou a casa que costumava ser dele. Eu me sentei ao seu lado na grama e coloquei parte do meu cobertor sobre suas pernas.

Daniel fungou. “Eu não posso fazer isso.”

“Fazer o quê?”

“Isso. Tudo isso.” Ele respirou fundo e encostou seu queixo nos seus joelhos. Sua silhueta era branca e macia sob a luz da lua. “Não sei como ser nada além do que sou.” Ele estava segurando com força seu colar, quase como se quisesse arrancá-lo. “Eu não quero mais ser assim.”

“Por quê?” Eu resisti ao desejo de tocar seu rosto. “Você é incrível. As coisas que você pode fazer são de outro mundo. Você é um herói.”

“Não há nada de heróico em mim, Grace. Você deveria saber disso. Seu irmão sabe. É por isso que ele me odeia.” Suas mãos tremiam como faziam quando ele era criança e sabia que estava com problemas. “O que sou... é por isso que ninguém pode me amar.”

Meu coração se apertou. Eu odiava vê-lo assim. Virei meu olhar para sua casa. Parecia melhor agora. Os novos proprietários acrescentaram uma varanda, colocaram persianas, e a pintaram num bom tom de azul. “Não é verdade. Sua mãe te –”

“Eu não tenho uma mãe.”

“O quê?” olhei para ele.

“Aquela mulher não era minha mãe,” disse através dos dentes cerrados. Sua mandíbula estava apertada; as veias no seu pescoço pulsavam. “Nem ela me queria. Ela o escolheu em vez de a mim.”

“Quem?”

“Meu pai.”

“Pensei que ele tinha saído da cidade quando o xerife te levou.”

Daniel bufou. “Ele não ficou longe por muito tempo. Começou a andar por perto quando eu me mudei para Oak Park com minha mãe. Ele continuava implorando para ela ficar com ele de novo. No início ela o mandou cair fora, porque ele não podia chegar perto de mim. Mas ele disse que a amava, e ela acreditou nele. Ele disse que eu o deixá-la louco. Que eu o fazia fazer aquelas coisas.” Daniel esfregou sua mão em sua cabeça, como se ainda pudesse sentir a dor do crânio fraturado. “Numa noite, eu a escutei no telefone com o assistente social. Mamãe pediu para ele vir me buscar, porque ela queria ir embora com meu pai. Ela disse que não me queria mais. Ela disse que eu era demais para ela, de qualquer forma.” Daniel começou a oscilar para frente e para trás, batendo seus ombros contra o tronco da árvore.

“Daniel, eu não sabia.” Queria diminuir seu tremor. Eu coloquei minha mão no seu peito e subi meus dedos para seu pescoço. “O que você fez?”

“Eu fugi. Eu não queria voltar para a assistência social.”

“Mas você poderia ter voltado para nós.”

“Não, eu não podia,” disse. “Aquela besta – meu pai – foi tão horrível quando eles vieram, e minha própria mãe o escolheu sobre mim. Vocês não iriam me querer, tampouco. Ninguém iria.” Ele contraiu os músculos, tremendo mais do que nunca. “Ninguém vai querer.”

“Mas eu te quero, Daniel.” Passei meus dedos pelos seus cabelos. “Eu sempre quis você.”

Eu tinha me mostrar a ele que precisava dele. Eu tinha de fazer algo. Inclinei sua cabeça em direção a minha e coloquei meus lábios sobre os dele. Ele estava como uma pedra – rígido e frio – e quis aquecê-lo. Movi meus lábios, tentei beijá-lo, mas sua boca continuou rígida e ele não me beijou de volta. Eu pressionei mais ainda.

Seus lábios se separaram, se fundindo, macios. Ele passou os braços pela minha cintura debaixo do cobertor, e me puxou para seu colo. Sua mão deslizou pelas minhas costas, sobre minhas omoplatas. A manta caiu no chão. Então uma das mãos de Daniel estava no meu cabelo, segurando minha cabeça. Sua boca ficou mais quente e feroz. Ele me puxou mais forte contra seu peito, como se não conseguisse ficar perto o suficiente de mim.

Eu tinha imaginado esse momento com Daniel quando eu era mais nova. Eu tinha trocado dois beijos estranhos no degrau da porta desde então com outros caras. Mas a paixão no beijo de Daniel – sua boca procurando a minha, como se estivesse em busca de uma resposta que poderia salvar a sua vida – era mais que tudo que eu pudesse ter imaginado. As sombras e o frio do inverno derreteram em torno de nós. Eu nunca tinha me sentido tão rodeada por calor. Deslizei minha mão pelos seus ombros, então subi para seu pescoço. Meus dedos encostaram a tira de couro do seu colar. Eu inclinei minha cabeça para trás enquanto ele descia seus lábios pela minha garganta. Meu coração pulsava com a verdade que eu estive tentando negar – as palavras que eu não poderia mais segurar. Talvez fosse a resposta que ele estava procurando no meu beijo.

“Daniel, eu te a –”

“Não,” sussurrou. Sua respiração estava quente contra meu pescoço. “Não diga, por favor.”

Mas eu tinha. Ele precisava saber como eu me sentia. Eu precisava que ele soubesse.

“Eu te amo.”

Daniel tremia. Um rosnado baixo e prolongado veio do fundo de sua garganta. “Não!” urgiu, e me empurrou para longe dele.

Eu bati no chão, muito chocada para falar.

Daniel, de quatro, correu alguns metros. “Não! Não” Ele apertou seu pescoço, como se quisesse agarrar seu pingente de pedra. Mas não estava lá. Estava na minha mão. A tira de couro tinha se enrolado nos meus dedos quando ele me afastou.

Minhas mãos tremiam quando eu o estendi para ele.

Ele estendeu a mão, tremendo mais do que eu. Como se um terremoto estivesse quebrando seu peito. Seus olhos brilhavam como duas luas cheias. Ele agarrou o pingente, apertando com tanta força que teria cortado sua mão, e se afastou. A luz deixou seus olhos. Ele respirava tão rápido, como se tivesse acabado de correr uma maratona.

“Não posso fazer isso,” ofegou.

“Daniel?” Rastejei até ele.

Ele recuou ainda mais. Suor escorria pela sua testa. Ele pulou quando o carro parou na calçada. Sussurrou tão baixo que mal pude compreender acima do som do motor. “Não pode ser você,” achei que ele tinha dito.

Pete Bradshaw disse algo quando Jude e April saiam do carro. Seguiu-se uma risada de garota. Soava como Jenny Wilson.

“Não posso fazer isso.” Daniel recuou para as sombras, ainda observando o carro. “Nunca posso pedir.”

Olhei para Pete quando ele acenou adeus para Jude e April. Quando me virei, Daniel já tinha ido embora. Você não nunca pode pedir o quê?

QUASE MEIA-NOITE

Eu me escondi atrás da árvore enquanto Jude e April se sentavam no balanço da varanda e se despediam. Eu puxei minhas pernas contra meu peito e enterrei minha cabeça nos meus joelhos. Tentei parar de tremer. Tentei parar de pensar sobre aquele beijo. Tentei parar de pensar sobre a reação de Daniel a minha admissão – aquele olhar assustados em seus olhos. As palavras de Daniel se repetiam na minha cabeça. Eu nunca podia pedir. Eu não podia fazer isso. Eu não sou um herói. Seu irmão sabe disso. O que meu irmão sabe?

Era isso. Eu tinha de falar com Jude. Sem rodear mais o assunto. Sem mais fingir que não há nada. Eu tinha de saber o que tinha acontecido entre eles. Como eu poderia consertar de verdade Daniel – como eu poderia ajudá-lo – se eu não sabia o que assombrava sua consciência?

Agora, se eu pudesse ficar sozinha com Jude. O carro de April estava no estacionamento, mas levou uma boa meia hora para eles irem até lá. Eu apertei meu cobertor sobre meus ouvidos para bloquear os sons de eles se beijando. April fazia esse ruído com o nariz toda vez que tomava ar.

Eu devo ter cochilado, porque o meu relógio me disse que era quase meia-noite quando eu ouvi o carro de April finalmente sair da garagem. Jude já ia entrar na casa quando eu chamei seu nome.

Ele se virou. “Grace, por quanto tempo você esteve aí?” Ele secou sua boca com as costas de sua mão.

“Não por muito tempo.” Eu apertei o cobertor em torno dos meus ombros para esconder as manchas vermelhas subindo pelo meu pescoço. “Estava voltando da casa dos MacArthurs. Estava sendo babá.”

“Ah.” Ele olhou para o cobertor. “Você está bem?”

“Eu preciso de perguntar...” dei um passo a frente. “Eu preciso te perguntar sobre Daniel.”

Ele balançou suas chaves na sua mão. “O que sobre ele?”

“Preciso saber o que aconteceu entre vocês dois. Por que você o odeia tanto.”

Jude resmungou. “Então você se importa com isso?” Há uma ponta de satisfação na sua voz. “Já era hora.”

“Eu já te perguntei uma dúzia de vezes. É você quem não fala.” Eu pisei na varanda. “Eu me importo, Jude. Eu sempre me importei com você.”

“Não tanto quanto você se importa com ele.”

“Como você pode dizer isso? Você é meu irmão.”

“Se você se importasse tanto comigo, então como Daniel conseguiu aquele casaco?”

“O casaco?”

“Aquele casaco que ele estava usando hoje mais cedo. O preto e vermelho. Como ele conseguiu?”

“Eu dei a ele.” Não entendi porque o casaco era importante. Então eu me lembrei. “Era seu, não era?” Jude não respondeu.

“Sinto muito.” Deixei o cobertor cair. “Eu não percebi. Naquela noite em que fiquei em Markham, Daniel veio e consertou o carro. Eu lhe dei o casaco em retorno. Ele realmente precisava. Ele passou por tantas coisas – parecia ser uma coisa pequena com a qual eu podia ajudar.”

“Sim, bem, coisas ruins acontecem com pessoas ruins. Não pensou sobre isso? Eles têm o que merecem.”

Um calafrio me atravessou. “E a Maryanne Duke? Ela nunca fez nada de ruim na vida, e ainda congelou até a morte na sua varanda. Algo ainda esfaqueou seu corpo.”

Jude levantou sua cabeça. “Algo? Tente alguém. Você está tão cega que nem vê, Grace. Você está deixando Daniel te usar – como papai.”

“Nós estamos ajudando-o. Ele precisa de nós – de todos nós.”

“Ele está te usando. Está usando vocês dois. Eu o vi com você naquela noite no Markham. Você realmente pensa que foi uma coincidência ele ter aparecido? April me contou o que você fez por ele.” Seus olhos se estreitaram quando ele olhou para o cobertor caído aos meus pés. “E eu posso apenas imaginar o que você fez com ele.”

“Jude!” Que hipócrita. “Você nem sabe do que está falando.”

“Não sei? Daniel vai fazer qualquer coisa para conseguir o que quer.” Jude olhou para mim. “Diga-me, de quem foi a idéia de ajudá-lo a entrar na aula de arte? De quem foi a idéia de convidá-lo para o jantar de Ação de Graças?” “Minha. Elas foram idéias minhas.”

“Eram realmente? Pense sobre isso, Grace. Daniel não plantou essas idéias de alguma forma na sua cabeça? Sutilmente sugeriu como você podia ajudá-lo?”

Parei. “Nenhum desses problemas. Ele não está me manipulando, e ele não está manipulando o papai.”

“Há!” Jude deu um sorriso falso. “Como você pensa que Daniel entrou na Santíssima Trindade? Quem você pensa que o trouxe de volta? Ele tem o papai na sua mão... e pelo que vocês sabem, Daniel foi quem roubou James. Ele o encontrou muito facilmente, não acha? É apenas o tipo de coisa quem alguém como ele faria. Fingir encontrar um bebê para que as pessoas pensem que ele é um herói.”

“Ele não estava fingindo. Eu estava com ele. Ele o encontrou tão facilmente por causa das suas habilidades...”

O sorriso de Jude se apagou. Seus olhos se ampliaram. Sua boca abriu.

Eu falei demais?

“Então você sabe,” Jude esfregou sua mão pela sua cicatriz. “Sabe o que ele é?” “Sim.”

“O que ele te contou?”

Eu não estava certa de como responder. Daniel não me pediu para guardar segredo. Ele sabia mais do que eu. Mas ainda assim, quanto eu poderia dizer se eu não tinha certeza se Jude estava apenas jogando uma verde? Mas eu tinha de ser honesta se queria que Jude fosse honesto. “Daniel é um Ubat. Sua gente foi criada para iluminar demônios. Ele é um dos Cães do Céu.”

“Urbat? Cães do Céu?” Jude riu. Soava como um rosnado alto e bruto. “Preste atenção, Grace. Daniel está fodendo com você.”

“Não, ele não está. Ele está perdido e assustado e precisa de nós. Eu posso ajudá-lo a ser um herói.” Eu não tinha pensado nisso antes de falar. Mas percebi que era isso que eu tinha de fazer – que esse era o meu papel. “Posso mostrar a ele que ele pode usar suas habilidades para ajudar as pessoas. Eles são abençoados; é o que ele me disse.”

Jude se levantou do balanço. “Então aquele monstro é um advogado tanto quanto é um ladrão e um assassino.”

“Assassino?” Recuei e quase caí da varanda. “Eu não acredito em você. Você está com ciúmes. Você está com ciúmes do modo como papai acredita mais nele do que em você. Você não consegue suportar que papai e eu queiramos que ele seja parte dessa família novamente. Você até está fazendo acusações loucas contra mim. Como eu posso acreditar em algo que você tem a dizer?”

“Então pergunte a ele,” Jude disse. “Vá perguntar ao seu precioso Daniel sobre a noite em que ele tentou tirar aquele casaco de mim. Pergunte a ele o que ele fez com todo dinheiro que ele roubou. Pergunte a ele o que realmente aconteceu com aquela vidraça da paróquia. Pergunte a ele o que ele realmente é.” Jade empurrou o balanço contra a parede. “Pergunte a ele como ele se sentiu ao me deixar para morrer.”

“O quê?” Eu tropecei para trás me segurei na grade. Parecia que o ar inha saído dos meus pulmões. “Não...”

Ele desceu da varanda e foi para a garagem.

“Jude!” gritei para ele. Mas ele não parou. Ele continuou correndo – tão rápido que eu não podia seguir – até desaparecer na noite.

Capítulo Dezesseis

Desfeita

POR VOLTA DAS DUAS DA MANHÃ

Uma vez eu tive esta blusa. Era verde-esmeralda lisa, com botões que pareciam caros. Embora estivesse em liquidação, mamãe disse que era caro. Mas eu queria, então fiz um acordo com a mamãe e deram-se dois meses inteiros de sábados à noite tomando conta de crianças para que eu pudesse pagar a ela de volta. Eu ganhei a camisa a tempo de usá-la para a festa de aniversário de dezesseis anos de Pete Bradshaw. Fui convidada para dançar por cinco caras diferentes. Porém, mais tarde naquela noite, notei uma linha verde pendurada na manga. Eu tentei enfiá-la dentro o punho, mas continuou a caindo. E pareceu ficar cada vez mais comprida, então eu finalmente o puxei e tentei cortá-lo. Mas quando eu puxei, a manga inteira rasgou-se até o ombro, e eu fiquei com um buraco na minha camisa nova favorita.

Eu me senti desse jeito agora sobre a minha vida. Eu tinha puxado ou empurrado ou escolhido ou arrancado muito forte, e tudo parecia estar voltando a arrebentar pelas costuras. Na verdade, meu irmão era o único que estava caindo aos pedaços, e tudo que eu sabia é que a culpa era minha - e eu não sabia como consertá-lo. Jude era um santo comparado aos outros caras adolescentes, e então o que poderia o ter feito inventar mentiras tão cruéis sobre Daniel?

Jude tinha que estar mentindo, eu tentei dizer a mim mesma repetidas vezes.

Ele estava lançando acusações em todas as direções, na esperança de que uma colasse. As coisas que ele disse não poderiam ser nada além de mentiras. Como eu pude sentir de outra maneira o que eu fiz sobre Daniel?

Eu escutei Jude dizer a April que meu pai sabia o que Daniel tinha feito. Mas meu pai não deixaria Daniel em nenhum lugar perto de nós se as mentiras de Jude fossem verdadeiras. E eu sabia que ele não se machucaria Maryanne - ele a amava - e ele não pegaria James. Eu estava com Daniel na floresta. Ele salvou James. Ele era um herói. Ele

podia não pensar assim. Jude podia não pensar assim. Mas eu sabia disso. E se eu pudesse chegar à verdade, eu poderia ajudar Daniel se tornar a pessoa que eu vi dentro dele - a pessoa que eu amava. E então Jude poderia vê-lo também. Eles poderiam ser amigos de novo - irmãos. Eu ainda poderia corrigir ambos.

Mas quando eu deitei na cama, eu senti como se estivesse flutuando nas palavras de Jude e Daniel.

Eu não sou herói. Ninguém pode me amar.

Monstro, mentiroso, ladrão, assassino.

Monstro. Jude tinha chamado Daniel de monstro.

Urbat? Cão do céu? Procure isto, Grace.

Eu pulei da cama e fui para minha escrivaninha, puxei o fio do telefone, e liguei-o em meu computador. Meus pais tinham me dado o computador velho do meu pai com a condição de que eu não acessaria a Internet do meu quarto. A navegação na Web era estritamente reservada ao computador da família na sala, onde a mamãe poderia verificar o histórico de navegação regularmente. Mas hoje era uma exceção. Eu tinha que saber uma coisa. E eu não queria que ninguém visse o que eu estava fazendo.

Eu esperei o computador ligar e depois conectar a Internet. Eu parei no Google e digitei "Cão do céu". O cursor se transformou em uma pequena ampulheta e eu esperei mais. Finalmente, a página parou em várias referências para "Cão do céu" - todos eram a respeito de alguns poemas escritos por um rapaz católico, agora morto, sobre como graça de Deus caçou as almas dos pecadores. Interessante, mas não era o que eu estava procurando. Eu realmente esperava que houvesse um website dedicado ao secreto bando dos antepassados de Daniel?

Estava prestes a fazer logoff quando tive outra ideia. Eu apaguei a minha pesquisa. Comecei a digitar U-r ... e então a palavra Urbat, Sumério apareceram na barra de pesquisa. Alguém tinha usado o meu computador para pesquisar sobre Urbat. Eu cliquei em pesquisa, e uma lista de dicionários SumérioXInglês apareceu na tela. Um deles estava em destaque em roxo, enquanto os outros ainda eram azuis. Eu cliquei nele e encontrei uma lista de palavras em Sumério para todo o tipo de coisas de vampiros, destróieres, maus espíritos. Eu rolei o texto mais para baixo, passando os olhos nas palavras até que eu vi uma que eu reconheci.

Kalbi. O sobrenome de Daniel. Significado em Inglês: cães.

Isso prova a afirmação de Daniel? Cães eram perseguidores, afinal de contas. Mas então eu olhei adiante na lista e encontrei outra palavra familiar.

Urbat.

Olhei para a tradução em Inglês. Não era "Cão do céu".

Eu estava sem fôlego. Eu não estava mais flutuando nas palavras e acusações. Eu estava afundando. Afundando profundamente, e eu não conseguia respirar.

Urbat ... Cães da Morte.

Daniel havia mentido. Ele mentiu, e Jude sabia. Foi uma coisa tão pequena - apenas o significado de um nome. Mas se o Daniel tinha pensado que ele precisava mentir sobre isso, então o que mais ele não tinha me dito?

Esse monstro é um mentiroso, um ladrão e um assassino.

Poderia haver um fragmento, não importa quão pequeno, de verdade no que Jude tinha dito? Daniel foi realmente capaz de fazer essas coisas? Tudo que tinha acontecido entre Daniel e Jude deve ter sido muito horrível para o meu irmão continuar tão magoado e irritado após todos estes anos. Mas tentativa de assassinato?

Eu precisava falar com Daniel eu mesma. Eu precisava lhe perguntar o que tinha realmente acontecido. Era a única forma que eu sabia para ajudá-los. Era a única maneira de juntar os pedaços de volta.

Capítulo Dezessete

Lobo em Pele de Cordeiro

TARDE DE DOMINGO

Dois dias atrás. Eu deslizei a chave para dentro da fechadura da porta do aposento na casa de Maryanne Duke. Eu tinha batido e batido, mas ninguém respondeu. Tinha sido melhor desse jeito. Daniel não me deixaria entrar de outra maneira. A tranca se abriu, e eu empurrei a porta para abri-la.

Eu dei uma olhada para o lance de escadas que dava para baixo, até o outro aposento - onde eu tinha estado tantas vezes com Maryanne - e fui direto para a entrada do aposento, nos fundos da casa. Era estranho estar tão perto de onde Maryanne havia morrido - era quase como se ela pudesse me ver.

Como se algo estivesse observando.

Eu não podia deixar de pensar sobre Lynn Bishop, que não tinha parado de falar sem interrupção no *Sunday school* esta manhã, ele falou sobre três diferentes famílias bichos de estimação desaparecendo durante a semana. Todos eles viviam em Oak Park.

Eu pisei dentro e fechei a porta atrás de mim com ferrolho. Eu sou louca por estar aqui?

Isto era a única solução que eu conseguia pensar. Daniel não veio para casa desde sexta. Eu não esperava que ele voltasse. Não depois do que aconteceu quando nos beijamos. E não tinha nenhuma possibilidade de nós termos esta conversa na escola. Mas ainda, estava ficando escuro, e eu apenas entrei no apartamento de um cara sem ser convidada. E não apenas qualquer cara - um cara super poderoso que meu irmão acusava de ser um assassino.

Eu me livrei daquele pensamento e coloquei minha mochila na mesa da cozinha. Eu coloquei a chave em meu bolso. Maryanne tinha me dado à chave duas semanas antes

quando eu a ajudei a limpar o apartamento depois que seu último inquilino se mudou. Eu não tinha me lembrado de devolver antes que ela morresse.

Eu dei uma olhada no estúdio do apartamento. Os únicos sinais de Daniel nesta lugar era a mochila e a roupa suja espalhada no sofá cama azul todo empoeirado, algumas vasilhas na pia, e uma caixa de plástico de utensílios aberta no balcão da cozinha. Todo o resto na sala era o resumo da avó: tapete na cor que a Maryanne chamava de “rosa empoeirado” mas eu sempre pensei nele como “rosa vomito” e o papel de parede pontilhado com pequenas margaridas do mesmo tom. E não importa o quanto eu limpava, este apartamento sempre cheirava irreversivelmente como uma pessoa velha — como poeira e decadência.

Eu abri minha mochila e tirei um saco de papel marrom e duas vasilhas tapuer. Eu abri a geladeira. Ela estava vazia. Esperançosamente, aquilo iria trabalhar em minha vantagem. Eu puxei uns dois pratos do armário sobre o micro-ondas e me perguntei quanto tempo eu devia esperar antes de começar a arrumar minhas coisas. Mas então uma sombra cruzou em frente da janela. Eu sentei na mesa, tentando parecer natural — mas realmente tentando esconder o fato de que meus joelhos começaram a oscilar.

Talvez isto fosse um erro. Talvez eu devesse ir. Eu escutei a chave na fechadura. Tarde demais.

A porta balançou aberta e fechou. Daniel jogou suas chaves no sofá cama e tirou seus sapatos. Ele tirou seu casaco e puxou sua camisa por cima da sua cabeça.

Eu suspirei

Daniel deu um giro e agachou, como esse estivesse proto para atacar. Seus olhos brilharam quem ele me viu. Ele deixou cair sua camisa e se endireitou. “Grace?”

“Oi.” Minha voz vacilou.

Seus músculos do estomago ficaram tensos. Ele esfregou seu pingente de pedra que ficava entre seu peitoral definido. Eu não podia parar de notar nos seus longos, magros músculos e cabelos bagunçados que faziam ele parecer um selvagem, e poderoso animal. Por um segundo, eu quis que ele tivesse me atacado.

“O que você está fazendo aqui?” Daniel não pareceu contente.

Eu fiquei de pé. “Eu trouxe suprimentos.” Eu apontei para o saco de papel marrom.

Ele levantou uma sobrancelha.

“Óleo de linhaça e verniz” Porque minha voz esta tão tremula? “Você continua prometendo que vai me mostrar aquela técnica, mas você nunca mostra.”

“Você não devia estar aqui.” Ele segurou sua mão sobre seu pendente, o pressionando contra seu peito. “Não depois... E seus pais... Alguém sabe que você esta aqui?”

Eu engoli com dificuldade. “Eu trouxe o jantar, também.” Eu tirei a tampa das vasilhas. “Eu tenho costela de porco e arroz e o peru da mamãe a la rei “

Daniel deu um passo para mais perto. “Bonito da sua parte, Grace.” Ele deu um passo para trás de novo. “Mas você precisa ir.”

“Você quer um ou outro? Ou um pouco dos dois?”

Daniel abriu o saco de papel em cima da mesa e puxou as garrafas. Eu estava surpresa que ele não tinha colocado sua camisa de novo, mas algo dentro de mim tremulava porque ele não o tinha feito.

“Um pouco dos dois então?” Eu olhei para as sobras. “Eu pensei que nós podíamos comer e então começamos. Eu tinha algumas placas Masonite¹⁹ na minha mochila.”

Daniel envolveu seus longos dedos envolta do pescoço da garrafa de óleo — a estrangulando.

Eu peguei os pratos e voltei para a cozinha. Eu coloquei um prato no balcão e virei em direção ao micro-ondas com o outro. Mas o micro ondas era algo do começo da era moderna. Com discos ao invés de botões. “Como você faz isso funcionar... ?” Eu me virei em direção a mesa, mas Daniel de repente estava atrás de mim. Meus olhos estavam atentos com os magros, e por demais capazes músculos em seu peito.

“Você não tem de fazer isto.” Ele pegou meu punho, eu deixei cair o prato. Ele quebrou entre nossos pés. Fragmentos de vidro e grãos de arroz espalhados pelo chão de linóleo.

“Me desculpe,” eu disse. “Eu vou limpar tudo.” Eu tentei tirar seu punho enquanto eu me inclinava, mas ele não soltava.

Ele me levantou. “Eu consigo fazer isto.”

¹⁹ Espécie de painel de madeira.

“Não, isto foi minha culpa.” Eu tremi com a posse dele. “Eu vou limpar isto.” Eu olhei em volta, como se estivesse procurando por uma vassoura. “E então eu vou dar um fora do seu caminho.”

Daniel soltou o meu braço. “Você esta bem?”

“Sim.” Eu esfreguei o meu pulso. “Mas esta tarde, e eu devo ir para casa,” eu estava sendo uma galinha. Eu estava falhando. Mas naquele momento eu sabia que a verdade poderia ser mais do que eu conseguiria agüentar.

“Nós podemos fazer isto outra hora.”

“Grace, o que esta acontecendo?” Ele colocou suas mãos na minha cintura.

Eu olhei para baixo para a bagunça entre nossos pés. “Eu esqueci que eu precisava fazer uma coisa.”

“Eu sei que você não veio aqui para pintar. Eu posso ver isto no seu rosto.” Ele pausou por um segundo. “Isto e sobre o beijo? Grace, você veio aqui para algo mais?” Ele esfregou minha bochecha “Porque eu não acho que você esta pronta—

“Não,” Eu praticamente gritei. Não, de modo algum. “Eu vim aqui por causa...” Mas eu não podia dizer aquilo. Eu tinha de ir. Eu precisava dar um fora de lá. Eu tentei empurrar ele, mas ele me segurava apertado em volta da cintura.

“Grace?” ele perguntou, sua voz parecendo magoada. “O que esta errado?”

“Nada.” Calor formigou pelo meu pescoço. “Olhe para mim então.”

Eu o olhei fixamente dentro de seus olhos. Eles estavam fundos e suaves e familiares. Meu irmão tinha de estar mentindo.

“Eu não acho que você deveria estar aqui da mesma forma que você acha que deve ir,” ele disse. “Mas eu não posso te mandar embora desse jeito. Me conte o que aconteceu.”

“Jude.”

Os olhos de Daniel se deslocaram para baixo. Ele móvel o prato quebrado com seu pé desprotegido.

“Eu não sei o que está errado com ele. Ele não é ele mesmo. Ele esta fazendo todas aquelas acusações malucas contra você.” Eu mordi meu lábio. “Ele te chamou de monstro. Ele disse que você esta me usando. E ele disse outras coisas horríveis contra você. Coisas que você fez.”

Daniel moveu suas mãos para longe da minha cintura e cruzou seus braços na frente de seu peito desnudo.

“Eu me recusei a acreditar nele. Eu não achei que você pudesse fazer todas aquelas coisas.” Eu pausei. “Mas ele disse que você estava mentindo sobre Urbat. Eu sei que isto não quer dizer “Cães do Céu.” Eu puxei ar. “Você mentiu para mim... e agora eu não sei mais no que acreditar mais.”

Daniel olhou para o teto. “Me desculpe, Grace. Eu não devia ter ficado longe de você. Ele me disse para ficar longe de você e de Jude, mas eu não podia. Eu vi o seu nome na aula de arte, e eu tinha de saber. Eu disse a mim mesmo que se você pudesse me olhar nos olhos... então talvez você ainda podia me amar. Talvez havia esperança apesar de tudo.” Uma lágrima percorreu o seu rosto. Ele a enxugou com o nó de seu dedo. “Mas eu era egoísta. Eu não me importava com o que iria acontecer com você e com Jude. Tudo o que eu queria era o seu amor, e agora eu sei que isto é a única coisa que eu nunca terei.”

“Sim, você pode.” Eu toquei seu desnudo, e vigoroso bíceps. “Só seja honesto comigo. Eu posso te ajudar se eu souber a verdade.”

“Você não precisa perguntar. Eu sei o que eu supostamente devo fazer.”

Os músculos nos ombros de Daniel ficaram rígidos. “Você não pode possivelmente...”

“Eu descobrirei isso. Sou eu quem supostamente deve te ajudar a usar suas habilidades para ajudar as pessoas. Eu sou aquela que pode te transformar em um... super-herói.”

“Merda, Grace!” ele gritou. O balcão rangeu e gemeu debaixo das articulações brancas de sua mão. “Quem diabos você pensa que eu sou? Um super-herói? Eu não sou Peter Parker. Eu não sou o seu próprio Clark Kent. O seu irmão te falou certo — eu sou um monstro!”

“Não você não é. Eu posso—”

“Eu estou te usando, Grace,” ele rosnou. “Você acha que eu posso ser salvo, mas eu não posso. Você nem ao menos sabe do que eu sou capaz!” Ele varreu o segundo prato para fora do balcão. Ele explodiu junto ao meu pé.

Eu dei um pulo para trás, meus sapatos pisando em vidro quebrado. “Eu não me importo,” Eu gritei para ele. “Eu não me importo se você esta me usando. E eu não ligo

para quais mentiras meu irmão esta contando sobre você. Aquela pessoa que ele esta descrevendo não é você.”

Ele girou sobre mim, seus olhos estavam pretos e vazios. “E quem é esta pessoa?” ele disse. “O que Jude disse sobre mim? Porque eu tenho a mais absoluta certeza que ele sabe exatamente quem eu sou.”

Eu olhei para longe no relógio em formato de gato acima do fogão.

“Ele disse que você era um ladrão e assassino.” Eu sussurrei. “Ele me disse para te perguntar como você se sentiu quando o deixou para morrer.”

Daniel extraiu uma respiração profunda e deixou aquilo sair. “Como toda luz e esperança remanescente foi sugada da concha que eu costumava chamar de minha alma.”

“Então isto é verdade?” Minha voz estalou na minha garganta. “Me diga o que você é. Me diga o que você fez. Eu acho que você pelo menos me deve a verdade.”

Eu escutei o deslocamento de vidro quebrado enquanto ele se movia para longe. Eu continuei olhando para o relógio de gato. Seus olhos balançavam para trás e para frente a cada segundo que passava ate que Daniel finalmente falou.

“Eu não menti sobre os ‘cães do céu,’ “ Ele disse da mesa da cozinha. “Isto é o que meus antecessores eram originalmente chamados. Tudo o que eu te disse era verdade — a luz de Deus contra o mal, Sua benção em meu povo — Eu apenas não te contei o final da historia.”

Eu me virei para olhar para ele. Ele sentou na cadeira da cozinha, inclinando seus cotovelos sobre seus joelhos. Ele olhou para o chão então tudo o que eu conseguia ver era o topo de seus cabelos despenteados.

“Meus ancestrais lutaram contra as forças do inferno por muitos anos. Eles pareciam uma força firme contra o mal; apenas o diabo sabia da falha na armadura deles— a falha que esta dentro de todos nós. Os cães foram abençoados com uma essência animal que os fez fortes e ágeis, mas eles ainda eram humanos, com emoções humanas. O que eles não sabiam era que o animal, o lobo que morava dentro deles, se alimentava daquelas emoções. Em particular as negativas: orgulho, ciúmes, luxúria, medo, ódio.

“O diabo nutre esses sentimentos. Enquanto os cães cresciam mais orgulhosos— acreditando que eles eram superiores a todos os humanos— o lobo dentro deles crescia. Aquilo influenciava seus pensamentos, suas ações, devorando pedaços das suas almas. A benção deles virou suas maldições.”

“Eles viraram suas costas para Deus e para suas missões. Eles desprezavam mortais e eram odiados e temidos por eles. E então o lobo começou o desejo por sangue daqueles que os Cães uma vez juraram proteger. E quando um Cão cede para o desejo de sangue - como a maioria deles faz - e ele comete um ato verdadeiramente predatório - tenta matar alguém - o lobo toma o controle. Aquilo agora tem o poder de entrar na forma do Cão a vontade, tornando um lobo encarnado. Ele segura a alma do Cão mortal refém enquanto ele caça e devasta e mata.”

“É disto que o nome Urvat veio?” Eu perguntei. “Os cachorros da morte?”

Ele balançou a cabeça confirmando. “Existem muitos nomes. Centenas, na verdade. *Skin-Walkers*, *Loup-Gorou*, *Oik*, *Varkolak*, *Varul*. O nome que você é mais familiar e Lobisomem.”

“Lobisomens? Sua família é de Lobisomens?” Ele não estava brincando. “Eu sou híbrido na verdade. Minha mãe era totalmente humana. Meu pai era o Kalbi. Ele era o melhor.” Daniel subiu o olhar para mim. “O que eu te falei sobre os Urvat viverem em bando era verdade. Eles moram juntos por proteção e afinidade.” Ele passou a mão em seu colar. “Muitos deles tentam controlar o lobo; outros gostam do gosto de sangue. Meu pai era um dos últimos. Ele desafiou o alfa de seu bando e perdeu. O alfa o banuiu ao invés de arrancar sua garganta - aquilo foi um grande erro.”

“Meu pai vagou por um tempo. Mas o maior instinto de um lobo é por um bando, uma família. Ele acabou na Rose Crest, onde ele escolheu uma mulher que pudesse dominar. Ele tentou viver como um mortal com ela. Mas então eu entrei em cena. Eu acho que ele sentiu que não seria capaz de me controlar facilmente... e isto o deixou louco. Eu o fiz caçar de novo.”

“Seu pai –” Eu mal consegui perguntar- “Ele era o monstro da rua Markham, não era?” Eu pensei em como o pai dele parecia dormir o dia todo. Como ele trabalhava em turno noturno no depósito perto do abrigo em Markham. E como todas aquelas coisas estranhas pararam de acontecer mais ou menos quando ele deixou a cidade. “Ele matou aquelas pessoas.”

Daniel abaixou sua cabeça ainda mais. Ele não precisava responder

“E você nasceu com a essência do lobo também?”

Daniel se abaixou e pegou alguns cacos de prato quebrado. Ele os segurava na palma de sua mão. “Meu lobo não era forte quando eu era jovem - provavelmente porque eu não era de raça. Gabriel diz que existem tantos descendentes dos Cães que tem a raça

tão misturada que ele provavelmente não sentem ele muito.” Ele fechou sua mão sobre os pedaços de vidro e espremeu. Ele estremeceu e abriu a palma de sua mão sangrando. “Eu não sabia a verdade, então sobre minha família. Tudo o que eu sabia era que havia algo muito errado com meu pai - pela qual eu descobri que eu podia me curar mais rápido que as pessoas normais. Que eu podia me curar.”

Ele fechou seus olhos e franziu seus lábios. Era como se os cortes na sua mão sugassem o sangue de volta, então se curou em uma fina, entalhada cicatriz. Tudo o que lembrava em sua mão eram poucos pedaços rosa de vidro.

“Mas quando eu fiquei mais velho, eu senti o monstro se agitando. Eu lutei contra aquilo o mais duro que podia. Mas eu falhei. O lobo tomou conta de mim, também - me transformou em uma besta como o meu pai.”

“Mas se o lobo tomou conta de você, isso quer dizer que você...” Eu pensei em Jude, nas cicatrizes em sua mão e em seu rosto, das coisas que ele tinha acusado Daniel. “Foi quando isto aconteceu. Você tentou machucar Jude, e foi naquela hora que o lobo tomou controle. E por isto que ele esta com tanto medo de você.”

Daniel fechou sua mão em volta do vidro de novo. Suas juntas ficaram roxas, e então brancas. Sangue serpenteou em volta de seu punho. Eu me virei e estudei o rosa vomito das margaridas na parede.

“A noite que eu corri para longe de casa.” Ele disse, “Eu forcei a entrada na paróquia. Isto foi depois da arrecadação de fundos por danos com fogo, e eu sabia que seu pai sempre adiava para levar o dinheiro para o banco. Eu já estava bastante forte então. Só levou um segundo para eu quebrar a fechadura do lado de fora da porta da varanda. O plano era entrar e sair com o dinheiro, mas quando eu estava saído, seu irmão apareceu. Ele me viu saindo com a caixa de dinheiro e me disse para colocar ela de volta. Ele parecia tão hipócrita, e aquilo me tirou do sério. O lobo me disse que tudo aquilo era culpa dele. Que eu nem estaria ali se não fosse por ele.”

“O que você quer dizer?”

“Eu sempre senti a vontade do lobo por um bando. Mas eu queria uma família normal. Com uma mãe que coloca seu filho acima de tudo, e um pai que fosse tranquilo e bom e não me fizesse tremer na minha cama a noite. Eu queria uma família como a sua. Eu queria ser Daniel Divine.” Sua voz facilitou.

Eu o ouvi ele se mexendo na cadeira. “Eu odeio meu pai. Eu odeio o monstro que queimava dentro de mim. Toda vez que eu fico bravo, ou com ciúmes, ou... alguma coisa

dentro de mim aumentava, crescia, me comia vivo. Aquilo me falava para machucar, para caçar. No começo eu achei que eu estava ficando insano. Eu afastava aquilo. Mas de alguma forma eu sabia que meu pai era responsável pelo o que estava acontecendo comigo. Eu o segui uma vez. Eu vi o que ele se tornava - as coisas que ele fazia. Eu sabia que aquele era o meu futuro guardado.

“Eu pensei que talvez eu pudesse me livrar do monstro se eu me livrasse do meu pai - dizer a alguém o que eu tinha visto. Eu queria dizer. Eu quase disse. Mas então eu pensei que eu tinha de perdoar ele. Que não importava que ele me machucasse ou qualquer outra pessoa, eu tinha de virar a outra face. Foi você quem me disse isto. Me disse que meu pai me machucava porque ele estava desesperado.”

Meus joelhos ficaram dormentes. Eu me agarrei ao balcão para me apoiar. Eu não entendia o que eu tinha dito naquela época - e ainda não entendo. Mas não era aquilo que eu queria dizer. De maneira alguma.

“Então eu deixei minha boca fechada,” Daniel continuou. “Algumas vezes eu tentei pintar as coisas que eu vi, mas aquilo só fazia meu pai ficar nervoso. Um dia eu finalmente tentei dizer a Jude sobre o Ubat - o quão pouco eu sabia deles então - mas ele pensou que eu estava inventando histórias. Então ao invés disso eu contei a ele como meu pai me batia. Eu pensei que se contasse a uma pessoa, mas eu o fiz manter segredo, aquilo iria aliviar a chamas um pouco, e eu não estaria traindo meu pai. Eu fiz Jude prometer que não iria dizer. Mas ele quebrou esta promessa. Ele arruinou tudo.”

“Mas você conseguiu o que queria.” A dormência nos meus joelhos se espalhou para minhas pernas. “Você se tornou nosso irmão.”

“Mas isto não durou. Antes eu só tinha sonhado em como seria estar em uma família de verdade, mas se seu irmão não tivesse quebrado a promessa dele, então eu nunca saberia como era. Eu não saberia como é se sentir desejado e então ser arrancado do único lugar morno e amável que eu tinha. As coisas seriam como no passado, e minha própria mãe não teria de escolher entre aquele monstro e eu. Daniel limpou sua garganta e tossiu, “Era mais fácil controlar o lobo enquanto eu estava com a sua família. Mas quando eu sai, ele começou a provocar de novo. Mas desta vez eu não lutei contra. Eu procurei outras pessoas que tinham demônios dentro deles — outras criaturas da noite.” Ele deu uma risada de escárnio. “Entretanto, a maioria de seus demônios interiores não eram literais.”

Daniel engoliu tão forte que eu consegui ouvi-lo do outro lado da sala. Eu podia dizer que ele não iria mais fazer nenhuma piada.

“O lobo cresceu forte,” ele disse depois de um momento. “Ele influenciava tudo o que eu fazia. E então naquela noite na paróquia quando eu vi o seu irmão lá parado e ele tinha tudo que eu sempre quis, o monstro finalmente se libertou.”

Eu encolhi, imaginando Jude sozinho e com medo.

“Eu enfureci e gritei com Jude como meu pai costumava a gritar comigo. Eu queria fazer ele sentir toda dor que eu tinha dentro de mim. Ele nem mesmo tentou lutar de volta. Ele apenas aceitou aquilo como algum tipo de mártir, aquilo fez o lobo se irritar. Eu queria tirar dele tudo que ele tinha.”

Daniel tomou respirou longamente. “Quando eu disse para Jude que eu estava pegando o dinheiro e o seu casaco novo, você sabe o que ele fez? Ele ficou de pé em frente aqueles vidrais de cristal, tirou seu casaco, e o ofereceu para mim. ‘Pegue,’ ele disse. ‘Esta frio lá fora, e você vai precisar disto mais que eu.’ Ele colocou seu casaco em minhas mãos, e ele estava tão calmo e tranquilo e eu não entendia. Eu não sabia da onde ele tinha vindo. Eu não sabia como ele podia simplesmente oferecer aquilo para mim como se não fosse nada — como se eu não tivesse feito nada. Foi quando eu pensei naquilo — Eu queria o matar. E então alguma coisa queimou pelas minhas veias, e eu comecei a tremer e a gritar ... e eu o ataquei.”

“Tudo que eu me lembro depois daquilo foi acordar do lado de fora no quintal da paróquia. Minhas roupas estavam sumidas e cacos de vidro colorido estavam espalhados para todo lado. Tinha sangue sobre mim. Mas nenhum dele era meu. Eu não tinha ideia do que tinha acontecido — do que eu tinha me tornado. Gabriel diz que nas primeiras vezes; você não tem nenhuma consciência das suas ações. Eu estava frenético. Eu não sabia onde seu irmão tinha ido. Mas eu o vi, deitado, retorcido, nos arbustos alguns metros longe. E eu sabia que eu era o responsável.”

Eu segurei minha mão sobre meu coração. Ele estava batendo tão rápido que parecia que ele iria explodir pelas minhas costelas. “Foi você ou o lobo?”

Daniel estava calado por um tempo. “O lobo o jogou pela janela. Mas fui eu quem o deixou lá. Eu vi o sangue no seu rosto. Eu sabia que ele precisava de ajuda. Mas eu corri para longe. Eu peguei o dinheiro da caixa de dinheiro e o deixei lá.

A cadeira rangeu e ele se levantou. Eu o escutei se movendo para mais perto de mim. Eu podia ver seu reflexo negro nos olhos do relógio de gato.

“Você quer saber qual é o problema de verdade?” ele perguntou, a apenas alguns centímetros de mim agora.

Eu não respondi mas ele disse de qualquer maneira.

“Aquele dinheiro só durou três semanas,” ele disse. “Cinco mil dólares de dinheiro sangrento, e eu o desperdicei em quartos de motéis fudidos e garotas que diziam que me amavam ate as drogas acabarem. E no final de três semanas, quando eu estava sóbrio o suficiente para me lembrar do que eu tinha feito, eu comecei a correr. Mas não importava o quão longe ou o quão rápido eu corria, eu não podia me afastar do lobo. Então eu continuei correndo e bebendo e usando — qualquer coisa para deixar minhas lembranças dormentes — e eu corri tão longe, e provavelmente assim que eu terminei aqui de volta.”

Ele se moveu para mais perto de mim — tão perto quanto naquele dia que nos beijamos no luar. “Você me conhece? Você ainda acha que eu mereço ser salvo?” Sua respiração queimou o lado do meu rosto. “Você consegue me olhar nos olhos e dizer que me ama?”

Eu mudei meu olhar do gato para meus pés. Eu tomei meu caminho pelo vidro quebrado e peguei minha mochila, deixando as garrafas de óleo de linhaça e de verniz em cima da mesa, e fui direto para a porta. Minha mão estava na maçaneta quando eu parei.

“Jude não quebrou sua promessa.” Eu sufoquei. “Fui eu que contei sobre seu pai. Fui eu quem te transformou em lobo.”

Eu abri a porta e corri as escadas ate a minivan. Eu dirigi sem direção por pelo menos uma hora e de alguma maneira eu acabei em casa na minha cama.

Eu não tinha nenhum pensamento na minha cabeça, nenhum sentimento em mim, não havia absolutamente nada.

Capítulo Dezoito

Livro dos Segredos

SEGUNDA

Eu acordei na manhã seguinte enrolada nos lençóis da cama. Minha camisa presa ao meu peito, pegajosa pelo suor frio. Minha cabeça pulsava. Parecia que alguém tinha perfurado a base do meu crânio, a dor irradiando por trás dos meus olhos. Eu entortei os olhos quando escutei o despertador. Era muito mais tarde do que eu pensei. Eu me forcei a sair da cama e a tomar um banho.

Fiquei debaixo do jorro de água quente e deixei o calor atravessar o entorpecimento sob minha pele, afastando-a com o choque. Foi quando as lágrimas chegaram.

Eu nunca chorei. Não desde quando era um bebê, de acordo com minha mãe. Eu não compreendia o sentido. Chorar nunca consertava nada. Mas quando as lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto, misturando-se com a água do chuveiro, eu não pude mais segurar. Eu fiquei soluçando no vapor, esperando que ninguém pudesse me ouvir acima do zumbido sombrio do exaustor do banheiro. Foi como se eu finalmente soltasse todas as lágrimas que segurei. Eu chorei pela aquela vez que Don Mooney apontou a faca de prata para a garganta do meu pai. Chorei pelas vezes que ouvi o pai de Daniel o espancando. Por quando a sua mãe o levou de nós. Por quando Charity e eu fomos mandadas para nossos avôs por três semanas sem nenhuma explicação. Eu chorei pela morte de Maryanne, pelo desaparecimento de James, por Jude.

E, principalmente, eu soluzei pelo que agora sabia sobre mim mesma.

Eu me sentia como uma fraude. Meu pai de disse que meu nome significava misericórdia, apoio, e orientação. Mas ele estava errado. Toda Grace Divine significava erros, bisbilhotice e desapontamento. Tudo que eu tocava – tudo que eu tentava ajudar – caía e escorregava pelos meus dedos.

Por que eu tive de ficar pressionando, recusei ficar ignorante? Por que eu não pude voltar e me impedir de criar essa bagunça?

Se eu tivesse ficado fora disso, se eu só tivesse me preocupando com o que é da minha conta por todos esses anos, tudo seria da forma como costumava ser? Daniel ainda seria o garoto loiro que mora na porta ao lado se eu tivesse ficado calada com relação ao pai dele? Daniel e Jude ainda seriam melhores amigos? Meu irmão não seria machucado? Daniel seria humano?

Mas como eu poderia não ter feito nada? Daniel ainda estaria vivendo uma vida de abuso e tortura – ele poderia nem estar mais vivo. E como eu poderia não tê-lo ajudado quando ele voltou?

Ele ainda significava demais para mim, mesmo agora que eu sabia da verdade.

Mas eu não podia acreditar que coloquei a necessidade do Daniel acima da do meu próprio irmão. Eu vi a dor nos olhos de Jude quando mencionei o nome de Daniel pela primeira vez no jantar. Olhei para Jude direto nos seus olhos e prometi que deixaria para lá, que guardaria o segredo dele, mas em vez disso e fui trazer a única pessoa que já o machucou para dentro das nossas vidas. Meus sentimentos por Daniel causavam a dor, o medo, e a raiva que estava lentamente tomando meu irmão.

“Eu odeio você,” disse para água, e golpeei meu punho molhado na parede do banheiro. “Odeio você, odeio você, odeio, você,” disse como se estivesse falando para Daniel.

Mas o problema era que eu não odiava. Eu não odiava nem um pouco, e sabia que deveria.

Eu tinha traído meu irmão outra vez.

Eu fiquei no banho até que ele ficasse frio. E depois fiquei parada, deixando a água fria cortar caminhos pela minha pele, só para seguir algo além de culpa. Eu tropecei para fora do banho, tremendo e agarrando meu estômago. Fui até o vaso e deixei sair o pouco de líquido que ainda havia no meu corpo. Eu me sentia atrofiada, drenada, e voltei para cama, ainda enrolada no meu robe úmido.

A casa estava silenciosa. Todos os outros devem ter saído hoje. O silêncio me pressionava, fazendo minha cabeça pulsar mais ainda. Eu fechei meus olhos e deixei o silêncio envolver meu corpo. Eu dormia de vez em quando, tentando compensar as noites

sem dormir. Mas cada vez que meus olhos se fechavam e então abriam, eu me sentia mais drenada que antes.

Eu fiquei em casa por dois dias.

QUARTA

Minha família me deixou sozinha. Eu estava chocada – mas grata – por mamãe não ter tentado me fazer ir à escola. De vez em quando ela mandava Charity subir com comida. Charity deixava do lado de dentro da minha porta, encarando-me como se eu tivesse a praga quando ela ia reaver os pratos intocados que ela tinha deixado horas antes. Eu me perguntei se minha família realmente pensava que eu estava doente, mas eu temia que eles soubessem o que eu tinha feito – que eles apenas estivessem envergonhados de mim como eu estava. Como eu podia encarar meu irmão novamente, sabendo a dor que eu causei a ele? Como eu podia mostrar meu rosto para alguém?

Foi no meio de uma tarde de quarta quando ouvi meu pai no escritório abaixo de mim. Imaginei o que ele estava fazendo em casa. Quarta era um dos seus dias mais ocupados na paróquia, e Jude estaria ali para seu estudo independente. Eu pensei em papai rodeado pelos seus livros, como ele parecia perdido neles por semanas. O que ele estava fazendo?

Mas então eu soube. De repente entendi. Eu não era a única culpada nisso tudo.

DEBAIXO, NO ESCRITÓRIO

“Você sabia,” eu disse da porta. Papai olhou do seu livro.

Eu entrei no cômodo, direto para sua mesa. “Você sabia o que ele era, e você ainda o trouxe para cá!” Eu agarrei um dos seus livros. “É para isso que são esses livros. Você estava ajudando-o.”

Meus pais são tão hipócritas! Toda essa merda que eles nos ensinaram sobre não guardar segredos, e meu pai estava guardando o maior de todos.

Eu atirei o livro na mesa. Ele deslizou pela madeira e bateu na luminária. “Você é quem começou tudo isso. Não eu.”

Papai subiu seus óculos para a ponte de seu nariz. Ele fechou seu livro e o colocou no topo de uma pilha. Ele parecia completamente sereno com o meu comportamento. Isso me fazia querer gritar mais com ele.

“Imaginei quando você viria para mim,” disse. “Eu esperava que, se nós te deixássemos sozinha, você eventualmente viria.” Ele soou como um perfeito pastor lidando com um paroquiano com problemas. “Feche a porta e se sente.”

Eu estava me coçando para não escutá-lo, mas eu fiz o que ele me pediu, de qualquer forma. Quando me sentei, eu peguei outro livro. As palavras e letras pareciam todas estranhas, como árabe.

“Então você quer saber por que eu estou ajudando Daniel,” papai disse. “A resposta é simples, Grace. Ele me pediu.”

“Quando?”

“Daniel me contatou seis semanas atrás. Eu fiz planos para seu retorno.”

“Mas por que ele iria querer voltar para cá?”

“Ele não te contou?”

Eu folheei as páginas do livro até que cheguei a uma ilustração. Era uma gravura do que parecia ser um homem se transformando num lobo. Uma lua cheia estava ao fundo. “Ele disse algo uma vez sobre a escola de arte. Ele precisava da Santíssima Trindade para entrar no Trenton. Mas isso era apenas um disfarce, certo? Isso não tem nada a ver com a escola de arte, não é?”

Daniel só usou isso para me fazer sentir empatia por ele – sentir nossos objetivos conectados.

“Houve um disfarce que nós inventamos,” papai disse. “Mas isso não significa que Daniel não quer ir a Trenton. Ele quer reclamar a vida que ele deveria ter tido.” Papai se inclinou para frente, suas mãos juntas sobre a mesa. “Grace, a razão pela qual Daniel voltou é que ele está procurando uma cura.”

Algo se agitou no meu peito. “Isso é possível?”

Papai olhou para suas mãos. “Enquanto Daniel esteve fora, ele procurou a colônia da qual seu pai vem. Ele pediu a eles um lugar em sua alcateia. Entretanto, Ubat que já experimentaram a mudança – transformam-se em lobisomens – não procriam frequentemente. É tipicamente contra sua natureza. Na dinâmica da alcateia, apenas o alfa

pode acasalar. A mera existência de Daniel era uma afronta a eles.” Papai apertou e soltou os dedos. “Não acho que aqueles lobos velhos tiveram alguma ideia do que fazer com o jovem Ubat – especialmente um que veio de um pai volátil que foi banido de sua colônia. Muitos dos anciãos estavam preocupados com a presença de Daniel ali. O alfa garantiu a ele um período de teste enquanto eles ponderavam sobre seu futuro. Enquanto isso, Daniel conheceu um homem –”

“Gabriel?”

Papai assentiu. “Gabriel é o beta da alcateia. Segundo no comando. Ele colocou Daniel debaixo de sua asa – ou pata, no caso – e o ensinou muitas coisas sobre a história de seu povo. E sobre as técnicas que eles desenvolveram através dos séculos para ajudar a controlar o lobo. O colar que Daniel usa é muito raro. Ajuda-o a controlar o lobo, e o deixa mais consciente – mas capaz de controlar suas ações – durante a forma de lobo. O pingente tem muitos séculos de idade. Eu contatei Gabriel para ver se ele tinha outro de reserva...” papai esfregou sua mão pelo lado de seu rosto. As sombras sob seus olhos tinham ficado mais profundas e escuras desde a última vez que o vi.

“Embora Gabriel tenha muita influência no seu bando, depois do tempo de teste, ele foi incapaz de convencer os outros anciãos a deixarem Daniel ficar com eles permanentemente. Eu acho que a memória dos danos que o pai dele causou ao bando ainda estava muito fresca. Eles mandaram Daniel embora.”

Eu inclinei minha cabeça. Apenas outro conjunto de nomes para acrescentar a lista de pessoas que tinham rejeitado Daniel – uma lista na qual o meu estava agora, depois que eu não consegui olhar nos olhos dele.

“De qualquer modo, antes que Daniel fosse removido da colônia, Gabriel contou a ele que poderia existir uma forma de ele libertar sua alma da força do lobo. Que podia existir uma cura. Gabriel disse que ele não podia contar detalhes, mas que o registro do ritual poderia ser encontrado se ele procurasse bastante. Ele mandou Daniel procurar ajuda de um homem de Deus. Ele o mandou retornar aonde alguém o amava – ele o mandou ir para casa.”

“E é por isso que ele o contatou. Você é o homem de Deus.”

“Sim. Eu estive procurando textos sobre o assunto desde então. Procurando a cura.” Ele apontou para a pilha de livros na sua mesa. “Então percebi que a resposta devia ser algo religioso por natureza – algo que apenas um homem de Deus poderia obter. Eu me lembrei de ter conhecido um padre ortodoxo há muitos anos. Ele me contou sobre uma

reliquia que eles mantinham na sua catedral. Um livro que continha traduções de cartas escritas por um monge que viajou para a Mesopotâmia durante as Cruzadas. Embora eu tenha pensado pouco sobre isso na época, o padre brincou que ele tinha documentado a prova de que Deus tinha inventado o lobisomem.”

Papai abriu a gaveta da mesa e puxou uma caixa de madeira. A tampa estava embutida com um padrão dourado de sóis e luas.

“Eu dirigi a maior parte da noite de quinta até a catedral. Levou muito tempo para convencê-lo, mas o padre finalmente concedeu o empréstimo para a paróquia. Eu não podia esperar até encontrar uma resposta.”

“Você a encontrou?” Meu coração batia forte. “Você pode curar Daniel?”

“Não.” Papai olhou para a caixa. “Eu não posso ajudá-lo mais.”

“Não, você não encontrou? Ou não, você não pode curá-lo?”

Papai tirou seus óculos, dobrou as hastes, e os colocou sobre a mesa. Ele se inclinou para trás na sua cadeira e apertou a ponte de seu nariz. “Diga-me algo, Grace. Você ama Daniel?”

“Como eu poderia?” Eu estudei a cutícula do meu polegar. “Não depois do que ele fez a Jude. Não seria certo...”

“Você o ama?” A voz de papai me mandou não considerar aquelas outras coisas. “Ama?”

Meus olhos se encheram de lágrimas. Como eu ainda tinha mais para chorar?

“Sim,” sussurrei.

Papai suspirou e pegou a caixa. “Então isso está fora das minhas mãos.” Ele colocou a caixa na minha frente, algo bateu dentro dela quando ele fez. “Eu sinto que você deve descobrir a resposta sozinha. Eu estarei aqui quando você fizer... mas a escolha é sua.”

MAIS TARDE

Eu me sentei de pernas cruzadas na minha cama com a caixa equilibrada sobre meus joelhos. Eu não podia acreditar em todas as respostas – as peças finais para o quebra-cabeça – poderiam ser encontradas numa caixa tão estreita. Eu podia realmente esperar tal possibilidade? Talvez tudo levasse a mais desapontamento. Talvez não houvesse cura. Isso

explicaria quão perturbado e cansado meu pai parecia. Talvez ele achasse que eu precisava descobrir isso por mim mesma... tornar-me resignada como ele.

Mas ele disse que eu tinha uma escolha. E escolhas não podem ser feitas sem conhecimento – sem respostas. Então por que eu não podia abrir a caixa?

A verdade era que eu estava com medo das respostas. Ignorância pode não ser uma benção, mas parecia preferível a toda a dor que acompanhava as respostas que eu já descobri.

Encarei a caixa até que meus joelhos doessem pela posição. Meus dedos tremiam quando toquei a trava de ouro enegrecido. Eu a abri e subi a trava. Encontrei um livro que parecia mais velho e mais frágil que qualquer um dos livros do escritório do meu pai. A capa era um azul-safira desbotado, com os mesmos sol-e-lua enfeitando como estavam na caixa. Roci a capa com cuidado. Temia que o livro caído aos pedaços se eu o abrisse.

Várias tiras de papel se projetavam na extremidade superior do livro. Papai tinha marcado certas passagens para deixar a leitura mais fácil? Eu virei as delicadas páginas parecidas a tecido para a primeira página marcada. A página parecia uma carta escrita a mão, ou uma cópia de uma, numa tinta marrom desbotada. Papai disse que isso era uma tradução, não o original. Eu me encontrei desejando ter ido às aulas de caligrafia da Sra. Miller, em adição a pintura, enquanto eu tentava desvendar as palavras pálidas.

Minha querida Katharine,

A carta com notícias de felicidades pelo casamento de Simon Saint Moon não poderiam ter chegado a tempo.

Meu acampamento foi dominado pelo desespero e muitos soldados e escudeiros se encolhem de medo aos uivos dos lobos que rodeiam nosso campo à noite. Eles acham que Deus vai deixá-los nos devorar por causa dos nossos pecados.

Meu escudeiro, Alerius afirma que os lobos não são animais ordinários, mas os Cães da Morte, que eram soldados de Deus, mas que o Diabo os desviou de sua busca, e que agora eles estão amaldiçoados a rondar seus hospedes, e que agora eles estão amaldiçoados a rondar a Terra como bestas selvagens.

Ah, irmãzinha, você amaria o caro Alerius. Eu não tinha arrependimento algum de tê-lo recrutado como meu escudeiro, após os tiros muitos dos outros garotos locais não tinham se dado bem como "muros". Rezo para que nós desistamos dessa campanha e progridamos para a Terra Santa. Eu não deixei nossa vila tomar parte de outra matança de cristãos. Talvez o Diabo está nos desviando de nossa busca também.

Padre Miguel nos assegura que nossa missão é verdadeira e que Deus vai nos proteger em sua luz contra os Traidores Gregos...

Uma batida soa suave contra a porta do meu quarto. Cobri a caixa e o livro com meu cobertor. "Entre," eu disse, esperando Charity com o jantar.

"Hey," Jude se apoiou contra o umbral. Ele tinha uma pasta verde escuro em suas mãos. "Isso é para você." Ele cruzou a distância até minha cama e me entregou.

"O que é?" Eu empurrei o livro mais para debaixo das cobertas com o meu pé.

"Toda a sua atividade de casa." Jude deu um meio sorriso. "As notas são essenciais para admissão numa faculdade. Eu não queria que você ficasse apara trás. Eu pedi April para copiar suas notas de Inglês. Mas Sra. Howell diz que você ainda deve a ela um teste assinado por um responsável."

Merda. Eu tinha me esquecido disso tudo.

"Eu contei a ela que você não estava se sentindo bem ultimamente, e conversei com ela para deixar você refazer o exame. Ela diz que você pode fazer depois da aula quando se sentir melhor."

"Wow. Obrigada. Isso foi muito..." Muito a cara de Jude. Eu não sei por que eu estava não surpresa. Isso era uma coisa que meu irmão sempre fazia. É o que o fazia ser... o que ele era. Mas eu imaginei que ele nunca iria querer falar comigo novamente. Não depois do que eu tinha feito. "Obrigada por isso."

Jude assentiu. "Quando você puder, vou te esperar depois da aula enquanto você faz o exame. Desse modo você não vai precisar caminhar até em casa sozinha." Ele foi até a porta, parou, e olhou de volta para mim. "É hora de sair da cama, Gracie."

Ele sabe. Eu sei a verdade sobre o que aconteceu a ele... e ele sabe.

"Desculpa por não ter te escutado," eu disse suavemente.

Jude assentiu levemente e fechou a porta atrás dele.

Depois de ouvir Jude descendo pelo corredor, puxei a caixa e o livro das cobertas. Eu fechei a trava sobre Katharine e seu irmão e tranquei a caixa dentro da gaveta da minha mesa. Eu não podia ler mais. Eu não podia procurar mais por respostas. Eu precisava deixar isso de lado. Jude estava superando, e eu também.

Capítulo Dezenove

Escolhas

QUINTA-FEIRA DE MANHÃ

Eu percebi como Jude e eu dirigimos os poucos quarteirões até a escola em um frio entorpecente, que embora não houvesse um entendimento entre nós, ainda não iríamos falar sobre isso.

Algumas coisas nunca mudam.

Talvez seja melhor assim.

Jude me levou até meu armário e em seguida saiu para encontrar April antes da primeira aula. Eu tentei agir naturalmente, como se este fosse apenas outro dia qualquer e eu outra garota qualquer. Mas era difícil fingir que eu era normal.

As pessoas normais fofocavam - principalmente sobre as coisas estranhas que aconteceram no fim de semana. Eu esperava que os boatos teriam morrido durante meus três dias de ausência da escola, mas aparentemente ele ainda estava correndo ativamente. Tinha se espalhado a notícia sobre Jenny Wilson ter encontrado o seu gato mutilado no meio de uma rua sem saída. Outras pessoas falavam sobre Daniel ter resgatado James na mata. Eles cochichavam sobre as acusações de Jude. E eu tenho a nítida sensação de que as pessoas também estavam falando de mim - mais do que o normal, quer dizer.

Pessoas normais passavam pelos flyers distribuídos pela escola de pintura de Jessica Day no Central High. Eles olhavam para os seus longos cabelos loiros e grandes olhos assustados e balançavam a cabeça, dizendo: "Que pena". Mas as pessoas normais não sabem o perigo que elas podem realmente estar metidas. Eles não sabem que realmente existiram horrores neste mundo. Eles não tinham ideia de que existia um lobisomem em minha aula de arte.

Como todo mundo reagiria se eles soubessem a verdade?

Será que acusariam Daniel de ser o novo Monstro da Rua Markham? Será que eles o culpariam por todas as coisas ruins que tinham acontecido ultimamente?

Eu parei no meio da passada em meu caminho para a quarta aula, arte. Eu acreditava em qualquer uma dessas coisas? Eu disse a mim mesma que não podia ser verdade. Daniel tinha o colar, e então mesmo que ele entrasse em modo de lobo ele seria capaz de impedir o monstro de ferir as pessoas. Será que não? Tinha que haver outra explicação.

Ou talvez aquele colar não funcione tão bem como ele e meu pai pensavam. Ou talvez ele faça o trabalho - talvez o Daniel estivesse totalmente consciente quando fez essas coisas ...

Eu estava fora da sala de arte até muito tempo depois da campainha ter tocado. Eu sabia que Daniel estava lá dentro. Um número suficiente de pessoas estava falando sobre ele para mim saber que ele tinha aparecido para na escola. Eu desejava que ele não tivesse. Eu respirei profundamente três vezes. Daniel não iria machucar as pessoas se ele estivesse em seu juízo perfeito. Havia definitivamente uma outra explicação - e não era o meu trabalho entender. Alguém poderia jogar Velma²⁰ partir de agora.

Eu abri a porta e fui direto para a mesa do Sr. Barlow. Eu coloquei meu esboço de árvore na frente dele e não esperei por qualquer comentário antes de ir para o fundo da sala para o meu balde de suprimentos. Lynn e Jenny pararam de falar quando me aproximei. Lynn me fuzilou indiretamente com o olhar, em seguida disse algo a Jenny por trás das mãos. Eu as ignorei e puxei minhas aquarelas para o meu balde. Eu podia sentir a presença de Daniel a apenas alguns metros de distância, eu podia sentir seu cheiro de terra e amêndoa, mesmo com todos os óleos solventes e poeira de giz dedilhado no ar, mas eu não tive coragem de olhar para ele. Peguei o resto do que eu precisava e me juntei a April em nossa mesa.

“Eu liguei para você umas dez vezes,” April disse. Ela não me olhou enquanto desenhava linhas angulares em seu bloco de rascunho. “Você poderia ter pelo menos me retornado.”

“Você está certa.” Eu abri minha caixa de lápis de cor e joguei os pedaços de giz sobre a mesa. Eu tinha esquecido que a maioria deles estava quebrado. “Eu sinto muito.”

“Então você estava com ele?” April assentiu ligeiramente para Daniel.

²⁰ Personagem do desenho animado Scooby-Doo.

“Sim.” Eu peguei um lápis vermelho. Era muito pequeno para desenhar com eficiência. “Acho que sim.”

“Bom.” April abaixou o lápis de carvão. “Jude diz que Daniel é uma má influência em você.”

“O que mais faz Jude disse estes dias?” Eu perguntei.

Ela suspirou. “Ele está triste que o seu pai fica tentando fazê-lo ser amigo de Daniel. Seu pai diz que Jude deveria apenas esquecer e perdoar, e voltar a ser feliz com Daniel,” April sacudiu a cabeça. “Eu não entendo. Quero dizer, Jude é seu filho verdadeiro. Por que mesmo ele quer Daniel aqui?”

“Eu não sei,” eu murmurei. Minha mente voou de volta ao livro de cartas no meu quarto. “Jude disse que tem mais alguma coisa?” Eu perguntei, querendo saber quanto April realmente sabia disso.

April deu de ombros. “Ele me convidou para a exposição Monet da Universidade amanhã à noite.”

“Isso é legal.” Eu inspecionei outro lápis quebrado. Era tão inútil quanto o primeiro.

“Sim, mas minha mãe não me deixa ir porque está na cidade. É como se de repente ela se preocupa comigo depois do que aconteceu com Jessica Day ou algo assim.” April franziu nariz. “Eu acho que nós apenas vamos ver um festival de cinema em minha casa. Você pode vir também, se quiser.”

“Não. Mas obrigado de qualquer maneira.” Eu tinha visto o suficiente de Jude e April se aconchegando ultimamente na minha vida.

April puxou a caixa de lápis de cor de seu balde de abastecimento e deslizou para frente de mim. “Você pode pedir o meu, se quiser.” April me deu um pequeno sorriso. “Eu realmente estou feliz que você esteja melhor agora.”

“Obrigado,” disse. Mas olhei para Daniel. Seu olhar se moveu para longe de nós, mas só de olhar em seu rosto parecia que ele estava ouvindo a nossa conversa inteira do outro lado da sala.

Isso não me fez sentir melhor em tudo.

MAIS TARDE NAQUELE MESMO DIA

Daniel me pediu para passar o intervalo do meu almoço e depois das aulas com ele e Barlow. Eu duvidava que o convite permanecesse - ou que ele realmente esperasse que eu ficasse agora - e eu fui direto para biblioteca quando a campainha para o almoço tocou, recusando a oferta de April para me juntar a ela e Jude no café. Fiquei até a hora de voltar depois do almoço. Quando o quinto período acabou, eu fui tão rapidamente como eu poderia para minha próxima aula.

"Espere, Grace," Pete Bradshaw chamou quando me aproximei do meu armário.

"Oi Pete." Eu diminui o ritmo.

"Você está bem?" ele perguntou. "Eu disse o seu nome três vezes antes que você perceber."

"Desculpe. Eu acho que estava um pouco distraída." Larguei minha mochila e girei a combinação do meu armário. "Você precisa de algo?"

"Na verdade, eu queria dar-lhe uma coisa." Ele puxou um pacote de um saco plástico. "Donuts." Ele me entregou a caixa. "Embora eles estejam um pouco velhos. Eu trouxe ontem, mas você não estava aqui."

"Obrigado ... um ... Para que são eles?"

"Bem, você ainda me deve uma dúzia antes de Ação de Graças. Então eu pensei que se eu trouxesse alguns para você, você se sentiria em dívida extra comigo." Inseriu o sorriso "ameaça tripla" aqui.

"Endividados fazem o quê?" Eu perguntei timidamente.

Pete se inclinou para frente. Sua voz era baixa, enquanto falava. "Há algo realmente acontecendo entre você e aquele cara, o Kalbi, ou vocês são apenas amigos?"

Algo realmente está acontecendo? Agora eu tinha certeza de que as pessoas estavam falando de mim.

"Não se preocupe," disse eu, "eu nem acho que nós somos amigos."

"Bom." Ele recostou-se sobre os calcanhares. "Então, esses donut's supostamente são para fazer você se sentir culpada o suficiente para ir ao Baile de Natal comigo."

"Baile de Natal?" O baile não tinha passado pela minha mente em dias. Será que as pessoas que conheciam os segredos do submundo iam ao baile? "Uh, sim. Gostaria muito de ir," eu disse. "Com uma condição, porém."

“O que seria?”

“Ajude-me a comer esses donut’s, ou eu nunca vou caber em um vestido.” Pete riu. Eu abri a caixa e ele agarrou três donuts.

“Posso levá-la à aula?” ele perguntou quando eu fechei a caixa no meu armário.

Eu sorri. Foi uma coisa perfeita para um namorado dos anos 50 perguntar. “Claro,” eu disse, abracei os meus livros contra o meu peito e imaginei que estava usando uma saia poodle e sapatos oxford. Pete envolveu o seu braço em volta da minha cintura enquanto caminhávamos pelo corredor. Ele acenou com a cabeça para vários olhares inquisidores que algumas pessoas lançaram para nós.

Pete parecia tão confiante, tão normal, tão bom. Ele é apenas o que eu preciso, eu pensei enquanto o olhava - mas não pude deixar de notar que havia alguém me observando.

QUARTA-FEIRA DA SEMANA SEGUINTE, POUCO ANTES DO ALMOÇO

Sentei-me ao lado de April na sala de arte trabalhando em um esboço preliminar de uma foto instantânea antiga para uma parte do portfólio. Ele acabaria sendo uma pintura de Jude pescando atrás do abrigo do Vovô Kramer. Adorei a forma como a luz passava a partir do lado da fotografia e brilhava acima da cabeça inclinada de Jude como uma auréola. Mas no momento, eu estava trabalhando com lápis, esboçando as linhas base e definindo os espaços negativos e positivos. Havia mais sombras na imagem do que eu tinha percebido, e o grafite do meu lápis foi usado até o ultimo pedaço, mas eu estava evitando o apontador de lápis na parte de trás da sala, porque Daniel se sentava apenas a três metros dele.

Poucos minutos antes do sinal do almoço, o Sr. Barlow fez o seu caminho até a mesa de Daniel.

“Olhe para Lynn furiosa.” April me cutucou.

Lynn Bishop olhou para Daniel quando o Sr. Barlow estava ao lado dele, olhando para ele pintar. Parecia que ela estava tentando fazer um buraco nas costas de Daniel com os olhos.

“Parece que Barlow tem um novo favorito. Pobre Lynn,” April disse com uma falsa simpatia. “Você é muito melhor do que ela é assim mesmo. Você deve ter ouvido Barlow

falar sobre o esboço de sua casa que você terminou na última semana.” Ela apontou para o meu desenho e suspirou. “Eu amo esta, também. Jude parece tão quente nesta foto.”

“Hmm,” eu disse. Eu peguei um par de lápis gastos e fui para o fundo da sala, enquanto Daniel estava ocupado.

Eu coloquei um lápis no apontador.

“Pare!” Barlow berrou.

Saltei e olhei atrás de mim, mas Barlow tinha falado com Daniel.

Daniel manteve sua pincelada na metade. Ele olhou para Barlow.

“Deixa do jeito que está,” disse Barlow.

Ele se inclinou para o lado um pouco para dar uma olhada na pintura de Daniel. Tratava-se dele mesmo como uma criança - Barlow tinha passado para o resto de nós no início do ano. Até agora, Daniel tinha um simples fundo de tons vermelhos e os tons de pele desbotado para seu rosto. Seus lábios foram delineados em rosa pálido. E como Daniel sempre foi sobre as coisas da maneira mais difícil possível, ele tinha terminado os olhos antes de qualquer outra coisa. Eles eram escuros, profundos e confusos como eu sempre tinha lembrado deles.

“Mas não está acabado,” disse Daniel. “Tudo que eu tenho aperfeiçoado são os olhos.”

“Eu sei,” disse Barlow. “Isso é o que o torna tão certo. Seus olhos - sua alma está ali, mas o resto de você é ainda tão indefinido. Essa é a beleza da infância. Os olhos mostram tudo o que tenho visto até agora, mas o resto de você ainda está aberto a possibilidades, para o que você pode tornar-se.”

Daniel segurou o pincel firmemente entre os dedos longos. Ele olhou para mim. Nós dois sabíamos o que ele tinha se tornado.

Eu me virei.

“Confie em mim,” disse Barlow. O quadro Masonite raspou contra a mesa. Achei que ele tivesse pego. “Isso fará um pedaço grande do portfólio.”

“Sim, senhor,” murmurou Daniel.

“Você terminou ou o que?” Lynn Bishop estava do meu lado com um punhado de lápis de cor.

“Desculpe,” eu disse, e saí do seu caminho com o meu lápis ainda sem ponta.

“Eu ouvi o Pete convidar você para o baile de Natal.” Lynn empurrou um lápis cor de rosa para o apontador.

“Eu acho que foi mais ou menos assim.”

Ouvi cadeira Daniel deslizando para trás sobre o barulho feroz do apontador.

“Sim, ele fez,” disse ela com certeza, “Eu tenho uma fofoca bem quente” ela acenou. “Interessante que ainda lhe perguntou.”

“O que isso quer dizer? Pete é amigo do meu irmão há anos.”

“Hmm.” Lynn tirou o lápis e inspecionou por um tempo, a ponta rosa afiada. “Acho que isso explica tudo - um ato de caridade para o seu irmão. Pete deve estar tentando trazer você de volta para a terra dos vivos.”

Eu já estava irritada, e eu não precisava da porcaria da rainha das fofocas da Santíssima Trindade - uma espécie de paradoxo, se você pensar sobre isso - mas a campainha do almoço tocou, me impedindo de dizer o que ela deve fazer com o lápis.

“Tome conta da sua própria vida,” eu disse e me afastei.

April pegou sua mochila enquanto eu me aproximava. “Você acha que há guias para estudantes para ‘Leaves of Grass?’”²¹

“Duvido.” Eu coloquei meus lápis no balde de abastecimento.

April gemeu. “Jude vai me interrogar sobre ele depois da escola, e eu meio que lhe disse que eu já li.” Ela enrugou o nariz e colocou o livro na bolsa.

“Nuh-uh!” Eu provoquei. “Você está morta. Diga adeus para o baile de Natal. Jude odeia mentirosos.”

“Oh, não. Você acha que ele vai ficar furioso?” Ela fez uma pausa. “Espere, você disse baile de Natal.” Ela apontou para mim. “Ele disse alguma coisa para você? Ele vai me convidar, certo? Ei, você quer ir às compras dos vestidos após a escola?”

Eu sorri, mas não pude deixar de pensar se deveria dizer algo a April sobre Jude. Ela parecia completamente apaixonada por ele, mas não pude deixar de pensar se o súbito interesse no meu irmão em era sua maneira de aparecer - e não de outro relacionamento,

²¹ Maior obra do escritor americano Walt Whitman.

mas para seus próprios sentimentos. Ou talvez fosse April que estivesse se aproveitando do meu irmão. Com certeza ela conseguiu superar sua timidez em torno dele, e segundo, ele parecia vulnerável. Mas o olhar no rosto de April era realmente ansioso.

“Você não acha que você deveria se concentrar em estudar Inglês para a prova final antes de comprar o vestido?” Eu perguntei. “A sua mãe não vai ficar furiosa se você não passar?”

“Ugh. Sério, por que ela tem que começar a ter um interesse em mim agora?”

“Hey, Grace,” uma voz rouca disse atrás de mim.

As sobrancelhas de April subiram em um arco duplo.

Virei-me para o dono da voz, já sabendo a quem ela pertencia. Olhei para o seu suéter azul-marinho com as mangas empurradas até os cotovelos, calça cáqui, o pedaço de papel que tinha em suas mãos, a parte superior de seu cabelo que parecia ficar mais claro a cada dia que passava - Eu olhei para todos os lugares menos seu rosto, qualquer lugar menos seus olhos. Meu olhar finalmente descansou em um borrado de tinta em seus braços.

“O que você quer?” Eu perguntei. Minha voz saiu mais fria do que eu esperava.

“Eu preciso falar com você,” disse Daniel.

“Eu... eu não posso.” Coloquei meu desenho em cima do balde de abastecimento e o empurrei para debaixo da minha mesa. “Vem April. Vamos.”

“Grace, por favor.” Daniel estendeu a mão para mim.

Eu vacilei. Suas mãos me lembravam das coisas que ele tinha feito com meu irmão. Será que ele tentou fazer as mesmas coisas para mim, se ele soubesse que eu era a única que vi seu pai? “Vá embora.” Peguei o braço de April com força.

“É importante,” disse Daniel.

Eu hesitei e deixei April ir.

“O que, você está louca?” ela sussurrou. “Você não pode ficar com ele. As pessoas já estão falando.” Olhei para ela. “Falando sobre o quê?” April olhou para seus sapatos.

“Ei meninas, vocês vem?” Pete perguntou da porta da sala de artes. Jude ficou ao lado dele, sorrindo para April. “Nós temos que reservar, se quisermos uma cabine.”

“Estou indo,” April disse. Ela me deu um olhar aguçado e, em seguida quebrou em um sorriso enorme. “Hey, meninos” ela disse quando Jude envolveu o seu braço em volta de sua cintura.

“Você vem, Grace?” Pete estendeu sua mão para mim como Daniel.

Olhei para os três na porta. April inclinou a cabeça e gesticulou para que eu fosse. Jude olhou para mim e depois olhou para Daniel, seu sorriso desapareceu em uma linha fina, apertada.

“Vamos, Gracie,” disse Jude.

“Por favor, fique,” disse Daniel atrás de mim.

Eu não conseguia olhar de relance para ele. Tudo que Jude me pediu para fazer era ficar longe de Daniel. Falhei na promessa, originalmente, mas eu tinha que mantê-la hoje. Eu não podia falar com Daniel. Eu não poderia ficar com ele. Eu não poderia escolher Daniel ao meu irmão mais uma vez.

“Deixe-me sozinha,” Eu disse. “Vá embora. Seu lugar não é aqui.”

Eu peguei a mão estendida de Pete. Ele fechou os dedos ao redor dos meus e me puxou para o lado dele, mas seu toque não me faz sentir do jeito que eu fiz quando eu estava perto de Daniel.

NO CAFÉ

Eu dei seis mordidas no meu hambúrguer vegetariano, Pete foi a razão de três “Cinco formas que o Hóquei poderia mudar o mundo” censurou, e April estava gritando de felicidade, porque Jude tinha acabado de dar a ela um muffin de uva-do-monte com um convite para o baile de Natal, quando isso me atingiu: Eu disse para Daniel sair da minha vida. Deixei meu hambúrguer e corri para o banheiro. Eu mal consegui chegar a um dos banheiros antes do alho e algas queimar na minha garganta.

Quando saí do box, Lynn Bispo estava em pé na pia. Ela olhou para seu reflexo no espelho, os lábios franzidos, mas os olhos arregalados.

“Hambúrguer vegetariano ruim,” eu murmurei, e enfiei as mãos debaixo da torneira.

“Tanto faz.” Ela avançou sua toalha de papel no lixo e saiu.

Capítulo Vinte

Medos

NAQUELA NOITE

Depois do jantar, eu me tranquei no meu quarto. Matando-me de estudar para o meu re-teste de química, havia tomado a maior parte do meu tempo da semana passada, e eu ainda estava lutando para manter-me acompanhando as outras matérias. Com as finais se aproximando, eu sabia que estava em apuros. Eu tentei estudar com a April e o Jude depois da escola, mas ela ainda estava toda frívola sobre Jude a ter convidado para o baile, eu percebi que seria mais eficaz se eu estudasse por minha conta. Mas depois de algumas horas de história e um pouco de Ralph Waldo Emerson²², o meu olhar cansado mantinha-se vagando dos meus livros para a gaveta da mesa.

Peguei a chave da minha caixinha de música e destranquei a gaveta. Tirei o livro da caixa, enrolada no meu edredom e travesseiros, cuidadosamente virei para a segunda página marcada.

Uma pouco de leitura antes de dormir não faria mal a ninguém, certo?

Querida Katharine,

Estou cada vez mais convencida de que as histórias de Alexius sobre os Cães da Morte não são mero mito. Eu desejo documentar tanto quanto eu puder sobre esse fenômeno.

Padre Miguel diz que eu estou obcecada. Mas temo que ele é o único com a obsessão. Ele convenceu grandes números de nossa campanha a punir os gregos pelos seus assassinatos e sua traição.

²² Famoso escritor, filósofo e poeta estadunidense.

Mesmo muitos dos Templários e das pessoas do Hospital estão convencidos por suas palavras inflamatórias. Eu acho a distração das histórias de Alexius bem-vinda em todo este processo de plotagem e persuasão.

Alexius me levou a um profeta cego, que me ensinou mais sobre o assunto. Enquanto alguns Urvat, como ele chamava, nascem com a essência de lobo, outros são criados quando são mordidos por um já existente Urvat - bem como a disseminação de alguma terrível praga.

Pode ser que um Urvat criado por meio da infecção, ao invés do nascimento, é mais suscetível às influências do lobo. A maldição pode evoluir muito mais rapidamente na parte infectada se ele não for vigilante em controlar suas emoções.

Daniel não tinha mencionado que a sua condição de lobo era contagiosa. Eu não podia acreditar que eu tinha, na realidade, querido ser como ele, e agora isso fez a minha cabeça girar ao perceber que era tão simples como uma mordida de seus dentes - quase tão simples como um beijo.

Eu olhei para minhas mãos e não podia deixar de imaginá-las cobertas de pêlos desgrenhados. Minhas unhas cresceram como garras pontudas que poderiam rasgar a carne dos ossos. Minha boca, de repente, senti que estava cheia de dentes afiados e longos, dentes rasgantes. Como o meu rosto se pareceria com um focinho longo e boca? E se os meus olhos ficassem pretos, sem brilho interno - refletindo apenas a luz em volta de mim?

E se eu me tornasse um monstro também?

Estremeci e pressionei as mãos no meu rosto. Minha pele ainda era suave e sem pêlos. Eu ainda era humana.

Eu peguei o livro, na esperança de encontrar algum consolo - para encontrar respostas. Mas a carta prolongava-se por várias páginas mais, e a maioria disso documentava como os Cães da Morte vieram a existir – como sua bênção tornou-se sua maldição. Isso confirmava o que Daniel e meu pai tinham me dito, mas não me ensinava algo novo. Folheei até que cheguei a uma parte que mencionava as pedras da lua.

É estranho, querida Katherine, mas o homem cego disse que os Urvat têm mais dificuldade em controlar a posse do lobo durante a lua cheia. Como se a própria lua tivesse poder sobre eles. Devido a isso, acho que pode haver uma forma de controlar estas bestas. Talvez se um Urvat pudesse manter um pequeno pedaço da lua perto de seu corpo, ele agiria como uma contraposição

aos efeitos da lua cheia, ajudando-o a manter o lobo na baía, ainda mantendo a sua mítica força. Muito parecido com a forma como os antigos gregos tratavam as doenças com a idéia de que semelhante cura semelhante.

Tenho ouvido contos de rochas que caem em glória ardente dos céus. E se algumas dessas rochas tivesse caído da lua em si? Se eu fosse capaz de confeccionar um colar de uma dessas pedras da lua - se encontrar um for possível - talvez eu possa ajudar os Cães da Morte a recuperar a sua benção.

No entanto, um colar não seria uma cura. Só ofereceria controle. Eu temo que esses Urvat perderam suas almas para as garras do lobo, e se não forem libertados dela antes de morrer, eles serão condenados às profundezas do inferno como demônios do príncipe das trevas.

Meus olhos já não se sentiam mais cansados. Eu não tinha pensado no que poderia acontecer a Daniel se ele morresse. Será que ele realmente seria condenado a viver no inferno como um demônio para sempre? Não me admira que ele esteja tão desesperado para encontrar uma cura. Uma coisa seria viver com um monstro dentro - totalmente diferente de ser condenado por toda a eternidade.

Folhee algumas páginas adiante, procurando qualquer coisa que pudesse dizer-me mais.

A única coisa forte o suficiente para desferir um golpe mortal em um Urvat são os dentes ou as mãos de outro demônio, ou se ele é perfurada no coração por um objeto de prata. Acredita-se que a prata é venenosa para as bestas.

Eu não queria pensar mais sobre a morte, então virei para uma nova carta.

Minha querida Katharine,

Eu gostaria de tomar uma expedição na floresta. O homem cego disse que ele vai me encontrar guias que podem me colocar perto o suficiente de uma matilha de Urvat sem ser descoberta. A viagem me custaria vinte marcas - tudo o que eu tenho.

Padre Miguel, diz que os ventos estão mudando em nosso favor. Ele acha que amanhã a armada será capaz de se mover para mais perto das muralhas da cidade. Talvez o único bem que poderia vir de nossas forças tomarem a cidade é que eu poderia ser capaz de procurar nos livros da grande biblioteca por mais textos sobre os Urvat. Várias jóias do conhecimento devem estar lá.

Se não a partir da biblioteca, eu preciso saber mais sobre esses Cães do Céu. Vou fazer os preparativos para a viagem. Meu querido Alexius está relutante em se juntar a mim, mas vou convencê-lo a ir, porque eu preciso de um tradutor. Ele parece temer o Urbat mais do que qualquer um dos garotos locais. Quando pressionado sobre o assunto, tudo o que ele pronuncia é, o lobo tenta matar o que ele mais ama.

Eu deixei o livro cair. Ele deslizou pelo chão em madeira. Inclinei-me para fora da cama e cautelosamente o peguei. Pequenas partículas de papel amarelado salpicavam da ligação. Abri o livro e constatei que a página que eu tinha acabado de ler e algumas outras haviam se desintegrado por causa do meu tratamento distraído. Mas a minha culpa por ter danificado o livro não era nada comparada com o outro pensamento que entrava em colapso dentro de mim.

O lobo procura matar o que ele mais ama.

Será que Daniel me ama? Ele disse que eu era especial. Ele disse que eu "fazia" coisas com ele. Ele disse que sentiu minha falta - mais ou menos. Mas ele não disse que me amava.

Mas ele me beijou como nunca ninguém havia. Ele fez-me querer dizer-lhe como eu me sentia.

Mas eu não poderia esquecer como ele se abalou e no modo que seus olhos brilhavam quando eu disse. Ele perdeu seu colar momentaneamente, e pareceu mais assustado do que eu me sentia. Eu estive em perigo, então? O lobo teria querido me matar? Se Daniel não tivesse esse colar, eu já estaria morta? Ou ele apenas teria me transformado em um monstro como ele?

Eu coloquei o livro longe. Eu não poderia aguentar mais perguntas - e respostas - por um longo tempo.

Capítulo Vinte e Um

Sem Esperanças

EVITANDO

Tentar me afastar de Daniel se torna tão difícil quanto correr para longe da minha própria sombra.

Na tarde da sexta, ele aparece no Brighton Suprimentos de Arte enquanto eu estava pegando um novo conjunto de pincéis duros para substituir os que quebrei na semana anterior a Ação de Graças. Esperei até que ele tivesse terminado no caixa e ido embora antes de colocar minha caixa na frente. Quando eu puxei minha carteira, a garota atrás do balcão me informou que meu “amigo gostoso” já tinha pagado pelos meus pincéis.

“E se eu não os quiser mais?”

Ela encolheu os ombros e mastigou seu chiclete.

Eu deixei a caixa no balcão.

“Você tem certeza?” Ela gritou atrás de mim como se eu fosse louca. “Você pode ficar com eles.”

No sábado, ele estava reparando um assento quebrado quando eu trouxe as cadernetas da copiadora para meu pai. Eu os coloquei na sua mesa e saí pela porta do escritório que levava até uma rua estreita entre a escola e a paróquia.

No domingo de manhã, eu o vi me fitando do balcão durante o sermão do papai. E na segunda, eu percebi que ir para qualquer missa parecia me colocar em perigo.

Naquela tarde, papai me mandou para o Mercado Day’s com uma lista de comestíveis. Era sua vez de fazer o jantar enquanto mamãe pegava o turno da tarde na clínica – algo que ela tem feito mais desde a Ação de Graças, para que ela não tivesse de deixar James na creche.

Eu rodeei o canto até o corredor de conservas e literalmente esbarrei em Daniel quando ele se agachou para pegar a ervilha enlatada. Ele se levantou e se virou. Usava o avental do Mercado Day's e segurava um cortador de caixa – a ponta estava manchada de sangue. Ele fez uma careta, e percebi que as costas da sua outra mão tinha um longo corte irritado.

"Desculpe," murmurei, e tentei passar pelo seu lado.

Ele ficou na minha frente e bloqueou meu caminho. "Grace." O corte na sua pele se curou quando ele colocou a mão na minha cesta de alimentos, me impedindo de me afastar. "Precisamos conversar – sozinhos."

Olhei para o cortador manchado de sangue que ele segurava contra seu avental.

O lobo busca matar o que ele mais ama.

"Não posso." Soltei minha cesta, afastei-me, e corri para fora do mercado.

Papai não me questionou quando cheguei a casa sem os ingredientes para o frango frito. Ele fez sanduíches de queijo em vez disso. Don, James e eu éramos os únicos que estavam para jantar, de qualquer forma. E não fiquei nem um pouco surpresa quando Papai perguntou a Don como Daniel estava trabalhando no mercado.

"Muito bem," Don disse. "Sr. Day estava tão estressado com Jess, que precisava de qualquer ajuda. Sorte que Daniel precisava de um trabalho."

Ou conveniente, pensei – mas era a voz de Jude que ecoava sarcasticamente na minha cabeça.

Empurrei o prato para longe. Daniel tinha se importado com Maryanne. Ela o fazia se sentir seguro e amado. E agora que ela se foi, ele tinha um lugar confortável para viver. Daniel nunca tinha conhecido James, mas ele amava essa família. "Salvar" James tinha feito de Daniel um herói aos olhos da minha família, mesmo por um momento. Daniel e Jess tinham estado no mesmo ano por tantos anos. Ela viveu em Oak Park enquanto ele estava com sua mãe. E então ela se mudou para a cidade e viveu ali até que desapareceu. Eu sabia muito bem sobre as admissões de Daniel de que eu não era a primeira garota da vida dele. As pessoas sempre descreviam Jess como "problemática". Esse não era o tipo de pessoa de que Daniel disse que procurou a companhia? Era possível que ele tivesse amado Jessica Day?

Tudo que eu sabia é que ela estava desaparecida, e que Daniel tinha um bom trabalho que o deixava satisfazer os requerimentos para as aulas de Barlow. O que significava que ele seria capaz de ficar em Rose Crest indefinidamente.

Conveniente. Era muito conveniente.

Mas para que fim? Eles estavam atacando esporadicamente as pessoas com quem ele se importava? Ou eles serviam a algum propósito? Eles tinham alguma direção?

Eles ficaram mais próximos de... mim?

Algo no fundo do meu coração me dizia que minhas dúvidas sobre Daniel tinham de estar erradas. Papai tinha lido aquelas cartas. Ele sabia que o lobo interior de Daniel iria mirar as pessoas que ele amava, e ainda assim, ele manteve Daniel aqui. Ele o ajudou a conseguir aquele apartamento. Ele o ajudou a conseguir aquele trabalho. Ele não faria essas coisas se pensasse que Daniel estava machucando as pessoas, ou se ele iria me machucar.

Mas a coisa era, eu pensava a mesma coisa sobre as acusações de Jude. Eu achava que se Daniel tinha realmente tentado matar meu irmão, papai nunca iria deixá-lo perto da nossa família. Mas eu estava errada sobre isso. Ele ajudou Daniel, sabendo o que ele tinha feito – o que ele era.

Jude estava certo? Daniel tinha papai sob algum tipo de feitiço?

Ou papai sabia de algo que eu não sabia?

SAINDO DA CASA

Eu não sei por quê, mas eu não sentia como se pudesse ler o livro de cartas no meu quarto naquela noite. Como se as palavras que ecoavam dele seriam ouvidas por todos na casa. Eu fui até a biblioteca. Estava quase fechando, mas eu me sentei num dos sofás alaranjados e arranhados, tentando controlar os nervos que tremiam dentro de mim. Imaginei que se papai soubesse realmente algo que eu não sabia, então a resposta estava provavelmente escondida nessas cartas.

Minha Irmã,

Eles a destruíram. Eles destruíram a grande biblioteca!

Os cavaleiros e os lacaios saquearam a cidade. Eles saquearam e pilharam os grandes tesouros. Eles colocaram fogo na biblioteca, destruindo tudo que eu desejava aprender. Eles chamam os pagãos gregos, embora foram os nossos Cavaleiros de Cristo quem estupraram a cidade.

O cheiro de fumaça e sangue permeia minha tenda. Eu não posso sobreviver a ele muito mais. Meu vigor para uma jornada até a floresta está renovado. Temo que meus escritos sobre as verdadeiras origens dos Urvat possam ser os únicos que existem depois da destruição da biblioteca. Devo restaurar os documentos de seus segredos para reparar os pecados dessa campanha.

Tu podes me julgar insensato, ainda assim não irei me acovardar.

Que o amor de Deus estava contigo e com Simon,

Teu irmão de sangue e fé

Katharine –

Fomos traídos!

Temo que Alexius esteja morto.

Nossos guias nos levaram para as profundezas da floresta, e quando estava perto do cair da noite, eles tomaram nossos cavalos e meus vinte marcos e nos deixaram. Alexius estava assustado quando ouvimos um uivo. Eu não sei o que aconteceu com ele. Eu não me lembro como eu voltei para minha tenda. Minha capa está rasgada e manchada de sangue.

Temo ter sido mordido. Algo se contorce dentro de mim, e tenho de lutar contra isso. Tenho de encontrar as respostas antes que o lobo devore minha alma. Antes que chegue até vós, minha mais amada

Embora eu soubesse que Daniel era um monstro, embora ele pudesse me infectar, eu ainda o amava. Eu queria que ele fosse inocente. Eu queria que ele fosse meu.

Mas papai me deu esse livro quando eu disse a ele sobre esse amor.

Ele me mandou encontrar as respostas por mim mesma.

Mas é isso que ele queria que eu soubesse? Que Daniel estava destinado a me matar como esse homem a sua irmã? Ele quer que eu perceba que amar Daniel era impossível?

Que qualquer ideia de ficarmos juntos era completamente sem esperança?

Porque se esse fosse seu plano... tinha funcionado.

TARDE DE QUARTA

Final do semestre chegou com uma vingança. Eu nunca consegui estudar tudo a tempo. Mas nas minhas aulas de religião e história, tudo que podia pensar era nas Cruzadas. Durante meu teste final de química, eu me perguntei se o irmão de Katharine foi capaz de encontrar uma pedra da lua para um colar. Foi quase impossível resolver os problemas de cálculo enquanto imaginava se Jessica estava viva ou morta. E não foi possível para mim desenhar qualquer coisa sabendo que Daniel estava me observando dos fundos da sala de arte. Então não apenas minha vida amorosa estava uma confusão, como minhas chances de entrar na universidade – Trenton – pareciam apenas tão perdidas quando eu confundi meu teste de inglês com uma poesia transcendental.

Ao menos esse foi o último dia de aula antes das férias de Natal, e eu teria três semanas para me recuperar antes que tivesse de enfrentar meus pais com meu diploma. A dança era amanhã, mas hoje a noite todos iriam para o jogo de hóquei para gastar energia. Por mais que eu quisesse estar na pista de gelo comendo amêndoas com April, torcendo por Pete, eu não pude me forçar a celebrar como todo mundo.

Eu disse para Pete que eu estava muito cansada quando ele me convidou para a festa depois do jogo na casa de Brett Johnson. Ele pareceu tão desapontado que eu acrescentei. “Deixe para a dança, sabe.” Ele sorriu e disse que eu “devia uma a ele.” Mas embora eu dissesse que eu iria passar a noite na cama, eu não podia ficar em casa, tampouco. Acho que foi como eu acabei ajudando meu pai com seu estudo da Bíblia na quarta à noite na paróquia. Imaginei que seria o último lugar em que eu encontraria Daniel. Eu deveria ter pensado melhor.

Ajudei papai a distribuir guias e Bíblias extras e então me ocupei na cozinha da paróquia. Arrumei os brownies da mamãe numa bandeja de prata e coloquei um pequeno doce ao lado de cada caneca de chocolate quente. Os brownies eram para depois, mas eu repassei o cacau para os convidados de nariz avermelhado quando eles escutavam a voz melódica do meu pai lendo a Bíblia. Sua voz soava como uma canção de ninar, e os olhos de Don Mooney pareciam pesados quando eu dei pra ele a última caneca quente.

“Obrigado, Senhorita Grace.” Ele piscou e tomou um gole.

Eu me sentei na cadeira vazia ao seu lado. Estava surpresa por papai não estar lendo a história do nascimento de Cristo do modo como ele usualmente faz quando está

tão perto do Natal. Em vez de manjedouras, e pastores, e anjos, ele estava lendo as diferentes parábolas de Cristo. Encontrei meus próprios olhos ficando um pouco pesados, também, até que ouvi as portas de fora da paróquia se abrirem. Passos vieram pelo corredor, e eu me arrependi por não ter feito mais uma parte de canecas de chocolate quente extras.

“Vamos passar para o filho gastador,” meu pai disse.

Eu passei as páginas da minha Bíblia até Lucas 15, e bem na hora, a porta se abriu e Daniel entrou na sala. Ele respirava nas suas mãos quando olhou ao redor procurando um lugar para se sentar, e me notou o observando. Olhei para a Bíblia aberta no meu colo.

A voz de papai continuou sem parar. Ele leu a parábola do pai que tinha dois filhos. Um filho era bom, firme e trabalhador; o outro tomava o dinheiro do pai e o gastava com prostitutas e em desordens. A vida do último filho se afundou tanto que ele decidiu retornar até seu pai para implorar por ajuda. Meu pai leu sobre como o pai se alegrou quando seu filho esbanjador retornou, alimentou-o e o vestiu, e chamou seus amigos para uma celebração. Mas o bom filho, que tinha ficado fiel aos ensinamentos do pai, estava furioso e com ciúmes do seu irmão, e recusou-se a dar boas vindas.

Quando papai terminou o último verso, ele perguntou, “Por que foi tão difícil para o bom filho perdoar seu irmão?”

Sua mudança de tom assustou a audiência. Algumas pessoas olharam ao redor, provavelmente imaginando se a pergunta era retórica.

“Senhora Ludwig,” Papai disse para a idosa na fila da frente, “quando seu filho roubou e destruiu seu carro no inverno passado, por que foi tão difícil perdoá-lo?”

Senhora Ludwig corou levemente. “Porque ele não merecia. Ele nem mesmo disse que estava arrependido. Mas a Bíblia” – deu um tapinha na sua cópia gasta e bordada – “diz que nós devemos perdoar.”

“Exatamente,” papai disse. “Não perdoamos às pessoas porque elas merecem. Perdoamos porque eles precisam – porque nós precisamos. Tenho certeza de que você se sentiu bem melhor depois de perdoar seu filho.”

Sra. Ludwig apertou seus lábios e assentiu.

Meu pescoço estava quente. Eu sabia sem olhar que Daniel estava olhando para mim.

“Mas por que é tão difícil perdoar?” Sra. Connors perguntou.

Don piscou e pigarreou, roncando.

“Orgulho,” papai disse. “Essa pessoa já lhe ofendeu de alguma maneira, e agora você é quem tem de engolir seu orgulho, ceder algo, para perdoá-lo. Na verdade, as escrituras dizem que se você manter seu orgulho e escolher não perdoar ninguém, então você é quem comete o maior pecado. O bom filho nessa história está, na verdade, em um perigo mais grave que seu irmão gastador.”

“Então o gastador deve ser amado não importa o que faça?” Daniel perguntou do seu canto.

Eu me levantei da minha cadeira. Isso era demais.

Papai me lançou um olhar interrogativo. “Brownies,” eu disse.

Houve um coletivo “hummmmm” da audiência quando eu deixei o aposento. A lição de papai provavelmente terminou mais cedo quando eu voltei com os lanches, mas eu não me importei de verdade. Eu queria ir para casa. Limpei os guardanapos e juntei as canecas vazias enquanto os outros andavam em círculos, conversando sobre coisas leves como presentes e cantos de natal. Quando o aposento estava limpo o bastante, fui até meu pai e perguntei se eu poderia sair mais cedo.

“Não me sinto bem,” disse. “Queria ir para cama.”

“Últimas forças?” Papai riu. “Você merece uma boa noite de sono.” Ele se inclinou e traçou a cruz na minha testa. “Prometo dirigir duas das damas de volta para Oak Park, para que eu não tenha de te mandar com o carro. Não quero que você ande até casa sozinha, porém.” Papai olhou de volta para o aposento. “Daniel,” ele chamou.

“Não, papai. Isso é estúpido.” Sinto uma onda de raiva contra meu pai. A cruz que ele traçou na minha testa parecia queimar minha pele. Por que ele estava deixando as coisas mais difíceis para mim? “Nem é tão longe.”

“Você não vai caminhar sozinha no escuro.” Papai se virou quando Daniel se aproximou. “Você faria a gentileza de levar minha filha para casa?”

“Sim, Pastor.”

Não valia a pena protestar, então deixei Daniel caminhar comigo até o corredor. Quando a porta da sala se fechou, eu dei um passo para longe dele. “Isso é longe o bastante. Posso fazer o resto do caminho sozinha.”

“Precisamos conversar,” Daniel disse.

“Eu não posso conversar mais com você. Não sabia disso?”

“Por quê?” ele perguntou. “Me dê uma boa razão, e eu deixo você sozinha.”

“Uma boa razão?!” Essa era a mesma pessoa que me disse que era um lobisomem? Essa era a mesma pessoa que admitiu ter feito coisas horríveis ao meu irmão?

“Que tal Jude?” Levantei meus braços e pisei em direção ao porta-casacos próximo à saída.

“Jude não está aqui,” ele disse, e veio atrás de mim.

“Pare, Daniel. Só pare.” Olhei para os botões do meu casaco. Por que eles não entravam nos buracos certos? “Eu não posso conversar com você, ou estar com você, ou te ajudar, porque você me assusta. Essa razão é suficiente?”

“Grace?” Ele estendeu a mão para minhas mãos que tremiam.

Eu as enfiei nos meus bolsos. “Por favor, deixe-me.”

“Não até que eu te diga... Você tem de saber.” Ele segurou seu pingente com suas duas mãos, e disse algo como se fosse resolver todo problema do mundo. “Eu te amo, Grace.”

Eu tropecei para trás. Suas palavras pareciam uma faca no meu coração. Elas eram tudo que eu desejava ouvir, e tudo que eu esperava que ele nunca dissesse. E elas não resolviam nada. Eu me afastei mais ainda, minhas costas batendo contra as grandes portas de carvalho da paróquia. “Não diga isso. Você não pode.”

Daniel deixou cair suas mãos. “Você realmente está com medo de mim.”

“Não era isso que você queria?”

Ele inclinou sua cabeça. “Gracie, deixe-me consertar o que eu fiz. Isso é tudo que peço. Tudo que eu me importo é você.”

Eu queria ser capaz de perdoar Daniel. Realmente queria. Mas mesmo com tudo que papai disse, eu não sabia como. Não era como eu pudesse virar uma chave e esquecer tudo que ele fez ao meu irmão. Não era como se eu pudesse mudar o fato de que me amar significava que algo dentro dele queria me matar. Mas não era como se eu pudesse parar de amá-lo, tampouco – não podia parar de desejar beijá-lo, estar com ele.

Como eu podia continuar vendo-o assim todos os dias. Eu sabia que iria ceder eventualmente – eu perderia tudo.

Empurrei o trinco. “Se você se importa, então você tem de partir.”

“Eu disse para seu pai que iria te levar até sua casa.”

“Quis dizer para sempre, Daniel. Você tem de partir para sempre.”

“Eu não vou deixar você caminhar sozinha.”

“Então vou ligar para April ou Pete Bradshaw,” disse, embora soubesse que ambos estavam no jogo de hóquei.

“Eu posso levar você,” a voz de Don Mooney soou do corredor. Ele segurava um grande brownie, e havia uma mancha de chocolate no seu queixo. “Eu não me importo.”

“Seria ótimo, Don.” Empurrei a porta. “Adeus, Daniel.”

Capítulo Vinte e Dois

Alfa e Ômega

CAMINHANDO PARA CASA

Eu apertei o braço de urso de Don quando eu tropecei na rua. Minha respiração criava uma névoa branca e grossa ao redor do meu rosto, e uma enxaqueca pressionava por detrás dos meus olhos – mas não era por isso que eu tinha tanta dificuldade em ver. Houve uma vez em que eu nunca teria acreditado que estaria feliz por tê-lo como escolta, mas silenciosamente agradei a Deus por Don estar ali para me levar para casa.

Eu podia dizer que ele queria falar comigo pelo modo que ele hesitava e suspirava, como se tentasse juntar coragem para falar. Estávamos quase na minha varanda quando ele finalmente disse algo.

“Você vai vir conosco nas entregas amanhã?”

“Não.” Eu esfreguei meu rosto, tentando esconder as lágrimas que eu costumava ser capaz de parar. “O baile de natal é na noite de amanhã. Eu tenho um encontro.”

“Ah, que pena.” Ele chutou o degrau da varanda. “Eu esperava te encontrar lá.” “Por quê?”

“Queria que você visse,” disse. “Eu trouxe vinte e dois pennis de natal para doar para a paróquia.”

“Vinte e dois!” Por que aquilo fazia com que minhas lágrimas viessem mais rápido? “Isso deve ter custado uma fortuna.”

“Todo o meu dinheiro de natal e mais algum,” ele disse. “Eu queria ajudar os necessitados em vez de comprar presentes nesse ano.”

“Isso é maravilhoso,” sorri porque sabia que o próprio Don se encaixava na categoria “necessitados”.

“Eu tenho algo para você, porém.” Don colocou a mão no seu bolso. “O Pastor diz que devemos esperar até o Natal, mas eu queria que você tivesse agora. Espero que faça você se sentir melhor.” Ele abriu seu punho gigante e me ofereceu uma pequena estatueta de madeira.

“Obrigada.” Afastei as lágrimas que permaneciam nos meus olhos e inspecionei o presente. Foi grosseiramente esculpido, como uma criança faria, mas eu podia dizer que era um anjo com uma roupa esvoaçante e asas. “É lindo.” E era.

“É um anjo como você.”

Tentei esconder um olhar carrancudo. A última coisa que eu seria era um anjo depois do que eu disse para Daniel. “Você fez isso com a sua faca?” perguntei. “Você não a devolveu, não é?”

Don olhou ao redor. “Você não vai contar, vai? Promete que não?” “Prometo.”

“Você é um anjo.” Ele me abraça, apertando tanto que todo o ar sai dos meus pulmões. “Eu faria qualquer coisa por você,” ele disse, e finalmente me soltou.

“Você é um bom homem, Don.” Timidamente dei uns tapinhas no seu braço, com medo de outro abraço de urso. “Obrigada por caminhar comigo até minha casa. Você não precisava.”

“Não queria que você voltasse para casa com aquele garoto.” Don fez uma careta. “Ele é mau. Ele faz coisas ruins e me chama de ‘retardado’ quando ninguém está por perto.” O rosto de Don fica vermelho como a luz do lampião na varanda. “Ele não é bom o bastante para estar com você.” Ele baixou sua voz e se inclinou como se tivesse um grande segredo. “Às vezes, acho que ele pode ser o monstro.”

A acusação de Don me surpreendeu – mas não a parte do monstro. Era mais fácil rejeitar Daniel quando eu pensava nele ridicularizando Don.

“Sinto muito por ele te tratar dessa forma. Mas não se preocupe, eu não vou ficar andando com Daniel mais.” Eu coloquei a estatueta do anjo no bolso do meu casaco.

“Não Daniel. Ele faz um bom trabalho para seu pai e para Sr. Day.” Don balançou sua cabeça e desceu da varanda. Ele parou no final da entrada. “Eu estava falando do outro.”

MAIS TARDE NAQUELA NOITE

Eu estava fuçando a despensa a procura de um analgésico, ou qualquer coisa que fizesse minha cabeça parar de pulsar, quando ouvi um uivo no aposento da frente. Eu corri para ver o que era e encontrei Charity assistindo a seu documentário de lobos. Era a mesma parte de antes, com os dois lobos saboreando carne fresca. Parecia mais mórbido para mim agora.

“Por que você ainda está assistindo isso?”

“Meu relatório final é para sexta,” Charity disse. Suas aulas não terminariam para o natal por ainda mais dois dias. “Eu queria entender o humor do lobo antes de terminar de digitar.”

Humor do lobo. Ela não tinha idéia.

Eu assisti o empenho do lobinho ômega, desesperado por comida mas ainda renegado. Meu coração afundou quando o alfa deu o bote na sua garganta, levando-o para a neve, e rosnou na sua cara. Então o pequeno ômega se virou e expõe sua barriga e a jugular para o alfa – desistindo. Imaginei como alguém poderia sobreviver sendo tratado dessa forma por toda a vida.

Pensei em Daniel e no seu pai. No modo como o pai dele gritava e resmungava para ele por qualquer coisa. Eu me lembrei de como, quando Daniel se juntou a minha família para o jantar, ele encara relutante sua comida enquanto o resto de nós comia – até que meu pai, brincando, disse que ele podia parar de ser tímido. Eu me lembrei de todos os seus machucados. Eu me lembrei dos sons de quando seu pai o batia até ele perder os sentidos, por ter desobedecido as suas regras sobre pintar na casa.

Como Daniel tinha sobrevivido ao monstro que era seu pai?

Mas então eu percebi que ele não tinha. Ele tinha deixado o monstro o dominar. A dor tinha sido demais, e ele tinha girado e desistido, também. Ele ter durado tanto era um milagre.

E agora ele encarava uma vida como um monstro. E mesmo se ele morrer, não havia escapatória. Ele estaria condenado como um demônio pela eternidade.

Eu tinha me perguntando se esse era o destino que Daniel merecia. Mas tudo parecia diferente agora, como olhar para uma pintura de Seurat sob um ângulo completamente novo. Daniel tinha feito algo inegavelmente errado. Mas ele tinha de viver com esse erro para sempre? Ele não poderia ser perdoado? Todos não poderiam? Isso é o que meu pai ensinava com todos os sermões. É o significado do meu nome. Graça.

Ou era possível que algumas almas não poderiam ser salvas? Não é isso o que os demônios são? Anjos caídos – condenados ao inferno para sempre. Daniel ceder à sede de sangue era um ato tão irremediável que ele agora era um desses anjos caídos também? Mas talvez ele não fosse um demônio de verdade. Talvez o demônio simplesmente estivesse dentro dele. O lobo não estava prendendo a alma de Daniel em seu ninho, em algum tipo de limbo, mantendo-o da salvação?

Daniel disse ele mesmo: o lobo estava evitando a salvação da sua alma.

Então isso não significava que havia um preço a ser pago? Havia algo que poderia ser feito para salvar sua alma e fazê-lo como o resto de nós? Então a graça o teria, em vez da escuridão?

Papai tinha dito que ele não podia mais ajudar Daniel. Não estava em suas mãos. Mas ele não disse que não era possível. Ele não disse que não existia uma cura. Ele me deu o livro. Ele o pôs em minhas mãos. Ele tinha me dito que eu tinha uma escolha a fazer.

Subi a escada até meu quarto e abri a gaveta da minha mesa – o livro se foi. Meu coração martelava no meu peito. Tirei as coisas da minha mesa, esperando que o livro estivesse por entre meus trabalhos da escola. Atirei os travesseiros e cobertores para fora da minha cama. Tinha de estar em algum lugar! Então eu me senti extremamente estúpida e agarrei minha mochila. O livro esteve ali dentro desde quando eu fui para a biblioteca. Eu o tirei, mais delicados pedaços de páginas soltando da lombada.

Cuidadosamente fui até a última página que li. Metade dela estava faltando – desintegrada no ambiente hostil da minha bolsa. Meu pai e aquele padre iriam me matar. Fui para a segunda metade da carta, a que eu não li ainda. O irmão da Katherine tinha aparecido com uma idéia sobre as pedras da lua. Ele tinha encontrado uma a tempo de parar si mesmo de ir atrás de sua irmã? Ele tinha comprado tempo para encontrar a cura?

Oh, Katharine,

Estou perdido.

O lobo me tem em sua cova.

Eu cheiro a fúria e o sangue flutuando da cidade e me sinto atraído. O que me dava repulsa no passado agora estimula meu apetite.

O lobo persegue meu amor por ti. Ele me diz para eu voltar para casa. Estou mandando essa carta com uma adaga de prata. Se eu chegar a ti como um lobo, Saint Moon deve tentar me matar. Eu não tenho coragem de fazer isso eu mesmo. Mas Simon não deve hesitar. Ele deve empurrar a adaga direto no coração do lobo. É o único modo de manter vós a salvo. Saint Moon deve proteger nossa gente dessa maldição.

Oh, Katherine! Eu sei que não deveria perguntar, mas infelizmente, eu tenho. Se tu tens a coragem, então deixe ser tu quem mergulha a faca no meu coração de lobo. Pelo que tenho aprendido do profeta cego, o único modo de libertar minha alma do demônio é ser morto por ti. Meu lobo interior busca destruir quem eu amo por razões de auto-preservação. A única cura para libertar minha alma é ser morto, num verdadeiro ato de amor, por quem mais me ama.

Aí estava – rabiscada em tinta marrom desbotada na página amarelada – a razão que mudou tudo quando eu disse a Daniel que eu o amava. Foi o que Daniel disse que nunca poderia pedir. A razão de ele ter dito todas aquelas coisas terríveis daquela forma – a razão de ele ter tentando me afastar.

Ele sabia a verdade naquela noite debaixo da nogueira. Meu pai deve ter dito a ele naquela tarde. Foi por isso que Daniel me destratou. Ele temia que não houvesse cura para ele porque ele pensava que ninguém poderia amá-lo. Mas acho que o que ele realmente temia era que eu pudesse.

Era eu.

E ele nunca poderia pedir para eu matá-lo.

Capítulo Vinte e Três

Verdade

TRINTA MINUTOS DEPOIS

Eu me sentei com o livro aberto sobre meu colo até que uma pequena aranha marrom rastejou pelas frágeis páginas amarelas. A aranha parou por um momento e então escalou as costas da minha mão. Eu não recuei. Eu não a espantei. Suas pequenas pernas pinicaram a minha pele enquanto eu a deixava subir por meu braço.

A aranha pousou no meu ombro – apenas a alguns centímetros do meu rosto. Eu fechei minha mão em concha e a preendi. Seria necessária apenas uma pequena flexão do meu punho para esmagá-la.

Eu a imaginei esmagada na minha mão: tudo marrom, gosmento e cálido.

Eu estremei e abri minha mão um pouco. A aranha tentou correr para fora do meu alcance. Eu a fechei de novo, impedindo sua fuga.

Matar era errado. Não era isso uma daquelas verdades básicas? Não matarás e todas aquelas coisa de mandamentos. Mas aquilo apenas se referia a pessoas, certo?

Eu pensei no Sr. McArthur e sua ninhada de Cocker *Spaniel* da primavera. Eu pensei em Daisy, toda pequena com apenas três pernas. Ela havia sido tão minúscula e desamparada. O Sr. MacArthur havia querido matá-la – pelo seu próprio bem. Aquilo pareceu tão errado para mim. Mas talvez ele estivesse certo. Talvez ela estivesse melhor se tivesse ido por aquele caminho. Melhor que ser cortada em pedaços pelo meu vizinho da casa ao lado. Pelo Monstro da Rua Markham.

Mas então ela não haveria sido a minha Daisy.

A aranha se contraiu dentro da minha mão. Não estava ok matar uma peste? Matar algo perigoso? Uma besta? Um monstro? Essa era a verdadeira diferença aqui, não era?

Daniel tinha um demônio dentro de si. E o único modo de matar o monstro era matá-lo. Era o único jeito de salvar a alma dele.

Mas então seria eu quem iria para o inferno? Eu perderia a minha alma?

Eu balancei a minha cabeça. O irmão de Katharine não pediria a sua irmã para fazer tal coisa se fosse aquele caso. Ele não trocaria a alma dela pela sua.

Ao menos eu não pensaria.

Eu caminhei até a janela e a abri com uma mão. Eu removi a tela, sai pela janela e me agachei sobre a beira do telhado com o vento amargo da noite.

A aranha estava inquieta na minha mão, se retorcendo e movendo suas pernas contra a minha perna. Eu senti uma picada súbita no meio da minha palma. Meus dedos se fecharam. Eu queria esmagá-la. Mas então eu hesitei, abri minha mão e soltei a aranha. Eu a assisti cair para fora do meu alcance.

Uma pequena protuberância vermelha cresceu no meio da minha mão. O ardor era apenas leve em comparação com o que eu sentia por dentro. Eu amava Daniel. Provavelmente eu era a única pessoa que já o havia amado tanto. E aquilo me fazia a única pessoa que podia salva-lo. Mas o que ele necessitava que eu fizesse era impossível. Eu havia vivido sem ele antes e eu pensei que estava preparada para fazer isso de novo quando o pedi que saísse da cidade.

Mas como eu poderia deixá-lo morrer? Como eu poderia ser quem o mataria?

Eu olhei para cima para a lua quase cheia que estava sobre a nogueira. Através dos meus olhos embaçados, ela parecia muito brilhante e estranhamente colorida – uma lua vermelha sangue. Eu pedi um desejo para ela como eu pedia quando era criança. Eu pedi que essa responsabilidade pudesse passar a alguém mais. Eu pedi outra alternativa. Eu pedi um mundo livre de escuridão.

Mas eu sabia que esses desejos não podiam se tornar realidade. Então eu pedi algo diferente.

Eu pedi tempo.

Capítulo Vinte e Quatro

Sempre

QUINTA

Por mais terrível que a verdade fosse, havia algo tranquilo nela. Como saber que as respostas finalmente acalmaram meu cérebro o bastante para dormir sossegadamente pela primeira vez em semanas. Acordei com o som de um farfalho. Assumi que era o vento e rolei sobre o cobertor da cama e vi o livro aberto próximo a mim. Eu me perguntei por que, se o relógio dizia que era apenas 2 da manhã, estava tão claro. Saí da cama e abri minhas cortinas. O sol brilhou sobre a nogueira, e percebi que era tarde.

Havia algo no peitoril da janela – uma caixa de papelão branco, como aquelas que você põe presentes dentro. Meu nome estava escrito no topo. Eu a peguei e me surpreendi com seu peso. Afastei-me da janela e puxei a tampa. Havia uma nota em cima de um grande pacote embalado. Reconheci a letra da minha infância.

Gracie,

Você estava certa. Se eu te amo, então tenho de partir. Eu já causei muitos problemas para sua família. Ficar apenas te colocar num perigo maior. Eu realmente te amo, então vou embora.

Mas eu queria que você visse que eu estive tentando fazer as coisas certas. Eu não vim aqui para arruinar sua vida. Você, por favor, poderia dar isso para seu pai? Se eu tentasse dar em pessoa, ele não aceitaria. Eu queria satisfazer minha obrigação. Mas apenas iria torcer para que eu tivesse todo. Eu mantive apenas uma pequena quantia para comprar suprimentos. Vou mandar mais quando eu ganhar.

Por favor, diga a Jude que eu fui embora. Diga a ele que eu nunca vou voltar por causa dele, nem por sua causa.

Vou te amar para sempre,

Daniel

Eu deixei a nota cair e desembulhei o pacote. Era uma pilha de dinheiro – milhares de dólares para substituir o dinheiro que ele roubou da paróquia. Essa era a misteriosa “obrigação” de Daniel.

Quanto tempo demorou para ele ganhar tudo isso?

Mas mais importante, por quanto tempo ele esteve no meu quarto? Daniel já se foi?

Eu desci as escadas até o escritório do papai, esperando que ele soubesse para onde Daniel poderia ter ido. O aposento estava vazio. Percebi que embora eu não tivesse aula, ainda era dia de semana. Fui até a cozinha, onde mamãe estava marcando as contas na mesa.

“Onde papai estava?” praticamente gritei. “Ele está na paróquia?”

Mamãe levantou as sobrancelhas. “Ele e Don foram para o abrigo.”

“O quê? Pensei que fosse a noite.”

“Don foi chamado para um turno extra no mercado hoje à noite. Ele não queria perder o pênal, então seu pai o levou mais cedo.”

“Quando eles saíram?”

“Há dez minutos.”

Urrgghh! Eu não seria capaz de alcançá-lo por no mínimo vinte minutos.

“Mataria se você comprasse dois celulares para nós?!” gritei, atirando minhas mãos para cima.

“Grace!” Mamãe deixou cair seu talão de cheques.

“Sério. A vida seria muito mais fácil.” Agarrei as chaves da minivan do gancho e fui até a porta da garagem.

“Eu preciso pegar Charity na escola,” ela gritou. Eu não parei.

Dirigi em direção ao Oak Park. Que pena que eu não tinha um sentido super-humano do olfato – eu poderia apenas seguir o cheiro de Daniel. Eu estava na metade do caminho até a casa de Maryanne Duke quando algo me disse que ele não estaria no seu

apartamento. Eu fiz um retorno ilegal em direção a Estrada Principal. Ele disse que precisava de suprimentos. Talvez ele estivesse no mercado.

Estacionei a van atrás de uma moto no estacionamento. Era a mesma motocicleta que andamos até a cidade naquela noite? Se fosse, então Daniel estava planejando ir para algum lugar distante – distante o bastante para que ele não pudesse ir com os próprios pés. Distante o bastante para que eu não fosse capaz de encontrá-lo.

Entrei na loja, passei por algumas crianças da minha escola que estavam pegando suas flores de baile no balcão de flores, e fui direto até o Sr. Day no caixa registrador.

“Você viu Daniel?” perguntei, interrompendo Lynn Bishop, que estava pagando por um buquê de rosas vermelhas e uma lata de spray de cabelo.

Sr. Day olhou do caixa. “Ele acabou de sair, querida. Acho que ele estava saindo da cidade.”

Praguejei – não bem sob minha respiração.

Sr. Day limpou sua garganta. “Ele pode ainda estar nos fundos da loja. Eu perguntei a ele se –”

Mas eu já estava indo até a porta somente para funcionários. Ninguém estava nos fundos, mas notei uma porta que levava até o estacionamento. Saí bem a tempo de ver um motoqueiro usando capacete na moto.

“Daniel!” berrei, mas minha voz era nada contra o rugido do motor da motocicleta se afastando. “Não vá embora.”

O mundo se fechou em mim, girando. Eu não tinha mais fôlego no meu peito. Meus joelhos se afrouxaram. Desejei ter algo para segurar – para evitar que eu caia.

Mas então eu estava sendo puxada em vez de afundar no pavimento. Braços fortes me abraçaram. Uma respiração quente agitou meu cabelo.

“Não vá embora,” eu disse.

“Estou aqui, Grace,” ele disse. “Estou aqui.”

ALGUNS MINUTOS DEPOIS

Daniel me segurou até que eu pudesse respirar novamente. A única coisa nos obscurecendo da visão de todos na Principal era uma grande lata de lixo fedorenta, mas eu não me importei. Passei meus braços em volta de seu pescoço e o beijei.

Ele me beijou de volta. Seus lábios firmes mas dóceis, duros mas macios. Ele estava me abraçando – me mantendo segura.

Coloquei minha mão sobre o pingente de pedra quente do seu colar, segurando fortemente contra sua nuca quando olhei direto nos seus olhos castanhos escuros e disse, “Eu te amo.”

As mãos de Daniel pressionaram contra as minhas costas, puxando-me com força contra seu corpo. Ele me beijou profundamente e com força. Meus joelhos ficaram mais frouxos que antes.

Ele me afastou levemente, suas sobrancelhas franzidas. “Você sabe o que isso significa?”

“Sim. Significa que sou eu quem posso te curar.”

Ele se afastou. “Não, Grace. Eu nunca vou pedir que você faça isso. Eu não posso pedir que você mate...” ele balançou sua cabeça. “É muito perigoso.”

“Eu não me importo. Vou fazer.”

“Grace, não estamos falando sobre um truquezinho com uma faca e um pouco de sangue no fim. Você vai ter de me matar.”

“Não aja como se eu não tivesse pensado sobre isso.”

“Você pensou, Grace? Você percebe que não é só eu que você teria de matar? A carta mandou empurrar a faca no coração do lobo. Eu teria de estar em forma de lobo completa, e isso seria muito perigoso para você. Eu prefiro ir ao inferno que pedir que você faça isso.”

Eu dei um passo para trás por um segundo, criando espaço entre nós. Eu não tinha pensado nisso. Eu nem mesmo tinha considerado qualquer perigo físico no fim – encarar um lobisomem que sabia que eu queria matá-lo.

Eu me aproximei dele novamente. “Você não tem de pedir.” Tomei sua mão na minha. “Eu faria qualquer coisa para te salvar.”

“Qualquer coisa?”

“Sim.”

“Eu não vou deixar. Não posso...”

“Então por que você ficou? Por que você não foi embora quando soube o que a cura era?”

“Porque...”

“Porque isso é o que você quer. Você esperava que eu percebesse que isso é o que você precisa.”

Todo tempo, eu estive tentando consertar Daniel – salvá-lo – mas você não pode salvar alguém a menos que ele queira ser salvo. Eu entendia isso agora. Como eu entendia muitas coisas.

Apertei sua mão. “Se isso é o que você quer, então deixe-me fazer por você.”

Daniel olhou para o céu e coçou atrás do seu ouvido. “Você realmente é demais. Quero dizer, não é todo dia que minha namorada se oferece para me matar.”

“Namorada?”

Um sorriso torto atravessou seu rosto. “Isso é a parte que você questiona? Cara, eu deveria sair da cidade antes que eu realmente te ferre.”

“Você não pode ir para qualquer lugar.”

“Certo, porque temos de encontrar um lugar legal e tranquilo onde eu possa me transformar num lobisomem, e você possa atravessar a faca no meu coração.”

“Não fale assim.”

Daniel olhou para nossas mãos entrelaçadas. “E isso não te incomoda? Você estar perfeitamente bem em terminar com minha vida?” Sua voz se tornou amarga. “Você continuaria normalmente com a sua vida? Continuando a sair com caras como Pete, ir a Trenton sem mim, se tornar uma artista famosa e nunca pensar em mim novamente. Você estaria bem com tudo isso?”

“Sim,” eu disse.

Ele puxou sua mão do meu aperto.

“Quero dizer, não... quero dizer, é claro que isso me incomoda. Vai me incomodar quando chegar a hora. Mas o resto não precisa ser assim. Você pode fazer todas essas

coisas comigo – não a parte de sair com Pete, é claro. Mas não é como se eu precisasse matar você agora. Podemos –“

“Você não compreende.” Ele não olhou para mim. “Ou eu preciso morrer, ou eu preciso ir embora – hoje. Antes da noite. Antes que eu cause mais danos...”

Eu passei minha mão pela sua bochecha.

Ele recuou.

“Você não quis machucar aquelas pessoas,” eu disse. “Maryanne, James, Jessica Day. Não foi você, certo?”

Daniel tocou a ponta do dedo no cordão. “Não. Não fui eu.”

“Você tem o cordão da pedra de lua. Você pode viver uma... vida semi-normal. Você pode até usar suas habilidades para ajudar as pessoas se quisesse. Não temos de fazer isso hoje. Eventualmente, sim... mas não agora.” Adiado, não realmente ter de encarar a realidade, era a única coisa que me mantinha sã. “É por isso que você não pode me deixar. Precisamos ficar juntos para que eu esteja lá quando precisar ser feito. Só me dê mais tempo, e então eu vou libertar sua alma antes que você morra.”

“Grace, eu queria que fosse tão simples. Tempo é exatamente o que nós não temos. Não podemos adiar isso indefinidamente. Há mais de uma pessoa que me quer morto. E se alguma outra pessoa além de você me matar...”

“Quem? Quem quer você morto?” Queria poder apertar o pescoço dessa pessoa com minhas próprias mãos – consequências morais que se danem.

“Meu pai, primeiramente.” Os olhos de Daniel estavam arregalados como uma criança assustada.

“Ele está aqui? Ele voltou? Ele é quem –?”

“Não,” Daniel disse. “Pelo que ouvi da última vez, ele estava em algum lugar da América do Sul. Eu saberia se ele estivesse por perto.”

“Então por que você está tão preocupado? Podemos lidar com tudo isso quando a hora chegar. Tudo que peço é mais tempo. Nós não podemos viver só por hoje?”

Daniel suspirou, soando resignado. Ele me puxou para seus braços e inclinou minha cabeça contra seu peito. Ouvi seus dois batimentos cardíacos sob sua pele. A pulsação mais lenta parecia próxima ao meu ouvido, a mais rápida mais atrás.

“Seu coração humano está na frente do coração do lobo?” perguntei.

Daniel fez um barulho como se ele estivesse surpreso por eu ter notado que ele tinha mais que um coração. “Sim, mas apenas quando eu estou na forma humana. Quando eu sou o lobo, então o seu coração toma a posição dominante. Mas está sempre comigo – é parte de mim.”

Deve ser por isso que eu precisava esfaqueá-lo quando ele estivesse na forma de lobo – para garantir que o coração do lobo tomasse a maior parte do golpe.

“O que a carta quis dizer quando disse ‘Num ato de amor verdadeiro’?” perguntei. Se eu ia fazer isso – matá-lo – algum dia, eu queria ter certeza de que eu entendia exatamente como fazer certo. “A carta dizia que a cura iria funcionar apenas se você fosse morto ‘num ato de amor’ pela pessoa que mais te amava.”

“Acho que isso significa que a intenção tem de ser pura,” Daniel disse contra meu cabelo. “Não algo feito com medo, ou ódio, ou coesão. Tem de ser um ato de amor puro e inabalável.”

“Sem medo.” Eu me imaginei sozinha com um lobo monstruoso. Isso era algo que eu seria capaz? Eu teria de ser. “Apenas amor,” eu disse, enterrando aqueles outros pensamentos.

“Sim,” Daniel bufou, “Primeira matança do amor verdadeiro.”

Ele me segurou com força contra ele. O estacionamento tinha esvaziado e preenchido com novos carros quando ele me soltou. Ele passou as mãos pelo meu cabelo e beijou minha testa.

“Você pode fazer melhor que isso.” Eu me estiquei na ponta dos dedos para um beijo de verdade.

Daniel virou o rosto. “E seu irmão?”

“Eu não quero beijá-lo,” eu disse, passando meus lábios na mandíbula de Daniel.

“Ele está aqui, sabe.” Daniel inalou ar. “Posso sentir o cheiro dele.”

Ok, vamos colocar isso na nossa lista Top Dez Coisas Para Não Dizer Enquanto Reatam. Sentidos aguçados são legais e tudo, mas meio não românticos. Além disso, Jude provavelmente está pegando o ramo de flores para o baile... “Ah, droga.”

Daniel ficou rígido. “O quê?”

“Eu deveria ir para o baile com Pete hoje à noite. Estamos dividindo o carro com April e Jude.”

“Não.” Daniel me soltou. “Você não pode sair hoje à noite. Você tem de cancelar.”

“Você sabe que eu não posso fazer isso. Pete provavelmente já gastou uma tonelada de dinheiro. Ele é um cara legal. Eu não posso simplesmente cancelar –”

“Pete não é tão legal quanto você pensa,” Daniel resmungou.

Eu ri. “Você está com ciúme? Pete é apenas um amigo –”

Daniel agarrou meus quadris. “É claro que estou com ciúme, Gracie. Você acabou de me dizer que me ama, mas que vai sair com outro cara. Mas isso é mais importante que meu ciúme. Se eu fico aqui, então você tem de ficar. Eu tenho o suficiente para ficar de olho. Não posso ter você aí fora. Não hoje à noite.”

“O que há com hoje à noite?”

Ele olhou para baixo. “A lua cheia.”

“A lua cheia?” Olhei para o pequeno crescente cravado no seu cordão. “Você tem medo da –”

“Mesmo com o colar da pedra de lua, o lobo é difícil de controlar sob a luz da lua cheia. É quando o lobo tem mais emoções.” Ele mordeu o lábio. “Eu tento meu melhor para nunca me transformar. Embora eu possa controlar minhas ações agora, me assusta dar ao lobo tanto espaço. Eu só me transformei em lobo duas vezes desde que voltei. A última vez foi quando eu estava procurando por James. A lua estava minguante, então eu me senti seguro ao deixar o lobo ter um pouco de liberdade. Mas a primeira vez... foi na última lua cheia. Aquela vez me assustou. Eu me transformei e estava a quilômetros de Markham antes que eu percebesse.” Daniel olhou para mim. “Você se lembra da última lua cheia?”

“Não.” Para onde foi o último mês?

“Foi no dia que eu te vi pela primeira vez novamente.” Daniel deixou suas mãos caírem dos meus quadris, mas ele não deu um passo para trás. “Seu pai tinha me pedido para ficar longe de você e de Jude até que pensássemos em algo, mas eu não pude. Acho que ele sabia que eu não seria capaz, também. Ele só estava fazendo uma coisa de pai.” Daniel estudou as costas das suas mãos. “Eu sempre gostei de você, Grace. Eu não sei se você sabia disso.”

Meu coração se sacudiu. “Verdade?”

“Desde o dia que você chegou em casa com aquele cachorro de três pernas, eu soube que não havia ninguém como você. Gabriel me mandou encontrar alguém que me amasse – e esperei que, se houvesse alguém no mundo que pudesse, seria você.

“Então quando eu vi seu nome na aula de arte, eu estava tão curioso... Eu me lembrava de você como aquela criança corajosa, inacreditavelmente carinhosa e totalmente mandona, e não podia evitar te importunar um pouco. Mas então quando eu olhei para você e vi como você tinha se tornado linda, maravilhosa e forte – foi como se algo tivesse acordado dentro de mim.”

Ele deu um passo para trás agora. Como se precisasse colocar distância entre nós. “Eu nunca tinha me sentido assim antes. Eu não sabia que era capaz de me sentir assim... mas o lobo sentiu, também. E quando a lua cheia apareceu, ele me disse para ir te encontrar. Ele me disse que eu não podia ficar longe. Eu até tentei me trancar no meu quarto, mas não funcionou. Como eu disse, eu estava quase na sua casa antes de perceber o que estava fazendo. Eu tinha mais controle, mas ainda não podia ir embora – não até que eu te visse novamente.”

Eu arfei. “Eu vi você. Você era aquele cão, aquele lobo, que estava sentado debaixo da nogueira. Que estava me observando.”

Eu não sei por que aquilo me surpreendeu – que eu o tivesse visto como um lobo. Acho que eu imaginei algum tipo de mistura grotesca de homem e besta. Mas aquele cão parecia bonito, grande – maior, percebo agora, que qualquer cão que eu tenha visto antes – e astuto, majestoso. Como a escultura do lobo com Gabriel no Jardim dos Anjos.

“Então você está com medo que agora que você sabe – e que o lobo sabe – que era eu, o lobo vai vir atrás de mim?” Sorri, tentando suavizar a lua. “Pelo menos eu sei que eu tenho uma noite livre para mim por mês.”

“Três,” Daniel disse. “Você vai ter três noites para se preocupar.”

“Huh?”

“A lua está tecnicamente cheia por três noites. Eu vim procurar por você na terceira noite da última lua cheia. Hoje à noite é a primeira desse mês.”

“Três noites para mim mesma? Melhor ainda, acho. Novos relacionamentos podem consumir tanto tempo.” Encolhi os ombros e tentei rir.

Daniel não. “Eu queria que deixar você sozinha fosse a única coisa com a qual eu tivesse de me preocupar. Se eu ficar aqui, se vamos ficar juntos, então eu tenho outras coisas das quais tenho de tomar conta hoje à noite. É por isso que você tem de ficar em casa. Por favor, Gracie. Não vá para o baile, ou jantar, ou para qualquer lugar com Pete e o seu grupo. Eu não posso ser distraído hoje a noite. Preciso que você esteja segura.”

“Eu não posso cancelar.”

“Eu nunca falei tão sério, Grace. Por favor, faça isso por mim.” Ele me engolfou em seus braços, pressionando-me contra ele com muita urgência. “Prometa que você vai ficar longe de qualquer perigo.” Ele me beijou como ele tinha feito debaixo da noqueira – como se sua vida dependesse disso.

“Ok,” eu disse, e afundei nos seus braços.

Capítulo Vinte e Cinco

O Outro

ANTES DA DANÇA

Que promessas? Elas deveriam apenas ser banidas. Sério, eu ia para o inferno por isso, pensei quando April colocou o último grampo no coque do meu cabelo. "Você está maravilhosa", disse ela.

Eu tentei manter minha promessa a Daniel. Eu realmente fiz. Eu chamei April assim que cheguei em casa. Eu pensei que poderia amenizar o golpe em Pete, se eu a convencesse a chamá-lo para mim e disser que eu tinha catapora ou algo igualmente contagioso. Mas não, isso tinha sido um engano.

"Não faça isso comigo!" April gritou do outro lado da linha. Eu podia ouvir o barulho da Apple Valley Mall atrás dela. Ela tinha deixado há pouco a 18 Nails e esteve apalpando o telefone, tentando não arruinar a manicure dela. "Eu nunca vou perdoá-la", ela disse, realmente querendo dizer isso. "Você tem alguma idéia do que isto significa para mim? Você vai arruinar a minha vida inteira se você não for."

A mãe costumeiramente ausente de April estava a mantendo em rédeas curtas e mais dias se passavam sem que a policia achasse Jessica Day. Ela só deixava Jude em casa para "estudar", e ela concordou com a dança se April compartilhasse um carro com Pete e eu. April deveria ir direto para o jantar, depois para o baile, e depois voltar para casa, sem absolutamente nenhuma parada não planejada no meio.

"Mas eu estou doente. Eu não posso ir."

"Não, você não esta. Você há pouco me falou que isso era sua desculpa para Pete." Merda.

"Por favor, por favor, por favor. Você tem que fazer isto para mim. Eu morrerei se eu não for para o baile com Jude."

Eu ri. "Bem, se é uma situação de vida-ou-morte..." "Obrigado, Grace. Você nunca se arrependerá disto!" Eu realmente espero que eu não vá.

Era apenas um jantar, a dança, sem parada não planejada no meio. Daniel não sabia que eu não estava trancada no meu quarto durante a noite. Ele não seria distraído. Eu não estaria em perigo.

Sério, porque eu nunca aprendo?

April estrategicamente arrumava e enrolava um cacho para o lado do meu rosto. "Pete vai ficar louco quando ele te ver."

Espero que não, pensei, mas sorri e agradei de qualquer maneira.

April quase vomitou quando ela veio cedo e viu a bagunça que o laquê com mousse que eu tinha feito no meu cabelo. Eu não sei por que minhas mãos tremiam tanto - não é como se eu estivesse nervosa para meu encontro com Pete.

"Você parece uma rainha da beleza de 1980", ela disse, e me sentei de volta no banheiro.

"Não é o look deste ano?"

Eu podia ver April revirar os olhos no espelho quando ela começou a trabalhar, enquanto consertava o desastre. E eu tenho que admitir que eu parecia muito bonita. Foi uma coisa boa os garotos estarem totalmente atrasados, ou então eu estaria assustadora.

Levantei-me e me olhei no espelho de corpo inteiro. Às vezes durante as provas finais, April tinha me arrastado para uma boutique de vestido em Apple Valley. Eu não estava no humor certo por fazer compras, assim eu deixei April escolher meu vestido e eu tinha comprado sem nem mesmo experimentar. Eu tenho que dizer: mais uma vez, ela tinha feito um trabalho excepcional. Eu adorei a forma do vestido de cetim branco contra minha pele e eu amava ainda mais o jeito que aquilo parecia com meus olhos violeta e meu cabelo ondulado escuro e impecável. O corpete apertado, esculpido na verdade, fez parecer que eu tinha seios, mas minha parte favorita foi a explosão de cor na faixa roxa em torno da cintura que fez a minha cintura parecer impossível de tão pequena, e o casaco que combinava com as unhas arroxeadas brilhantes que April tinha pegado para mim no shopping

Eu fiz um pequeno giro feminino em frente ao espelho. Que pena que Daniel não seria o único que ia me ver nisso.

A única coisa sobre a qual eu não estava certa era as alças finas. Minha mãe era muito severa quanto às mangas quando o assunto eram as minhas roupas. Ela esteve tão ocupada com seus turnos atrasados na clínica que nem sequer pedira para ver meu vestido depois que eu o comprei

Eu toquei de leve os meus ombros nus e estremeci.

"Não se preocupe," April disse. "Eu trouxe um casaco para você. Eu só deixei estrategicamente lá embaixo para que você não coloque antes de Pete ver você."

"Eu não sei se isso é uma boa idéia -"

A campainha tocou.

"Hora do show." Abril estufou os lábios cor de rosa que combinava com a cor do seu vestido rosa pink. Ela pegou minha mão e me levou para a escada onde poderíamos fazer a nossa "grande entrada".

Jude, que tinha concordado em se preparar na casa de Pete e assim April e eu poderia começar a nos apronta aqui, parecia mal humorado, mas pensativo em seu ousado terno preto. Ele estendeu um ramo de cinco rosas para april. Pete, com um blazer azul marinho e calça bege, colocou os dedos nos seus lábios e soltou um longo assobio de aprovação quando nos viu.

Meus ombros nus estavam quentes e coçando. Eu podia ver o olhar severo no rosto da minha mãe.

"Diga que você tem algo para cobrir" ela disse quando Pete me cumprimentou com um beijinho na bochecha.

"Está no quarto da frente com minha bolsa", April disse.

Quando a mãe foi buscá-lo, Pete se inclinou e colocou um buquê de rosas roxas pálidas no meu pulso. "Não faz você parecer divina", ele sussurrou em meu ouvido, e então ele me beijou na bochecha novamente, tão baixo que era quase no meu pescoço. Ele cheirava a uma dose extra de desodorante picante e algo estranhamente doce que eu não conseguia identificar.

Eu me afastei dele e deixei minha mãe colocar o comprimento de chiffon roxo ao redor dos meus ombros. "Fique feliz por seu pai não é ter voltado ainda, mocinha", minha mãe disse em minha orelha. "Ou você não estaria saindo."

Uma parte de mim desejava que ele estivesse aqui, então. Senti-me mal por sair em um encontro - e não apenas por causa da minha promessa quebrada. Eu não ficava nem um pouco desconfortável quando Daniel me beijava assim, mas com Pete era diferente. Havia um olhar em seus olhos que me fez tremer enquanto me observava quando mamãe tirou fotos de nós - era o mesmo olhar que eu via que ele usava quando jogava hóquei de rua com os caras da rua sem saída, como se ele estivesse determinado a vencer, não importa o quê.

Nós desfilamos para fora. Pete me apertou a seu lado e acenou adeus à minha mãe. Fiquei feliz que todos íamos juntos no Corolla.

"Uau, é realmente essa hora?" Eu disse, quando notei o relógio no painel. "Nós estamos indo para o baile depois do jantar?" Era quase sete, e os garotos tinham escolhido um restaurante no bairro de negócios da cidade. Nosso grupo já teria quase terminado de comer quando nós chegássemos lá. A perspectiva de estar na rua até tarde fez a minha promessa quebrada parecer ainda pior.

"Sim," April disse. "Vocês estão muito atrasados."

"Eu estou morrendo de fome", eu gemi, tentando cobrir a minha verdadeira razão para estar preocupada com o tempo.

"Não foi minha culpa", disse Pete. "Jude de repente esqueceu como chegar na loja do florista ou algo assim. Ele levou três horas para pegar o ramo de vocês".

April olhou para Jude. Ele não disse nada em sua defesa. Eu não reclamei mais. Eu só esperava que ele não ficasse na sua concha a noite toda.

Pete passou seu braço nas minhas costas.

Arrepios correram em meus braços mesmo sendo uma noite surpreendentemente quente. O ar estava parado, e nem sequer estava frio o suficiente para precisar de um casaco. O meteorologista chamou hoje de "o esquentar antes da tempestade", e eu sabia que nossa branca nevasca anual de Natal estava mesmo já para virar a esquina. Apesar do calor fora de época, Jude tinha ligado os aquecedores ao máximo, e eu continuei com meu xale sobre os meus ombros e fechei na frente do meu peito.

Talvez tenha sido mau humor de Jude, o silêncio repentino de April, as olhadas ocasionais de lado de Pete, ou a luz da lua cheia brilhando através das janelas que fez o ar dentro do carro parece muito grosso, muito sólido. Meus braços formigavam de

nervosismo, meu coração batia rápido demais - como se eu estivesse esperando ansiosamente para que algo acontecesse.

Fiquei feliz com o ar fresco, quando saímos do carro. Eu queria demorar no estacionamento, mas os outros saíram às pressas para se juntar ao nosso grupo. Eu respirei a noite, deixando isso me lavar até que eu vi algo se mover nas sombras enlameadas além de letreiro do restaurante. Eu não esperei para ver o que era e corri para dentro do restaurante.

Minha ansiedade crescia à medida que o jantar prosseguia. Antes de entrar para o grupo, Pete pediu para mim um bife mal passado, embora Jude pudesse ter dito a ele que eu gosto do meu bife tão bem cozido que parece que está praticamente queimado.

"Eu só queria uma noite bem mal-passada," Pete disse com uma piscadela e um sorriso "tripla ameaça". Ele virou aquele sorriso para nossa garçonete, com quem ele então tentou persuadi a trazer um copo de vinho.

Mas quando ela deu a ele um sorriso "boa tentativa, colega" e sugeriu que trouxesse outra coca, ele a xingou baixinho.

Pisquei para ele, não tenho certeza se eu tinha ouvido direito.

"Não se preocupe, cara", disse Brett Johnson, ao lado de Lynn Bispo, "Eu cubro você. Brett passou um guardanapo de pano por baixo para Pete.

Pete sorriu com aprovação quando ele abriu uma garrafa dourada.

Quando ele derramou o que parecia ser metade do conteúdo da garrafa na Coca-Cola, fiquei imaginando o quão bem eu conhecia Pete. Ele tinha sido meu colega de laboratório e colega de estudo desde agosto, e ele e Jude tinham sido amigos por muitos anos. Um fato que, geralmente, dá a um rapaz aprovação automática em minha mente. Mas Daniel tinha tentado mais de uma vez me dizer que Pete não era tão bom quanto parecia, e Don não queria que um certo garoto me levasse pra casa. Alguém que ele chamou de "o outro". Eu não tinha mencionado o nome de Pete antes de Don se oferecer para caminhar comigo? Pete me ofereceu o frasco de cheiro amargo. Eu acenei para longe. Pete apenas encolheu os ombros.

Mas Lynn Bishop fez um som irritado. "É o que parece", disse ela.

Eu estava prestes a lhe perguntar qual o seu problema foi quando Pete passou o frasco para Jude e, em vez de rejeitar como eu esperava, Jude colocou um pouco em seu Sprite. Eu tomei cada bocado de autocontrole para não gritar com ele na frente de seus

amigos. Eu não queria estragar a noite de April. Uma coisa boa foi que ela tinha ido ao banheiro com um grupo de meninas, assim ela não saberia o que Jude fez.

Os outros tinham acabado com a sobremesa no momento em que vieram nossos aperitivos - com exceção de Brett e Lynn, que tinham chegado tão tarde quanto nós chegamos. Os que terminaram se despediram, prometendo que iam esperar para o resto de nós, antes que eles tirassem fotos do grupo, e saíram. Pete falava mais alto e mais alto e a refeição prosseguiu. Ele balançou os braços, me bateu no ombro, então ele relatou o jogo da noite anterior de hóquei com detalhes horripilantes. Embora Jude tivesse a mesma bebida alcoólica em sua bebida, ele não relaxou como Pete fez. Ele pareceu ficar mais duro e difícil como uma estátua a cada gole.

Depois de pagar a conta, Jude se levantou e foi em direção ao fundo do restaurante. Levantei-me para segui-lo.

Pete agarrou meu braço. Ele arrastou a sua mão até meu cotovelo. "Não demore muito tempo, meu anjo." Ele mostrou os dentes num sorriso enorme e faminto.

Às vezes eu acho que ele poderia ser um monstro, a voz de Don sussurrou dentro da minha cabeça.

Descartei a idéia. Isso era completamente maluco. Pete estava provando ser um idiota, mas não um monstro. Mas Daniel tinha medo de alguma coisa - algo que pode acontecer esta noite durante a lua cheia - quando ele não queria que eu saísse com Pete ...

Eu quase ri, apesar dos meus nervos. Quais eram as chances de que dois lobisomens tivessem tesão por mim? Como se eu fosse algum gigantesco ímã de monstros. Teria algum sinal nas minhas costas dizendo, me morda, eu estou disponível!? Eu me sacudi outra vez e disse a Pete que estaria de volta em um minuto.

Seus olhos não flamejaram quando ele olhou para mim. Ele não parecia enlouquecido por qualquer lobo. Qualquer coisa que queimava dentro dele era puramente baseados na testosterona.

O corredor em direção aos banheiros era mal iluminado, e eu podia ouvir as vozes irritadas no fim do corredor. Na verdade, uma das vozes soava muito irritada e claramente como a do meu irmão, mas a outra era mais suave, encolhida e, definitivamente, do sexo feminino. Apertei o passo para ver o que estava acontecendo e encontro Jude com Lynn Bishop apoiada em um canto. Ele estava praticamente gritando, acenando com o dedo na frente do rosto dela.

"Se você tem um problema com Grace", disse ele, "então você vem a mim antes de você começar a espalhar o seu veneno pela escola."

Lynn assentiu, sem fala pela primeira vez.

Minhas mãos ficaram em punhos. "Se ela tem um problema comigo, então ela deve vir a mim primeiro."

Jude se virou. Suavizou sua postura. "Está tudo bem, Grace. Estou cuidando disso. Volte para seu encontro."

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris. "O que lhe dá o direito de 'cuidar das coisas' para mim? Eu posso cuidar de mim mesma".

"Bem, você está fazendo um péssimo trabalho sozinha."

"O que é que isso quer dizer?" Eu perguntei. Eu assisti Lynn fugindo pra longe, sem dúvida, querendo espalhar a nossa conversa para todos que conhecia a partir de uma distância segura. "O que você sabe? Não importa." Eu balancei minha bolsa sobre meu ombro e me virei para ir embora.

"Você não quer saber o que ela disse sobre você?" Jude gritou atrás de mim. "Você não quer saber o que a escola inteira está falando nas suas costas?"

Virei-me. "Não, eu não, pelo menos não de você - não agora - porque eu tenho certeza de que isso tem algo a ver com Daniel. E não importa o que eu diga, você não vai acreditar, porque você fez a sua mente sobre ele há muito tempo, não é? "Eu franzi os lábios. "Você continua fingindo que tudo vai ficar bem se eu ficar longe dele, mas não vai até que você possa lidar com todo esse ódio em você."

"Você está tomando o partido dele? Talvez os rumores sejam verdadeiros."

"E daí se eles são? Eu amo Daniel. Eu tentei não amar por sua causa. Mas eu não posso parar de amar alguém só porque você não pode perdoá-lo." Eu baixei a minha voz. Meus lábios estremeceram. "Você acha que é o bom, mas meu pai diz que o bom filho é aquele que está em maior perigo".

Jude tropeçou como se eu tivesse dado um soco no estômago. Meus nervos falharam, e eu corri para o banheiro feminino, antes que ele pudesse dizer alguma coisa de volta.

NO CARRO

Fiquei no banheiro até April vir me buscar. Ela parecia mais preocupada do que irritada, e eu estava feliz por ela não me dizer que eu tinha arruinado sua noite - eu já me sentia bastante culpada. Subimos para o Corolla. Eu insistia em dirigir, e Jude cedeu. Voltamos para Rose Crest para o baile, apesar de ser o último lugar que eu tinha vontade de ir. Tudo que eu queria agora era me enroscar na cama e esperar a lua cheia ser engolida pelo dia - e eu poder estar com Daniel de novo.

Ninguém falou enquanto nós dirigimos, exceto Pete, que reclamou e falou sobre ter exagerado por encher sua bebida - não exatamente as preocupações de alguém lutando contra um demônio interior. Tentei esquecer qualquer pensamento de monstros e lobos e foquei em sobreviver à noite torturante em minha frente. Pelo menos estávamos indo dançar no final, e então poderia ir direto para casa.

Mas quando eu virei na rua principal em nosso caminho para a escola, eu vi uma linha de carros de polícia na frente do Mercado do Day. Suas luzes azuis e vermelhas lançavam sombras sinistras sobre os toldos verdes da loja.

"Esses são os policiais da cidade," April disse. Ela enfiou a cabeça para fora da janela, como um cachorro ansioso. "Eu me pergunto o que está acontecendo."

Eu encostei o carro em frente à Brighton, atravessei a rua e virei a esquina para a Day. Era o mais próximo que eu poderia chegar. Um oficial uniformizado estava colocando uma fita ao redor do estacionamento do mercado, e poucas pessoas tinham se juntado para ficar observando. A informação não se espalhou ainda, ou metade da cidade estaria aqui agora.

"Ali está Don". Eu apontei para ele.

Ele torcia seu avental de Dia de mercado em suas mãos gigantes, enquanto ele falava com homem moreno de terno.

Ele torcia seu avental do mercado em suas mãos gigantes enquanto conversava com um homem moreno usando terno. O homem deu um tapinha no ombro de Don e depois foi para dentro da loja.

"Onde está Mr. Day?" April perguntou.

Onde está o Daniel? Ele me disse que estava indo terminar uma mudança no final da tarde visto que o Sr Day tinha lhe prometido meio turno, se ele não se demitisse antes

do Natal. Mas ele disse que queria terminar ao anoitecer. Ele teria ido embora a essa hora - mas para onde, eu não podia adivinhar.

Era por isso que ele estava preocupado? Era isso que ele queria evitar? Será que foi por minha causa que isso aconteceu?

Tirei as chaves da ignição.

Pete pegou minha mão. "Vamos somente ao baile. Nós vamos perder a coisa toda se pararmos."

"Sim," April disse. "Talvez devêssemos ir". Sua voz tinha um gemido alto, parecido com um cão choramingando. "Eu disse à minha mãe que eu não iria parar em outro lugar."

Abri a porta e sai. "Don!"

Ele olhou para cima. Seu rosto estava distorcida por sombras. Atravessou a rua e quando ele chegou mais perto, vi que seus olhos estavam inchados e com manchas vermelhas. "Senhorita Grace?" Ele veio até o carro. "Você não deveria estar aqui. Não é seguro".

"O que está acontecendo?" Eu abaixei a minha voz, esperando que os outros não estivessem ouvindo.

Don olhou para trás no mercado. "Ele estava aqui."

"Quem estava aqui?" Jude perguntou, de repente ao meu lado.

April saiu do carro e ficou atrás dele.

"O monstro". Don gemeu. "O Monstro da Rua Markham. Ele... ele..." Don torceu o avental que já estava amassado.

"O que é isso, Don?" Eu coloquei minha mão em seu braço. "Você pode me dizer. Vai ficar tudo bem."

"Ele a matou."

"Quem?" Jude perguntou.

"Jessica," Don soluçou. "Eu estava levando o lixo para fora... e eu encontrei o corpo dela. Ela estava atrás da lixeira."

Eu abafei um suspiro. Onde está o Daniel? Ele sabia o corpo havia sido encontrado ao lado de onde estávamos nos beijando apenas algumas horas antes?

"E você tem certeza que era Jessica?" Jude perguntou.

Don acenou com a cabeça. "Seu rosto estava tão arranhado, eu não teria certeza se era ela, se não fosse por seu cabelo. Quando os policiais se aproximaram para dizer ao Sr. Day que ela estava desaparecida – eles disseram que ela tinha cabelo verde."

"Cabelo verde?" Aquela garota! A que bateu em mim na festa. A única com todos os piercings, e os olhos enormes, e os cabelos verdes. Não me admira que parecia que eu a conhecia de algum lugar. "Oh, meu... eu vi... Eu a vi na noite em que desapareceu."

"Onde?" April perguntou.

"Na casa de Da -" Eu parei quando vi Jude olhando para mim." Apenas em algum lugar da cidade".

"Na casa de Daniel?" Jude agarrou meu braço. "Ela estava no apartamento de Daniel na Rua Markham. Ela estava naquela festa imunda."

"Que? Como você sabe?"

"Então é verdade?" Jude torceu meu pulso. "Ela estava lá, não estava?"

"Sim", eu disse. "Daniel, porém, não tem nada a ver com isso Ele me disse."

"Ele te disse? E você acreditou nele?" Jude afundou os dedos no meu braço como se fossem dentes. "Claro que sim. Você iria acreditar que qualquer coisa que ele dissesse."

"Pare com isso agora", eu tentava dizer a ele como meu pai diria, mas os dedos de Jude estavam cada vez mais fortes.

"Eu não entendo", disse Pete, do outro lado do carro. "Você acha que Kalbi fez isso?"

"Não foi Daniel", Don disse. Ele abaixou sua voz como se quisesse dizer algo apenas para mim, mas sua mensagem foi um sussurro ecoando. "Era o monstro, Senhorita Grace." Ele olhou pra mim por cima da cabeça de Pete. "O monstro foi o que levou o James, também. Seu pai e eu paramos na delegacia de polícia na cidade. Seu pai pediu os resultados exames de sangue - mas eles disseram que eles não tinham nenhum. Eles disseram que não poderia descobrir se o sangue era de um animal ou de um humano. Tinha que ser o monstro".

"Você vê." A mão de Jude tremeu. Ele soltou meu braço. "Você vê. Este é ele."

"Não", eu disse. "Não pode ser. Deve ser outra pessoa."

Jude cambaleou para mim e me agarrou por ambos os ombros. "Onde ele está?"

"Jude, pare," eu disse baixinho, muito consciente dos policiais na rua.

"Calma, gente." April puxou os braços de Jude, mas ele não se moveu.

"Onde está o Daniel?" Jude apertou meus ombros através do meu casaco de seda e me sacudiu.

"Eu não sei", eu disse. "Eu não sei."

Jude me soltou. Ele se afastou para o lado do motorista do carro.

Como ele conseguiu as chaves do carro?

"Jude, pare. Isso é loucura. Você andou bebendo". Olhei para Don procurando ajuda, mas ele se encolheu em algum lugar dentro da rua.

"Por favor", gritou April.

"Hey". Pete ficou na frente de Jude. "Se você acha que isso é Kalbi, então, vá dizer a polícia."

"Não", disse Jude. "Eles não podem detê-lo."

"Então o que você vai fazer?"

"Eu estou indo encontrá-lo."

"Então eu vou com você." Pete abriu uma das portas de trás.

"Não!" Eu tentei agarrar as chaves, mas Jude me empurrou para longe.

"Ei", alguém chamou a linha da polícia. "O que está acontecendo ali?"

Jude pulou para o banco do motorista. Quando ele ligou o motor subi para o banco traseiro ao lado de Pete.

"Ei, pare!" alguém gritou.

Mas Jude moveu o carro para dirigir, e fomos correndo na rua principal, deixando April e Don deixados para trás.

Nós não fomos muito longe. Jude se atrapalhou com um par de obstáculos e depois derrapou na descida da Rua Crescent. Nós ultrapassamos a escola, e quando eu pensava

que íamos passar por ela, Jude freou o carro em um estacionamento lotado. Ele dirigiu para cima e para baixo no estacionamento, procurando entre todos os carros.

"Vire o carro, Jude", eu disse baixinho. "Vamos para casa e falar com o papai. Ele pode ajudar."

Jude parou o carro em um beco entre a paróquia e a escola. Ele abriu a porta e saiu.

"O que você está fazendo?" Pete perguntou.

"Ele está aqui", disse Jude. "Eu sei que ele está." Ele parou por um instante, como se estivesse ouvindo. Tudo o que eu ouvia era o eco da música no ginásio.

"Jude, por favor, ouça a razão." Eu comecei a sair do carro.

"Pare-a!" Jude disse.

Pete agarrou meu braço.

"Mantenha-a aqui. Faça o que for preciso." Jude andou alguns passos para o beco.

A sirene da polícia fez barrulho que passou pela escola e continuou pela Crescent.

"O que você vai fazer?" Eu perguntei.

"Estou terminando isto." Jude se virou para mim. E foi aí que eu vi: seus olhos, uma vez que eram reflexo dos meus, eram idênticos a furacões. Pretos, prateados, penetrantes, deformados - brilhando como a luz da lua cheia.

Os olhos humanos não brilham no escuro. Apenas os olhos dos animais fazem isso.

"Não." Engoli em seco. Tentei me soltar das mãos apertadas de Pete.

"Eu estou indo para encontrar Daniel e terminar isto", disse Jude. E então ele se foi.

Capítulo Vinte e Seis

Herói

NO BECO

"Deixe-me ir!" Eu empurrei contra o peito de Pete. Eu tinha que encontrar Daniel antes que Jude encontrasse.

Isso era do que ele tinha ficado com medo que aconteceria hoje à noite!

"Por favor, Pete. Você tem que me deixar ir."

"Então, você pode avisar Kalbi?" Pete não me olhou nos olhos. "Por que você não pode apenas ficar longe dele?"

"Eu tenho que parar Jude. Tenho que impedir que isso aconteça. Eu faria o mesmo se ele estivesse atrás de você."

Pete olhou para mim, mas ele não afrouxou seu aperto. "Relaxe, Grace. É de Jude que você está falando. Ele já vai descobrir o que está acontecendo."

"Ele não é mais Jude," disse eu. "Você não vê isso?"

Pete balançou a cabeça, confuso.

"Você não tem idéia do que se trata, não é?" Eu perguntei. "Você está em perigo. Estamos todos em perigo. Você tem que me deixar ir."

O aperto de Pete enfraqueceu. Eu me afastei dele e agarrei a maçaneta da porta. Ele agarrou-me, mas tudo o que conseguiu foi um punhado do meu xale de cetim. Isso se arrastou atrás de mim como uma bandeira roxa enquanto eu me projetava para fora do carro e descia no beco. Pete disparou atrás de mim.

Eu tropecei em meus saltos e quase cai em um buraco. Pete me agarrou pelo ombro e me suspendeu ao redor.

"Eu estou tentando salvar você!" Ele me bateu contra a parede externa da paróquia. "Jude me disse para mantê-la longe de Kalbi. Mas você torna isso impossível. Por que você não fica longe dele?"

"Pare, por favor." Eu tentei empurrá-lo para longe, mas ele era pesado e inabalável.

"Eu deveria ser o seu herói," disse ele. "Eu deveria salvá-la na Rua Markham."

"O quê?" Mas então eu percebi. "Você era o único fora do meu carro." Não é à toa que ele insistiu para que eu ficasse atrás. "Você tentou me assustar só para que você pudesse brincar de herói?"

"Jude disse que nós tínhamos que manter você longe de Daniel. Ele disse que tudo o que você precisava era de um bom susto. O carro quebrou, então eu usei a oportunidade." Pete apertou meu ombro. "Eu teria sido o seu herói se ..."

Aquele barulho. Era um uivo. Era Daniel. "Se alguma coisa não tivesse matado você de medo?"

"Eu corri," Pete disse. "E então Kalbi veio antes que eu voltasse." Seus dedos escavados no meu ombro. "Você deveria me querer, não a ele!" Pete pressionou seu corpo contra o meu, raspando minhas costas nuas no tijolo áspero. Seu sopro quente era uma mistura vil de hálito de hortelã e álcool.

"Você está bêbado, Pete. Você realmente não quer fazer isso."

"Você me deve isso," disse ele. "Eu quis isso por muito tempo. Mas você me disse para ser paciente - então eu fui. E então você foi e fez com ele."

"O quê--?"

"Não negue. Todo mundo sabe. Lynn viu você sair da casa dele. Ela viu ele te acompanhar até a saída quase nu." Pete rangeu seus dentes. "Então, se você quis fazer isso com aquele pedaço de merda, então o que há de errado comigo? Eu não sou sombrio o suficiente? Eu não sou mau o suficiente para você?" Seu corpo me esmagado contra a parede. "Eu posso ser se é isso que você quer."

Pete esmagou seus lábios em minha boca. A alça do meu vestido se partiu seu agarro arquejante. Bati meus punhos em suas costas. Ele agarrou meus braços e prendeu-os contra a parede. Eu ralei o salto do meu sapato na perna dele.

Pete puxou a cabeça para trás. "Eu sabia que você ia gostar da forma brutal."

Eu respirei e pedi ajuda. Pete riu e sufocou minha boca na dele. Senti-me completamente presa sob seu peso.

O corpo de Pete de repente balançou para os lados, e ele me libertou. Ele gaguejou e agarrou seu lado. Seus lábios fizeram uma perfeita forma de O assim que sua mão apareceu. Sangue pintou seus dedos. Ele cambaleou para trás. "Monstrrrr..." ele disse, e caiu no chão.

"Oh, meu..." Eu me lancei no escuro e vi - um grande, brutamontes, uma coisa como o um urso - agachado nas sombras da entrada do lado da escola. Luar refletindo a faca ensangüentada na mão gigante.

Eu gritei. Foi um estridente, estranho grito que eu não percebi que estava vindo de mim no primeiro momento. Mas eu não podia parar.

A sombra brutamontes investiu contra mim.

Virei-me para correr, mas eu tropecei em algo na rua.

O homem urso me pegou, me suprimindo para o meio enquanto puxou-me para longe do corpo amassado de Pete. A besta prendeu minhas costas ao seu peito, sua respiração irregular em meu ouvido. Eu chutei suas pernas de toco de árvore. Gritei mais alto, mesmo que eu soubesse que ninguém na escola me ouviria sobre a música pulsante. Uma grande mão segurou sobre o meu rosto, cobrindo minha boca e nariz – silenciando-me.

"Não grite." Sua voz estava trêmula, quase chorando. Ele estava com medo. "Por favor, não grite, Senhorita Grace." Ele não era um monstro ao final das contas.

"Don?" Eu tentei dizer, mas sua mão apertou com tanta força sobre a minha boca, nenhum som saiu.

"Eu não quis fazer isso. Ele estava te machucando. Achei que ele era o monstro. Eu tive de detê-lo. Eu supostamente era para ser um herói assim como meu avô me ensinou." A faca de Don raspou meu braço enquanto ele me segurava. Estava pegajosa e molhada com o sangue de Pete. "Mas ele não é o monstro, não é?" voz de Don cresceu estridente. "Ele é... apenas um garoto." Sua mão apertada em minha face. "Eu não quis fazer isso."

Eu não conseguia respirar. Tentei dizer-lhe para me soltar, mas eu não tinha voz. Eu agarrei a mão dele.

"Você não pode gritar, Senhorita Grace. Você não pode dizer a ninguém. Pastor vai

ficar louco. Ele vai me mandar embora como ele quase fez depois do fogo. Eu não quis fazer isso. Eu estava tentando ajudar."

O sangue pingou faca - deslizou pelo meu braço.

"Você não pode dizer a ninguém!" Don berrou. Uma lágrima quente pousou no meu ombro.

Pare! Você me machucando. Eu não posso respirar!

"Eu não quis fazer isso. Eu não quis fazer isso," gritou Don de novo e outra vez. Sua mão apertava meu rosto enquanto ele soluçava, quase como se ele não soubesse que eu estava mais lá.

Pisquei, lutando contra os dedos longos emaranhados de escuridão que deslizaram para atrás de meus olhos. Meu corpo estava mole, incontrolável. Eu não poderia lutar conta o escuro por mais tempo.

TRÊS ANOS ATRÁS

Eu olhava para a imóvel, calma escuridão a partir da janela do quarto da frente. Observando. Esperando.

Mamãe passou atrás de mim. "Eu não sei onde ele poderia estar," disse ela, mais para si do que para qualquer outra pessoa. "O Nagamatsus disse que ele deixou os Escoteiros há duas horas."

Papai disse adeus para a pessoa no telefone e saiu da investigação, "Quem era?" Mamãe praticamente saltou sobre ele. "O que eles disseram?"

"Don," disse papai. "Há um problema na paróquia."

A respiração de mamãe prendeu. "Jude?"

"Não. Algo com a reforma."

"Tão tarde?"

As chaves chocalharam quando papai pegou-as do gancho. "Volto logo."

"Mas e o Jude?"

Papai suspirou. "Ele é um bom garoto. Se ele não estiver em casa no momento em

que eu voltar, então vamos começar a nos preocupar."

Mamãe fez um barulho como se ela não concordasse com aquele plano.

Meu olhar não deixou a escuridão da noite. As nuvens de tempestade se abriram, e eu pensei que vi algo se movendo perto da nogueira. Debrucei-me na janela.

"Jude," eu disse. "Eu o vejo."

"Graças a Deus," disse mamãe, mas sua voz tinha aquele limite como se ela estivesse se preparando uma palestra.

"Se você desse a ele um celular..." Comecei o meu assunto favorito, mas depois percebi que Jude não estava andando em direção a casa do quintal do lado - ele estava cambaleando.

E por que seu rosto está lambuzado com calda de chocolate?

Jude agarrou o corrimão da varanda. Suas pernas dobradas debaixo dele, e ele caiu nos degraus da varanda.

"Jude!" Corri para a porta da frente, mas meu pai já estava lá.

"Não, Gracie," Mamãe gritou.

Eu não conseguia ver mais de seus corpos que preencheram o vão da porta. "O que aconteceu?" Eu tentei me espremer entre eles.

"Da--" Eu ouvi Jude crepitar. Ele tossiu como se estivesse sufocando. "Dan--"

Papai me empurrou para trás. "Vá embora, Gracie."

"Mas--"

"Vá para seu quarto!"

E de repente eu estava sendo empurrada pelas escadas. Eu não conseguia ver nada além do corpo de minha mãe e suas mãos empurrando.

"Quarto, agora. Fique aí."

Corri para meu quarto e empurrei as cortinas. Eu não podia ver a varanda ou qualquer coisa que estava acontecendo com Jude. Mas algo chamou minha atenção. Era algo branco ainda sombreado no brilho da lua cheia, agachado debaixo da árvore de noz, observando o que eu não podia ver na varanda. Eu olhava, tentando saber o que era

aquilo, mas ele recuou para as sombras e desapareceu.

"Sinto muito," a escuridão sussurrou, cortando a memória esquecida em minha cabeça. Esse era uma daquelas vozes fantasma de muito tempo. Ela estava muito longe e eu tentei alcançá-la, mas algo me confinava firmemente - eu não conseguia lembrar o quê.

"Sinto muito, Don," o fantasma disse.

A voz estava seguida por um baque, um tilintar metálico, e um meio suspiro. As ataduras que me seguravam caíram, e eu senti o barulho de vento, então a dureza em minhas costas, e o pressionando sobre meus lábios.

Ar doce preencheu minha boca, meus pulmões. A escuridão enevoadada recuou de meu cérebro. Minhas pálpebras se sentiam pesadas como eu as forcei abertas.

Daniel olhou para mim, seus olhos negros com raiva.

"Você não ficou em casa," ele rosnou.

Eu tossi e tentou levantar-me até o que parecia com uma mesa. Mas minha cabeça era tão grande como um caminhão, então eu rolei do para meu lado em vez de olhar para ele. Ele parecia mais temeroso do que raivoso.

"Você não me disse que você mordeu meu irmão," eu respondi.

POUCOS MINUTOS DEPOIS

"Don está bem?" Eu esfreguei os lados de meu queixo dolorido enquanto eu estava em uma mesa de sala de arte. A música pulsante do ginásio misturada com o barulho dentro da minha cabeça.

Daniel passeou na frente da janela atrás da mesa de Barlow. Ele não tinha olhado para mim desde que eu tinha perguntado sobre o meu irmão. "Eu só o nocauteei. Ele vai ficar bem logo."

"Só nocauteou?" Eu disse. "E o Pete? Ele parece morto para você?"

"Pete?" Daniel olhou para mim. "Pete não estava lá."

"Ah. Isso é bom, eu acho." Pete podia ter fugido e me deixado para cuidar de mim mesma, mas eu ainda estava feliz que ele não estivesse morto. Eu toquei a alça estourada do meu vestido. Contusões formadas sob minha pele. "Pete me atacou... Ele fez isso para

mim."

As mãos de Daniel fechadas em punhos. "Eu pensei que eu pudesse sentir o cheiro dele em cima de você." Seus olhos ficaram mais negros do que antes. "Uma coisa boa ele não estar lá, eu teria--"

"Don superou você nisso. Esfaqueou um dos lados dele com sua faca de prata. Ele pensou que Pete fosse o monstro e meio que ficou perdido quando ele percebeu o que tinha feito."

Daniel balançou a cabeça como se a cena tinha vindo e fora finalmente captada. "Eu sentia mais angústia nele do que malícia."

Sentei-me. Pequenos flashes de luz flutuaram em frente dos meus olhos. "Por que você não me disse que meu irmão é o monstro?"

Daniel virou-se para a janela. "Porque eu não tinha certeza. Eu não me lembro de tê-lo mordido. Eu tentei negar que eu poderia ter feito algo parecido até o dia em que James desapareceu. Aquele era o sangue de Jude na varanda - mas ele não cheirava normal, seu cheiro estava confuso."

"Porque ele é um lobisomem?"

Daniel olhou pela janela para a lua cheia pendurada sobre a porta ao lado da paróquia. Ele roçou seu pingente da pedra da lua. "Ele não é um lobisomem. Pelo menos por enquanto."

"Mas ele machucou aquelas pessoas. Era ele, não era? Isso não o transformaria em um lobisomem total? Um ato predatório?"

"Não, se eles já estavam mortos quando ele os encontrou. Maryanne congelou até a morte. Jessica deve ter morrido de outra coisa-- overdose, talvez. Ele deve ter mutilado seus corpos de alguma forma, fazendo com que parecesse um ataque de lobo. Violência contra animais comuns não contam. Aquele gato que apareceu morto foi apenas para exibição. E ele não tinha a intenção de matar James. Ele só queria assustar as pessoas."

"Mas como ele poderia fazer essas coisas? Como ele poderia usar bebê James? Ele não sabia que James poderia ficar machucado ou pior? James teria morrido se não fosse por você."

"Foi o lobo, Grace. O lobo não o tomou completamente ainda, mas tem controle suficiente para influenciar suas ações. Ele se alimenta de suas emoções. Mais forte a

emoção é, mais controle ele tem. Cada vez que ele fazia algo era depois que nós estivemos juntos..."

"Ele sabia que você consertou o meu carro em Markham," eu disse. "E de alguma maneira ele sabia que eu estava na festa em sua casa. Ele sabia que Jess estava lá, também. Você acha que ele me seguiu, seguiu o meu cheiro?" Eu esfreguei os olhos - eles ainda não queriam se concentrar muito bem.

"Jess estava tão desolada," eu continuei. "Talvez ele tenha encontrado o dela. Talvez o lobo o fez fazer alguma coisa com o corpo dela e em seguida ele depositou-o em algum lugar, mas ninguém o encontrou." Meu estômago revirou quando eu imaginei o meu irmão com o seu corpo mutilado. "E ele estava no mercado hoje. Ele deve ter nos visto juntos, e com todos aqueles boatos que Lynn estava espalhando... Pete disse que segurou Jude por três horas para pegar os ramos." Minha garganta se fechou em um gaguejo involuntário. "Você acha que ele foi para a cidade para resgatar o corpo - para colocá-lo onde você trabalha?"

Daniel assentiu. "Aqui é a coisa mais louca, Grace. Ele provavelmente não se lembra de fazer qualquer uma dessas coisas. Ele esteve, provavelmente, consciente só de que ele esteve perdendo minutos, mesmo horas de sua vida. Mas ele não sabe o que ele fez. Ele realmente acredita que eu sou o monstro."

"E ele acha que tem que te parar."

Daniel enrijeceu. Ele olhou ao longe pela janela. Depois de um momento, eu ouvi isso, também: sirenes de polícia aos berros em direção à escola.

"Jude quer te matar," disse eu.

Daniel se afastou da janela. "Então, a polícia é a última das nossas preocupações."

"Nós temos que encontrar Jude." Eu girei minhas pernas para o lado da mesa. "Ele está procurando por você. Nós precisamos encontrá-lo antes." Eu me senti forte agora então eu tentei permanecer assim.

Daniel me puxou para baixo. "Nós não estamos indo a lugar algum. Você vai ficar aqui enquanto eu vou procurar por Jude."

"O inferno que eu vou." Eu andei para trás. "Pare de me dizer o que fazer."

"Grace, isso não é um jogo. Apenas fique aqui."

"Mas e se ele me encontrar primeiro?" Eu perguntei, tentando uma nova tática, "E

se ele for para casa? Charity está tomando conta de James. Eles não têm idéia do que está acontecendo com Jude. E se tentar machucá-los também?”

Daniel passou suas mãos por sua face. “Então o que você acha que nós deveríamos fazer?”

“Me leve com você. Nós temos que encontrar Jude. Nós temos que afastá-lo de toda essa gente. Se ele nos vir juntos, então nós podemos levá-lo para longe daqui.” Então de que maneira, eu não tinha idéia. “Talvez eu possa acalmá-lo. Se apenas a gente tivesse outra pedra da lua.” Eu olhei para o seu pingente. “Você poderia...?”

“Não, Grace. Não esta noite. Não sob a lua cheia. Eu não sei se eu poderia controlar isso – não com você no mesmo país.” Ele segurou o pingente entre seus dedos. “Eu poderia destruir todo mundo.”

“Então tem de haver outro jeito.”

Múltiplas sirenes retumbaram para o estacionamento. Havia mais do que o xerife e o delegado no caminho deles. A polícia da cidade da cena criminalística deveria estar vindo, também.

“Nós precisamos de um plano,” Daniel disse.

Portas de carros batiam do lado de fora da janela.

“Não há tempo.” Eu agarrei sua mão, e nós corremos para fora do quarto.

Os ecos dos nossos passos ficaram perdidos na música quando nós chegamos mais perto do ginásio. A dança parecia como o lugar mais lógico para procurar por Jude. Eu não sabia quem tinha chamado a polícia – Pete? Don? – ou exatamente quem nós estávamos procurando; tudo que eu sabia era que uma vez que eles entrassem no baile, nós perderíamos a nossa chance de afastar Jude de todos os outros.

Daniel abriu as portas do ginásio. Serpentinhas vermelhas e verdes atravessavam o salão em um ziguezague padronizado. Balões coxeando no ar. Uma luz psicodélica ressaltava os dançarinos, que giravam e balançavam de acordo com a música --- completamente despercebidos do que estava acontecendo. Como seríamos capazes de selecionar uma pessoa neste barulho parecia impossível.

Nós deslizamos para dentro do ginásio, e eu abracei Daniel a mim, ligando meus braços ao redor de seu pescoço então aquilo parecia como se nós estivéssemos dançando, muito intimamente.

Daniel olhou para baixo até mim. Ele ergueu uma sobrancelha.

"Meu vestido está uma bagunça."

Daniel, vestido jeans e uma camisa branca, se sobressaía o suficiente em uma sala repleta de ternos e calças, mas nós definitivamente não seríamos capazes de procurar meu irmão incógnito se alguém notasse minhas contusões ou o sangue de sangue de Pete manchado pelo meu vestido branco.

Daniel enrolou seus braços entorno de minha cintura. E por um rápido momento, eu me senti segura ao estar no seu forte abraço – como se isso fosse uma promessa que tudo voltaria a ser do jeito que deveria.

Daniel descansou seu queixo em meu ombro. Eu o ouvi inalar profundamente, segurando o fôlego no fundo de sua garganta, ponderando os gostos. A sala flutuava com muito suor e perfume, poderia ele realmente selecionar o cheiro de uma pessoa? Daniel levantou-me de meus pés e girou-nos em direção ao centro da multidão. Seus movimentos eram ágeis e graciosos, navegando-nos através da dança, sem perturbar ninguém. Por um segundo eu me esqueci de respirar - esqueci por que estávamos aqui.

"Lá," Daniel sussurrou em meu ouvido.

Eu segui seu olhar. Eu podia ver o topo de uma escura, despenteada cabeça movendo-se no meio do muro de dançarinos, seguindo Daniel e eu como nós deslizávamos pela sala em direção às portas do vestiário.

"Nós só precisamos mantê-lo nos seguindo," disse Daniel. "Tirá-lo daqui antes -"

A música parou e as luzes acenderam. Paramos quando a multidão ficou parada.

"Posso ter a atenção?" Príncipe Conway disse que a partir de um microfone perto do DJ. "Por favor, fiquem onde estão. Mantenham a calma. Houve um crime perto da escola. A polícia está bloqueando-nos até que a situação esteja sob controle. Ninguém será autorizado a sair..."

Gritos de preocupação aumentaram no meio da multidão quando policiais fardados se moveram para todas as saídas. Alguém gritou e cambaleou, como se tivesse sido abatido. Seu grito foi seguido pelo tilintar de uma das portas de saída de metal como ela tivesse aberto e fechado. Três policiais correram para a porta, gritando. A cabeça escura que estava nos seguindo já não estava no meio da multidão.

Daniel amaldiçoou. "Essa era uma saída."

Ele olhou para a porta do vestiário dos homens. O guarda de lá estava distraído pela comoção. Daniel varreu-me em seus braços. Ele voou para a porta e abateu o oficial andando antes mesmo que ele soubesse que estávamos lá. Daniel agarrou a porta aberta e correu para o vestiário.

"Pare!" gritou alguém atrás de nós. "Parado!"

Daniel pulou em cima de um banco. Ele pegou uma porta de armário aberta, usou-a para lançar-nos em cima da linha de armários, deslizou por eles, e pousou em um banco do outro lado. Ele se arremessou no chão, e saltou para uma saída que nos levou a um longo corredor. Ele correu, me segurando no peito. Gritos preencheram o corredor atrás de nós, e depois à frente de nós em torno dos cantos. Eu ouvi o zumbido estático do rádio policial. Daniel derrapou em uma entrada para a escadaria e correu até as escadas. Nós subimos e subimos até que nós chegamos a uma porta de aparência pesada marcada com o acesso ao telhado. Daniel chutou-a, a tranca despedaçou, e nós saltamos pela porta em direção a noite.

Daniel tomou uma respiração profunda. O ar tinha esfriado desde a última vez que eu estive fora. Nuvens sufocavam o luar. Uma tempestade estava por vir.

Vozes ecoavam no caminho na escada. Daniel engatou-me em seus braços.

"O que vamos fazer?"

"Espere!" Ele me abraçou apertado e correu em direção à borda do telhado -- correndo em sua velocidade máxima em direção ao ar livre. Antes que eu pudesse gritar, ele pulou para fora da borda, partindo através do beco onde Don ferira Pete, e caiu com um estrondo no telhado da paróquia. Daniel passou os braços em volta de mim, me protegendo assim que nós rolamos com o impacto pelo telhado inclinado. Ele ficou de pé e puxou-me com ele e sobre o ápice do telhado, nós nos agachamos atrás da torre. Eu comecei a falar.

Daniel levantou sua mão. Ele esperou, escutando. "Eles acham que nós dobramos de volta," ele sussurrou.

"Você pode ouvi-los?"

Daniel deu-me uma espécie de olhar duh. Ele escutou por um momento. "Eles perderam Jude, também. Alguém o viu correndo na direção do Day. Eles estão enviando uma viatura para lá."

"Ou ele está indo para casa?" Meu coração batia com tanta força que pensei que

poderia estourar. "Temos que encontrar um telefone. Temos que ligar para eles. Meu pai acalmava Jude antes... talvez... eu nem mesmo sei se papai está em casa ainda. Eu não vi o dia todo."

"Ele não está em casa." Daniel virou para trás, me puxando com ele. Um segundo depois, um policial atravessou a pista abaixo de nós. "Ele provavelmente está em algum lugar sobre a Pensilvânia, agora," ele sussurrou.

Eu olhei para Daniel.

"Seu pai está em um avião." Daniel ficou parado quando o policial estava fora de vista. "Você estava certa. Nós precisamos de outra pedra da lua. Seu pai está tentando conseguir uma."

"De onde?"

"De Gabriel. Seu pai tentou contatá-lo após a Ação de Graças, mas a colônia não acha exatamente bem-vinda a intrusões do mundo exterior. Eles não têm telefones celulares ou qualquer coisa assim."

"Bem-vindo ao clube," eu murmurei.

"Seu pai enviou diversas cartas, mas não houve resposta. Quando ele chegou aos resultados do exame de sangue, ele pegou o primeiro voo que ele pode pegar."

"Então, meu pai sabe sobre Jude?" Isso fazia sentido. "Por que ele não me contou? Por que ele não contou a Jude?"

"Ele queria esperar até que tivéssemos outra pedra da lua. Ele pensou que se Jude soubesse o que estava acontecendo, ele só iria se transformar mais rápido. Seu pai veio me ver antes do meu turno terminar no mercado. Ele me pediu para ficar de olho nas coisas enquanto ele estivesse fora." Daniel curvou a cabeça. "Isso foi um erro. Eu deveria ter sido o único a ir."

Eu agarrei a mão dele. Aqui ele estava, exatamente onde eu precisava que ele estivesse. "Jude pode ter ido para casa. Charity e James estão em perigo, e se não meu pai está aqui, então eu não sei o que -."

"Nós podemos correr lá."

"Não. Se eu estiver errado, nós poderíamos levá-lo direto para eles." Eu deixei cair meus ombros. "Eu não sei qual é a coisa certa a fazer. Eu não sei para onde iremos a partir daqui."

"O cheiro de Jude está no ar. No entanto, está mais confuso. Eu não posso dizer onde ele está. Eu não sei se ele acabou de estar aqui, ou se ele está por perto." Ele apertou minha mão. "Há um telefone no escritório do seu pai. Podemos ligar para Charity. Diga-lhe para ir para casa de um vizinho ou algo assim. Talvez possamos ligar para o aeroporto, também. Deixar uma mensagem para o seu pai assim que ele pousar."

As nuvens se abriram um pouco, e um pedaço de luar caiu sobre nós. Daniel inspecionou os arranhões em minhas articulações. Eu estava toda arranhada de cair no chão de ripas de madeira. Seus olhos brilhavam muito claramente quanto ele beijou a minha mão ferida.

Ele estremeceu e recuou contra a base da torre. Ele segurou a pedra da lua contra o oco de seu pescoço. "Dê-me só um minuto," ele disse suavemente, e fechou seus olhos brilhantes. "Vai ficar tudo bem."

"Isso é o que você pensa," uma voz rosnou atrás de mim.

Capítulo Vinte e Sete

Melancólico

SEGUNDOS DEPOIS

“Eu sabia que vocês estariam aqui.” Jude vacilou na extremidade do telhado. Ele caminhava como se estivesse sobre uma barra de ginástica, diminuindo a distância entre nós. “Eu não sei como. Só sabia.” Seus olhos pareciam tão negros ainda que brilhassem sob a luz da lua. “Meio que um ligar fortuito para terminar isso, não acham? É como se Deus tivesse me conduzido até aqui.”

“Deus não te conduziu até aqui,” Daniel disse. “Pense nisso, Jude. Pense sobre o que você sente e cheira. Pense sobre o que você sente se contorcendo dentro de você.”

Jude riu. “Deus me conduziu a isso, também.” Ele puxou algo que estava atrás dele. Era a faca de Don, ainda manchada de sangue. “Isso estava na viela, esperando por mim.” Ele a virou na sua mão e observou a lua se refletindo na sua ponta. “Você sabe do que isso é feito? É prata. É o que pode te matar.”

“Jude, por favor.” Fui para frente de Daniel, balançando-me com a base da torre. “Por favor, pare.”

Jude olhou para mim, tropeçou, e quase caiu. Ele deu uma olhada nos meus machucados, meu vestido rasgado e manchado de sangue, e sua expressão dura se enrugou em interesse. “Gracie, o que aconteceu?” Sua voz estava macia e infantil. Ele deu um passo em minha direção, sua mão estendida. “Gracie, o que está acontecendo?” Ele soava tão assustado, tão confuso.

“Jude?” Fui em sua direção.

Daniel agarrou meu ombro. “Não.”

As pontas dos meus dedos tocaram os de Jude. “Estou aqui,” eu disse, e tomei sua mão.

Um brilho prateado apareceu nos olhos de Jude. Ele me jogou para fora do seu caminho e voou para Daniel.

Caí contra as telhas. Eu me equilibrei e olhei para cima bem quando Jude agarrou a camisa de Daniel.

“O que você fez a minha irmã?!” Jude rugiu na cara de Daniel.

Daniel deixou sua cabeça cair.

“Nada,” eu disse. “Daniel não fez nada.”

“Não minta por ele.” O corpo de Jude respirava com força, e ele manteve a faca ao seu lado como se ele estivesse com medo de levá-la.

“Pete fez isso a mim... porque você disse a ele para fazer o que precisasse.”

“O quê?” Jude se virou levemente. “Não... isso é uma mentira. Ele está confundindo você. Ele está fazendo com que você minta por ele embora ele te machuque. A Bíblia alerta sobre pessoas como ele – homens ímpios que se banqueteiavam com sua caridade e transformam graça em luxúria. É isso que ele fez com você, e eu sou o único que pode ver. Ele é um monstro.”

“Não,” eu disse. “Você não é um santo, Jude. Você é o monstro aqui.”

Jude balançou sua cabeça. “Como você pode defendê-lo? Como você pode amá-lo? Você sabe o que ele fez.” Ele se aproximou de Daniel. “Você me deixou,” ele disse para ele. “Você era meu melhor amigo. Você era meu irmão – e você me deixou ali morrendo!”

Daniel abaixou mais a cabeça, resignado.

“Não, ele não deixou,” eu disse. “Eu o vi.”

Daniel olhou para cima. A lua estava brilhante em seus olhos, e iluminava sua pele pálida. Eu a imaginei iluminando seu cabelo uma vez loiro platinado como fazia quando ele se encolhia debaixo da nogueira nas minhas memórias de três anos atrás.

“Eu vi você naquela noite,” eu disse para Daniel. “Você trouxe Jude para casa.”

Daniel abriu a boca um pouco. Ele fechou seus olhos e exalou um suspiro. “Eu trouxe?” “Sim.”

Daniel olhou para o céu escuro. “Ah, Deus,” ele sussurrou, como se fosse uma oração de agradecimento.

Jude deu um passo para trás. Ele afrouxou seu aperto na faca.

“Jude,” eu disse. “Está tudo bem. Daniel ajudou a te levar para casa –”

“Não!” Jude apertou a adaga. “Sem mais mentiras! Ele é um monstro, não meu salvador. Ele feriu Maryanne. Ele matou aquela garota. Ele tentou roubar James. Ele está te sujando. Eu tenho de pará-lo antes que ele destrua toda nossa família.” Ele levantou a faca.

“Você feriu aquelas pessoas,” Daniel disse. “Você feriu. E se você não parar agora, então você vai se transformar num lobo como eu.”

“Cala a boca!” Jude bateu seu rosto com o cabo da faca, deixando uma grande mancha de golpe na bochecha de Daniel.

Daniel rosnou. “Eu não vou lutar com você.”

“Então você vai morrer como um covarde.”

Jude tentou puxá-lo para frente pela camisa, mas tudo que veio com ele foi a tira de couro do colar de Daniel – e a pedra da lua.

Daniel tropeçou para trás. Ele passou seus braços ao redor da torre. Um ruído profundo ecoou do seu corpo, fazendo-o tremer. Ele olhou para a lua e então para Jude.

Meu irmão segurou a pedra da lua, parecendo momentaneamente surpreso.

“Ponha agora,” Daniel disse para Jude. “Ponha agora... antes...” Ele grunhiu e lambeu os lábios.

“Daniel,” Eu rastejei em sua direção. “Daniel, você precisa...”

Daniel balançou sua cabeça. “Eu preciso fazer isso,” ele disse através dos dentes cerrados. Olhou para Jude. “Sinto muito. Sinto por ter feito isso a você.” Seu rosto de torcia de dor. O ruído atrás de sua voz ficou mais profundo. “Tome, Jude. Você precisa mais disso do que eu.”

Jude se empertigou. Ele agarrou a tira de couro com mais força e aproximou mais o pingente. “Isso é importante para você?”

Daniel ofegou. “Sim.”

“Bom.” Jude atirou sua mão para trás e jogou o pingente o mais longe que pode – para algum lugar além do teto da paróquia.

“Não!” eu gritei.

Daniel uivou.

Jude o agarrou pelo pescoço. Ele levantou a faca e a mergulhou no coração da Daniel. Mas então ele estava gritando e deixou a faca cair como se ela queimasse sua mão. Ela caiu do telhado e parou em frente de mim. Jude recuou. Ele caiu de quadro. Seu corpo se balançando e tremendo. Uivou com dor.

Daniel pegou a faca e me puxou para seus braços. Ele correu para a extremidade do telhado e pulou. Nós caímos na saída de emergência poucos metros abaixo. Daniel derrubou a porta com seu ombro e me puxou para dentro da varanda do santuário. Ele me seguiu e fechou a porta atrás dele. Caiu sobre ela, se sentou no chão, e deixou cair a faca. Sua mão estava vermelha e irritada como se ele tivesse segurando ferro quente.

“Você está bem?”

Ele deu uma careta, fechando seus olhos, concentrando-se. Olhou para sua ferida. Estava apenas levemente menos vermelha e cheia de bolhas. “Essa faca deve ser muito velha.” Ele acenou para a lâmina que estava ao seu lado. “É a prata mais pura que já vi.”

“Há um kit de primeiros-socorros no escritório do meu pai.” Era uma péssima coisa para oferecer, mas eu não sabia o que fazer.

“Vá,” ele disse. “Tranque-se no escritório. Ligue a polícia, quem quer que seja.”

“Não vou deixar você.”

“Por favor.” Ele ficou de pé lentamente, ainda ofegando. “Isso ainda não acabou.” Seus olhos refletiam tudo que ele temia. Eu me virei para ir embora.

“Eu vou sempre te amar,” ele disse. “Eu am –”

Pelo canto do olho vi Daniel cair para frente. A porta atrás dele se abriu, emburrando para fora do caminho. Um maciço lobo de olhos cinzentos preenchia o umbral. Ele rosnou, bateu os dentes e pulou em cima de mim.

“Não!” Daniel tentou agarrar sua parte traseira.

Ele perdeu, e o lobo afundou os dentes no meu braço, rasgando minha pele. Eu caí, bati minha cabeça no lado do banco, e mordi minha língua. Então o lobo ficou sobre mim, batendo os rangendo os dentes e rosnando como o alfa naquele filme. Meu sangue pingava dos seus dentes. Ele recuou para pular sobre minha garganta.

Então ele berrou, e outro lobo estava no topo dele. Era negro e sagaz, com uma mancha de pelos brancos através do seu esterno. Daniel. O lobo negro rosnou e mordeu o outro – quase como se não estivesse tentando machucá-lo.

O lobo cinzento desviou do negro. Seus olhos pareciam ferozes quando ele saltou sobre o negro, mordendo e rasgando. Ele rasgou suas pernas, suas laterais. O lobo negro se afastou, uivando e choramingando. O pelo branco estava cortado com vermelho. O lobo cinzento lambeu seus dentes. Pelos negros caíram da sua boca.

Eu podia sentir o gosto do meu próprio sangue. Passou pela minha garganta. A ferida no meu braço pulsava e queimava. Tomou tudo que eu tinha para engolir meus gritos. O lobo cinzento veio em minha direção, seus dentes descobertos, seus olhos famintos.

A faca estava fora do meu alcance, próxima ao que parecia ser restos das roupas de Daniel no chão perto da porta. Eu me arrastei até a adaga, mas o lobo cinza mordeu meu pé, puxando meu sapato. O lobo o balançou em suas mandíbulas maciças até que o sapato caiu no chão. O lobo rangeu os dentes e veio para mim.

O lobo negro se levantou. Ele uivava, seus lábios puxados para trás, mostrando seus longos caninos afiados e seus dentes irregulares, e veio em minha direção. Eu me estiquei para a faca, passei meus dedos ao redor do punho. Os dois lobos me circulavam. Seus olhos presos no do outro como se fossem parceiros em alguma dança horrível – e eu estava presa no meio. Choque atravessou minha pele enquanto eles rosnavam e rangiam os dentes. O calor de suas respirações fez com que fosse impossível pensar. Suas patas arranhavam minhas pernas. Eles dançavam, indo para frente e para trás, antecipando cada movimento do outro. Então o cinzento fingiu ir para a esquerda, e quando o negro foi nessa direção, o lobo cinzento saltou sobre mim. Ele alcançou o negro pela garganta e o levou ao chão. Os dois rolaram sobre o piso.

Eles bateram na grade da varanda, que ocultava o resto da capela. A madeira velha rangeu com o impacto. O lobo negro estava deitado sobre suas costas sob os pés do cinzento. Lamuriava-se. O som era um ofego. Desesperado. Com medo.

Ele sabia que iria perder.

O punho da faca escorregava na minha mão suada. Eu tinha dito a Daniel que estaria do seu lado quando ele precisasse de mim. Eu estaria ao seu lado para salvá-lo antes que ele morresse. Eu libertaria sua alma. Mas eu tinha pensado que seria daqui a anos. Não hoje.

Não agora.

Dor queimava do corte do meu braço – como fogo se espalhando pelo meu corpo todo – me engolfando. Não era uma ferida ordinária. Foi a mordida de um lobisomem, a mordida do meu irmão. Eu estava infectada.

Eu carregava a maldição do lobo agora.

A mesma maldição que ditava que, se eu tentasse matar alguém – se eu tentasse matar Daniel agora – o lobo iria me tomar, também.

Eu me perderia.

A escolha é sua, meu pai tinha me dito.

Mas ele não tinha idéia de que seria uma escolha impossível. Eu podia salvar a alma de Daniel ou preservar a minha. Eu podia ser seu anjo e me tornar um demônio.

O lobo negro afundou. Ele estava frouxo. O lobo cinza pulou sobre o balcão, preparando-se para lidar com sua matança final.

Eu não podia quebrar essa promessa.

Eu era uma graça.

Voei para o lobo negro, levantei a faca, e a afundei no pelo branco do seu peito. Eu seria um monstro por ele.

O lobo cinzento se movimentou atrás de mim. Ele golpeou sua cabeça no corpo do lobo negro, e os dois se colidiram através do balcão. Um barulho horrível de batida ecoou através do santuário vazio.

“Não!” Eu desci as escadas antigas de tropecei no final. Meus joelhos bateram contra o chão da capela. Eu me arrastei sobre mãos e pés até o corpo prostrado do lobo negro – até Daniel. Eu coloquei sua cabeça peluda no meu colo, e acariciei atrás de suas orelhas. Elas estavam tão frias. A faca ainda estava no seu peito. Sangue se espalhava pelo chão ao nosso redor.

Onde estava Jude?

Meu olhar seguiu a trilha de sangue no chão de pedra. Jude – humano, nu – estava de pé tremendo atrás do altar, nas sombras do santuário.

“Não fique aí,” gritei para ele. “Vá atrás de ajuda.”

Mas ele não se moveu. Ele ficou parado como um pilar de sal na escuridão.

Eu não podia deixar Daniel. Eu disse para ele que estaria do seu lado quando ele morresse. Eu me deitei no chão e fiquei ao lado do seu corpo peludo.

Por que ele não se transformava em humano? Eu falhei? Eu hesitei demais? Era muito tarde para salvar sua alma antes...? Eu me vendi para nada?

Um vento frio me atingiu. Flocos de neve nos circulavam. Um caiu sobre o nariz do lobo e se derreteu. Quando tinha começado a nevar? Eu pensei enquanto eu colocava minha cabeça do peito manchado de sangue de Daniel. Ouvi um batimento cardíaco solitário ficar mais lento e lento até que não havia nada, e esperei que meu lobo viesse – para me tomar pelo que eu tinha feito.

Capítulo Vinte e Oito

Redenção

NO SANTUÁRIO

Eu ouvi um ganido em algum lugar perto de mim. Olhei para cima e vi April trêmula em seu vestido rosa na capela com as portas abertas. A neve soprava por trás dela. "O queacon -?"

"Não faça perguntas." Sentei-me. "Por favor, vá chamar uma ambulância."

Olhei para o lobo Daniel. Ele estava muito parado, sem vida. A faca de prata saía de seu peito. Talvez eu não tenha batido com muita força? Talvez eu não tivesse perfurado o seu coração? Ou talvez eu precisasse tira isso. O livro tinha dito que a prata era veneno.

Eu tentei envolver minha mão em torno do punho. Não queimou a minha pele.

"Que diabos você está fazendo?" April perguntou, ainda na entrada.

"Vá. Por favor consiga ajuda."

Eu agarrei a faca mais apertadamente, e puxei com todas as minhas forças. A lâmina deslizou para fora com um som de sucção que dava náuseas. O sangue jorrou da ferida, se espalhando por todo seu peito, manchando a sua pele branca. Mas, então, ao invés de fluir para fora, o sangue parou. Curvando-se, transformando-se numa ferida. A ferida se fechou em cicatrizes, e então curou-se para uma carne branca.

A pele branca que combinava com o resto do seu corpo - o corpo humano. Daniel estava comigo agora, não um animal peludo. Ele se deitou de lado em um aconchego fetal como se tivesse acabado de renascer. Seu corpo nu foi rasgado e sangrava em vários lugares, inclusive no pescoço. Mas ele era humano, mortal. Eu tinha salvado sua alma antes de morrer. E isso é tudo que eu pensei que importava... até que ele tossiu.

"Grace", asperamente.

Eu deslizei minha mão pelo seu braço e dedos entrelaçados com os dele. "Estou aqui", eu disse. "Eu estou aqui"

"Hm..." April disse com mais uma ponta de choque. "Eu acho que vou pedir ajuda agora."

O luar derramou pela porta quando ela saiu, lançando sua palidez fantasmagórica para Daniel. Seu cabelo parecia quase branco.

"Daniel, eu sinto muito." Eu coloquei a face dele em minhas mãos. Mas é melhor você não morrer por mim!

Seu sorriso irônico deslizou em seu rosto. Ele abriu os olhos. Eles eram escuros como poças de lama e mais familiares do que nunca. "Mandona como sempre", disse ele. Ele tossiu e fechou os olhos novamente.

"Eu sempre te amarei", eu sussurrei. Eu beijei seus lábios frios e segurei sua mão, até que ouvi as sirenes, e alguém me puxou para longe dele.

A VIDA COMO EU CONHEÇO

Novou durante sete dias seguidos. Após o primeiro dia, a polícia liberou Jude e eu em custódia dos meus pais. Eles não puderam achar qualquer testemunha que pôde nos identificar como aqueles correram da escola. E desde então nenhum de nós parecia "se lembrar" do que exatamente tinha acontecido, tudo que eles poderiam determinar dentro de qualquer tipo de razão era que nós tínhamos sido atacados por um bando de cachorros selvagens - O mesmo grupo elusivo que estavam culpando pelo que aconteceu a Maryanne e Jéssica -- e tinha corrido para a segurança da área.

Os ferimentos de Daniel estavam consistentes com um ataque de lobo - embora não pudesse explicar a parte sem roupa, - mas Jude e eu parecíamos intactos na manhã seguinte. Minhas contusões sumiram, e a marca de mordida no meu braço tinha curado em mais de uma cicatriz, rosa em forma crescente. Jude estava quase ileso fisicamente. Mas o doutor informou que ele estava sofrendo de algum tipo de tensão pós-traumática ou algo, e prescreveu um sedativo forte, após Jude ter um episódio de violência, quando meu pai finalmente chegou à estação do aeroporto no início da manhã. Percebi agora que a única coisa que provavelmente manteve Daniel longe da minha família, quando ele começou a se transformar em um lobisomem, era todas as drogas que ele estava usando.

Minha amnésia fingida vacilou apenas com os detalhes do que aconteceu no beco.

Estrategicamente, me lembrei de como Pete tinha me atacado, e como Don havia me salvo. Pete foi quem procurou a polícia depois que ele tropeçou no beco - me deixando para trás - mas a polícia decidiu detê-lo, e seus trinta pontos, para interrogatório. Eu perdoei o que tinha feito para mim, mas isso não significa que não deveria haver consequências por suas ações.

No segundo e no terceiro dia que passei no hospital, andando para cima e para baixo pelo corredor fora do quarto de Daniel na UTI até as enfermeiras me disseram que eu tinha que sair. "Vá para casa", elas disseram. "Descanse, minha filha. Chamaremos se houver qualquer mudança."

No quarto dia, o telefone de meu pai finalmente foi pago, e nós descobrimos o que tinha acontecido a Don Mooney. Ele foi encontrado em um banco do parque perto de uma estação de ônibus em Manhattan. A polícia disse que seu coração havia parado de bater. Ele não tinha dinheiro ou identificação, e da forma como ele parecia, eles decidiram que era sem-teto. Então Don tinha sido enterrado em uma vala, três caixas de pinho de profundidade, em um lugar chamado Potter's Field, dois dias antes do Natal.

No quinto dia, voltei para o hospital. Passei toda a Noite de Natal em pé do lado de fora da janela de vidro, rezando. Papai veio me buscar tarde naquela noite. "A tempestade está piorando", disse ele. "Sua mãe não quer que você fique encalhada aqui." O sexto dia era o Natal. Ninguém estava com vontade de ser festivo, exceto o Bebê James, que brincou alegremente como plástico-bolha e fitas enroladas. Meus pais me deram um telefone celular. O meu pai deu a Jude um anel de ouro incrustado com uma grande pedra negra.

"Ela só veio na noite passada", disse papai. "Sinto muito. Eu tentei isso antes... "Papai havia enrolado em papel de presente. "Pensei que tinha de esperar até que eu tivesse... Sinto muito."

"O que é isso?" Charity perguntou.

"Um anel de formatura", disse.

Os olhos de Jude eram como vidro, sedado. Ele não falou nada. Ele não tinha dito uma coisa Por quase uma semana.

Depois aquela noite, tocou o telefone. Eu escutei durante um minuto até a voz da enfermeira na outra linha dizer, "Ele se foi. Não havia nada nós pudéssemos fazer para impedi-lo de partir..."

Deixei cair o telefone, deixei pendurada no ar, e corri para o meu quarto.

No início da manhã do sétimo dia, eu acordei na minha mesa com um pincel preso ao meu braço. Tinha uma outra nota na caixa que Daniel deixou no meu quarto. Ele havia escrito as instruções sobre como usar o óleo de linhaça e verniz com minhas tintas óleo. Eu tinha dormido na minha escrivaninha enquanto terminava meu portfólio juntando as partes de Jude pescando no lago Kramer.

Foi o brilho da janela que me acordou. Eu olhei através das persianas. A lua de manhã cedo refletida seis centímetros de neve que havia caído durante a noite. Parecia tão diferente fora do que havia alguns dias antes. Agora, o gramado duro marrom, as calhas entulhadas de folha, as casas dos vizinhos, e fantasmagórica nogueira, estavam todas cobertas com uma espessa camada de pura neve branca, intocada. Nenhum carro ou limpa-neve havia passado na rua ainda para deixar lama no meio-fio ou deixar marcas negras em sua perfeição. Parecia que alguém tinha vindo junto com um pincel e pintado o mundo de branco, tornando-se uma tela gigante em branco.

Então eu o vi. Um lobo grande que parecia quase negro na sombra da nogueira. Ele olhou para cima na janela do meu quarto.

"Daniel?" Engoli em seco, embora eu soubesse que não podia ser, e eu abri as persianas, mas o lobo foi embora.

Eu devo ter adormecido novamente, porque eu acordei, algumas horas depois, com a minha mãe gritando. Meu pai e eu finalmente conseguimos fazer ela se acalmar o suficiente para nos dizer que Jude tinha ido embora durante a noite, deixando para trás apenas a sua garrafa de prescrição de sedativos e uma nota sobre a mesa da cozinha.

Eu não posso ficar, eu não sei mais quem eu sou. Eu preciso ir.

Mas eu sabia que Jude tinha ido embora muito antes dele fugir.

Mamãe estava praticamente catatônica - sem expressão balançando Bebê James na sala da frente - quando eu saí da casa. Eu sabia onde eu tinha que ir, e eu estava feliz por ela não me fazer parar. Eu dirigi por milhas pelas ruas recentemente limpas e estacionei o carro um pouco longe do meu destino. Eu andei com dificuldade até a portão aberta. Um homem com o cabelo prata com mechas vermelhas assentiu com a cabeça enquanto eu passava por ele.

"É bom ter um visitante em um dia como este." Tentei sorrir e devolvi o seu desejo de um feliz ano novo.

Um caminho estreito tinha sido cavado ao longo dos passeios, mas preferi andar na neve. Eu deixei meus pés afundarem no gelo, deixando meus rastros no branco perfeito. Eu segurei o meu vestido fechando o casaco sobre a caixa de madeira, protegendo-o contra a neve à deriva e o vento cortante. Sentei-me num banco de pedra no memorial e puxei o livro com as cartas na caixa. Abri na última página marcada e li a carta novamente.

Para Simon Saint Moon,

Encontrei estas cartas seladas e endereçadas à tua mulher, entre os efeitos de seu irmão após seu desaparecimento. Eu carrego-os comigo nestes últimos dois anos, na esperança de dar pessoalmente a Katherine.

Estou triste com a notícia de sua morte. Para deixar um filho tão jovem órfão de mãe é uma tragédia. Eu diria que é estranho para um lobo viajar para tão longe em uma aldeia, mas houve vários outros ataques em cidades povoadas, como Amiens, Dijon e, mais estranhamente, Veneza. No final, todas as cidades que enviaram homens destinados em nossa campanha.

Tinham sido contaminados por esses assassinatos cruéis. Talvez Deus esteja nos punindo pelos nossos pecados, onde o Papa não cumprir as suas ameaças de excomunhão.

Eu não sei o que tem nessas cartas. Tinha as deixado quando teu cunhado enlouqueceu antes de ter-se perdido na floresta. Seus escritos podem refletir a doença da sua mente.

O punhal foi encontrado com as suas cartas. É uma relíquia valiosa. Talvez o jovem Doni possa herdar quando ele tiver idade. Ele deve saber algo do seu tio. Irmão Gabriel era um homem bom. Ele era uma das poucas vozes da razão contra a matança até que a loucura o levou.

Cumprimentos,

Irmão Jonathan de Paign, Cavaleiro Templário.

Fechei o livro e o segurei ao meu peito. Katharine não tinha idéia de quem a matou. Ela não sabia que era seu próprio amado irmão. Eu caminhei até a estátua no jardim em minha frente. Era um anjo alto que estava com o lobo entrelaçados em suas vestes. Eu esfreguei a neve da cabeça do lobo, das asas do anjo.

"Este era você", eu disse ao anjo. Ele foi o homem que ajudou Daniel - o que lhe deu seu colar de pedra da lua e mandou no anel para Jude. "Você escreveu estas cartas. Você é o Irmão Gabriel." Eu observei nos olhos dele, quase esperando que ele respondesse.

Irmão Gabriel ainda estava após vivo depois de todos esses séculos.

Será que Daniel teria vivido por tanto tempo se nada disso tivesse acontecido? Eu me senti como tivesse perdido tudo. Daniel e Jude tinham ido embora. Minha mãe estava perdida em sua dor. Meu pai se culpava. Até abril estava me evitado, ela estava muito assustada com tudo que ela tinha visto no santuário.

Eu tirei minhas luvas e me ajoelhei na neve. Desfiz o botão do bolso do casaco e puxei o anjo esculpido em madeira que Don tinha feito para mim. Eu rocei sua face cruamente amoldada e as palavras que eu tinha arranhado no fundo da estatueta: Donald Saint Moon.

Imaginei Simon Saint Moon recebendo essas cartas e o punhal de prata, possivelmente, apenas algumas semanas depois que sua mulher havia morrido - algumas semanas tarde demais. Imaginei sua dor ao descobrir que o próprio irmão de Katharine tinha-a matado, sua raiva por saber que ele poderia ter evitado a morte dela - mas somente se eles recebessem o pacote mais cedo. Imaginei o filho de Catarina, Doni, crescendo com o legado da morte de sua mãe.

Foi Simon ou Doni, quem assumiu a missão de destruir lobisomens primeiro?

Por alguma razão, eu acho que foi Doni. Ele deve ter passado aquele punhal de prata e a sua missão para o seu próprio filho, que depois passou para o seu, e, em seguida, e através dos anos, até que veio a Don Mooney – o último dos Saint Moons. Mas Don era diferente dos outros: com problemas mentais e sozinho no mundo, apenas com aquela faca e as histórias de seu avô. Ele morreu tentando ser um herói como os seus antepassados. Ele morreu antes que eu tivesse a chance de lhe agradecer por tentar me salvar - antes de dizer a ele que eu o perdoou por ter ferido o meu pai por todo esse tempo atrás.

"Você também faz parte deste lugar," eu disse, e coloquei o pequeno anjo de madeira ao lado de Gabriel na neve. Parecia um memorial muito melhor para o meu amigo do que ser plantado em campo como um nabo ou um bulbo de tulipa. "Você é um herói."

"As pessoas vão pensar que você está louca, se você continuar a falar com objetos inanimados."

Eu quase caí quando me virei para a voz atrás de mim.

E se sentou ali, no banco de pedra onde eu havia segurado pela primeira vez sua mão, balançando uma bengala entre os joelhos. "Daniel!" Corri até ele e joguei meus braços ao redor de seu pescoço.

"Whoa". Ele fez uma careta.

Notei o curativo em sua garganta, e eu afrouxei meu aperto.

"Eles disseram que você saiu. Eles disseram que você se levantou e caminhou para fora no meio de uma mudança de turno. Achei que nunca veria você novamente". Notei o curativo em sua garganta, e eu afrouxei meu aperto.

"Mas você veio aqui?"

"Eu esperava... Eu esperava que você viesse aqui, também."

Daniel beijou minha testa. "Eu disse que ia ficar por perto enquanto você me tivesse." Ele sorriu, completamente torto e perturbador. "Ou eu deveria ter levado você me apunhalando pelo coração como um sinal que você quis se separar?"

"Cale a boca!" Eu dei um soco no ombro.

"Ow."

"Sinto muito". Eu segurei as suas mãos nas minhas. "Eu não fiz nada para machucá-lo", disse, me referindo à noite na paróquia. "Eu fiz isso porque eu prometi te salvar."

"Eu sei." Ele apertou minha mão. "E você fez."

Olhei para o curativo no pescoço, hematomas até o queixo - as feridas que ele não podia mais curar sozinho.

Eu beijei um arranhão na sua mão. O cheiro de seu sangue seco não fez me contorcer, como eu pensei que faria.

"Há uma coisa que eu não entendo." Eu coloquei minha cabeça no ombro dele.

"Por que o lobo não me segurou quando eu o apunhalei?"

Daniel virou o meu rosto para o dele. Ele olhou nos meus olhos. Os seus estavam tão ricos e profundos, cheios com a sua luz própria, e não apenas um reflexo simples como a lua.

"É isso que você pensou? Que você se tornaria um lobisomem, se você me salvasse?" Seus olhos brilhavam, mas só de lágrimas.

"Sim. Eu tinha sido mordida. O lobo estava em mim. Eu pensei se eu o matasse – que isso daria o controle. Você disse que um ato predatório faria isto..."

"Grace". Daniel cobriu meu rosto. "O que você fez não foi predatório. foi um ato de amor. É por isso que eu ainda estou vivo." Ele sorriu. "Eu fui ver o Gabriel. É por isso que eu deixei o hospital. Ele veio aqui para trazer uma pedra a lua para seu irmão e eu tive que vê-lo antes que ele partisse. Eu precisava saber por que eu sobrevivi. Gracie, Gabriel disse que eu sou o primeiro – o único - Urvat que já recebeu a cura e viveu. Ele disse que apenas o dom supremo do amor poderia ter libertado a minha alma... e me conceder a minha vida". Ele beijou meu rosto. "Eu entendo agora. Você me deu esse dom supremo. Você pensou que se tornaria um lobisomem se você me salvasse, e você mesmo assim ainda fez isso. Você estava disposta a se transformar por mim. Não há nenhum presente maior..." Ele se inclinou para beijar meus lábios. Eu me afastei.

"O que é? O que está errado?"

"Mas o lobo está em mim. Curei minhas feridas tão rápido... e eu me sinto mais forte. Eu sinto que tudo que eu quero fazer é correr." Eu mordi meu lábio. "Isso vai me dominar algum dia. Não acontece com todo o mundo eventualmente?"

"Não, Grace. Não todo o mundo."

"Mas Gabriel, ele escreveu que as pessoas que foram mordidas se transformaram mais rápido. Quero dizer, ele era um monge, e ele mudou dentro de uma questão de dias. Então eu tenho a mesma chance?"

"Ele foi cercado pela carnificina da guerra. Você não está. Você está cercado por pessoas que amam você. Pessoas que podem mantê-la no chão".

"Mas Jude teve essas coisas, também. Ele era um das melhores pessoas que eu alguma vez conheci, mas ele se virou tão rápido. Eu quase não sou tão boa quanto ele."

"Jude era bom. Mas ele deixou o medo e o ciúme chegar até ele." Daniel deu de ombros. "O medo leva à raiva. Raiva leva ao ódio. Ódio leva para o lado negro."

Eu levantei uma sobrancelha e conti a vontade de socá-lo em seu braço ferido.

"O quê?" Daniel levantou as mãos. "Como se você não estivesse lá quando assistimos os filmes de Star Wars cinquenta e três vezes naquele verão."

"Cinquenta e quatro anos. Jude e eu ficamos até duas horas para terminar O Retorno de Jedi depois que você adormeceu uma noite. Eu tentei fazer pipoca caramelada e quase queimou a casa. Jude assumiu a culpa por mim..."

Minha voz falhou. Doeu muito pensar Jude da maneira como ele costumava ser. "Espero que Jude saiba que se ele... quando ele voltar... eu estarei aqui para ele."

"Então deixe que isso seja a sua âncora", disse Daniel. "Fique forte para assim então você seja a Grace quando ele precisa de você." Ele tirou os dedos do meu rosto, enxugando uma lágrima perdida. "E você não tem que passar por isso sozinha. Você tem a mim". Ele enfiou a mão no bolso do casaco e puxou alguma coisa. "E você tem isso". Ele abriu a mão dele e ofereceu uma pedra preta cortada. Era o pendente de pedra de lua dele, quebrado pela metade.

Eu a peguei dele. Estava mais quente do que a última vez que eu toquei, pulsando com um poder que eu nunca tinha notado antes. Era a esperança.

"Eu pensei que eu nunca acharia isto na neve", ele disse. "Demorei muito tempo desde que eu tive que procurar algo sem minhas habilidades."

"Tem certeza que você quer que eu faça isso? É sua."

"Eu não preciso mais", ele disse, e inclinou o meu queixo.

Ele me beijou suavemente nos lábios, com calor e amor. Então os lábios dele separaram e ele me beijou de uma maneira que foi tão completa - me dando tudo que antes ele tinha controlado. Eu derreti nele, deixando ir, me sentindo tão livre e leve como eu fiz quando corremos na floresta.

"Então o que fazemos agora?" Eu disse quando Daniel me segurou contra o peito.

Ele limpou a garganta. "Há um monte de coisas ruins lá fora. Coisas que os cães do céu foram criados para destruir." Ele passou o dedo pelo meu rosto. "Eu não posso ser o herói que você quer que eu seja. Pelo menos não dessa maneira. Mas você pode, Grace. Você não tem que se tornar uma das trevas. Você pode lutar contra isso. Você pode transformar esta maldição em bênção. Você pode se tornar um herói. Você pode se tornar verdadeiramente divina."

Fim